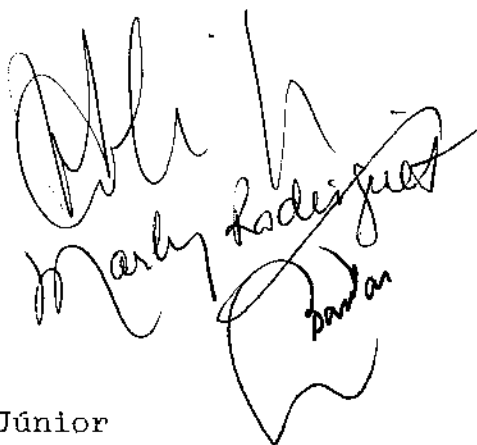


FLAVIO LUIZ MARCONDES BUENO DE MORAES

**ESTUDO CRITICO E HISTORICO DA
AVENIDA PAULISTA**

Dissertação de Mestrado
apresentada ao Departamento de
História do Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas
da Universidade Estadual de
Campinas, sob a orientação do
Prof. Dr. Jorge Sidney Coli
Júnior.

Este exemplar corresponde à
redação final da dissertação
defendida e aprovada pela
Comissão Julgadora em
06 de junho de 1995.

A large, stylized handwritten signature in black ink, which appears to read "Marly Rodrigues". The signature is written over a faint, circular stamp that contains the word "Doutor" in a serif font.

Banca:

Prof. Dr. Jorge Sidney Coli Júnior

Prof. Dr. Luiz Carlos da Silva Dantas

Profa. Dra. Marly Rodrigues

Prof. Pedro Paulo Abreu Funari

M791e

24932/BC

MAIO
1995

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP**

Moraes, Flávio Luiz Marcondes Bueno de

**M791e Estudo crítico e histórico da Avenida Paulista / Flávio Luiz
Marcondes Bueno de Moraes. - - Campinas, SP: [s.n.], 1995.**

**Orientador : Jorge Sidney Coli Junior.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.**

**1. Urbanização - São Paulo (SP). 2. Patrimônio histórico - São
Paulo (SP). 3. Modernidade. 4. São Paulo (SP) - História - Séc.
XX. I. Coli, Jorge, 1947 -. II. Universidade Estadual de Campi-
nas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.. III. Título.**

A meus pais

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, a confiança neste projeto, concedendo-me por dois anos e meio uma bolsa de mestrado. Ao amigo Jorge Coli, os horizontes novos que me abriu, por suas idéias e a confiança em mim depositada. Agradeço, ainda, por sua excelente orientação, a acolhida e a compreensão de minhas limitações. A Marly, que desde o momento inicial não se furtou em me garantir boas dicas para o prosseguimento deste trabalho. Ao Luiz Dantas, especialmente pelas orientações no exame de qualificação.

Agradeço aos companheiros do Condephaat, principalmente os que trabalham no Protocolo e no Centro de Documentação, pelo atendimento às minhas constantes solicitações. Aos colegas do curso de História da Arte, ao amigo Marcelo, companheiro da "Bandeirantes" rumo a Campinas durante todas as etapas do curso e, também, por suas boas dicas, a todos os professores do programa, com os quais pude conviver e vislumbrar diferentes caminhos e, finalmente, ao Nelson Luis Barbosa, que efetuou a revisão final do texto.

Quero registrar, ainda, minha gratidão a todos os amigos que, de alguma forma, me estimularam e me apoiaram a continuar este trabalho, mesmo nas horas mais difíceis.

RESUMO

Avenida símbolo da cidade de São Paulo, procuramos demonstrar na dissertação desta tese de mestrado, que a Paulista constituiu-se uma das referências urbanas mais importantes dos distintos capítulos da modernidade neste século, considerando as inúmeras expressões culturais de diversas naturezas que se fizeram presentes no seu espaço ao longo da sua evolução.

Assim, o trabalho compreende uma reavaliação de alguns dos acontecimentos históricos mais importantes, assim como, o reconhecimento do universo material produzido na Avenida.

SUMARIO

APRESENTAÇÃO.....	6
INTRODUÇÃO.....	9
A AVENIDA PAULISTA E SÃO PAULO DE 1891.....	13
A cidade em constante renovação e o dinheiro do café.....	14
O Poder Público.....	17
Os recursos financeiros disponíveis e a renda da cidade.....	18
A cidade sendo construída por particulares, com a utilização de técnicas modernas.....	20
A instalação de indústrias e a ferrovia como meio de expansão dos limites da cidade.....	22
A compartimentação do espaço de São Paulo.....	24
População.....	25
A arquitetura.....	29
Artistas e Artesãos.....	34
Engenheiros e Arquitetos.....	39
 O HOMEM JOAQUIM EUGENIO DE LIMA.....	 48
 A AVENIDA PAULISTA DOS PRIMEIROS TEMPOS.....	 55
O espigão central da cidade.....	56
A construção da Avenida Paulista.....	59
A inauguração da Avenida Paulista.....	65
As primeiras legislações específicas para a Avenida Paulista.....	69
Os primeiros moradores.....	75

A rápida consolidação da Avenida nas primeiras décadas de século XX.....	84
A crise do café de 1929 e sua influência nas residências da Avenida Paulista.....	89
As primeiras instituições.....	92
A ARQUITETURA DOS CASARÕES.....	95
Residência Taufik Demétrio Camasmie.....	100
Residência Horácio Sabino.....	105
Residência Numa de Oliveira.....	109
Residência Alexandre Siciliano.....	113
Residência Ernesto Dias de Castro.....	114
OS LOGRADOUROS PÚBLICOS.....	118
O CONJUNTO DO TRIANON.....	119
Parque Villon / Tenente Siqueira Campos.....	120
O Anhanguera.....	127
Joaquim Eugênio de Lima.....	127
Aretuza.....	128
Fauno.....	129
O Belvedere do Trianon.....	132
O MIRANTE DA PAULISTA: O QUE ERA O PONTO INICIAL DA AVENIDA.....	137
O Mirante.....	138
Monumento a Olavo Bilac.....	141
Aspectos Atuais - A Praça Marechal Cordeiro de Farias (Praça dos Arcos).....	145
"PROJETO NOVA PAULISTA": A GRANDE REFORMA NA AVENIDA.....	152
Painel "Vela".....	156
Os "Grafites".....	156
Monumento a Thomas Edison.....	157

OS GRANDES EDIFÍCIOS.....	159
O PRIMEIRO EDIFÍCIO.....	160
Edifício Camille Sabagh.....	161
OS GRANDES EDIFÍCIOS RESIDENCIAIS.....	163
Edifício Anchieta.....	165
Edifício Três Marias.....	166
Edifício Nações Unidas.....	169
O EDIFÍCIO DO CONJUNTO NACIONAL: UM MARCO	
DOS ANOS 50.....	172
A CONSTRUÇÃO DO MASP E DOS GRANDES BANCOS.....	186
Museu de Arte de São Paulo.....	187
Arquiteta Lina Bo Bardi.....	191
Banco Sul Americano (Atual edifício do	
Banco Itaú S. A.).....	192
Arquiteto Rino Levi.....	193
EDIFÍCIO CITICORP CENTER – CITIBANK: A INOVAÇÃO	
NOS ANOS 80.....	195
CONCLUSÃO.....	204
BIBLIOGRAFIA.....	207
FONTE DAS ILUSTRAÇÕES.....	212

APRESENTAÇÃO

A idéia inicial deste trabalho consistia na realização de um guia da Avenida Paulista cujo objetivo seria o de prestar informações, as mais abrangentes possíveis, acerca das manifestações da cultura paulistana produzidas nesta Avenida ao longo deste século.

Além de contemplar os aspectos de sua ocupação, por meio de sua arquitetura, lote a lote, ao longo do tempo, seriam igualmente destacadas as distintas intervenções ocorridas no interior de seu espaço propriamente dito.

Desta forma, desenvolveríamos um roteiro para leitura das diversas transformações ocorridas na Paulista, desde o momento de sua fundação até os dias de hoje. Além disso, o guia serviria, também, como um mostruário do desenvolvimento tecnológico que a Avenida foi absorvendo, como fruto da impressionante dinamização da sociedade paulistana neste século.

Neste contexto, iniciamos a nossa pesquisa buscando informações das mais variadas naturezas e sem a preocupação de seleções prévias, que se relacionassem direta ou indiretamente com a Avenida, ao longo de sua história.

No decorrer do trabalho, porém, à medida que obtínhamos quantidade cada vez maior de material sobre a Avenida, sentimos a necessidade de destacar outras questões, igualmente importantes para o desenvolvimento do trabalho. Percebemos que, preliminarmente, seria interessante compreender melhor os aspectos históricos da evolução da Avenida e os diferentes momentos de sua ocupação.

Assim, resolvemos, neste momento, privilegiar estes aspectos como forma de obter aquela compreensão, dando ênfase às razões que fizeram que a Avenida Paulista fosse construída e sua consolidação no tempo. Nestes termos se

desenvolveram os primeiros capítulos deste trabalho.

Nos capítulos finais, com a intenção de não perder de vista a continuação deste trabalho na forma de um guia, procuramos configurar uma amostragem do que poderá vir a ser este futuro guia, enfocando algumas das particularidades do passado da Avenida que já não mais existe, como por exemplo, o monumento erigido em homenagem a Olavo Bilac, nos anos 20, e outras intervenções que nos dias de hoje podem ser observadas, como por exemplo, as manifestações dos "grafites", ou então o moderno edifício do Citicorp Citibank ali presentes.

* * *

INTRODUÇÃO

Em 1990, a Avenida Paulista foi eleita a Avenida símbolo da cidade, após um amplo processo de votação patrocinado pelo Banco Itaú S.A. O evento contou com a participação de significativa parcela da população, e concorrendo com outros diversos logradouros públicos, também bastante expressivos, a Avenida foi finalmente escolhida com boa margem de votos à frente das outras opções mais citadas.

Em que pese a alegoria simbólica inerente ao fato em si, a escolha da Paulista nesse evento merece algumas considerações importantes.

Em primeiro lugar, este fato revelou um grau de aproximação muito íntimo por parte da população com este espaço particular da cidade. Aproximação que se tem verificado cada vez mais intensa ao longo dos anos, haja vista as inúmeras atividades e manifestações de diferentes naturezas das quais atualmente ela é palco: manifestações políticas, comemorações esportivas, festas em geral, ano novo, feiras etc.

Essa aproximação, a bem da verdade, já vem de há um bom tempo. Vale recordar, por exemplo, quando no começo do século, o espaço da Avenida já contava com as corridas de automóveis que, posteriormente, se transformariam nos famosos cursos da Paulista.

Em segundo lugar, aquele fato refletiu, também, um sintoma bem característico da nossa cultura urbana, que está diretamente vinculado ao grau de aproximação do paulistano com a Avenida. A escolha da Paulista como Avenida símbolo da cidade evidencia uma forte identificação da população com o seu próprio caráter dinâmico e pluralista. Parece reforçar a máxima que normalmente se propala: "A Paulista é a cara de São Paulo", remetendo essa questão às afinidades históricas existentes entre a formação da população de São Paulo e o

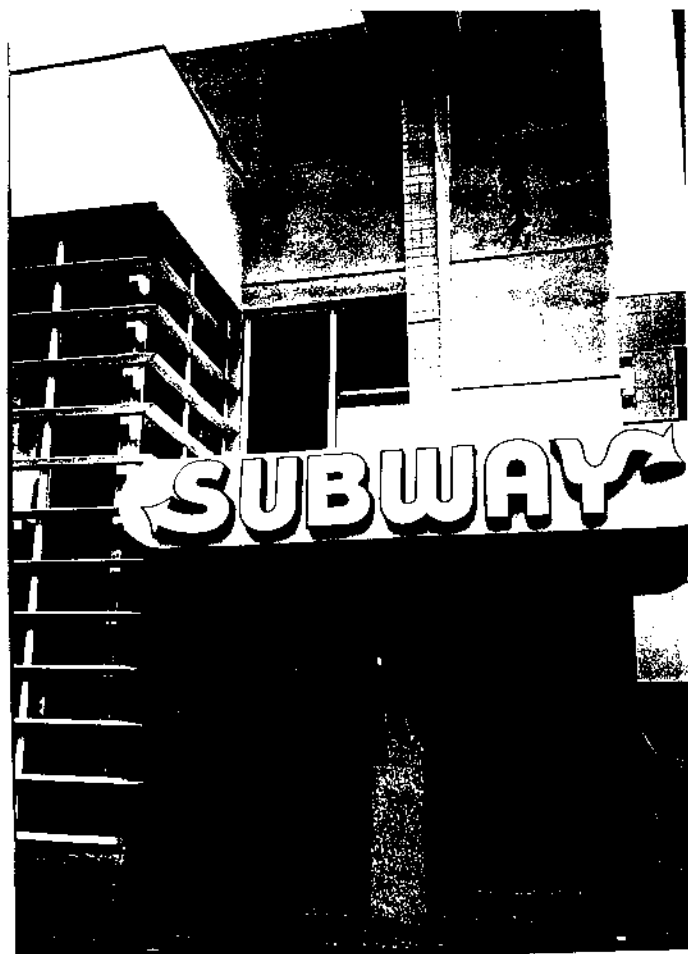
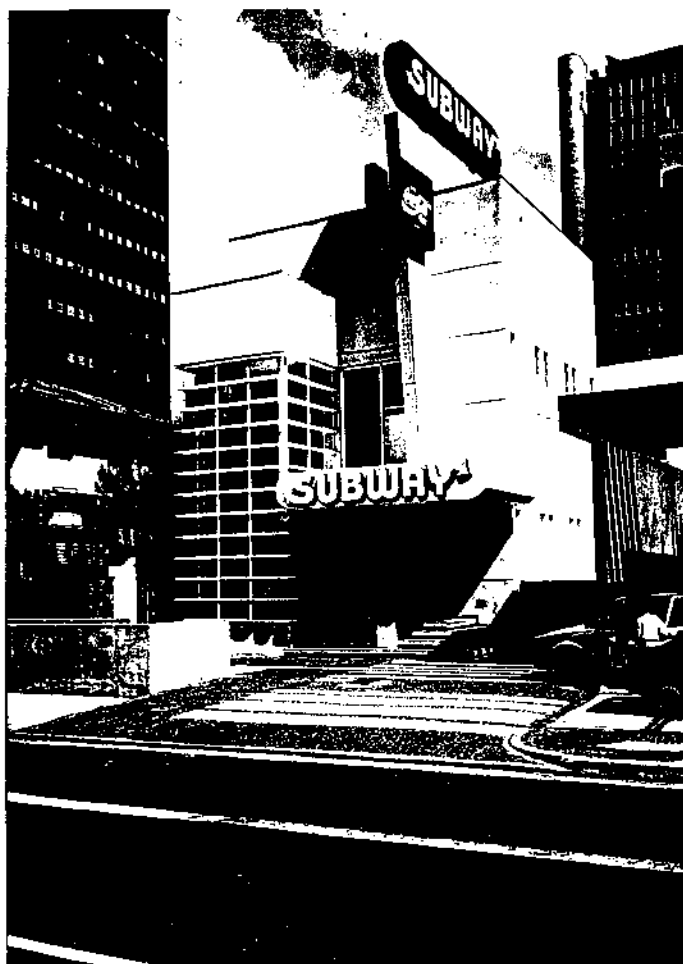
desenvolvimento da Paulista.

A forma como a cidade evoluiu no tempo, por meio de um acelerado processo de urbanização, que se instalou nos últimos 100 anos, transformou-a assustadoramente, resultando números extraordinários em todas as atividades de produção da sociedade. Paralelamente a isso, cristalizou-se na cidade uma enorme população multifacetada, de diversas origens e culturas, raças e credos.

Em consequência, esse ritmo de transformações sem precedentes levou a um procedimento cultural onde a destruição e a renovação parecem ter sido as características mais visíveis deste processo.

Desde o seu início, da mesma maneira como no restante da cidade, a Avenida Paulista tem se modificado de forma avassaladora. Suas sucessivas transformações, a multiplicidade de usos adquiridos, as variadas edificações com diferentes tipologias de arquitetura e ocupações, os palacetes dos barões do café, dos imigrantes enriquecidos com a indústria e o comércio, os grandes edifícios, as sedes de multinacionais e bancos, monumentos, o metrô, enfim, todo um universo de artefatos e novas atividades que foram se incorporando e alterando o seu espaço, põe em evidência o complexo ritmo de transformações.

Em seu livro *Tristes Trópicos*, escrito em 1954, o antropólogo Claude Lévi-Strauss ao relatar suas impressões sobre São Paulo, quando aqui esteve em 1935, começava dizendo: "Um espírito malicioso definiu a América como sendo uma terra que passou da barbárie à decadência sem conhecer a civilização. Poderíamos, com mais razão, aplicar esta fórmula às cidades do Novo Mundo: vão da frescura à decrepitude sem se deterem na antiguidade." E, mais adiante, dizia: "Nas cidades do Novo Mundo, quer se trate de Nova Iorque, Chicago ou São Paulo que com esta foi muitas vezes comparada, não é propriamente a falta de reminiscências que me choca; essa ausência é um elemento da sua significação..."



Avenida Paulista, nº 1.405. A ilustração à direita mostra a edificação antes da reforma realizada, em 1994, que a transformou num restaurante do tipo fast-food. As duas ilustrações da esquerda mostram a edificação já reformada, com a manutenção da cariátide, que foi utilizada como um dos símbolos da Paulista no momento da comemoração do seu centenário, em 1991. A ilustração inferior mostra a cariátide em detalhe.

Esse comentário do famoso antropólogo resume muito bem a forma do desenvolvimento da cidade e, particularmente, à Avenida Paulista, pois foram raríssimas as expressões culturais que se fizeram presentes no seu espaço que tiveram a possibilidade de sedimentar-se no tempo. Da sua evolução, parece ter restado apenas a prática das modificações constantes.

Nesse contexto é que vislumbramos o trabalho que se segue. Procuramos nele, fundamentalmente, possibilitar a expressão de alguns dos vários artefatos produzidos na Paulista, retomar alguns dos fatos históricos já esquecidos e permitir seu reconhecimento.

Como ilustração desse procedimento, que tem sido prática no desenvolvimento das nossas expressões culturais, gostaríamos de dar um exemplo ocorrido com uma edificação situada à Avenida Paulista nº 1.405, cuja ilustração se faz aqui reproduzida.

Quando iniciamos o nosso trabalho, o imóvel estava semi abandonado naquele momento, tendo sido utilizado, alguns anos antes, como agência bancária. Em meados de 1994, após a concretização de um negócio de locação, a casa passou por uma contundente reforma para abrigar o restaurante do tipo *fast-food*, conforme se vê na ilustração.

A curiosidade dessa operação reside no fato de ter-se respeitado nessa reforma, pelo menos, um dos elementos arquitetônicos que se faziam presentes na edificação; isto é, a cariátide, que pode ser observada na ilustração; e que foi, aliás, considerada um dos símbolos da Paulista quando da comemoração do seu centenário.

Este fato é revelador da transformação da Avenida ao longo do tempo. Seu significado simboliza toda a ação e a reação produzida no seu desenvolvimento, em relação aos objetos que se incorporaram e se modificaram no seu espaço, misturando lado a lado, o moderno e o antigo. Em consequência, este estado resultou uma multiplicidade de valores que está carregada da idéia de impossibilidade de

apreensão do objeto como um todo, como um traço característico da modernidade deste século.

O exemplo da edificação acima não é único. Desde o início deste trabalho até o momento, outras modificações já foram realizadas no espaço da Avenida, como por exemplo, a recente repintura das paredes das pistas rebaixadas do complexo viário Paulista/Av. Dr. Arnaldo, por parte da Prefeitura Municipal, que apagou todos os grafites realizados à época da comemoração do centenário da Avenida, citados neste trabalho.

Em suma, percebe-se que, a despeito do objetivo do trabalho procurar evidenciar as mais variadas expressões culturais como uma forma de obter seu reconhecimento, a esse ritmo característico da Paulista, pela transitoriedade dos objetos nela existentes, nosso trabalho necessitaria de uma revisão sistemática.

* * *

**A AVENIDA PAULISTA E SAO PAULO
DE 1891**

A CIDADE EM CONSTANTE RENOVAÇÃO E O DINHEIRO DO CAFÉ

No momento em que se inaugurava a Avenida Paulista, São Paulo passava por uma série de transformações na sua paisagem. Essas transformações eram produto de um processo de renovação urbana mais amplo e que, na verdade, já se vinha operando na cidade há algum tempo. A partir daí, iniciava-se um período de expansão sem precedentes e que marcaria irremediavelmente a fisionomia da capital através dos anos.

Essas alterações eram uma constância no cotidiano do paulistano e se davam de forma muito rápida. Em consequência, São Paulo deixava de lado a sua antiga imagem tipicamente colonial, de cidade pequena com ruas estreitas e tortas e quase sem nenhum calçamento, para assumir feições urbanas mais complexas e dinâmicas. Por toda a parte foi se levantando uma massa de edifícios de dois ou três andares que começava a se destacar na paisagem, escondendo aqueles edifícios religiosos que foram as referências visuais da cidade nos séculos anteriores.

O número de edificações, de 3 mil em 1875, cresce para 21 mil em 1900. No final do século, a aglomeração extravasa o sítio histórico conhecido por Triângulo - forma em que se consistia a cidade colonial em razão das suas condições topográficas - estendendo-se ao longo dos antigos caminhos que se tornariam mais tarde em avenidas de irradiação de crescimento da cidade.

Esse ritmo acelerado de modificações da fisionomia de São Paulo conheceu seu primeiro grande salto na administração de João Teodoro, que havia imprimido uma série de benfeitorias à capital.¹ Depois disso, a cidade não parou

¹ João Teodoro Xavier de Matos, Presidente da Província de São Paulo de 1872 a 1875. Durante sua administração, gastou-se no embelezamento da cidade uma quantia igual à metade do orçamento anual da Província - índice bem evidente da mentalidade urbana que prevalecia na época. MORSE, R. M., *Formação Histórica de São Paulo*, pág. 244.

mais. Estava em curso um crescente processo de urbanização.

A maciça imigração característica desse período e o dinheiro do café como a nova fonte de riqueza, e as atitudes às quais estas condições em parte davam forma e em parte deviam sua existência, foram os principais fatores que impulsionavam essas rápidas transformações.

O café teve em São Paulo a sua metrópole indiscutível. Com ele, a economia da cidade ganha decisivo impulso e uma outra dimensão. Em consequência, abrem-se novas e diferentes perspectivas para o seu desenvolvimento e São Paulo passa, então, a seduzir um contingente cada vez maior de pessoas do interior do país, assim como do exterior, que vêm para cá em busca de trabalho e melhores oportunidades.

Henrique Raffard dizia, em 1890: "São Paulo é forçosamente o ponto de *great attraction* do Estado paulista".² Essa atração exercida pela cidade refletia o ritmo das modificações na sua paisagem. Cinco anos antes da inauguração da Avenida Paulista, em 1886, um ilustre viajante italiano, Dr. Alfonso Lomonaco, em seu livro, *Al Brasile*, já observava a capital como um grande canteiro de obras. Assim dizia:

São Paulo não apresenta ainda aspectos de grande cidade, no sentido exato da palavra. Está sujeita, presentemente, a um regime, a uma obra de contínuas demolições e transformações, que a melhoram e embelezam de dia para dia e não pode concluir em breve lapso.³

Esse ritmo imposto à cidade, diferentemente de qualquer época anterior, já era percebido pelas autoridades oficiais. Um relatório apresentado ao governo do Estado, em

² Henrique Raffard, natural do Rio de Janeiro e filho do cônsul geral da Suíça nessa cidade. Estudou em Genebra e em Paris e, regressando ao Brasil, dedicou-se ao comércio, associando-se a empresas inglesas. Suas notas sobre a cidade de São Paulo foram publicadas, de início, no *Diário do Comércio* do Rio de Janeiro. BRUND, E. S. - *Memória da Cidade de São Paulo*. Depoimentos de Moradores e Visitantes / 1553-1958. Depoimento de Henrique Raffard (1890): "Um centro industrial cada dia mais importante", Pág.104.

³ MORSE, R. M., op. cit., pág. 243.



1. Centro da cidade de São Paulo. Rua XV de Novembro no período 1896-1900.

1891, descrevia com certa apreensão o turbulento crescimento da cidade:

Conquanto fundada ha mais de 330 anos, S. Paulo é uma cidade nova, cujo aspecto geral assignala-se agora por uma constante renovação das edificações antigas, as quaes desaparecem rapidamente e pelas multiplicadas construções que constituem os bairros novos.

Seguramente duas terças partes da cidade actual é de data muito recente.

Examinada em globo, São Paulo é uma cidade moderna com todos os defeitos e qualidades inherentes ás cidades que se desenvolvem muito rapidamente. Desigualdades nas edificações e nos arruamentos, desigualdades de nível muito sensíveis, irregularidade nas construções realizadas sem plano premeditado, largas superficies habitadas sem os indispensaveis melhoramentos reclamados pela hygiene, grandes espaços desocupados ou muito irregularmente utilizados, e a par de tudo isso uma população que triplicou em dez annos, grande movimento, muito commercio, extraordinaria valorisação do solo e das edificações e clima naturalmente bom.⁴

Este depoimento revela alguns aspectos bastante interessantes pela natureza da sua abordagem. Ele nos dá, de forma bastante precisa, uma pequena amostragem da situação de São Paulo nessa época. Se, de um lado, a cidade já experimentava todo um crescimento do seu território e uma intensa renovação dos seus equipamentos urbanos, por outro lado, o ritmo acelerado desse crescimento implicava uma série de desigualdades, difíceis de serem solucionadas. Em vista disso, cabia às autoridades municipais realizar os melhoramentos e benfeitorias que correspondessem às necessidades dos seus habitantes, que cresciam também em números surpreendentes. Entretanto, essa tarefa não era assim tão fácil.

⁴ MORSE, R. M., op. cit., pág. 251.

O PODER PÚBLICO

Segundo Richard Morse, a "Constituição republicana nacional de 1891 definira apenas vagamente o alcance das leis municipais. Ela previa que os Estados deveriam ser organizados de modo a assegurar autonomia às municipalidades em tudo que dissesse respeito a 'seus interesses particulares'. Mas era deixado ao legislador estatal a especificação desse 'interesse particular', com o resultado de que as facções políticas reduziram a municipalidade a uma mera entidade administrativa e privaram-na de proteção estatutária contra a interferência do Estado".⁵ Com isso, estabelecia-se um quadro onde as ações da administração municipal tornaram-se mais difíceis, sobretudo nas questões ligadas ao desenvolvimento territorial da cidade, cujo crescimento rápido exigia vultosos investimentos.

Esse quadro, no entanto, já vinha se consolidando há algum tempo, mesmo após a administração de João Teodoro, sobre a qual já nos referimos. Os governos que o sucederam também não dispunham das condições políticas e administrativas adequadas e, assim, pouco conseguiram fazer para acompanhar o rápido crescimento.

As realizações desses governos, a bem da verdade, ativeram-se mais ao embelezamento da cidade e à manutenção de alguns equipamentos urbanos, apesar do alto nível de exigências que o período ensejava. Assim, a administração de São Paulo estava praticamente reduzida a apenas algumas poucas medidas:

...nivelando, revestindo, arborizando as ruas da cidade, criando jardins e corrigindo os traçados de algumas ruas da parte antiga, resolvendo apenas as questões do momento porque os meios não davam para mais.⁶

⁵ *Idea*, pág. 315 - 316.

⁶ in MORSE, R. M., op. cit., pág. 317, citação de Vitor da Silva Freire, in *Melhoramentos de S. Paulo Revista Politécnica VI* (fevereiro-março de 1911).

Outra questão importante para se destacar, que colaborava com o agravamento desse quadro para a administração da cidade, após 1891, refere-se à legislação municipal vigente. As posturas e códigos oficiais urbanos demonstravam ainda sequelas da tradição colonial, o que impedia a adoção de medidas mais inovadoras. Quanto a isso, somente mais tarde, no início do século, vamos encontrar alguma legislação mais atenta às mudanças em curso.

Dessa forma, no início dos anos 90, tínhamos uma situação nada favorável à realização de políticas urbanas competentes. Não havia espaços institucionais abertos para o exercício pleno das prerrogativas municipais de modo amplo, mas apenas restrito.

A reversão desse quadro teria que passar seguramente por um viés de conteúdo político. Mas a força política de São Paulo ainda se concentrava, em grande parte, nas mãos dos fazendeiros, nas diversas regiões do Estado. O que quer dizer, fora da cidade, portanto. Deles, a preocupação maior era assegurar os novos espaços de poder entre as diversas frentes que se reorganizavam com a nascente República, nas esferas dos governos estadual e federal, e na garantia dos seus investimentos. Daí, quantidades razoáveis de recursos financeiros eram canalizadas segundo seus interesses e pelas regras das influências políticas. E esses interesses, muitas vezes, colidiam com aqueles específicos e emergenciais da cidade.

OS RECURSOS FINANCEIROS DISPONÍVEIS E A RENDA DA CIDADE.

Paralelamente a essa questão de natureza política e administrativa, é importante ressaltar que a manutenção dos serviços necessários excedia em muito os recursos

disponíveis e, com isso, complicava-se ainda mais a tarefa da administração pública. Isso se dava num momento em que, apesar deste fato, a renda da cidade constituía-se motivo de inveja a todos os demais municípios brasileiros por volta de 1890, exceto o Distrito Federal.

No período entre 1893 e 1904, não obstante a renda obtida ter praticamente dobrado, o montante gasto somente em obras públicas aumentou quase sete vezes. Em 1903, cerca de 9 mil pessoas, numa população aproximada de 250 mil, pagaram o imposto de indústria e profissões, sendo este a principal fonte de renda municipal. Apesar de o governo estadual assumir a responsabilidade de manter os serviços de saneamento e iluminação, o inexorável crescimento da demanda por serviços públicos forçava a solução oferecida pelo endividamento externo.⁷

Diante deste quadro, o desenvolvimento físico da cidade era muito mais o fruto da impossibilidade das autoridades municipais em suplantar toda a sorte de adversidades que se apresentavam, do que uma expansão orientada. Assim sendo, não se podia esperar das autoridades senão certo isolamento dos problemas mais cruciais, uma vez que não dispunham dos meios nem tampouco dos recursos financeiros que possibilitassem outro tipo de conduta que tivesse sido, no mínimo, menos danosa para com a evolução da cidade, e que viabilizasse a realização de grandes obras de infra-estrutura que o crescimento urbano exigia. Em consequência, tal desenvolvimento não pode contar com os benefícios do planejamento a longo prazo. Isto explica, em grande parte, as razões pelas quais o crescimento de São Paulo tenha se dado de forma quase automática e sem o disciplinamento da ocupação do seu espaço territorial.

⁷ Idem, pág. 121.

A CIDADE SENDO CONSTRUÍDA POR PARTICULARES COM A UTILIZAÇÃO DE TÉCNICAS MODERNAS

Em face da impossibilidade do Poder Público Municipal gerir satisfatoriamente o crescimento da cidade, muitas das obras necessárias se efetivaram por conta de particulares, e, evidentemente, tratava-se de investimentos que visavam a lucros. Foram eles, portanto, os responsáveis pelo aspecto, ou pelos aspectos que São Paulo assumiu durante esse período. Coube-lhes a tarefa de desviar ou canalizar os cursos d'água, construção de viadutos, parques públicos, bairros inteiros como o Campos Elíseos, por exemplo, e, para nosso interesse, a própria Avenida Paulista, construída graças à iniciativa privada, depois encampada pela municipalidade, conforme veremos mais adiante. Neste contexto, venceu a racionalidade da classe enriquecida mais avançada da época, que não visava necessariamente à melhor funcionalidade da cidade.

Com isso, o espaço deixado pela ausência da administração municipal foi sendo ocupado pela iniciativa privada, que tratou de prover a cidade com vários melhoramentos e um razoável número de novos equipamentos urbanos, de acordo com os seus interesses específicos. Entre eles, além dos que já citamos, um conjunto de outras benfeitorias foi realizado na cidade nesse período, que vale a pena ser destacado:

Em 1872, a cidade já era servida por iluminação a gás; a elétrica foi instalada na década de 1880, não obstante a área servida ser bem reduzida até 1900. Tais serviços foram financiados por investidores estrangeiros, mas era local a companhia que construiu o sistema de água e esgotos de São Paulo, considerado o melhor em todo o Brasil. Essa companhia foi organizada por capitalistas paulistas em 1887. O fornecimento de água *per capita* aumentou dez vezes

entre 1891 e 1894, com a ajuda do governo estadual. Ainda assim, frequentemente havia queixas da escassez de água, à medida que a cidade crescia.⁸

Em 1892, o governo estadual concordou em canalizar os rios Tietê e Tamanduateí, além de implantar uma comissão de saneamento destinada a erradicar a malária na várzea do Tietê. Os trabalhos de saneamento só tiveram início no final do século, mas, no interim, o insalubre vale do Anhangabaú foi purificado e canalizado. Em 1892, o Viaduto do Chá já se estendia sobre o vale e um segundo viaduto foi construído em 1913.⁹

Em 1884, os telefones chegavam à capital. Em 1895, já havia 680 aparelhos instalados na cidade e já era possível telefonar para Santos. Por essa época, fazendeiros ricos faziam questão de ter telefone em suas propriedades rurais. Em 1907, o Estado possuía 5 mil aparelhos e, em 1913, já eram 10 mil.¹⁰

Essas medidas, no entanto, mostravam-se cada vez mais insuficientes à medida que a população se multiplicava rapidamente. Além disso, eram insuficientes, ainda, a limpeza e a pavimentação das ruas, os serviços de coleta de lixo, a drenagem das baixadas e o controle dos focos de doenças nos riachos e terrenos baldios.¹¹

De qualquer forma, essa quantidade de medidas realizadas com os investimentos da iniciativa privada, obtendo ou não a concessão do Estado, revela uma importante questão, relacionada com o aparato tecnológico disponível.

Apesar dos baixos índices de atendimento da rede de infra-estrutura junto à população, deve-se ressaltar, no entanto, a existência de uma tecnologia capaz de responder aos vários tipos de desafios que se colocavam. É evidente que a realização daquelas benfeitorias implicavam muitas obras, mão-de-obra e a técnica adequada para cada tipo de

8 LOVE, J., *A Locomotiva*. São Paulo na Federação Brasileira 1889 - 1937, 1985, pág. 121.

9 *Idea*, pág. 121.

10 *Ibidem*, pág. 130.

11 MORSE, R. M., *op. cit.*, pág. 251.

serviço. Sem isso, nada teria sido possível. Deve-se lembrar, ainda, que alguns desses serviços foram considerados os melhores do país, os mais modernos portanto, a exemplo do que vimos com os serviços de água e esgotos.

Em face deste quadro, podemos concluir que se o objetivo maior não foi alcançado, o de dotar a cidade de uma quantidade de melhoramentos e infra-estrutura de acordo com o ritmo do seu crescimento, nas diversas funções que se multiplicavam e se instalavam no seu território, isto se deveu, sobretudo, à ausência de uma política específica que orientasse todo esse crescimento.

Para que isso efetivamente ocorresse, era fundamental, sem dúvida, o estabelecimento de programas de controle da ocupação do solo urbano, cuja contrapartida não fosse necessariamente o lucro, o que naquele momento se mostrava cada vez mais difícil. Como a municipalidade, ou até mesmo o Estado, não tinha condições para financiar as grandes obras que a expansão da cidade impunha, por intermédio de uma política própria, coube, então, aos interesses privados esta tarefa. Em consequência, o ritmo do crescimento de São Paulo, ao invés de se submeter a uma idéia previamente programada, acabou obedecendo a lógica dos investimentos das sociedades particulares; isto é, a lógica do capital.

A INSTALAÇÃO DE INDUSTRIAS E A FERROVIA COMO MEIO DE EXPANSÃO DOS LIMITES DA CIDADE

A construção de estradas de ferro no Estado, também financiada por companhias estrangeiras e tendo a cidade de São Paulo como centro do desenvolvimento de várias zonas da província, constituiu-se em outro importante fator

que provocou o rápido processo de urbanização de São Paulo no final do século passado, consolidando ainda mais o seu caráter de metrópole do café. Elas representaram, desse modo, um papel fundamental em relação ao desenvolvimento econômico e à feição da cidade, marcando com novos elementos a paisagem urbana e suburbana.

Neste contexto foi possível articular um sistema bem mais moderno para o transporte de mercadorias e da população, desalojando de sua primitiva posição de relevo os velhos caminhos de tropas e carros que irradiavam da cidade. Além disso, com as estradas de ferro foi possível empreender a formação e a localização de um parque industrial.

Com isso, certas várzeas de São Paulo, até então desprezadas, foram paulatinamente sendo valorizadas, fazendo que nelas se edificassem alguns bairros operários, embora, muitas vezes, de forma pouco adequada. Estes se integravam à malha urbana, alterando substancialmente seus limites. No período entre 1885 e 1890, com a implantação mais acentuada de indústrias na cidade, já se esboçavam bairros como o Brás, Bom Retiro, Belenzinho, Vila Prudente, Cambuci, Ipiranga, Pari, Luz, Barra Funda, Água Branca e Lapa.¹²

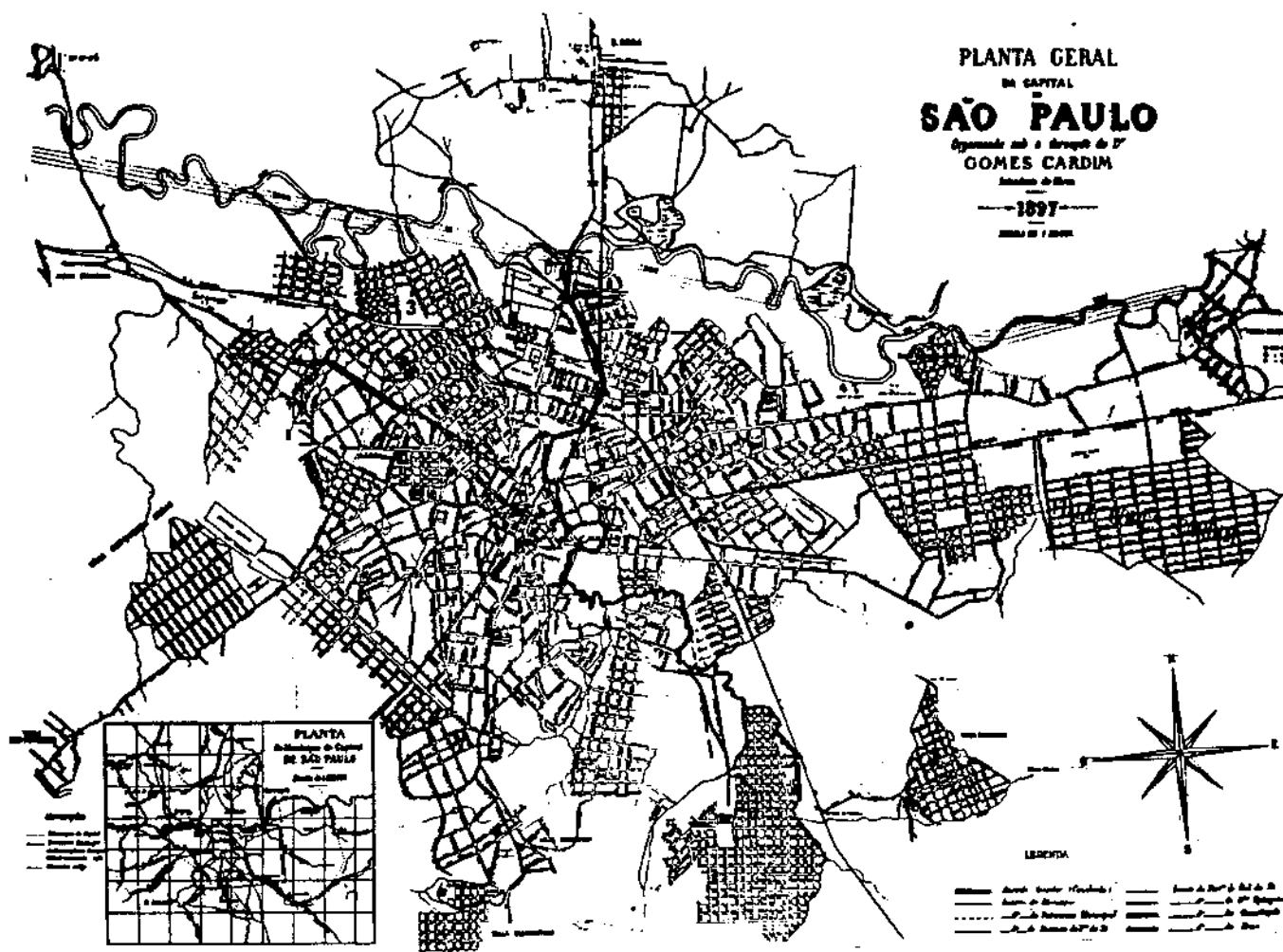
A respeito do bairro do Bom Retiro, é interessante destacar o que dizia Henrique Raffard em 1890:

O Bom Retiro é, por assim dizer, exclusivamente habitado por famílias de operários, que compreendem uns 4 mil indivíduos....E de se lamentar que não tenham melhor preparado os terrenos do Bom Retiro para evitar que águas pluviais fiquem retidas em alguns lugares e também podia ter havido melhor direção no alinhamento de algumas construções.¹³

Como se vê, esses bairros eram edificados fundamentalmente para abrigar o proletariado, sem, contudo, obter os benefícios de uma ocupação ordenada. Assim, a cidade passa a se configurar desarticulada e despreparada para abrigar um dinamismo cada vez mais intenso.

12 JUNIOR, C. P. Nova contribuição para o estudo geográfico da cidade de São Paulo, *Estudos Brasileiros*, ano III, vol.7.

13 BRUND, E. S., op.cit., pág. 105.



2. Planta da cidade de São Paulo, de 1897, elaborada por Gomes Cardim. Abaixo, no canto esquerdo, a Avenida Paulista.

Para se ter uma idéia de São Paulo nesse período, a título de ilustração, podemos ver à ilustração nº 2 a planta geral da cidade, de 1897. Nela, vê-se claramente a configuração da cidade, onde se evidencia uma trama bastante irregular, fruto da ocupação desordenada que ela experimentou.

Na trama, percebe-se ainda, nitidamente, uma série de loteamentos, como verdadeiros "tabuleiros de xadrez", que se caracterizam mais ou menos autônomos no seu conjunto. Nota-se que alguns deles estão arbitrariamente justapostos, e outros, separados por longos vazios. Não há na planta nada que demonstre uma solução de continuidade regular dos vários assentamentos, fruto de uma racionalidade objetiva. Há, de fato, verdadeiros tentáculos ao longo das antigas vias de comunicação, estabelecidas nas cristas das montanhas, e núcleos dispersos que só vieram fundir-se bem mais tarde.

A COMPARTIMENTAÇÃO DO ESPAÇO DE SÃO PAULO

Sem uma desejada visão de conjunto, a forma da cidade acabou resultando em uma série de desigualdades dentro do seu território, conforme se pode observar na planta da cidade. Essas desigualdades agravavam ainda mais os níveis de ocupação do solo, além de estabelecer um quadro no qual predominava uma clara hierarquia do espaço territorial, favorecendo a compartimentação social e funcional dentro da cidade.

Com a intensa e rápida ocupação, a periferia era relegada para as populações mais pobres, muitas vezes sem as condições de assentamento satisfatórias, enquanto os bairros novos, com grandes lotes e mais bem aparelhados, destinavam-se à classe mais rica.

Além do mais, o caráter rápido, não ordenado e explorativo dessa expansão fez que se encontrassem e se inter-penetrassem áreas industriais, comerciais e residenciais. A isso, somavam-se os obstáculos naturais da topografia do solo que dificultava ainda mais um desenvolvimento equilibrado e racional das diversas funções no espaço da cidade.

Dessa forma, o desenho da cidade passa a absorver essas disparidades. Alguns de seus bairros caracterizavam-se com imensos espaços vazios, outros, com altas taxas de adensamento e com habitações sem condições satisfatórias de utilização. Paralelamente, ocorria uma extraordinária valorização do solo, que resultava em constantes mudanças de populações de um local para outro.

Neste quadro, a cidade estratifica-se, cristaliza com o tempo algumas das suas imagens - viadutos, avenidas, praças, bondes, postes de luz - que passam a organizar o sonho da ascensão social das populações que aqui chegavam. E chegavam em números cada vez maiores. Era a cidade da "grande atração", como dizia Raffard. Iniciava-se, desse modo, o período da transformação de São Paulo em uma grande metrópole e cheia de problemas.

POPULAÇÃO

Os dados sobre a população da cidade refletem vivamente a sua expansão industrial e comercial. Em 1872, a população que era de 31 mil pessoas, salta para cerca de 240 mil por volta de 1900. ¹⁴ Estimava-se cerca de 70 mil habitantes para a cidade em 1891.¹⁵

¹⁴ BRUAND, Y., *Arquitetura Contemporânea no Brasil*, pág. 326.

¹⁵ BRUNO, E. S., op. cit., pág. 104

Grande parte desse contingente populacional era constituído por imigrantes atraídos pela fama crescente de cidade em rápida expansão. A imigração foi também um fenómeno decisivo para o período: era a fonte das novas ocupações comerciais e técnicas e a responsável pela diversificação da economia urbana.

Para se ter uma idéia do fluxo e quem eram esses imigrantes, vejamos os dados relativos à década 1882-1891, sobre a quantidade de imigrantes que entraram no país via Santos:¹⁶

Tabela 1 - Número de imigrantes que entraram no país via Santos na década de 1882 - 1891

Nacionalidades	Quantidade
Italianos.....	202.503
Portuguêses.....	25.925
Espanhóis.....	14.954
Alemães.....	6.196
Austriacos.....	4.118
Russos.....	3.315
Franceses.....	1.922
Dinamarqueses.....	1.042
Belgas.....	851
Ingleses.....	782
Suecos.....	685
Suíços.....	219
Irlandeses.....	201
Outros.....	483
Total.....	263.196

Conforme dados da Tabela 1, pode-se verificar o elevado número de italianos que para cá vieram. Logo em seguida, no decorrer da década de 1890, a quantidade deles superaria ainda mais aqueles valores, chegando mesmo a números impressionantes. Em consequência, a cidade ia

¹⁶ MORSE, R. M., op. cit., pág. 241

adquirindo cada vez mais um ambiente predominantemente italiano. Henrique Raffard destaca bem este fato:

A população da Paulicéia é geralmente de origem estrangeira e fala tanto o italiano como o português, sendo o alemão assaz vulgarizado, assim não é de admirar que os vestuários, as lojas e mesmo vários prédios tenham aspecto muito diferente do que predominava em outra época - o aspecto geral de São Paulo é mais europeu que de qualquer outra cidade do Brasil.

E, mais adiante, dizia:

Até 1880, o elemento germânico, que representava bem a trigésima parte da população paulistana, foi o principal fomentador das pequenas indústrias; porém depois os italianos, que se deixaram ficar na capital, eram geralmente industriais. Trataram primeiro de substituir os portugueses como aguadeiros, jardineiros, cocheiros, criados, etc.; ao depois, vieram os pedreiros, os carpinteiros, os marceneiros, os pintores, etc.; e finalmente, os sapateiros, os alfaiates e mesmo alguns relojoeiros...¹⁷

É importante destacar que, inicialmente, nem todos esses imigrantes se estabeleceram na capital. Muitos deles seguiram para o interior para trabalhar em fazendas, fixando-se no campo ou em diferentes cidades circunvizinhas. Outros vieram posteriormente para São Paulo, após alguma experiência negativa na lavoura, uma vez que o regime de trabalho assalariado permitia essa movimentação. Finalmente, havia aqueles que resolveram voltar ao seu país de origem.

Embora o traço característico da formação da capital nesse período estivesse ligado à presença cada vez maior do estrangeiro, eles não foram os únicos que contribuíram com o aumento populacional e a expansão econômica da cidade.

Com as estradas de ferro, os fazendeiros de café, que moravam nas suas propriedades ou nas pequenas cidades da Província, podiam agora desfrutar uma vida mais confortável e animada na capital, continuando em estreito contato com as suas fazendas. Como moradores da cidade, possuidores de riqueza, prestígio social e instrução superior, muitos deles

¹⁷ BRUNO, E. S., op. cit., pág. 106.

ingressaram nas atividades econômicas urbanas - como diretores de estradas de ferro, pioneiros da indústria, banqueiros, etc. - ou em profissões com as quais estavam familiarizados desde o tempo de estudantes, tais como as lides forenses, a política ou jornalismo.¹⁸ Além disso, como sede de governo e centro de comunicações, indústria e comércio, vieram para São Paulo, famílias abastadas do interior, como Santos e Campinas.

Havia, portanto, neste quadro particular da cidade em rápida expansão, a formação de uma população bem característica do momento. De um lado, a velha população paulistana, acrescida dos migrantes do interior da Província, acostumada aos padrões de uma sociedade agrária e tradicional, tendo no café seu principal produto econômico, e por outro lado, a introdução em massa do imigrante com sua própria cultura. Assim, a nova configuração da vida na cidade é, antes de tudo, fruto das recíprocas influências havidas entre esses dois contingentes que formariam posteriormente a população de São Paulo.

Para se ter uma idéia desse momento, vale a pena destacar um outro depoimento do Dr. Lomonaco sobre a assunto, de 1889, que revela, em parte, o alcance dessas influências:

Não é porque a população de São Paulo seja em grande parte composta de europeus e que a cidade tenha um aspecto europeu que brasileiro, deva-se acreditar que a parte brasileira desta população tenha renunciado à sua personalidade, ou melhor exprimindo, que algum habitante paulista tenha-se confundido ou amalgamado com o caráter comum da população estrangeira. A influência estrangeira, neste e em outros pontos do Brasil, revela-se unicamente na atividade material que o elemento estrangeiro desenvolve e divulga e que, em resumo, vai em maior parte em benefício do país que o acolhe. O caráter e os hábitos brasileiros restam imutáveis, subtraídos à influência européia que, aliás, não é neste país assim poderosa e com tal capacidade de imprimir a sua marca sobre o elemento indígena. Ao contrário, nas recíprocas entre o elemento indígena e o estrangeiro é exatamente este último que se modifica na sua essência, uniformizando-se à vida e hábitos locais.¹⁹

¹⁸ MORSE, R. M., op. cit., pág. 244.

¹⁹ Ver *Al Brasile*, de Alfonso Lomonaco, pág. 123.

A despeito de seus argumentos reconhecerem certos aspectos importantes em relação à vida na cidade, como a marcante presença do estrangeiro na formação da população, sabe-se que não foi somente na atividade material que essa influência se cristalizou. Além disso, tal influência modificou também padrões de comportamento como, por exemplo, na própria pronúncia do português com a introdução de expressões idiomáticas, na alimentação, na educação, nas práticas esportivas e de lazer, no vestuário etc. Sem falar no pensamento local, inclusive na política, considerando as nossas primeiras greves no início deste século providenciadas pelos anarquistas italianos.

A ARQUITETURA

As transformações econômico-sociais ocorridas no Brasil, e particularmente em São Paulo, durante o final do século passado, implicaram também mudanças importantes no quadro arquitetônico. O fazendeiro trouxe consigo a tradição do mundo rural, conservando em sua casa pequena horta ou pomar. As novas dimensões dos lotes possibilitavam a valorização dos espaços externos: jardins com canteiros de flores e folhagens. Com o imigrante veio para cá uma mão-de-obra mais qualificada e os estilos arquitetônicos diferenciados.

É importante destacar, porém, que até por volta de 1890, a estrutura fundamental e a configuração social das habitações que dominavam os períodos anteriores, em sua maior parte, ainda permaneciam sendo utilizadas. Junius, em 1882, observava a arquitetura da cidade da seguinte maneira:

Os edifícios em São Paulo, mesmo os novos, não destoam do *style*, geralmente adoptado em todos os do nosso paiz. A construção ainda não se afastou da *architecture* pesada, monotona, quasi tosca, qua a mãe patria nos ensinou.²⁰

E, depois de 1890, Pereira de Sousa dizia sobre São Paulo:

Até 1890 São Paulo mantinha ainda seu aspecto triste e pacato de cidade provinciana: o que não era de admirar, porquanto os fatores que pouco depois começaram a fortemente influenciar em prol de sua rápida transformação em grande capital metropolitana estavam por vir.²¹

Os padrões de construção, então, revelavam a persistência de uma mentalidade de sobrado típica da época colonial, apesar do quadro de mudanças em andamento. O Código de Obras de 1886, por exemplo, dizia que os andares térreo, primeiro e segundo deveriam ter, respectivamente, 5 metros, 4,80 metros e 4,50 metros de altura; as portas deveriam ter 3,20 metros por 1,30 metros; as janelas, 2,20 metros por 1,10 metros e as paredes da frente, 30 centímetros de espessura.²² Assim, boa parte das construções na cidade ainda seguia esses parâmetros impostos pela legislação. Além disso, essas construções dispunham de uma infra-estrutura bastante precária, sem as condições adequadas de habitabilidade.

Edifícios com proporções distintas daquelas, mais bem construídos, e com programas de moradia mais complexos, somente alcançariam patamares mais significativos nas décadas seguintes, como por exemplo, os casarões da Paulista. Isto se daria, numa escala maior, com o amadurecimento da organização social em formação e a dinamização da economia, como resultado da consolidação de

20 Junius (pseudônimo de Firmo de Albuquerque Diniz (1828 - ?), natural do Rio de Janeiro. Estudou na Academia de Direito de São Paulo de 1848 a 1852. Depois de formado passou a viver em sua cidade natal, onde foi advogado, delegado de polícia e juiz municipal. BRUNO, E. S., op. cit., pág. 87

21 Everaldo Valim Pereira de Sousa, *Reminiscências Acadêmicas (1887-1891)* in *Revista do Arquivo Municipal*, XCIII págs. 111, 112, 113 e 115, e *A Paulicéia há sessenta anos*, in *Revista do Arquivo Municipal*, CXI, págs. 54 - 59). BRUNO, E. S., op. cit., pág. 101.

22 MORSE, R. M., op. cit., pág. 255.

diversos fatores estruturais em um mesmo momento.

Com o nascimento da República, a imigração maciça, o dinheiro do café e as facilidades de um sistema de transporte como a ferrovia em implantação, configurou-se um panorama favorável para que ocorresse uma evolução dos sistemas construtivos e a introdução de novas tecnologias. Dessa forma, a arquitetura na cidade, principalmente a partir de 1890, passa a conhecer diferentes hábitos de construir e habitar e a exigir modificações nos tipos de lotes e construções.

As primeiras transformações verificadas na arquitetura nesse período estavam ligadas aos esquemas de implantação no lote. As construções passavam a se libertar das divisas laterais dos terrenos. Inicialmente, e mesmo antes de 1890, isso era feito com timidez, recuando-se o edifício apenas em um dos lados até, mais tarde, o seu completo isolamento do lote, contemplando maiores recuos para áreas livres e jardins. Essas diferenciações ocorriam principalmente nos novos bairros em formação; entretanto, na maior parte da cidade ainda construíam-se nos esquemas mais tradicionais. Sobre esta questão, citaremos outras considerações mais adiante quando destacarmos o caso particular da Avenida Paulista.

Além dessas diferenças, as residências passavam a contar, embora de forma gradual, com instalações hidráulicas e materiais de construção mais bem fabricados. Começavam, também, a alterar as dimensões das envazaduras e paredes, que deixavam de obedecer àquelas posturas municipais, mas os pés direitos continuavam igualmente altos. Em alguns bairros novos já se construíam casas com soluções arquitetônicas mais atualizadas, de acordo com as necessidades do momento. Utilizavam-se materiais e técnicas mais sofisticadas, amplos jardins, porões altos e programas mais complexos.

Nas ruas centrais da cidade, as edificações mais antigas foram sendo substituídas, erguiam-se alguns edifícios públicos de caráter monumental que contribuíam

para alterar a fisionomia do núcleo paulistano. As velhas igrejas sofriam reformas e adaptações de toda ordem, ou até mesmo, eram simplesmente substituídas. Nesse panorama, no entanto, a imprecisão do traçado colonial era mantida ao mesmo tempo que a cidade começava a receber uma nova roupagem, similar à das grandes cidades européias.

Com a rápida expansão da cidade e o ritmo das construções, exigiam-se novos meios para a produção de materiais básicos de construção que atendessem à demanda crescente. "As primeiras manifestações da mecanização na produção de materiais de construção e a presença dos imigrantes como trabalhadores assalariados respondiam pelas alterações das técnicas construtivas nessa época." ²³

Uma das principais consequências desse procedimento, verificadas no período, refere-se à substituição gradativa de alguns materiais de construção, como por exemplo, a taipa pelo uso do tijolo. ²⁴ Já há algum tempo, desde 1860/1865, a taipa como método construtivo tradicional vinha caindo em desuso e a partir de 1870 ela começou a ser considerada feia e rústica. Com o aumento do número de olarias, gradualmente as edificações antigas passaram a ser reformadas, e as novas já são construídas com a utilização do tijolo, cuja aceitação passou a ser cada vez maior junto aos construtores e a população.

Do mesmo modo que o tijolo, outros materiais como a cal, areia e a pedra, por exemplo, foram se popularizando na construção à medida que condições melhores de fabricação e transporte se consumavam. Além disso, esses materiais começavam, também, a ser mais utilizados na construção de outros equipamentos urbanos, como redes de água, esgotos,

23 FILHO, N. G. R., *Quadro da Arquitetura no Brasil*, São Paulo: Perspectiva, pág. 48

24 A taipa, como nome genérico, caracteriza todo sistema construtivo em que se emprega, na confecção de paredes e muros de fecho, a terra unedecida ou molhada. Existem dois tipos de taipa: a "taipa de pilão" e a "taipa de mão" ou, ainda, "de sopapo". Este sistema construtivo foi largamente utilizado nas construções brasileiras desde a chegada dos portugueses, e com a vinda do imigrante, de outras partes do mundo, no final do século passado, o seu emprego foi sendo progressivamente deixado de lado. Segundo os dados que dispomos, nenhuma edificação foi construída na Avenida Paulista com este método construtivo.

calçamentos, praças etc.

Quanto aos materiais de acabamento, a solução era importar. Os materiais mais comuns trazidos de fora eram: vidros de vários tipos; lisos, lapidados, fosqueados, coloridos ou espelhados utilizados principalmente nas igrejas como vitrais ou nos palacetes dos novos bairros residenciais; ferragens em geral, chapas de cobre, de zinco, de ferro zincado; papéis de parede, lisos ou decorados em relevo estampado; telhas de cerâmica vindas de Marselha; arames e pregos galvanizados; cimento em barricas; ornatos e moldes de gesso; tintas a óleo, ingredientes vários para a composição de massas de revestimento, de betumes para impermeabilização; manilhas vidradas; mámore variado, especialmente os de Carrara; mosaicos, ladrilhos e azulejos, brancos e decorados; aparelhos sanitários; tubos e canos para as instalações hidráulicas; peças, grimpas, grades, guarda-corpos, colunas de ferro forjado ou fundido e, ainda, alguma madeira, mormente o chamado "pinho de Riga".²⁵

A importação desses materiais de construção se dava, fundamentalmente, em razão de dois fatos. De um lado, a indústria que ainda não estava equipada com uma tecnologia que competisse com a qualidade esperada e pudesse satisfazer toda a demanda da cidade em expansão. Além disso, muitos desses materiais sequer eram fabricados no Brasil. Por outro lado, é importante salientar, também, que as classes mais abastadas, em contato permanente com a Europa, refletiam seu desejo de poderio na construção de seus luxuosos palacetes. Assim, a importação dos mais requintados materiais, como também do mobiliário, servia plenamente para lhes garantir essa almejada condição.

²⁵ LEMOS, C. A. C., *Alvenaria Burguesa*, pág. 36.

ARTISTAS E ARTESÃOS

Coube ao imigrante italiano dominar o ramo durante essa primeira fase de expansão da cidade. Com ele, estabelecia-se uma abundante mão-de-obra, compreendendo vários artesãos, pedreiros, mestres-de-obra, além de arquitetos que também vieram em número razoável. Além deles, mas em menor quantidade, foram os alemães que também desempenharam um importante papel na afirmação de novos modos de construir. Estes trazidos a São Paulo por seus compatriotas que já formavam uma colônia próspera em vários ramos de atividades, como os Glette e os Nothmann, que eram prestigiosos comerciantes.²⁶

Nesse universo, trabalhava-se, em geral, para a classe alta e média em ascensão, reproduzindo nas suas residências os esquemas dos ideais arquitetônicos trazidos dos países de origem.

Entre esses trabalhadores imigrados que fizeram destacados trabalhos em vários edifícios na capital, incluindo várias residências construídas na Avenida Paulista no final do século passado e no começo deste, poderíamos citar, por exemplo:²⁷

Federico Puccinelli: trabalhos com ferro.

Seu trabalho era conhecido por duas características do seu temperamento: seu nervosismo e sua habilidade. Foi tido como o melhor serralheiro artístico do começo do século. Seu pai já trabalhava com ferro - com especialidade em cofres - em Luca, Itália. Federico seguiu

26 Victor Nothmann teria começado sua vida no Brasil como mascate, profissão normalmente exercida pelos estrangeiros recém-chegados. Na década de 1880, lançou-se no ramo imobiliário, tornando-se sócio de outro comerciante alemão, Frederico Glette. Os dois juntos foram responsáveis pela abertura do bairro de Campos Eliseos. Posteriormente, Nothmann associou-se a outro comerciante alemão, Martinho Burchard, e juntos abriram o bairro de Higienópolis, no início dos anos 90.

27 As informações a seguir foram extraídas do trabalho *Produzindo o Ecletismo: o estudo de um caso na Avenida Paulista (1925-1985)* de M. Camasnie Dib.

carreira, fez curso de Belas Artes e trouxe para cá toda sua bagagem cultural, onde teria mais oportunidades, além de já ter um tio trabalhando aqui também com ferro. Aqui trabalha como desenhista por pouco tempo numa firma, e logo abre seu próprio negócio no Bairro da Liberdade. Foi chamado para dirigir uma serralheria que os Matarazzo haviam montado, mas depois de algum tempo volta a trabalhar exclusivamente em sua oficina. Logo se projeta na sociedade local, não só como serralheiro, mas também como frequentador das noites sofisticadas: um boêmio. Era um empresário e sabia se impor. Confiante no seu trabalho, ajudou a difundir entre nós o *Art Nouveau*. Estudava muito, colecionava diversas revistas importadas, principalmente italianas, para ficar a par das novidades.

Romano Guaraldi: marceneiro e entalhador.

Guaraldi desembarcou no Brasil por acaso: vindo da Itália, seu destino era a Argentina, mas houve uma confusão no porto que acabou levando-o a permanecer no Brasil. Deslumbrado com a quantidade de madeira existente no Brasil, fez um curso de desenho e marcenaria no Liceu e começou a trabalhar. Estudava por conta própria, lendo livros e revistas importadas. Foi encarregado da marcenaria e carpintaria ítalo-brasileira, onde conseguiu muitos contatos, que foram a sua clientela quando abriu sua própria oficina no Bom Retiro. Tinha uma equipe não muito grande, que nem sempre dava conta dos pedidos. Esta equipe foi aos poucos comprando as máquinas necessárias, fazendo todo tipo de serviço, ficando a cargo de Guaraldi exclusivamente o desenho e o entalhe.

Domênico Penso: entalhador.

Nascido em 17 de fevereiro de 1885, em Veneza, Itália. Trabalhava numa cooperativa ligada à Igreja - na Itália, onde era mestre de oficina quando, em 1924, largou o produto de anos de estudo e trabalho e resolveu vir para o

Brasil, em protesto ao regime facista então em vigor. A escolha do Brasil para morar se deu em virtude de aqui já ter parentes estabelecidos, além da facilidade que havia para com a língua. Aqui chegando, começou a trabalhar no Liceu, como mestre da Seção dos Entalhadores, onde permaneceu até 1927, a partir do que decide montar sua própria oficina, na Lapa.

Ernesto Frioli: pintor-decorador.

Nascido em 12 de outubro de 1889, em Rimini, Roma, Ernesto Frioli veio para o Brasil em 1900 com o pai, Lívio Frioli. Este havia sido enviado ao Brasil pelo Consulado da Itália para receber os artistas italianos que aqui chegavam. Valendo-se dos muitos contatos conseguidos por meio do trabalho de seu pai, Frioli começou a entrar nesse meio fazendo inicialmente quadros, passando depois a fazer decoração. Estudava muito em casa e também foi aluno do Liceu de Artes e Ofícios. Mantendo uma equipe de vinte pessoas em média, Frioli executou a decoração de várias igrejas e casas de imigrantes árabes, como os Jafet, Lotaif, Calfat e Camasmie (estes três últimos na Paulista). Foi sócio, até 1925, de Bernardino Ficarelli, numa oficina na Rua Conselheiro Furtado. Depois de desfeita a sociedade, Ficarelli decorou a casa de Nagib Salem, também na Avenida Paulista. Este tipo de trabalho era geralmente muito demorado, fato que proporcionava ao artesão pelo menos um ano de trabalho garantido. Muitas vezes, o prazo de entrega era adiado em virtude da pintura decorativa.

Conrado Sorgenitch Filho: vitralista.

A atividade de vitralista em São Paulo começou em 1888, com o avô do Sr. Conrado, que era pintor-decorador e, em razão das muitas obras que tinha para executar nos Campos Elíseos, na época com grande número de construções novas, resolveu experimentar novas idéias. Pensou, então, em decorar os vidros para combinar com sua pintura. Começou

fazendo máscaras e aplicando ácidos nos vidros para diferenciar algumas de suas partes, depois aperfeiçoando a técnica até chegar no vitral que hoje conhecemos.

De uma forma geral, desde o final do século XIX, o vitral era importado e abrangia uma temática variada - flores e paisagens bíblicas no destaque. Devido às dificuldades encontradas para encomendar o vitral da Europa durante a Primeira Guerra Mundial, a confecção no Brasil recebeu grande impulso. Esse fato coincidiu com as comemorações do centenário da Independência do país, o que motivou a realização de peças com motivos históricos. Eram comuns, também, alegorias com raízes na mitologia grega.

Foi nesse período que Sorgenicht Filho desenvolveu o que chamou de estilo brasileiro: paisagens típicas do país, exploração da intensidade de luz e dos aspectos decorativos da fauna e da flora nacionais. Bandeiras, lendas indígenas, jesuítas e igrejas barrocas se incorporaram aos painéis do artista.

Com bastante competência, Sorgenicht conseguiu muitos projetos em edifícios públicos, igrejas e nas residências da elite paulistana. Entre suas obras figuram: Mercado Municipal, Palácio dos Campos Elíseos, Beneficência Portuguesa, e a grande maioria das casas dos novos bairros da classe rica, como Higienópolis e Campos Elíseos, e nos palacetes da Avenida Paulista.

Nessas residências, os vitrais compunham sobretudo as salas principais, geralmente com desenhos identificando a função do aposento. Como símbolo de *status*, estavam quase sempre presentes no *hall* de entrada, por onde as visitas inevitavelmente teriam de passar.

Os vitrais do Casarão das Rosas - edificação ainda existente na Avenida Paulista, antiga residência de Ernesto Dias de Castro, e construída pelo escritório de Ramos de Azevedo - hoje um espaço cultural da Secretaria de Estado da Cultura, apresentam desenhos florais e referências a monumentos clássicos.

A respeito desses trabalhos Sorgenicht dizia: "Fiz trabalhos que reproduziam paisagens florentinas, palácios árabes ou monumentos da história do Brasil, conforme a origem das famílias".

Giovanni Rovida: marmorista.

Rovida era engenheiro e tinha uma marmoraria junto com seus filhos. Mudou-se para o Rio de Janeiro. Trabalhava com várias espécies de mármore, sendo a principal delas o Boticino, muito usado na Itália. Da mesma forma que os outros artistas, dedicou-se à construção de muitos edifícios públicos e residências das famílias abastadas em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Dr. Rato: aplicações em gesso.

Dr. Rato possuía uma oficina na qual costumava moldar as peças em gesso, que depois seriam utilizadas nas construções onde eram requisitadas. Trabalhava com várias tipologias de peças, como anjos, flores e enfeites de todo tipo para decoração: Ornatos em frisos e golas nas paredes e no teto. Costumava revestir colunas internas, dando os acabamentos necessários na própria obra.

Hugo Heise: materiais de construção e importadora.

Dando continuidade ao trabalho de seu pai, Hugo Heise Júnior mantinha uma famosa loja de materiais de construção. Na loja, encontrava-se de tudo, como materiais para iluminação, encanamento, ladrilhos, azulejos etc. Trata-se de uma época que não comportava uma especialização num determinado ramo, estando o interesse voltado para atingir vários setores da sociedade. Dessa forma, a loja mantinha também uma exposição de peças importadas, tais como estatuetas de bronze, lustres com cestas de cristal, louças sanitárias em porcelana.

Inicialmente instalada à Rua São Bento, a loja foi mudada posteriormente para a Rua Florêncio de Abreu. O

terreno continuava até a Rua Vinte e Cinco de Março, por onde descarregavam a mercadoria: chapas galvanizadas, chapas de latão ou cobre, cabos, tubos e uma infinidade de materiais inexistentes aqui, que seriam utilizados para a montagem de aquecedores, fogões, e outros objetos. Encomendas especiais podiam ser feitas por meio de catálogos. A loja servia a variadas obras na capital desde a sua fundação.

Posteriormente, os Heise passaram a se dedicar a fundição, criando a Fábrica Metalúrgica Alemã, à qual vão dando maior atenção. "Era uma necessidade no país, que só vai desenvolver sua indústria a partir de 1943, quando surge a Companhia Siderúrgica Nacional. Até então, não se fazia uma chapa aqui.", dizia Hugo Heise Júnior.

Além destes, poderíamos citar, ainda, os serralheiros Antonio Chiocca, Adolfo Giovannetti, Giacomo Cadrobbi e Piazzo Fiorenzo; os que trabalhavam com ornatos como Adolfo Borione e Agnelo Paciulli e os escultores que também trabalharam em ornatos, como Amadeu Zani, Lorenzo Petrucci e William Zadig.

ENGENHEIROS E ARQUITETOS

No que concerne às profissões de engenheiro e de arquiteto, pequena distinção havia em São Paulo durante grande parte do século XIX. Além disso, eram poucos os profissionais destas áreas realmente habilitados em atividade na cidade. Os que havia, geralmente eram estrangeiros e quase sempre formados no exterior.

Em 1893, foi fundada a Escola Politécnica de São Paulo, o primeiro estabelecimento de ensino superior instalado na capital após a proclamação da República, e que

ficava no Solar do Marquês de Três Rios, na Avenida Tiradentes em frente ao Mosteiro da Luz.²⁸

O ensino de "engenheiro-arquiteto" em São Paulo teve início naquele Solar e a organização do curso foi entregue a Ramos de Azevedo, que tratou de implementar um ensino pautado nas tradições clássicas, de acordo com as mesmas orientações do curso que frequentara em Gand, na Bélgica.

Apresentamos, na sequência, uma breve relação dos arquitetos que mais se destacaram nesse período inicial na cidade em franca expansão, a começar com Ramos de Azevedo:

Francisco de Paula Ramos de Azevedo (1851-1928).

Tornou-se um dos arquitetos mais solicitados no final do século passado, assim como no começo deste. Empreendeu avassaladora carreira profissional e muito contribuiu para o aperfeiçoamento dos meios de produção da arquitetura. Como profissional, Ramos de Azevedo soube montar um bem organizado escritório, capaz de responder a toda demanda oficial ou particular.

Nascido em São Paulo, em 8 de dezembro de 1851, ainda moço Ramos de Azevedo trabalhou na Companhia Paulista e Mojiana, e depois, conforme já adiantamos, estudou engenharia e arquitetura na Universidade de Relat, em Gand, na Bélgica.

Sua vida profissional teve início em Campinas, onde, em 1883, conclui as obras interrompidas da igreja matriz. Nessa cidade, que considerava a sua terra natal, já que toda a sua família era dali, seu trabalho de finalização daquele templo foi muito comentado visto ele ter empregado na torre programada a mesma técnica construtiva usada pelos empreiteiros anteriores, a taipa de pilão, num verdadeiro prodígio de engenharia.

Seu trabalho em São Paulo começou no ano de 1886 quando projetou dois edifícios para o governo: os edifícios

²⁸ TOLEDO, B. L. de, *Album Iconográfico da Avenida Paulista*, pág. 18.

gêmeos das Secretarias das Finanças e da Justiça, em estilo neo-renascentista, modificando assim inteiramente o antigo Largo do Palácio (hoje, Pátio do Colégio), que até então conservava sua arquitetura colonial. A partir desses projetos, extremamente bem elaborados, Ramos de Azevedo tornou-se o maior arquiteto e construtor do Estado, atuando com uma organização exemplar, o que lhe garantiu um escritório ativo, contando com ótimos profissionais. Sua área de atuação em pouco tempo passou da criação e presidência de Companhias e indústrias - presidiu, depois do fechamento do Banco União, cuja carteira predial dirigira, uma importante Companhia financiadora ligada a empreendimentos imobiliários - à produção de toda sorte de materiais de construção, montando, inclusive, uma completíssima loja de materiais importados.

Ainda, nesta capital, dedicou-se à formação de mão-de-obra qualificada, impulsionando o Liceu de Artes e Ofícios, em 1882, antiga Sociedade de Difusão de Instrução Popular, fundada em 1873, onde se formaram milhares de técnicos em marcenaria, serralheria, escultura, pintura e demais ocupações ligadas à construção.

Além de várias obras construídas na Avenida Paulista, Ramos de Azevedo também projetou e construiu diversas outras edificações na capital e no Estado. Entre as obras existentes na capital, destacamos: a antiga Escola Normal, na Praça da República (denominada, posteriormente, Escola Caetano de Campos e, hoje, Secretaria da Educação do Estado), em 1894; a nova Escola Politécnica, em 1897, e o Teatro Municipal de São Paulo, de 1911, este sem dúvida, seu mais importante trabalho, baseado em anteprojeto de Cláudio Rossi, cenógrafo italiano que, juntamente com Domiziano Rossi, levou a cabo essa caríssima obra, caracterizada por acabamento insuperável. Esta obra, aliás, constitui-se em evidente modelo do edifício da Ópera de Paris, de Cesar Daly, cujos álbuns Ramos de Azevedo foi um dos grandes divulgadores.

A partir de 1907, Ramos de Azevedo se associa ao engenheiro português Ricardo Severo, e durante anos o Escritório Técnico F. P. Ramos de Azevedo, contando com grande conglomerado de arquitetos, desenhistas e artistas, desenvolve outros inúmeros projetos e obras para diferentes finalidades, consolidando cada vez mais sua posição no mercado da construção na cidade e no Estado.

Após sua morte, em 1928, seu escritório não sofreu nenhuma alteração no ritmo de produção, recebendo como nova denominação Escritório Técnico Ramos de Azevedo - Severo & Villares. Assumiram a direção da construtora o genro Arnaldo Villares e o velho sócio Ricardo Severo. Esse escritório celebrizou-se não só pelas categorias de seus projetos mas, principalmente, pela alta qualidade de sua técnica construtiva. A partir dos anos 50, no entanto, tendo sido reduzido seus trabalhos, o escritório passa à situação de mero administrador de bens imobiliários.

Augusto Fried.

Nasceu em 1857, em Wurtemberg. Estudou em Stuttgard, Gênova e Saint-Etienne. Em 1888 foi para Buenos Aires e em 1896 veio para São Paulo. Projetou uma das primeiras grandes residências na Avenida Paulista, a casa dos Von Bulow, em 1895.

Carlos Ekman.

Nasceu em 1866, em Estocolmo, e formou-se na Escola Politécnica de Copenhague. Trabalhou dois anos em Nova York e depois na Argentina. Em 1895 instalou-se em São Paulo, onde ficou sócio de Augusto Fried. Fried e Ekman formaram, então, uma sociedade num momento bem particular da evolução urbana de São Paulo. A cidade era "modesta de província e nada indicava o seu futuro extraordinário", escreveu Ekman.

Dentre seus trabalhos mais importantes, destacam-se: a Escola Álvares Penteado; o Teatro São José; o primeiro

prédio da Maternidade de São Paulo (que não deve ser confundido com o prédio atual) e várias residências, destacando-se a da família Penteado, no bairro de Higienópolis, de 1902. Esta residência, aliás, constituiu-se a primeira residência no estilo *Art Nouveau* em São Paulo, atualmente sede da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, Departamento de Pós-Graduação.

Na Paulista, construiu, ainda, a Vila Fortunata, que, à semelhança da residência Von Bulow, tirava partido de sua posição privilegiada na cidade e contava com um jardim do tipo bosque, que ainda subsiste. Esta residência, de propriedade da família Thiollier, ficava na esquina com a alameda Ministro Rocha Azevedo.

Tanto na fase de sua associação com Fried, como no momento seguinte, em que passou a trabalhar sozinho, Ekman demonstrou, igualmente, por suas obras, uma rara percepção da paisagem e um gosto especial por jardins.

Cabe ressaltar que Ekman foi um dos primeiros arquitetos a se utilizar da estrutura metálica para um prédio em São Paulo. Trata-se do edifício Bamberg à Rua XV de Novembro. Só por este fato já é possível vislumbrar a originalidade da obra deste arquiteto, que tão bem se integrou à cidade, promovendo ainda, com suas idéias, apuro técnico e soluções mais ousadas na arquitetura.

Victor Dubugras.

Um dos mais criativos arquitetos atuantes em São Paulo durante a 1ª República. Nasceu em Sarthe, na França, em 1868, e faleceu em Teresópolis, Estado do Rio de Janeiro, em 1933.

Dubugras cursou arquitetura em Buenos Aires, formando-se em 1890. Naquela cidade, trabalhou com o arquiteto Francisco Tamburini, um dos mais influentes arquitetos portenhos de sua época, responsável por vários edifícios importantes como o Palácio do Governo e o famoso Teatro Colón.

Em 1891, veio para São Paulo, onde encontrou o ambiente que precisava para desenvolver novas idéias na arquitetura. No ano de 1894, foi contratado como professor da Escola Politécnica, sob o orientação de Ramos de Azevedo, que imprimia uma linha didática para os cursos nos mesmos moldes da sua formação na Bélgica; ou seja, uma arquitetura baseada nas tradições clássicas.

Na escola, Victor Dubugras, entretanto, pode desenvolver uma atuação bastante pessoal, com características próprias e exerceu grande influência sobre os novos profissionais. Tinha fama de arquiteto original e de personalidade difícil. São dignos de nota os vários casos em que se envolveu e que lhe trouxeram grandes constrangimentos. Entre seus alunos circulavam anedotas sobre o seu comportamento temperamental com clientes e seu alto nível de exigência quanto à qualidade de acabamento das suas construções; contudo, era considerado um arquiteto progressista e criativo. Segundo José Maria da Silva Neves (eng. arq. Poli, 1922), seu aluno de 1917 a 1919: "Preocupado em realizar seus sonhos de arte, muitas vezes fez demolir à sua própria custa parte do edifício que estava construindo por achar que não correspondia ao que havia sonhado. Isso concorreu para que fosse algumas vezes mal compreendido e que não conseguisse materialmente a recompensa da sua grande vida de trabalho, honestidade profissional e arte".

Sua atividade didática não se limitava ao curso de Arquitetura, mas também a todos os cursos de engenharia da escola. Sua ação foi, assim, extraordinariamente benéfica para a arquitetura paulista, pois, se poucos eram os arquitetos que se diplomavam, muitos eram os engenheiros que "faziam arquitetura" em São Paulo. Com isso, Victor Dubugras proporcionou a essa geração de engenheiros os elementos básicos de estética e composição arquitetônica, além de uma técnica primorosa de desenho e aquarela. Essas aulas incluíam sempre o desenho da planta, da fachada e da

perspectiva de um edifício, além do traçado de sombras.

No início de suas atividades em São Paulo, construiu apreciável número de edifícios públicos - cadeias e escolas - dentro de uma linguagem neo-românica e neogótica, tal como denominaram os artigos da época. Na verdade, suas primeiras obras versaram sobre soluções construtivas de grande originalidade, a exemplo do antigo Fórum de Araras - hoje sede da Secretaria da Cultura do Município, tombado como patrimônio histórico pelo Condephaat - e não apenas sobre incursões pelo historicismo.

No início do século, o *Art Nouveau* passou a interessar o arquiteto. A Vila Uchoa - antigo Colégio Des Oiseaux e Cursinho Equipe - infelizmente já demolida, e a residência de Horácio Sabino, na Avenida Paulista, também já demolida e sobre a qual trataremos com maiores detalhes mais adiante, são sem dúvida os exemplos mais notáveis deste estilo no conjunto da sua obra. Nesta residência, percebe-se claramente a influência do arquiteto francês Guimard, um dos expoentes do *Art Nouveau* em Paris.

Em 1907, Victor Dubugras realizou o projeto da Estação Mayrink, obra pioneira, também tombada pelo Condephaat, que, segundo alguns arquitetos que estudam o assunto, se constitui um verdadeiro marco da arquitetura moderna no Brasil. Assim como desta, diz-se o mesmo sobre outras obras, a exemplo das três residências que projetou para João Dente na Avenida Paulista, na esquina com a Rua Augusta, onde hoje está uma das sedes do Banco do Brasil.

Após sua aposentadoria na Politécnica, em 1928, transferiu-se definitivamente para Teresópolis, realizando também naquela cidade alguns projetos.

Victor Dubugras teve sua obra reconhecida com diversos prêmios. Além disso, foi um dos fundadores, em 1911, da Sociedade dos Arquitetos e Engenheiros de São Paulo e, em 1916, do Instituto de Engenharia.

Ricardo Severo da Fonseca Costa.

Nasceu em Lisboa, em 6 de novembro de 1869, e diplomou-se em arquitetura no Porto. Veio para São Paulo em 1892. Aqui, relacionou-se com conterrâneos, principalmente com os Irmãos Villares, casados com filhas do então "rei" do café Henrique Dumont, considerado um dos homens mais ricos de São Paulo. Esses amigos levaram-no a também casar-se na família, "arranjando" um conveniente matrimônio com Francisca, a filha mais moça do citado fazendeiro. Depois de uma breve estada em Portugal, retorna para São Paulo e associa-se a Ramos de Azevedo, e com a morte deste arquiteto, em 1928, assume a posição de sócio principal do escritório, que passa a chamar-se Escritório Técnico Ramos de Azevedo - Severo & Villares S.A. Recebeu várias condecorações, dentre elas, a Gran Cruz da Ordem de Santiago e Espanha, o colar de Palmas de Ouro da Academia Real de Ciências de Lisboa e foi o primeiro estrangeiro a receber a comenda do Cruzeiro do Sul. Sua característica particular era a ênfase que dava aos seus projetos no emprego de elementos que tomava por empréstimo da arquitetura civil portuguesa dos séculos XVII e XVIII. Construiu na Paulista a residência para Numa de Oliveira. Em 1940, faleceu repentinamente em sua residência.

Além destes que citamos, vários outros arquitetos também desempenharam importantes trabalhos na cidade. Entre eles, destacamos: os alemães: **Matheus Haussler**, que projetou o palacete de Elias Chaves no Campos Elíseos, em 1896, e que posteriormente foi sede do Governo do Estado - atualmente preservado, abriga a Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo; **Julius Ploy**, dos palacetes dos Souza Queiróz; **Behmer**, **Maximiliano Hehl**, da Catedral de São Paulo (1913) e também professor da Escola Politécnica; **Oscar Kleinschmidt**, **Johann Blank** e **Villoeft**; e, finalmente, os italianos: numa primeira etapa: **Tommaso Gaudêncio Bezzi** e **Luigi Pucci**, do Palácio do Ipiranga (1882/1885); em seguida:

Dominiziano Rossi, Claudio Rossi, Felisberto Ranzini e Adolfo Borione, todos estes colaboradores no escritório de Ramos de Azevedo, e; mais tarde, já neste século: Giulio Micheli, Giuseppe Chiappori e Giovanni Battista Bianchi.

* * *

O HOMEM

JOAQUIM EUGENIO DE LIMA

Em 14 de junho de 1902, o jornal *O Diário Popular* publicava a seguinte matéria a respeito do falecimento de Joaquim Eugênio de Lima, ocorrido no dia anterior:

...O finado, que foi por muitos anos estabelecido com escriptorio commercial ao Largo do Rosário, muito se esforçou por dotar São Paulo com melhoramentos e embelezamentos, dentre as quaes se destaca a Avenida Paulista, na qual era um dos maiores proprietários.

A sua morte vem trazer a consternação ao numerozo circulo das suas relações.

O corpo será dado á sepultura hoje no Cemiterio do S. S. Sacramento, sahindo da Avenida Paulista nº 193.

Nossos pesames á familia. 29

Por intermédio desta nota percebe-se o grau de importância da obra de Joaquim Eugênio de Lima. Nela reconhecem-se os beneficios pelos quais ele se empenhou em prol da cidade e a Avenida Paulista já se destacando como seu mais importante feito. Porém, mais do que esta nota pretende revelar, é interessante registrar a repercussão que seu trabalho efetivamente alcanço na cidade. Suas propostas urbanísticas para São Paulo, que envolveram vários dos seus bairros, realmente impressionam pelo senso de oportunismo e pela qualidade técnica das soluções apresentadas. Ele possuía, sem dúvida, uma acurada noção de espaço e sabia quais eram os principais problemas e carências da cidade. O jornal *Echo du Brésil*, chegou a aclamá-lo precursor do urbanismo em nosso país.

Joaquim Eugênio de Lima, no entanto, não atuou somente neste campo. Destacou-se também em diversas outras áreas: foi homem de imprensa; tornou-se um dos colaboradores da Santa Casa de Misericórdia, onde exerceu com eficiência vários cargos de expressão e foi empresário do ramo imobiliário, atividade na qual obteve seus maiores ganhos

29 AZEVEDO FILHO, R. *Um pioneiro em São Paulo*. Joaquim Eugênio de Lima: o urbanista, o jornalista, o filantropo, pág. 45.

financeiros.

Nascido em Montevideu, no Uruguai, a 6 de setembro de 1945, era filho de Dom Joaquim Miguel Pereira Lima e de Dona Maria Polonia Moreyra Rios. Descendente de Dom Leonel de Lima, Alcaide-mór de Ponte de Lima e Senhor da Villa dos Arcos de Valle de Vez, que foi casado com Dona Felippa da Cunha, de ascendência ilustrada, orgulhava-se Joaquim Eugênio de Lima de saber que a esse ancestral fora, por El Rei Dom Affonso V, passada a carta de Visconde de Villa Nova de Cerveira, a 4 de março de 1476, em Faro. Era, portanto, descendente dos primeiros viscondes que houve no reino português e desse romântico Dom Luiz de Lima, que foi agraciado com o título de Conde dos Arcos do Valle de Vez, por se ter casado com a princesa Dona Victoria Cardillac de Bourbon, dama da Rainha Izabel de Bourbon.³⁰

Joaquim Eugênio de Lima casou-se com Dona Maria Polonia Moreyra Rios, filha de uma tradicional família paulista. Diplomou-se em Agronomia na Alemanha e depois de viajar por vários países da Europa e percorrer outros estados do Brasil, fixou-se, finalmente, em São Paulo.

Na capital, passou a organizar seu trabalho e procurou desenvolver os meios necessários para empreender seu talento para as atividades comerciais, especialmente na compra e venda de terrenos. Assim, obteve consideradas somas de dinheiro que lhe possibilitaram realizar outros investimentos.

Ao longo do tempo, tendo consolidado seu espaço no mercado imobiliário, passou, então, a participar de projetos que visavam a solucionar alguns dos problemas mais urgentes da cidade. Os bairros das Perdizes, Paraíso, Tatuapé e Mooca, estão entre aqueles para os quais Joaquim Eugênio de Lima concorreu com melhoramentos. Projetou uma passagem destinada a eliminar o vale existente entre o Largo do Palácio e a Rua da Boa Vista - seria o "Viaduto da Esperança", que veio a ser construído muito tempo depois.

³⁰ *Idea*, pág. 67.

Queria uma ponte para unir a Rua Vergueiro à Rua do Paraíso, sobre o grande vão da Rua Santana do Paraíso, e teve participação fundamental na construção do Viaduto Chá.³¹

Com isso, conseguiu impor algumas de suas idéias fornecendo as equações técnicas e o dinheiro - quando possível - para suprir as distintas exigências que o volume de problemas apresentava. Em vista disso, seus principais empreendimentos foram orientados nas direções das carências urbanas que sabia muito bem quais eram e como solucioná-las, como também, obter os negócios mais rendosos.

Além das questões urbanísticas e do mercado imobiliário, como homem de imprensa, Joaquim Eugênio de Lima também teve atuação destacada. Sua participação se deu, principalmente, por meio de textos que publicava periodicamente nos jornais de sua propriedade, antes de dedicar-se à construção da Avenida Paulista.

Eram dois os seus jornais: o *Omnibus*, cuja circulação teve início em 21 de novembro de 1872, e *Cidade de São Paulo*, que começou a ser distribuído em 1º de janeiro de 1891. Nas colunas de ambos os jornais, seus artigos versavam sobre variados problemas da atualidade, contudo, seu conhecimento sobre a gestão pública era o que mais se revelava.

Alguns dos assuntos que mereceram os comentários de Joaquim Eugênio de Lima nos dão uma pequena dimensão do universo das suas preocupações quanto às necessidades de sua época. Entre eles, vale a pena destacar sua preocupação pelo amparo e garantia ao homem do campo e da fábrica; o desenvolvimento da indústria como um força econômica de primeira grandeza; as instalações siderúrgicas, em que

³¹ O historiador Affonso de Freitas Junior, em artigo publicado no *Correio Paulistano*, de 25 de dezembro de 1936, intitulado "A origem do Viaduto do Chá" e na *Revista do Arquivo Municipal*, nº 25, pág. 180, depois de descrever minuciosamente os fatos, termina afirmando: "Formaram desassobradamente, ao lado de Jules Martin, empenhando actividades e capitães na construção do Viaduto do Chá, os srs. drs. João Pinto Gonçalves, João Monteiro, Pamphilo de Carvalho, Augusto Freire da Silva, John Neave, Queiróz Carreira, Margarido da Silva, Eugênio de Carvalho, Conde de Parnahyba, Pedro Vicente de Azevedo, Joaquim Eugênio de Lima e outros".

focalizava a necessidade nacional e do governo de amparar ou iniciar a exploração de jazidas de ferro de Ipanema; a preocupação da criação de um Banco da Lavoura que socorresse a lavoura nas suas necessidades, amparando o agricultor pelo fornecimento fácil e rápido de créditos precisos; a preocupação política espelhando a necessidade de que o "corpo eleitoral seja a imagem da sociedade em seus elementos de inteligência, trabalho e moralidade".³²

Além desses assuntos, dedicava especial interesse às questões mais prementes da instrução e da educação pública. Nesse campo, duas de suas afirmações merecem registro, porquanto dão bem uma idéia do seu pensamento: "instruí o povo" - escrevia ele em 1873, no *Omnibus* - "para que leia a história e o verdadeiro direito público no estudo da organização do poder diretor da Nação, que elle reconhecerá quanto se tem abusado dessa palavra sonora - liberdade - e desse princípio de ordem que forma o programa mais patriótico do país." E mais adiante, dizia: "Instruí o povo, que não tereis o despotismo que vive na sombra e no mystério e nem a anarchia que especula com a segurança das massas, ateando o incêndio das revoluções".³³

Seu pensamento, conforme podemos concluir, cristalizava um posicionamento dentro de posturas do que havia de mais avançado para a época. Como homem ilustrado, universal e ainda pertencente à classe rica, Joaquim Eugênio de Lima preconizava a idéia do progresso social como o objetivo a ser alcançado nas diversas atividades humanas. Uma idéia de progresso conforme fundamentava o positivismo como fonte de inspiração para a execução de programas da maior parte das instituições públicas e privadas no final do século passado.

O termo positivismo designa o conjunto das concepções do filósofo e sociólogo francês Augusto Comte (1798-1857), tendo encontrado largo espectro de ressonância

32 AZEVEDO FILHO, R., op. cit., pág. 52.

33 Iden, págs. 53 - 4.

no Brasil, e particularmente em São Paulo nesse período. Organizado com base nos progressos que a ciência e a técnica alcançara, o positivismo estava orientado pela crença na ciência como instrumento capaz de resolver os problemas básicos da humanidade. Esta fase coincidiu com o fim de uma etapa escravista e imperial para uma sociedade moderna e republicana, apoiada numa indústria em franca expansão e no trabalho assalariado. Coincidiu, ainda, com a gênese da cidade como metrópole.³⁴

Assim, amparado em uma base conceitual cujos horizontes se manifestavam nos mais variados meios políticos e intelectuais locais, pôde Joaquim Eugênio de Lima empreender suas propostas para a cidade, das quais a Avenida Paulista coloca-se, sem dúvida, como a mais importante.

Neste contexto, Joaquim Eugênio de Lima trazia consigo toda uma idéia de modernidade. Uma nova idéia, no qual o passado - colonial - não tinha mais sentido e cujo presente e o futuro imediato revestiam-se de uma especial urgência.

Como referência básica para levar adiante seus projetos urbanos, ele se reportava seguidamente às grandes cidades européias que conhecia muito bem e, além do mais, demonstrou uma sensível percepção do processo de urbanização que se instalava em larga escala, identificando as formas e a rapidez com que isso se manifestava.

Para ele, a rapidez do crescimento da cidade implicava objetivamente uma série de providências estruturais que acompanhassem esse crescimento. Sabia da necessidade da realização de diversas obras que equacionassem os vários problemas que se colocavam. Além disso, sua intenção era poder lançar mão da melhor tecnologia disponível, como ficou demonstrado na construção da Avenida Paulista.

³⁴ NASCIMENTO, J. C. do, *Positivismo, Ciência e Religião no Brasil do Século XIX; (re)lendo o "BRAZIL MENTAL"*, Cadernos do Centro de Memória Regional, Universidade São Francisco, nº 5.

Dessa forma, a construção da Avenida Paulista enseja uma ordem de preocupações do ponto de vista urbano e conceitual, que se caracterizaram como extremamente inovadoras naquele período. A começar pela sua dimensão, o lugar escolhido, o projeto de implantação, a preocupação com o ambiente e a infra-estrutura necessária a uma determinada ocupação, que muito se diferenciavam do repertório usual das características urbanas do restante da cidade. Desse modo, com esse conjunto de elementos, pensados previamente, deu-se a forma na qual Joaquim Eugênio de Lima e seus sócios entenderam comportar uma grande Avenida para São Paulo.

Os resultados de seus esforços e dos seus investimentos viabilizados para sua construção não demoraram a aparecer. Logo após a finalização das obras, vão morar na Avenida os representantes dos segmentos mais ricos da sociedade paulista da época, ligados às atividades mais modernas da cidade em expansão, como os bancos, as indústrias, negócios com exportação e importação, serviços etc., além, é claro, daqueles membros da elite cafeeira.

* * *

**A AVENIDA PAULISTA DOS
PRIMEIROS TEMPOS**

Este capítulo tem por objetivo traçar um panorama da Avenida Paulista nas primeiras décadas de sua existência, período no qual ficou caracterizado o momento da construção dos grandes palacetes da elite paulistana.

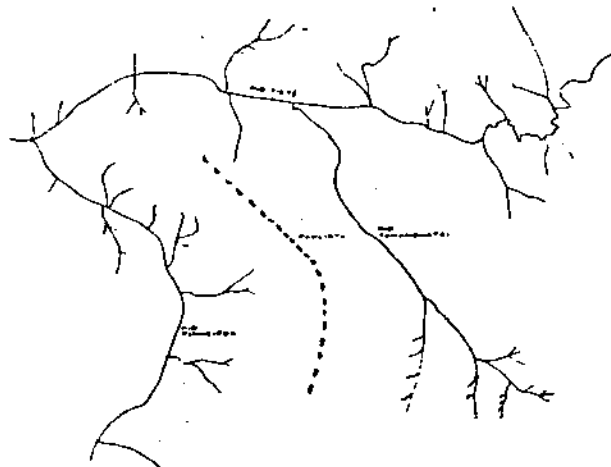
Enfocaremos desde o momento da sua criação por Joaquim Eugênio de Lima, cuja inauguração se deu a 04 de dezembro de 1891, até sua consolidação como uma avenida já plenamente tomada por essas residências.

Nesse panorama inicial, portanto, destacaremos questões referentes à Avenida, como sua construção; a geografia do lugar, denominado "espigão da Paulista"; os curiosos fatos relativos à sua inauguração; as primeiras legislações, para se ter uma noção de como as autoridades oficiais já a reconheciam como uma importante artéria da cidade; os primeiros moradores que ali construíram suas residências e também as primeiras instituições e suas sedes.

O ESPIGÃO CENTRAL DA CIDADE

A avenida Paulista começou a se tornar realidade por volta de 1890.

Pela experiência adquirida no ramo imobiliário e pelo seu amplo conhecimento da cidade, Joaquim Eugênio de Lima resolveu investir na construção de uma avenida na capital. Optou pelo lugar denominado "Alto do Caaguaçu", (do tupi guarani, quer dizer: "caa"- mato; "guaçu"- grosso) que se constituía no espigão divisor de águas do Rio Pinheiros e



3. Planta hidrográfica do sítio de São Paulo, percebendo-se claramente a posição do divisor de águas; isto é, o espigão central onde se desenvolveria a Paulista.

do Rio Tietê.³⁵ (ilustração nº 3)

Este local ainda semi-abandonado era parte integrante das vastas terras que depois formariam a chácara "Bela Sintra" (com "S", a lembrar a formosa Sintra portuguesa). De certo modo, esse lugar constituía-se num empecilho à expansão da cidade em razão da sua topografia, difícil de ser vencida.

Por volta de 1890, o historiador Nuto Sant'Ana ao descrever o local, dizia:

Todo o extenso espigão jazia inculto, com uns restos da exuberante mata do Caaguaçu, entre Consolação e o Paraíso. Nada existia na paragem senão ilhotas de vegetação, caminhos sinuosos, para um lado as extensas várzeas de Santo Amaro, e para o outro, a paisagem montanhosa, vendo-se ao fundo, no primeiro plano do cenário, o casario multiforme da urbe...³⁶

De um modo geral, os caminhos que a cruzavam eram ainda poucas vezes utilizados e havia poucas chácaras nas imediações, o que significava grandes extensões de terra desocupadas. Alguns desses caminhos, entretanto, já recebiam belas edificações, como o caminho para Sorocaba (Consolação), o caminho para Santo Amaro (Brigadeiro Luis Antônio e o Caminho de Carro para Santo Amaro (Liberdade e Vergueiro). Com o tempo, estes caminhos foram se convertendo em importantes eixos de irradiação de expansão da cidade.

Segundo Benedito Lima de Toledo, depoimentos de fins do século XIX referem-se à ermida da Consolação como o ponto extremo da cidade. Um deles chegou a afirmar que "ali termina a cidade". Mas, na verdade, ali começava um dos mais extensos caminhos, que colocavam São Paulo em contato com a

35 O espigão central é a coluna vertebral da atual São Paulo. Estende-se por 13 km., do Jabaquara (logo depois da igreja São Judas Tadeu) até o Sumaré (Praça São Domingos Sávio). Sua altitude é regular, elevando-se ligeiramente na direção oeste, em virtude da limonita (óxido natural hidratado de ferro, que é um hematita parda) existente em sub-solo ter impedido a normal erosão voltada para a confluência do Tietê e do Pinheiros; partindo dos 790 metros de altitude no Jabaquara, alcança os 800 metros na caixa d'água do Sumaré. A plataforma do espigão tem largura maior em seu setor sul (200 a 500 metros), estreitando-se para 100 a 300 metros na Avenida Paulista. A planta hidrográfica revela claramente a posição estratégica desse espigão no centro do sítio da metrópole. Seu corte transversal ilustra a relativa simetria do relevo paulistano com relação ao eixo definido pelo espigão central.

36 TOLEDO, B. L. de, op. cit., pág. 14.

Bacia do Prata.³⁷

Era caminho de tropeiros. Subindo o caminho para Sorocaba, o tropeiro iria cruzar o espigão central da cidade num ponto privilegiado. Desse local, ele poderia avistar o Morro do Jaraguá. Mais perto, ficava o vale de um riacho que corria para o Tietê, onde os nativos costumavam caçar. Era o córrego das pacas, o *Paca-yembô*. Habitado a sobreviver em rudes caminhos, o tropeiro veria surgir as araucárias, que se transformariam em um bosque próximo ao Rio Pinheiros, cujo fruto, o pinhão, tanto apreciava. Conforme a estação, encontraria, ainda, araçá e sumaré.³⁸

No local havia uma trilha primitiva, conhecida por Real Grandeza, anterior ainda à construção da Avenida. Era o percurso feito pelas boiadas em direção ao matadouro de Vila Mariana e pelos carros de bois. Essa trilha começava, mais ou menos, na rua Augusta e continuava serpenteando pelo alto do espigão, descia pela ribanceira do vale que vinha do riacho do Anhangabaú, mais ou menos no local onde está situada a atual "Plínio de Figueiredo", ia para a baixada do Rio Pinheiros, subia novamente o espigão e continuava até a rua Vergueiro, atingindo finalmente o Matadouro.³⁹

Neste quadro, na última década do século XIX, é para o espigão central que se volta a atenção dos agentes da urbanização. Mais uma vez, será uma sociedade particular que tomará a iniciativa e definirá a natureza do empreendimento. Agora, a cidade vai receber a Avenida, de largura nunca vista, a ser aberta nos terrenos mais altos da cidade.

37 TOLEDO, B. L. de, op. cit., pág. 21.

38 *Idem*, pág. 9.

39 MARQUES, G. *Ruas e Tradições de São Paulo*, ver capítulo "A Avenida Paulista", pág. 44.

4. Planta da Chácara da Bella Cintra em 1890. O mapa mostra a divisão do loteamento da chácara, a Avenida Paulista e as ruas transversais.

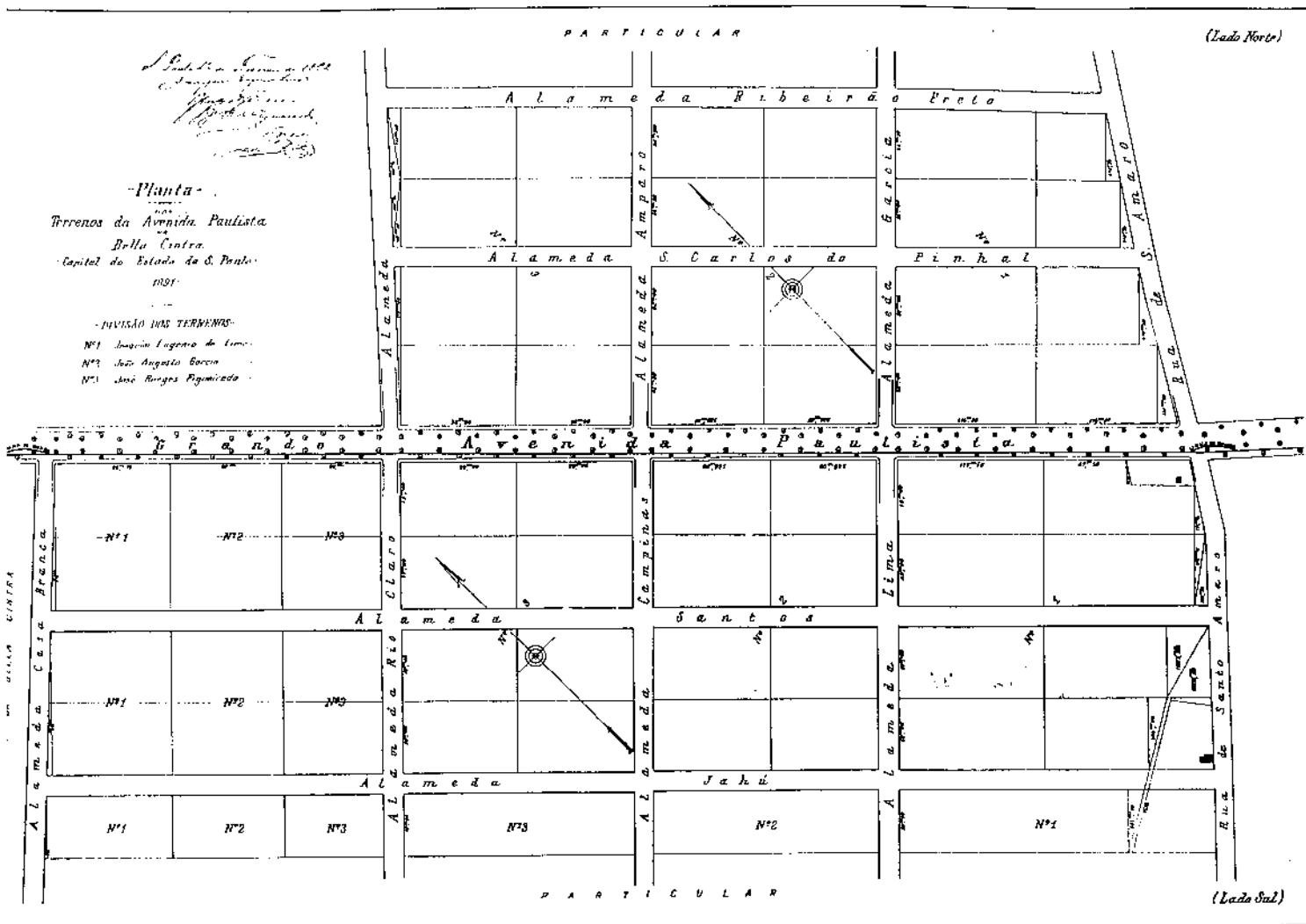
A CONSTRUÇÃO DA AVENIDA

A Avenida Paulista começou a se tornar realidade por meio da sociedade que Joaquim Eugênio de Lima formou com seus amigos, **"heróicos e beneméritos companheiros de fadigas"**, José Borges de Figueiredo e João Augusto Garcia. Seu escritório localizava-se no Largo do Rosário 3-A, hoje Praça Antonio Prado, e já em 1890, os três sócios começaram a adquirir os terrenos necessários para concretizar o arrojado empreendimento.

Algumas das aquisições, no entanto, foram sendo feitas por eles individualmente. Assim, tornaram-se proprietários, entre outros, dos seguintes imóveis: Dois terrenos de José Coelho Pamplona e sua mulher, Dona Maria Vieira Paim Pamplona, situados na rua Real Grandeza, no bairro de Bela Sintra, Freguesia da Consolação, medindo um deles 530 metros de frente, confinando, de um lado, com a rua Monte Alegre, hoje rua Itapeva, onde media 153 metros de comprimento da frente ao fundo; por outro, com a rua Paim, hoje rua Frei Caneca, na extensão de 95,90 metros, até dar em um pequeno vale que servia de divisa a terrenos de José Estevão Fay; e pelo fundo, onde media 440 metros de largura, com o terreno de Mariano Antonio Vieira.⁴⁰ O outro terreno, com 83 metros de frente, na esquina da rua Augusta, por 50 metros de comprimento da frente ao fundo, confinando, de um lado com a referida rua Augusta, para a qual também fazia frente, e de outro, bem como pelo fundo, com terreno dos vendedores.

Adquiriram também dois lotes de terrenos de Mariano Antonio Vieira, no local denominado Bela Sintra, Freguesia da Consolação, situados à rua Real Grandeza e rua de Santo Amaro, tendo o primeiro 932 metros de frente para a primeira rua, por 320 metros de fundo, e nessa parte a mesma

⁴⁰ AZEVEDO FILHO, R., op. cit., pg. 10.



5. Acima, o mapa original da abertura da Avenida Paulista. O mapa mostra a divisão do terreno entre seus empreendedores. A atual Avenida Brigadeiro Luis Antonio aparece com sua denominação original: Rua de Santo Amaro.

largura de frente, confinando de um lado com terreno de Candido de Moraes Bueno, de outro lado com José Maria Braga, com a rua de Santo Amaro e com diversas glebas de terras de diversas pessoas. O segundo lote media 624 metros para a rua Real Grandeza por 247 metros de fundo, tendo nesta parte a mesma largura da frente, confinando de um lado com a rua Pamplona, de outro lado com a rua de Santo Amaro, e pelos fundos com terreno do vendedor.⁴¹

Adquiriram, ainda, do Doutor Candido de Moraes Bueno e sua mulher, Dona Jecia de Queiroz Telles, uma chácara denominada "Bela Sintra", com frente para a rua projetada Real Grandeza, freguesia da Consolação, dividindo pela várzea com terreno da chácara conhecida por chácara do Rosa (Doutor José Feliciano da Rosa). Segundo descrição da época, o terreno dava frente para a rua Real Grandeza, com comprimento total de 550 metros (250 braças), a partir do pasto que está a 44 metros (20 braças), para os lados dos terrenos do Bexiga e, por isso até 44 metros do ponto de intersecção da rua Real Grandeza com o valo divisório atual da Bela Sintra, onde existe uma porteira de varas.

Além dos terrenos citados, os empreendedores compraram outros lotes de terras do espigão mesmo após o início dos trabalhos de execução da Avenida.

A responsabilidade pela execução dos desenhos de locação das obras ficou provavelmente a cargo do agrimensor Tarquinio Antonio Tarant, que foi contratado para a realização destes serviços, sob a constante e direta fiscalização de Joaquim Eugênio de Lima.

As obras de construção da Avenida compreendiam diversas fases. Entre elas, o aterro do vale por onde hoje passam os túneis da avenida Nove de Julho e todo o movimento

⁴¹ Idem, pg. 11. Alguns documentos antigos indicam que Mariano Antonio Vieira também havia sonhado com a construção de uma avenida no local: "Da escritura de 17 de março de 1890, consta a Rua Real Grandeza como projetada; e em outras, há referências às Ruas Mariano e Maria Isabel", contudo, pelo "Índice da Planta da Cidade de São Paulo", da época, verifica-se que as Ruas Real Grandeza, Mariano e Maria Isabel, nele não figuram, o que nos leva a concluir que elas eram apenas trilhas ou caminhos, sem qualquer reconhecimento oficial.

de terras necessários para o arruamento e pavimentação. Compreendia, ainda, a arborização e o cercamento de todos os terrenos marginais da avenida Paulista, que surgia com características até então desconhecidas para a cidade: 30 metros de largura por 2.800 metros de extensão.

Além das obras da Avenida propriamente dita, seus idealizadores empreenderam obras para a construção das alamedas transversais. Estas alamedas foram traçadas por Bartholomeu Banchia, cujos serviços custaram Rs.250:000\$000, e receberam os seguintes nomes, dados por Joaquim Eugênio de Lima em homenagem a cidades do Estado: alameda Amparo (hoje alameda Campinas) no sentido transversal à Avenida Paulista; e no sentido longitudinal à mesma, alameda Ribeirão Preto. No lote da ala oposta, isto é, que ficava para o lado do atual Jardim América, no sentido transversal à Avenida, deu os nomes de alameda Campinas, Rio Claro, Casa Branca, Limeira (atual Peixoto Gomide), Jundiaí (hoje Ministro Rocha Azevedo); e no sentido longitudinal àquela, alamedas Santos, Jaú, Itu, Tietê e Lorena.⁴² Entre estas alamedas previram-se lotes com dimensões excepcionais que até então eram denominadas por chácaras.

A arborização e o ajardinamento da Avenida foi fruto do trabalho de um francês, de nome Paul Villon, trazido especialmente do Rio de Janeiro por Joaquim Eugênio de Lima. Além desses serviços, Villon procedeu ainda a construção de um pavilhão restaurante no Parque da Avenida. Este Parque recebeu, inicialmente, seu nome (Parque Villon) e, atualmente, é conhecido por Parque Tenente Siqueira Campos, que descreveremos mais adiante. Naquela época, depoimentos diziam que este Parque em nada ficava a dever aos existentes nas grandes cidades européias.

Documentos existentes apontam que cada árvore plantada na avenida ficou em três mil réis. Todas elas eram

⁴² Ibidem, pg. 19.

estaqueadas com ripas que custaram quatro mil réis a dúzia.

Uma matéria publicada no jornal *Diário Popular*, de 11 de maio de 1891, nos permite ter uma idéa das obras em curso na Avenida, além de apontar alguns problemas que já ocorriam na ocasião, tal como a necessidade pressentida pelo jornalista de integração da avenida com o restante da cidade. A nota dizia:

Temos por vezes nos referido áquella Avenida assignalando o grande melhoramento que ella constitue, o admiravel aformoseamento que ella representa para esta Capital.

E voltamos ainda uma vez a tratar della, por entender que nunca é demasiado o encarecimento de uma obra dessas, tanto mais quanto estamos convencidos que quasi toda a nossa Capital está dividida, em uma parte ignora a sua existência, e em outra que não pôde dar-lhe o apreço que ella merece, porque ainda a não viu, ainda não a visitou.

Imagine-se sobre uma eminencia, a que chegamos depois de uma subida suave e absolutamente nada fatigante, um planalto, no qual sobre uma extensão de trez kilometros pouco mais ou menos de comprimento, foi aberta uma alameda de cerca de trinta metros de largura, perfeitamente nivelada, cuidadosamente macadamizado o solo com pedregulho branco, ostentando em todo aquelle dilatado espaço, dous renques de formosas arvores em cada um dos lados; imagine-se que dahi, a cada passo que avançamos, o olhar domina e descortina, à direita, as mais variadas paisagens, elevando-se na extrema os multiplos grupos de habitações que compõem a nossa Cidade, e à esquerda, os vastos terrenos em que vão ser edificadas as Villas Mearin e Mayrinck, extendendo-se além dellas, a perder-se de vista, a varzea de Santo Amaro; imagine-se que em meio dessas perspectivas, cada qual mais agradável ao espirito, o organismo recebe em plenos pulmões um ar sadio, fortificador, oxygenado pela exuberante vegetação que viceja e cresce luxuriosa nos terrenos que margeam esse lindissimo lugar, e ter-se-á uma idéa embora bem desmaiada do que é hoje a Avenida Paulista.

E se remontarmos a um periodo de alguns annos, isto é, um periodo que dê lugar a que os terrenos marginaes da Avenida sejam occupados pelas elegantes edificações que, ao certo, nelles se levantarão; e os dous renques de arvores nos seus lados plantados cresçam; e uma linha de bonds percorra-a pondo-a em rapidissima communicação com a Cidade, ligando igualmente por dous ou trez minutos de viagem o Bairro da Consolação ao do Vergueiro; e passeantes a pé, a cavallo e de carro, enchendo-a de movimento, de vida e de ruido, se remontarmos a essa proxima época, chegaremos á convicção de que a Avenida Paulista está destinada a ser o mais aprazível sitio desta Capital, o seu mais attrahente passeio, aquelle que mais honra lhe fará, por que não teremos um equal em toda a Republica e elle disputará com vantagem primasias aos melhores da Europa.

E toda esta obra, que tem custado e vai custar ainda dispendio avultadissimo, que é feito exclusivamente pela bolsa dos proprietários dos terrenos

que margeam a Avenida, sendo já esta extraordinaria concorrida, não é absolutamente zelada pelos poderes competentes.

E intuitivo que os cavalheiros que não regateam dinheiro para dar áquelle logar todas as condições da commodidade e da belleza, visam interesses futuros; mas é igualmente intuitivo que a Avenida como está sendo realizada vai ser para esta Capital um melhoramento incomparavel, e bastava esta consideração para que os poderes competentes estabelecessem a mais activa vigilancia para que espiritos perversos, verdadeiros vandalas não estragassem, como tem succedido, as obras de aformoseamento da Avenida, ora cortando as arvores nella plantadas, ora destruindo os enquadros que as preservam da voracidade dos animaes.

E para isto seria apenas sufficiente a collocação já, alli, de combustores, e que fosse estabelecido um policiamento regular para toda a longa extensão que a Avenida percorre.

Não é muito o que se pede á Intendencia, á Policia e ao dr. Governador, que facilmente comprehenderão que, attendendo a este pedido, não fazem mais do que o seu dever, uma vez que considerem que os cofres publicos nada tem dispendido com um melhoramento que em toda a parte é grandemente subsidiado por aquelles cofres.

A illuminação da Avenida e o seu policiamento evitarão que alli continuem a ir cotejar animaes de corridas, com grande perigo dos transeuntes, e que seja damnificada a sua arborisação por maldade intencional e por abusos dos carroceiros que conduzem os seus vehiculos, o que é prohibido pelas posturas municipaes.

Não há, estamos certos, quem visitando a Avenida Paulista, deixe de julgar justissima a nossa reclamação.

E realmente censuravel não zelar por aquella obra esplendida.⁴³

Em outra matéria publicada no mesmo jornal, em 18 de maio de 1891, noticiava-se a visita feita pelo "Dr. Governador do Estado" às obras em curso na Avenida, a convite de Joaquim Eugênio de Lima. Pela aproximação das datas é possível que o Sr. Governador tenha ido visitar as obras em razão da publicação da nota acima.

Acompanharam o "Dr. Governador", o seu ajudante de ordens, o senador Rangel Pestana, o dr. Presidente da Intendência e redator do jornal *O Estado de São Paulo*, Rui Mesquita, o "estimável moço Paulino da Fonseca" e o redator da matéria.

Segundo dizia o redator, os "excursionistas" partiram à 1 hora da tarde e voltaram às 4, tendo occupado todo esse tempo em examinar a Avenida Paulista, cujas obras, posto ainda não estejam concluidas, abrem já margem a que

⁴³ *Idea*, *Ibidem*, págs. 27-30.

com segurança se possa avaliar do aspecto magnifico que apresentará aquelle local, quando ellas chegarem a termo."⁴⁴

Na visita, impressionado com o andamento das obras e reconhecendo a necessidade de dotar a Avenida com outros melhoramentos que dependiam dos poderes públicos, o Sr. Presidente da Intendência declarou, no momento em que era servido um "delicado *lunch*, na pitoresca Chácara da Bella Cintra, no qual foi saudado o Dr. Governador em nome dos proprietários dos terrenos marginaes da Avenida, que a corporação não pouparia auxilios para o desenvolvimento e embellezamento da Avenida Paulista".⁴⁵

Esses emergenciais melhoramentos consistiam em que o governo autorizasse o estabelecimento de uma linha de *bonds* e uma linha regular de iluminação na Avenida, além de providenciar melhorias urbanas da Rua de Santo Amaro. Este conjunto de medidas não demorou a se efetivar. No espaço de alguns meses as obras estavam prontas, com seus dois mil e oitocentos metros de comprimento, assim como a extensão da rede dos serviços de água e esgotos até a Paulista, determinadas pelo Sr. Teodoro Sampaio. Em relação a isso, o jornal *O Estado de São Paulo*, publicava na sua edição de 9 de novembro de 1894, a seguinte matéria:

Avenida Paulista: - Vão adeantados os serviços de abastecimento da água para a Avenida Paulista. Espera-se que por estes dias os habitantes daquelle bairro poderão fazer os pedidos de ligação.

Assim, após exaustivos trabalhos, finalmente, estava pronta a Avenida Paulista para a sua inauguração.

⁴⁴ Ibidem, págs. 30-3.

⁴⁵ Ibidem, págs. 30-3.

A INAUGURAÇÃO DA AVENIDA PAULISTA

O dia da inauguração da Avenida foi motivo de grande festa. O término das obras e a entrega para uso da população foi celebrado efusivamente. Era uma Avenida de reconhecido valor e beleza rara para os paulistanos. Além disso, estava aberta, enfim, a possibilidade para novos meios de expansão da cidade.

Em setembro de 1952, Wilson Maia Fina, em um interessante artigo que mistura dados de época com figurações simbólicas, e intitulado curiosamente "A Rainha Destronada", fez uma descrição do que teria sido a inauguração da Avenida, a 08 de dezembro de 1891. Este título, aliás, bastante sintomático, reflete muito bem o pensamento que se adquiriu em relação à Paulista após a fase áurea em que os grandes milionários nela se estabeleceram, assunto que trataremos com maior profundidade, mais adiante.

Parte deste artigo que transcrevemos a seguir possibilita ter uma idéia, a despeito das suas alegorias, da maneira como a população teria sido despertada para esse novo espaço da cidade, assim como a sua participação na programação do dia inaugural.

... Já se impacientavam todos, retidos na barragem, quando surgiu, ao som de clarins, puchados por magníficos cavalos, do mais puro sangue, o landau, trazendo o presidente, o prefeito e a ilustre comitiva do mundo oficial, recebidos na entrada por Joaquim Eugênio de Lima e José Borges de Figueiredo.

Encaminharam-se ao palanque armado à sombra dum frondoso jacarandá. Após a troca de saudações e discursseiras, convidou Eugênio de Lima, as ilustres personalidades a se aboletarem no bondinho da Cia. Carris Urbanos (a tração animal), ia realizar percorrendo a distância entre a estrada do Caaguaçu e a rua da Consolação.

O povaréu vinha atrás do bondinho.

Estranharam todos o novo aspecto da chácara.

Já não mais existia aquelas alamedas tortuosas cheias de árvores, noutros tempos tantas vezes palmilhadas a cata de jaboticabas ou mitigar a sede nas águas da nascente.

Eram agora ruas abertas, geométricamente, com leito bem tratado, alinhadas em retas extensas, um imenso taboleiro de xadrez.

A larga picada feita através da mata pelo major Benedito A. Silva e que a paixão urbanística de Mariano A. Silveira alargou denominando rua Real Grandeza, e que vinham agora Borges de Figueiredo e Eugênio de Lima, transformando-a, tratando-a, alargando-a para 30 metros e dotando-a com o bondinho que a ligaria com os extremos, inaugurá-la, na que mais tarde ia ser a megastosa e senhorial Avenida Paulista, a rua chamada "A Rainha da Cidade"

Lá no outro lado do chamado sítio do Capão, na embocadura da Estrada de Pinheiros desceram do bondinho os ilustres convidados. Despedindo-se de Eugênio de Lima agradecia o Prefeito em nome da cidade a grande iniciativa que tomara de dotar a urbs, de tão grande melhoramento, dando um novo bairro, "que estava fadado a ser o recanto preferido pelas pessoas de bom gosto e tornar-se um lugar aristocrático por excelência".

Estava assim oficialmente inaugurada a Avenida Paulista.⁴⁶

Outro fato também bastante importante ocorrido nesse mesmo dia foi a inauguração da nova linha de *bonds*. O jornal *Diário Popular*, na sua edição de 09 de dezembro de 1891, noticiava o episódio dessa maneira:

Nova linha de bonds. - Deu-se ontem, ao meio-dia, a inauguração da nova linha de bonds que, partindo da Rua Boa Vista, seguindo pela de S. José, São João, Formosa, Santo Antonio (ho Bexiga), Abolição, Rua Santo Amaro, dirige-se á Avenida Paulista.

O trajecto foi feito em 30 e poucos minutos, apesar das grandes subidas, que ha em parte delle.

A linha está perfeitamente assentada e os carros correram rapidamente e sem o menor accidente.

Os convidados, directores, etc., tomaram logar num novo carro, semelhante, descontando o tamanho, aos de 1ª Classe da Estrada de Ferro Norte.

Na Avenida foi servido um bem preparado lunch aos convidados.

Na volta, o sr. dr. fernado de Albuquerque offereceu na sua poetica residencia, á rua de Santo Antonio, um delicado lunch aos cavalheiros que vinham no carro inaugural.

Ahi foram trocados diversos brindes, salientando os meritos e serviços da maioria dos presentes.

A nova linha de bonds vae proporcionar, a parte do publico, todas as commodidades proporcionadas por uma viação constante e barata; aos habitantes de São Paulo, o meio facil de fazer um passeio agradável á Avenida Paulista, hoje o ponto mais encantador de São Paulo.

Agradecendo o convite recebido, damos sinceros parabens não só á Companhia e ao publico, mas ainda aos arrojados proprietarios da Avenida Paulista, não só por

46 FINA, W. M. Rainha Destronada, *Acrópole*, n. 173, 1952.

esta em si, mas pelos resultados que, com a nova linha, colherão de seus esforços e capitães, allí accumulados.⁴⁷

A reportagem acima, além de enfocar o momento inicial da nova linha de *bonds*, mostra também outros aspectos extremamente importantes do panorama em que se deu a inauguração da própria Avenida Paulista.

No *lunch* oferecido pelo Dr. Fernando de Albuquerque, segundo o noticiário da época, foi proferido um discurso pelo Sr. Milliet, louvando a iniciativa de Joaquim Eugênio de Lima. Nesse discurso, após historiar a vida daquele empreendedor, Milliet terminou dizendo: "Este homem merece, com a gratidão dos paulistas, uma estátua". No entanto, lamentavelmente, só 60 anos depois, a 13 de junho de 1952, foi que, afinal, se inaugurou, no Parque Tenente Siqueira Campos, o busto em bronze, em homenagem a Joaquim Eugênio de Lima.

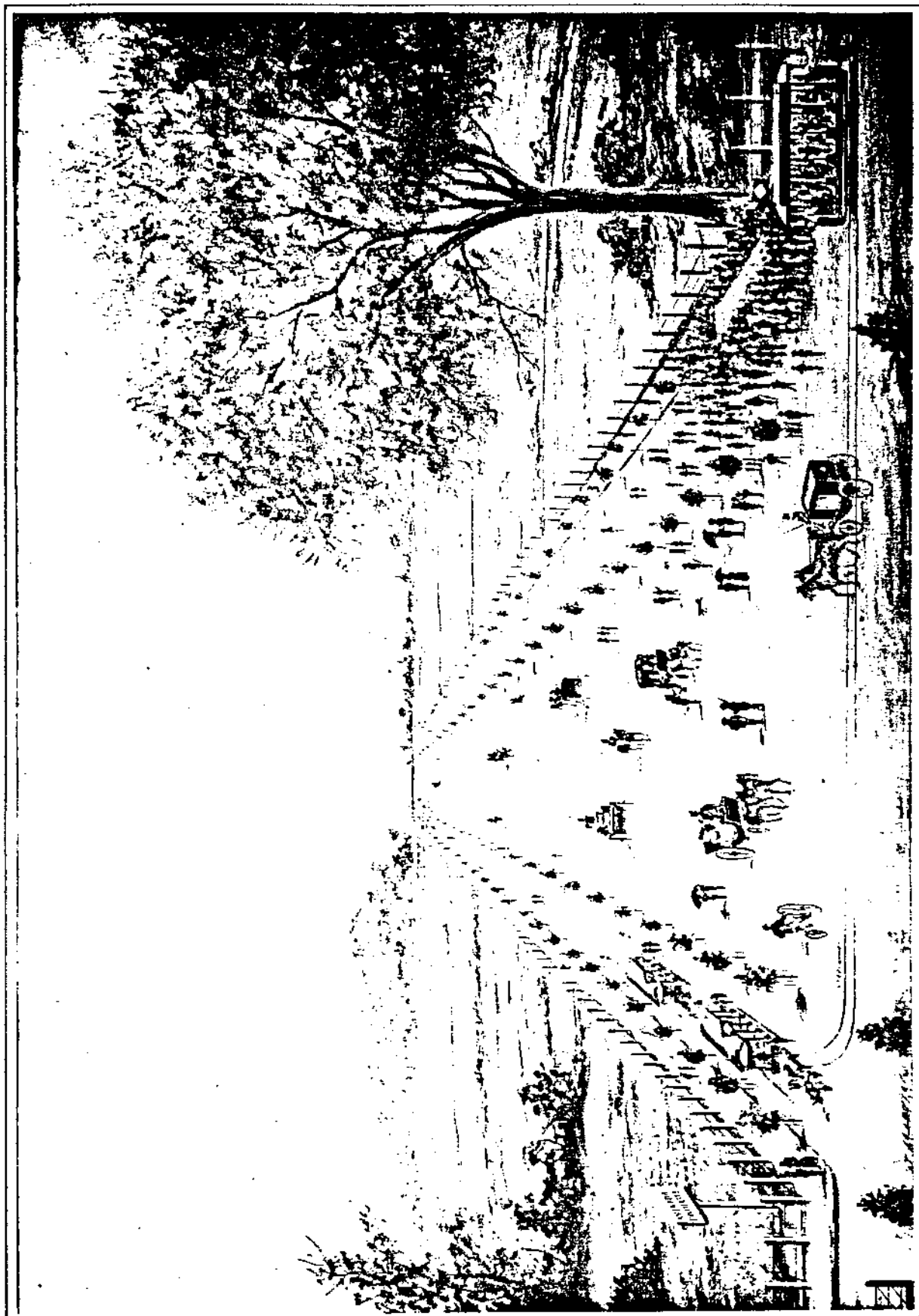
Queria Joaquim Eugênio de Lima, a princípio, que a nova avenida se chamasse "Prado de São Paulo", ou "Avenida das Acácias". Todavia, seus amigos e admiradores propuseram que a ela se desse o seu próprio nome: "Avenida Joaquim Eugênio de Lima". Mas, Eugênio de Lima não concordou com isso e teve a frase feliz, que ficou marcada na história da cidade de São Paulo, e deu nome definitivo para a nova via pública paulistana:

- Meus amigos! disse ele: então se chamará Paulista! Avenida Paulista em homenagem aos paulistas!⁴⁸

Esse nome, entretanto, veio a ser alterado em 1927, após o falecimento do então presidente Carlos de Campos. A Câmara Municipal, a fim de homenagear a memória daquele político, mudou a denominação antiga para Avenida Carlos de Campos. Devido à reação popular contra a alteração, já em 1930 voltava a ter, oficialmente, a sua

⁴⁷ AZEVEDO FILHO, R., op. cit., págs. 34-5.

⁴⁸ MARQUES, B. *Ruas e Tradições de São Paulo*, pg. 44.



6. Quadro de Jules Martin, de 1891, retratando as festividades do dia da inauguração da Avenida Paulista, em 8 de dezembro de 1891.

denominação primitiva.

Segundo o bisneto de Joaquim Eugênio de Lima, Sérgio Luiz de Lima Júnior, na ocasião da inauguração da Avenida, em meio às solenidades, no banquete oferecido na chácara do Dr. Fernando de Albuquerque, Joaquim Eugênio de Lima fez um pronunciamento que revelou toda a sua visão de futuro:

Esta avenida será a via que conduzirá São Paulo ao seu grande destino. Representará para o Brasil o que Paris representa para a França e para o mundo, bastando que continuemos na senda da cultura, perseguindo o progresso, que é a maior sede deste povo.⁴⁹

Pela reprodução de um quadro, a pastel, feito por Jules Martin, que retrata este dia inaugural, pode-se ter uma idéia bem clara das dimensões da grande artéria para a época. (vide ilustração nº 6) O original deste quadro foi oferecido a Joaquim Eugênio de Lima naquele dia por Jules Martin, e posteriormente, sua viúva o doou para o Museu Paulista. Jules Martin veio para o Brasil em virtude de reiterados convites feitos por Joaquim Eugênio de Lima, que acabou sendo o braço forte que ele encontrou em São Paulo.

No quadro pode-se ver o momento em que era servido o *lunch* na frente do lote do Dr. Fernando de Albuquerque, com todas as autoridades e populares ao redor: "uma lauta mesa de doces colocada na esquina com a atual avenida Brigadeiro Luis Antonio". Pode-se ver, ainda, que estava a Avenida perfeitamente pavimentada a pedregulho, com guias nas calçadas e passeios rigorosamente aparelhados. Além disso, podemos distinguir à esquerda do quadro a mata "deixada" na Avenida, que viria a se constituir posteriormente no Parque Villon. Ao fundo, mais distante, o Morro do Jaraguá.

Na Avenida propriamente dita, o leito carroçável é dividido em três vias, sendo cada uma delas ladeada por

⁴⁹ Revista VEJA de 04 de dezembro de 1991, pág. 12.

magnólias e plátanos. Possuía, ainda, em ambos os lados, um passeio para pedestres, contruído em terra batida. Documentos existentes apontam que cada magnólia plantada na avenida custou Rs. 3\$000. Todas as árvores eram estaqueadas com ripas que custaram de Rs. 2\$800 a 4\$000 a dúzia. Destinadas ao *bond*, pelo seu lado esquerdo; as carruagens, ao centro; e os cavaleiros, à direita. Magnólias e plátanos separam as pistas.

Na sede da chácara Bela Sintra, situada nas proximidades da atual Padre João Manuel, entre as alamedas Franca e Tietê (cujo portão se achava situado na Avenida Paulista, exatamente onde hoje começa a citada Rua Padre João Manuel), Joaquim Eugênio de Lima ofereceu ao governador, deputados, presidente da Intendência, camaristas, jornalistas e pessoas gradas uma festa magnífica para comemorar a inauguração do "mais arrojado feito urbanístico que até então havia sido realizado na América do Sul", segundo os depoimentos da época.

AS PRIMEIRAS LEGISLAÇÕES ESPECÍFICAS PARA A AVENIDA

Nos primeiros cinco anos de existência da Avenida Paulista, as legislações que nela incidiram caracterizaram-se como medidas para o disciplinamento do seu uso, tanto a nível público quanto privado.

Foram três as leis que versaram sobre o assunto nesse período: A lei nº 100, de 1894, que tratava da proibição do uso da via pelas boiadas, que ainda costumavam passar pelo local. A lei nº 111, também de 1894, que regulamentava o sistema de edificações, e a lei nº 197, de 1896, que dispunha sobre a plantação de arvoredos no leito da avenida.

Entre elas, merece um destaque maior a lei nº 111. Sua importância reside no fato de estabelecer, já naquela época, um padrão de ocupação para os lotes da Avenida. Com isso, pode-se garantir uma desejada qualidade ambiental a partir do momento em que se construíram as primeiras edificações. Além disso, ela revela outras questões que são igualmente importantes, como veremos mais adiante. Primeiramente destacaremos a lei nº 100:

LEI nº 100

Como ainda não havia uma ocupação significativa dos lotes que permitisse uma apropriação mais consistente dos espaços públicos da Avenida, certos costumes, anteriores à sua construção, ainda faziam parte do seu cotidiano.

Como exemplo, há o caso das boiadas que continuavam a passar pela Avenida em direção ao Matadouro da Vila Mariana. Essas boiadas vinham, geralmente, de Sorocaba pelo caminho da Vila de Pinheiros e ao atingir a chácara do Itatiaia, não procuravam mais o paredão da Memória e se enveredavam pela Avenida Paulista. Segundo depoimentos da época, Joaquim Eugênio de Lima não se conformava com esse trânsito diário e via com reservas a passagem do gado pela Avenida construída com muito esforço.⁵⁰ A municipalidade, entendendo da mesma forma, fez baixar a lei nº 100/1894, proibindo o trânsito do gado pela Avenida e estipulou uma multa de R\$ 50\$000 de penalidade aos infratores.

Este singular episódio pode ser constatado na interessante matéria publicada no jornal *O Estado de São Paulo*, de 06 de maio de 1894. Neste artigo, que transcrevemos abaixo, reclamava-se uma posição mais enérgica das autoridades municipais no enfrentamento do problema. Além disso, o artigo também solicitava providências contra a corrida de pequenos veículos a tração animal, que se realizava aos domingos. Essa corrida viria a se constituir, anos mais tarde, nos famosos cursos que se consagraram na

50 FINA, W. M., op. cit.

história dos eventos da Avenida Paulista. A nota jornalística formulava dessa maneira a sua reclamação:

AVENIDA PAULISTA:- A Avenida Paulista um dos pontos mais bellos da nossa capital e que sem duvida constitue hoje um dos passeios mais procurados, principalmente aos domingos, não tem tido a devida attenção do poder publico.

Ha tempos, choveram reclamações á Municipalidade, pela imprensa, contra o facto de alli passarem boiadas com direcção ao Matadouro, com grande prejuizo da arborização que lá se fez, reclamações essas que determinaram uma lei, a de nº 100, baixada com o fim de prohibir esse abuso. Não obstante essa resolução da Camara, o abuso continuou e, ainda hontem, garantem-nos informações fidedignas, lá passaram duas boiadas.

E não é somente isso. As árvores, novas ainda, são cercadas de engradamento para que possam prosperar; esse engradamento desaparecerá com o continuado transito de bois, e tambem por uma celebre corrida de pequenos vehiculos que alli se faz aos domingos. As pessoas que os guiam no intuito de vencer uma á outra, disparam os cavallos, mettendo os vehiculos por entre as arvores, resultando ora em uma dellas resvalarem, ora quebrar um engradamento.

Os inconvenientes que d'ahi resultam sabe a Camara, tanto que fez baixar aquella resolução; porque, pois, não a torna effectiva?⁵¹

E oportuno destacar ainda um outro fato bastante revelador na matéria acima. Dizia o articulista que a Avenida Paulista já se constituia em um dos "pontos mais bellos da nossa capital", assim como, um dos locais mais procurados para passeios, principalmente aos domingos. Desse modo, fica evidente o grau de importância que a Paulista já despertava junto à população. Era, sem dúvida, uma diferente opção de lazer na cidade.

Assim, diante deste quadro, e somado às facilidades oferecidas pelo transporte regular de bondes, a Paulista já se configurava em um ambiente mais que propício para novas ocupações. Além disso, vale salientar um outro aspecto. Sabia-se, com certeza, que a sua ocupação com edificações não demoraria a se efetivar e, sobretudo, reconhecia-se que a Avenida estava mesmo destinada a receber construções de vulto. Em outro artigo, do jornalista Lucien Grillet, no mesmo ano, essa questão ficava bem clara. O

⁵¹ AZEVEDO FILHO, R., op. cit., pág. 40-1.

artigo dizia:

E opinião corrente, e desta não somos mais que "eco", que num futuro próximo os numerosos palacetes que se elevarão de cada lado desta Avenida formarão um bairro elegantemente aristocrático.⁵²

LEI nº 111.

Esta lei tratava da regulamentação do sistema de edificações na Paulista. O seu parágrafo único dizia:

Nenhuma casa poderá ser edificada na Avenida Paulista sem que deixe entre o alinhamento e a frente da mesma um espaço de 10 metros pelo menos, para jardim ou arvoredos e bem assim um espaço não menos de dois metros de cada lado.⁵³

Conforme mencionamos anteriormente, esta lei revela um aspecto da maior importância no contexto da expansão territorial de São Paulo. Ela propõe um modo de implantação da arquitetura urbana bem diverso do esquema tradicional que praticamente se consolidou em boa parte da cidade. Esquema que se caracterizava, basicamente, pela ocupação do lote com o máximo de aproveitamento.

Este princípio teve a sua origem no período colonial e organizou espacialmente todo o perímetro histórico do centro da cidade. Com ele, cristalizava-se uma imagem de São Paulo como uma cidade de becos, ruas tortas e vielas estreitas.⁵⁴

Conforme já adiantamos no capítulo anterior, sobre São Paulo no final do século XIX, com o avanço das técnicas construtivas, os critérios de ocupação dos lotes tinham-se alterado significativamente. Em consequência, modificavam-se os hábitos de viver em São Paulo, que se tornou muito mais complexo e sofisticado. Evidenciava-se uma "re-europeização de nossa cultura, que buscava manter-se a par dos modelos

⁵² *Idea*, pág. 42.

⁵³ Leis de resoluções e actas da Câmara Municipal da Capital do Estado de São Paulo de 1894-95, Casa Venardan, 1915, pág. 29 in CARNEIRO, M. L. T. *Avenida Paulista*, processo Condephaat 22.116/82, pág. 63.

⁵⁴ Estreitas e tortuosas, as ruas do Triângulo eram "bordejadas por belas lojas e casas vastas e sólidas, de bonita arquitetura". Paulo Walle, viajante francês in BRUNO, E. S., op. cit.

européus da época ditados pelos países mais progressistas, como a França, Inglaterra, Alemanha, Suíça, Bélgica, etc...".⁵⁵

Dessa forma, as edificações já eram construídas respeitando-se afastamentos das divisas laterais dos terrenos e com condições higiênicas mais adequadas. Ocorria "em São Paulo a vulgarização dos jardins a ponto de, futuramente, toda a casa que se prezasse iria ter seu jardim fronteiro"⁵⁶ Esta nova forma de assentamento do edifício podia ser vista em vários locais da cidade nesse período; entretanto, em outros, o esquema tradicional ainda vigorava.

O crescimento progressivo da população e a sistemática falta de moradias não permitiam as mínimas condições para uma intervenção de caráter normativo por parte do Poder Público. Dessa forma, em vários bairros da cidade, as edificações, principalmente as residenciais, ainda eram construídas sobre o alinhamento das vias públicas e sobre os limites laterais dos terrenos. O conjunto dos prédios, unidos lote a lote, definia espacialmente as ruas, e a presença do verde, quando possível, somente era encontrada nos fundos dos lotes. Como exemplo, vale destacar o Bexiga, por estar próximo à Avenida Paulista.

É necessário esclarecer, a bem da verdade, que este padrão de assentamento era operado em lotes com menores dimensões do que os existentes na Avenida Paulista. Além disso, em bairros urbanizados sem as medidas prévias de planificação e que sofreram rápidos processos de adensamento ocupavam-se os locais onde não haviam mais lotes vagos ainda por construir.

No caso da Avenida Paulista, distintamente do esquema tradicional, além da planificação anterior que a estruturou fisicamente quando iniciada a sua construção, já se pensava nela como uma grande Avenida. Segundo seus idealizadores, a Paulista seria uma das mais importantes

⁵⁵ HOMEM, M. C. N. *Higienópolis - Grandeza e decadência de um bairro paulistano*, pág. 63.

⁵⁶ *idem*, *ibidem*.

artérias de comunicação da cidade. Por esta razão, os lotes foram definidos com excepcional dimensão e, obviamente, nenhum dos seus proprietários conseguiria ocupá-los em sua totalidade. Tinha-se, assim, um quadro favorável para a existência da lei nº 111.

Essas diferenças de ocupação entre o modo tradicional e aquele destinado à Avenida Paulista eram, então, determinadas por uma série de fatores. Além das condições físicas do lugar e pela existência ou não de uma planificação anterior, a questão econômica era, sem dúvida, o principal deles. Condição essencial para o entendimento do fenômeno. No primeiro caso e em grande parte, a forma de assentamento das edificações era difundida nos bairros da baixa classe média e operária e, na Paulista, para a classe mais abastada.⁵⁷

Da mesma forma como ocorreu na Paulista, alguns bairros da cidade também foram inicialmente planejados e destinados às classes mais ricas. Por exemplo, vale destacar o Campos Elíseos e Higienópolis. A princípio, como bairros residenciais, foram estruturados por iniciativa de particulares e caracterizavam-se com ruas largas e lotes desafogados. No caso de Higienópolis, por exemplo, seus empreendedores, influenciados pelo exemplo da Paulista, solicitaram junto à Câmara Municipal um regulamento que assegurasse seu uso exclusivamente residencial, assim como uma norma específica para ocupação.⁵⁸

Finalizando, uma outra questão deve ser ressaltada com a presente lei, talvez a mais importante. Com ela, o Poder Público definiu, com base em uma realidade física já dimensionada, um conceito de espacialidade específica para a Avenida. Este procedimento revela uma postura própria de um planejamento com critérios modernos; ou seja, a partir de

57 LEMOS, C. A. C., op. cit., pág. 56.

58 Neste caso, vigorava a lei nº 355, segundo a qual eram obrigadas "as construções de casas nas Avenidas Higienópolis e Itatiaia (atual Avenida Angélica) a respeitarem 6 metros entre o alinhamento e a frente da casa, pelo menos, para jardim e arvoredos, e bem assim, um espaço não menor de 2 metros de cada lado". HOMEN, M. C. N., op. cit., pág. 63.

uma abstração, de uma idéia de espacialização, definiu-se um esquema formal de assentamento. A regra que ela enseja, no caso, visa a garantir a produção eficaz do esquema no espaço da Avenida.

Na prática, esta forma de ocupação proposta pela lei divergia radicalmente do modo tradicional. Tratou-se de buscar uma tipologia que privilegiasse maiores espaços livres. Espaços destinados a jardins ou arvoredos nas frentes das edificações e recuos laterais. Enfim, um esquema com uma evidente preocupação com a qualidade da paisagem. Desse modo, estaria assegurado um desejável ambiente à medida que se consumassem as primeiras edificações na Avenida.

LEI Nº 197

Definida também pela Câmara Municipal, resolvia autorizar o Sr. João Diemberg a proceder a plantação de arvoredo, alinhados no meio fio da avenida. Esta providência revelou-se, à época, extremamente significativa, pois a população sensibilizada acostumou-se a ir ver os ipês floridos que chegavam junto com a primavera.⁵⁹

OS PRIMEIROS MORADORES

Uma leitura da lista de moradores que se estabeleceram na Avenida nesta primeira etapa da sua implantação leva-nos a considerar algumas questões.

Ainda hoje, é comum ouvir-se o comentário de que os primeiros moradores da Avenida Paulista, que habitavam os grandes palacetes, eram os "Barões do Café". No início da década de 1980, quando houve aquele episódio de tristes

⁵⁹ FINA, W. M., op. cit.

recordações, referente à demolição simultânea de vários casarões remanescentes desta primeira etapa na Avenida, com grande repercussão pela imprensa, o termo foi equivocadamente usado em demasia. Até hoje, ainda se ouve referências deste tipo.

O termo, evidentemente, está ligado ao período no qual o café foi uma das principais alavancas da economia, gerando grandes fortunas em São Paulo. Na verdade, os "Barões do Café" realmente existiram na Avenida, como foi o caso de Francisco Santos Schmidt, imigrante alemão que era conhecido como o "Rei do Café"; entretanto, eles não estavam sós. Ao lado deles encontravam-se outros moradores que não eram propriamente produtores do grão, mas intermediários da sua comercialização.

Afora isso, também já estavam na Avenida, mesmo no seu período inicial, representantes da nova camada social em ascensão, que passa a ocupar cada vez mais um papel com maior destaque na vida econômica da cidade; ou seja, os imigrantes enriquecidos com a expansão da indústria e do comércio, como foi o caso do Conde Francisco Matarazzo, sobre o qual falaremos mais adiante.

Benedito Lima de Toledo nos dá uma versão sobre o assunto, que poderia justificar os equívocos em relação à origem do conjunto desses moradores:

A Avenida contava com uma "nobiliarquia própria", segundo o folclore urbano. Pela leitura da bibliografia disponível, a Paulista era de fazendeiros, barões, condes, cavaleiros e reis. Entendamo-nos. A vista dos nomes dos proprietários, fazendeiro não deveria ser somente o proprietário de fazenda (de café). Deveria ser o comerciante de fazenda estabelecido na Rua 25 de março e o banqueiro preocupado com fazenda, na acepção original da palavra. Barão seria o quatrocentão enriquecido com o café. Conde, o industrial italiano. Cavaleiro, o comerciante árabe sem outro título disponível. Rei, finalmente, seria o fazendeiro de café com fortuna incalculável (pelo menos até a quebra da Bolsa).⁶⁰

Outro fator que sustenta a diversidade dos moradores na Avenida, mesmo nesta fase inicial, refere-se à

⁶⁰ TOLEDO, B. L. de. op. cit., pág. 16.

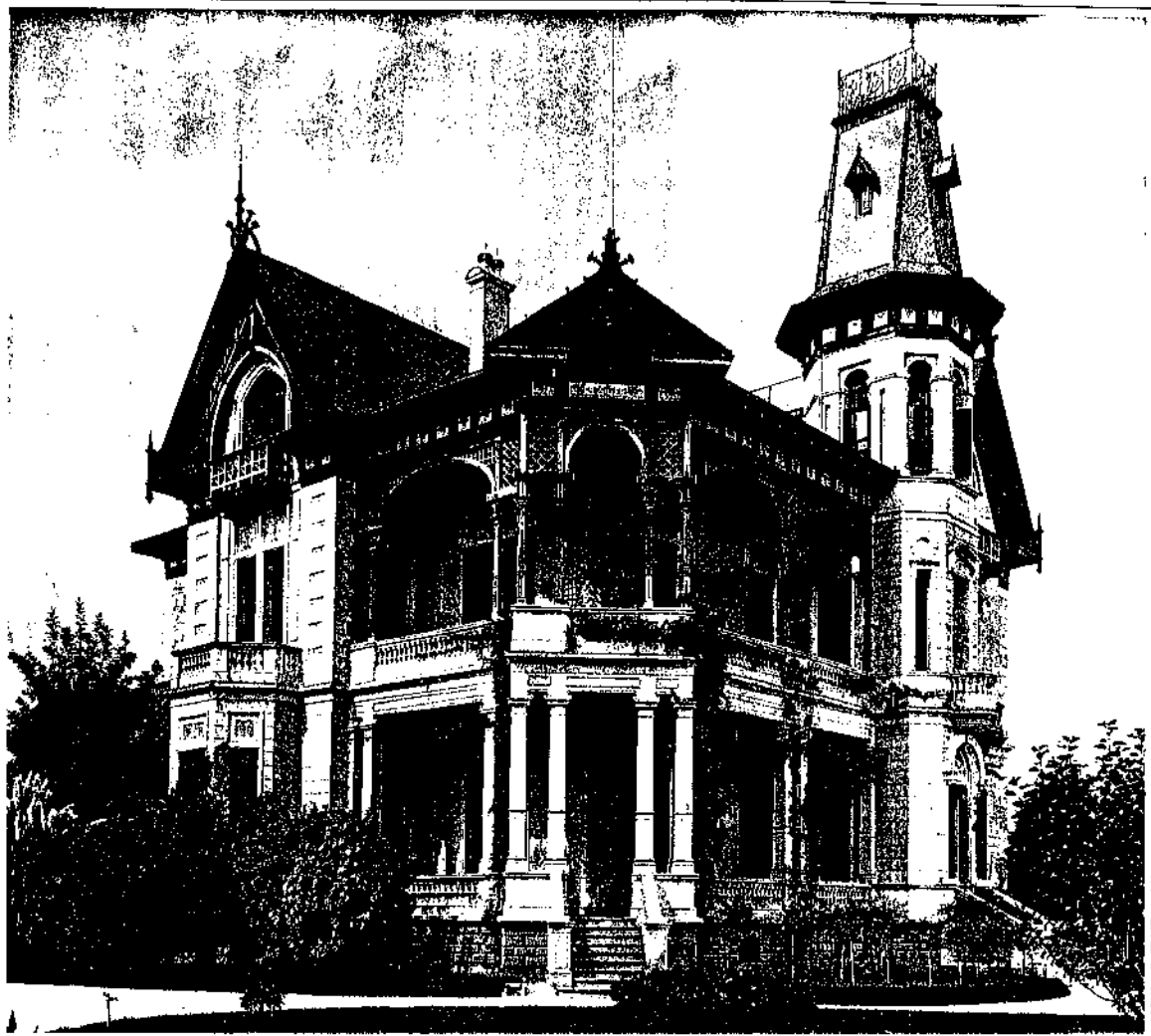
crise por que passou o café no limiar do século, nada igual à de 1929, porém, suficiente para trazer reflexos para os proprietários de fazendas.

Segundo Richard M. Morse, essa crise deixou muitos fazendeiros endividados, e trouxe para o palco das atividades econômicas a figura do "homem de negócios que se dedicava às abstrações lógicas de acumular dinheiro"; isto é: o intermediário. Segundo ele, as atividades financeiras do período tornaram-se desordenadamente intensas, gerando uma "febre de especulação que foi também responsável pela crise do café no começo do século XX". Assim dizia:

Entre 1890 e 1900 foram criados no Estado 41 municípios novos, localizados, na sua maioria, na "fronteira do café", passando o número de cafeeiros de 220 milhões para 520 milhões. Não era, contudo, o fazendeiro, mas o intermediário urbano quem tinha os maiores lucros, uma vez que comprava a preços baixos na época da colheita e vendia durante os meses em que a concorrência era menor; como exportador, foi ele que absorveu na década de 1890 grandes quantias provenientes da depreciação da moeda brasileira. Em 1905, existia um excesso de 11 milhões de sacas, ou 70% do consumo mundial anual, pois sendo de cinco anos o período para as novas plantações produzirem, não era possível uma queda brusca na produção. Os intermediários, embora não inteiramente invulneráveis, continuavam a tirar proveito da inflação monetária; mas os fazendeiros, atingidos pela queda dos preços e endividados com a manutenção de empreendimentos demasiado vastos, com o trabalho assalariado e com seu estilo de vida mais pródigo, perderam a segurança.⁶¹

Nesse panorama, então, abriam-se espaços para o crescimento industrial. São Paulo começou a atrair indústrias logo depois de 1890, período que coincide com a época de sua expansão metropolitana. Este crescimento se deu, inicialmente, com o capital resultante do subproduto do surto do café, e foi completado posteriormente pelas fortunas, a princípio modestas, conseguidas por meio do alto senso para negócios de muitos imigrantes, principalmente italianos, sírios e libaneses que se estabeleceram na capital. Foram estes, aliás, as principais famílias estrangeiras que construíram suas residências na Paulista.

⁶¹ MORSE, R. M. op. cit., pág. 281



7. Residência Von Bullow. Projeto do arquiteto Augusto Fried.

Na medida em que o conjunto da Avenida começava a receber novas benfeitorias, ganhando importância e reconhecimento, começava a atrair também essa camada social em ascensão. A preferência pela Avenida Paulista se explica, além disso, pela paisagem que ela oferecia e pela proximidade com o centro, facilitada ademais pelo sistema de transporte. Ao empresário tornava-se mais cômodo morar na Avenida pela maior agilidade nas operações com as firmas de negócios em geral, cujos escritórios e bancos estavam localizados no centro.

Com base nesses fatos, então, as primeiras residências se estabeleceram na Paulista. Por volta de 1898, ainda eram poucas. Jorge Americano, que passara pela Avenida nessa época, afirmou que ela estava "despovoada, com algumas chácaras, como a do Bulow". Esta, aliás, se constituiu numa das primeiras residências construídas na Avenida, em 1895. Pertencia aos Von Bulow, proprietários da cervejaria Antártica. (ilustração nº 7)

Além desta residência, outros moradores já haviam construído as suas casas na Avenida Paulista, antes ainda de terminar o século. Entre eles, destacavam-se principalmente: Henrique Schaumann, José Borges de Figueiredo, Alberto de Paula Silva Pereira, Dr. Luís Anhaia e a residência da família Weiszflog, imigrantes alemães, donos da Companhia Melhoramentos Indústria de Papel, ainda hoje existente na cidade.

Ao iniciar-se o século XX, a Avenida Paulista "já contava com 50 casas, todas implantadas com desafoço nos amplos lotes".⁶² Com isso, temos uma medida mais exata do rápido processo de ocupação que ela conheceu na primeira década de sua existência.

Neste contexto, praticamente se definia o caráter das edificações que a Avenida iria acolher no decorrer dos próximos anos, consolidando cada vez mais sua característica para acolher a grande parcela da elite paulistana formada

62 TOLEDO, B. L. de *A Avenida*, extraído de "São Paulo: Belle Epoque".



Nr. 15 S. Paulo - Avenida Paulista I



S. PAULO - Avenida Paulista Edição Malusardi.

dessa primeira fase da modernização de São Paulo. Em face disto, somado ainda à beleza do lugar e de algumas outras benfeitorias que já se faziam presentes no espaço da Avenida, tiravam partido os negociantes de terrenos em busca de novos compradores.

A valorização do solo da Paulista ocorreria de modo muito acelerado. Em uma nota publicada no jornal *Diário Popular*, de 13 de janeiro de 1900, ofereciam-se vários lotes para venda de terrenos nas imediações da Avenida. A nota assim dizia:

13 de janeiro de 1900

AVENIDA PAULISTA

Vendem-se lindos terrenos pouco distantes da Avenida (4ª quadra), ao preço de 40\$000 por metro de frente por 50 de fundo; estes terrenos ficam fronteiras às matas ali existentes.

Vendem-se também diversos lotes de soberbos terrenos na mesma, em conta, ao preço de 25\$ e 30\$ por metro de frente por 30, 40 e 60 de fundo; trata-se na rua Augusta nº 142,63

Um dos melhoramentos que rapidamente tratou-se de implantar na Paulista foi o serviço de telefonia. Isto se deu, certamente, por exigência desses primeiros moradores enriquecidos, que não poderiam despendar desse auxílio para o desenvolvimento dos seus negócios.

Pela lista de assinantes de 1903, proprietários de telefones, podemos conhecer outros moradores que já haviam construído suas residências. Entre eles; **Rodolpho Richter**; **Coronel Paulino Guimarães**; **Dr. Carlos de Campos**, político, foi governador do Estado no período de 1.5.1924 a 27.4.1927, filho de Bernardino de Campos, também político influente do final do século passado e rico fazendeiro da região de Amparo; **Carlos Corrêa Galvão**; **D. Antonietta d'Almeida Prado**; **Antonio Augusto Corrêa**; **H. W. Stacey**, **Francisco Matarazzo**, **Manoel Affonso Martins Costa**, **D. W. Mitchell**, que eram agentes da **Singer's Sewing Machines** e **Francisco Ferreira**

8, 9. Página anterior. Vistas da Avenida Paulista, tomadas a partir do torreão da residência Von Bullow, por Guilherme Gaensly, em 1902. A ilustração superior (nº 8), mostra a Avenida em direção ao bairro da Consolação e a inferior (nº 9), mostra a Avenida em direção ao bairro do Paraíso..

Santos Schmidt.

Dentre estes, vale a pena registrar de modo mais detalhado as presenças da família Matarazzo e de Francisco Ferreira Santos Schmidt na Avenida. Os primeiros eram proprietários de algumas residências construídas na Avenida, como a do Conde Matarazzo, existente até hoje e cuja preservação ainda não está totalmente garantida, apesar de tombada pelo Órgão do Patrimônio Histórico Municipal, o Compresp. O segundo fez fortuna com o café e era conhecido como o "Rei do Café", apesar de ter sido um imigrante alemão. Com isso, teremos a oportunidade de verificar as duas vertentes principais da elite paulistana que se estabelecia na Avenida nos seus primeiros anos de existência.

A história da família Matarazzo no Brasil inicia-se com a vinda para cá do conde Francesco Matarazzo, em 1881. Nascido em Castelabate, província de Salerno, na Itália, a 9 de março de 1854, Francisco Matarazzo - no Brasil, seu prenome foi usualmente aportuguesado - era o primogênito dos nove filhos de Costabile Matarazzo, advogado e proprietário de prestígio local, e de Mariangela Jovane. Segundo uma versão, sua decisão de emigrar para o Brasil decorreu dos problemas que os proprietários enfrentavam com as crises econômicas ocorridas após a unificação italiana. Outra versão diz que esse fato foi resultado natural de suas aspirações de crescimento.

Com sua mulher mais dois filhos, Matarazzo pretendeu inicialmente atuar no comércio. Com apenas um milhar de liras tentou abrir seus negócios com uma carga de toucinho que lhe foi enviada da Itália. Entretanto, com o naufrágio da embarcação que a conduzia, decidiu-se mudar para Sorocaba, onde recebeu ajuda de um conterrâneo, abrindo, então, uma pequena casa comercial.

Dedicando-se ao comércio rural; trabalhou com tropa de carga, percorrendo toda a região para negociar com os fazendeiros. Constatando que o Brasil importava banha de

porco, decidiu abrir uma fábrica desse produto em Sorocaba, pouco depois, outra em Capão Bonito, na mesma região. Adquiria pessoalmente a matéria-prima, e antecipando-se a seus concorrentes, quando estes surgiram, conseguiu uma posição vantajosa no mercado que evoluía.

A indústria da banha foi o ponto de partida para o sucesso de Matarazzo. Após a súbita paralisação na importação do produto norte-americano, que chegava em barris de madeira, fundou uma terceira fábrica em Porto Alegre e, segundo suas próprias palavras, "inundou" o Brasil com uma novidade em lata, já utilizada nos Estados Unidos.

Em 1890, associou-se a seus dois irmãos José (Giuseppe) e Luís (Luigi), que já se encontravam no Brasil, fundando a Matarazzo & Irmãos, com o objetivo de expandir suas atividades. Em setembro do mesmo ano transferiu-se para São Paulo, encarregando seu irmão André (Andrea), que chegara há um mês ao Brasil e a quem não se associara, de liquidar os negócios em Sorocaba. Manteve a sua fábrica em Capão Bonito e estabeleceu escritório na rua 25 de março, na praça do Mercado, nesta capital, registrando como firma de comissões e consignações. Em 1891, com a razão social de Francisco Matarazzo e Companhia Limitada, esta fábrica passou a ser seu principal estabelecimento.

Em março daquele mesmo ano, foi organizada a Companhia Matarazzo, sociedade anônima composta por 43 acionistas, que adquiriu as empresas Matarazzo & Irmãos, então dissolvida.

Em 1898, já como membro da Associação Comercial de São Paulo, decidiu iniciar a construção de um moinho. Em 1899, adquiriu da Inglaterra o equipamento mais moderno da época, inaugurando em 15 de março do ano seguinte seu moinho no Brás, experiência pioneira em São Paulo.

Em maio de 1900, Matarazzo participou da fundação e se tornou um dos cinco diretores do Banco Commerciale Italiano di São Paulo, constituído por 116 acionistas, na maioria imigrantes italianos. Por esta época, Francisco

Matarazzo já era um homem rico e possuía seu palacete na Avenida Paulista.

Posteriormente, com os negócios experimentando notável expansão, Matarazzo decidiu investir na fabricação de farinha de trigo e na sacaria para a sua farinha; comprou máquinas para estampar tecido, criando a Tecelagem de Algodão Mariangela; montou uma fábrica para extração de óleo de caroço de algodão; uma fábrica de sabão para lavagem; criou uma empresa de velas; e, para suprir a necessidade de encaixotamento de todos estes produtos, foram montadas serrarias em São Paulo e Paraná, que por sua vez criaram as condições para o início de uma indústria de móveis e a produção própria de pregos.

Além desses empreendimentos, deu origem, em 1902, à Metalúrgica Matarazzo, dotada de equipamento de litografia para todos os tipos de invólucros metálicos.

Em 1917, em reconhecimento aos serviços e contribuições prestados à Itália durante a Primeira Guerra Mundial, recebeu do rei Vitor Emanuel o título de conde.

Matarazzo nutria admiração especial por Mussolini e identificava-se com as idéias fascistas que ascenderam ao poder na Itália em 1922. Apesar dessa admiração, Matarazzo não se deixou envolver com o incipiente Partido Fascista que começou a atuar em São Paulo, subsidiado pelo consulado italiano, principalmente porque sua penetração entre os imigrantes foi reduzida e o apoio popular diminuto.

Com o tempo, Matarazzo pode consolidar suas atividades no mercado comercial e financeiro, reorganizando suas indústrias e criando outras no Brasil e no estrangeiro. Exerceu papel fundamental no desenvolvimento da indústria paulista nas primeiras décadas deste século, deixando um patrimônio extraordinário pelo volume dos seus investimentos.

Francisco Matarazzo veio a falecer em São Paulo no dia 10 de fevereiro de 1937. No dia seguinte, o *Jornal do Comércio* publicava no seu necrológico: "Deixa, em pleno grau

de florescimento, uma vasta organização que se estende por todo o país, dispondo de vagões e navios próprios e abrangendo inúmeros ramos da indústria e comércio, possuindo cerca de 40 estabelecimentos fabris e mais de duzentas propriedades imobiliárias, inclusive fazendas, todas elas cedidas às suas indústrias. Nos meios financeiros calcula-se que o patrimônio total de suas indústrias ascende a setecentos mil contos. Casado com Filomena Sansivieri, teve 14 filhos".⁶⁴

Francisco Ferreira Santos Schmidt era conhecido como o "Rei do Café". Nasceu em 1850, perto de Worms, na Alemanha, e chegou ao Brasil com sete anos de idade. Seus pais trabalharam como colonos em diferentes fazendas. Schmidt afirmava ter sido também colono, presumivelmente ainda durante a infância. Apesar de analfabeto, acumulou fortuna como comerciante, antes de tornar-se cafeicultor.

Schmidt comprou a primeira fazenda - aparentemente por um preço baixo - logo após a abolição da escravidão, em Ribeirão Preto. Em 1914, já possuía 10 milhões de cafeeiros e empregava 11 mil colonos na área de Ribeirão Preto. Durante algum tempo, foi também chefe político da região, posição que perdeu durante a Primeira Guerra Mundial, dada a sua ascendência alemã.

Aparentemente, Schmidt parecia considerar bastante justo o sistema de trabalho na zona rural. Certa vez, tendo um representante do governo italiano lhe solicitado considerar a elevação dos salários dos colonos, durante umas poucas greves que ocorreram em propriedades suas, Schmidt respondeu laconicamente, "Também eu fui colono. Os meus colonos e eu cumprimos o contrato".⁶⁵

Interessante registrar que a casa de Schmidt na

64 BELOCH, I., ABREU, A. A. de (Coord.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro* - IBV-Cpdoc 1930-1983. São Paulo, págs. 2.126-B.

65 LOVE, J., op. cit., págs. 117-8.

Paulista localizava-se no antigo nº 89, atual nº 1048, onde hoje há um terreno vago, utilizado como estacionamento. Sua demolição foi realizada provavelmente no final dos anos 30, ou no início dos 40, quando a propriedade foi adquirida pela família Rodolpho e Neyde Bonfiglioli. Esta casa, construída com uma linguagem arquitetônica na tradição clássica, foi demolida em 1994, sem que houvesse tido interesse na sua preservação pelos Órgãos responsáveis pelo patrimônio histórico, tanto em nível municipal - o Compresp -, quanto em nível estadual - o Condephaat.

A RAPIDA CONSOLIDAÇÃO DA AVENIDA NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DESTESÉCULO

A localização da Avenida, assim como a paisagem que a partir dela podia ser desfrutada, conforme já mencionamos, era um dos pontos mais reverenciados por aqueles que a visitavam. E assim continuava sendo, mesmo com a intensificação do número de residências, construídas em quantidades cada vez maiores ao longo de sua extensão. Louis Casabona afirmava em seu livro *São Paulo du Brésil (Notes d'un colon français)*, em 1905:

Havíamos atravessado uma boa parte da cidade, situada sobre uma elevação e que tem o nome de Avenida Paulista. É um dos mais interessantes pontos de vista. Dominam-se de lá grandes e profundos vales, em um dos quais se estende a cidade. 66

Um outro depoimento também bastante curioso focaliza uma visão mais próxima do que teria sido a Avenida nesse começo do século. Em 1907, Fábio Belfort relembra a Avenida que conhecera poucos anos antes, dizendo o seguinte:

66 CASABONA, L., *São Paulo du Brésil*, págs. 72-3, in BRUNO, E. S., op. cit., pág. 983.

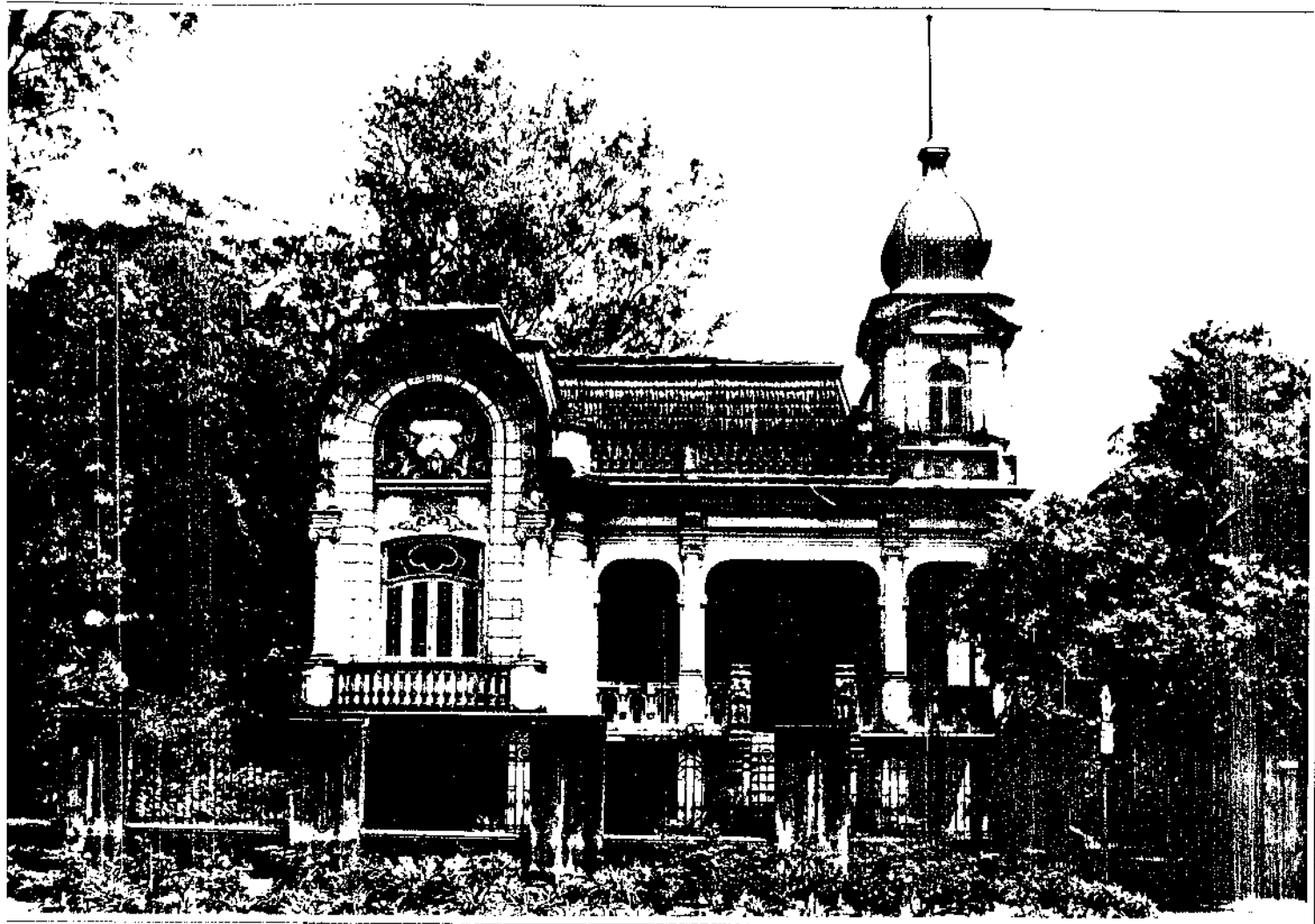
...era uma reta traçada no meio de uma zona quase deserta, calçada e macada e ainda não possuía passeio de cimento. Ensombravam-na grandes árvores, dispostas em quatro linhas, duas a duas, formando de cada lado dois renques, interrompidos apenas nas esquinas. As casas eram muito raras e muito espaçadas. Um ou outro lampião de gás fornecia iluminação. Era, afinal, uma ponta da cidade, por onde cortavam caminho, tropas de animais e onde mascates tatalavam suas matracas. Não havia automóveis, os bondes, muito pequenos, eram escassos, e o silêncio, quase absoluto; um tal lugar se prestava admiravelmente para um observatório.. 67

É interessante destacar neste depoimento a idéia de que a Avenida constituía-se um lugar ideal para a implantação de um observatório. Essa afirmação veio se confirmar um pouco mais tarde. Houve dois observatórios na Avenida Paulista, um público e outro privado. O observatório privado pertencia a José Nunes Belfort de Matos, que instalou em sua residência, construída em 1901, um Centro de Observações. Este Centro ficou conhecido como "Observatório da Avenida". O outro, "Observatório de São Paulo", foi levantado mais tarde pelo governo do Estado de São Paulo, em terreno adjacente ao primeiro. Infelizmente, estes dois observatórios tiveram vida curta, sendo demolidos alguns anos mais tarde.

A visão que retrata uma Avenida ainda como "quase deserta", onde "as casas eram muito raras e muito espaçadas", além do "silêncio, quase absoluto", deve-se, no entanto, ser entendida levando-se em conta alguns parâmetros mais objetivos, que, em síntese, não contradizem a rápida ocupação que a Avenida experimentou nesse começo de século.

A começar pela sua extensão, com seus 2.800 metros, as condições peculiares do seu desenho, com sua incomum largura e seus vastos lotes destinados para uso residencial e, ainda, sua privilegiada posição geográfica, a Avenida configurou-se um espaço inédito para São Paulo. Com isso, formalizava-se nela uma forma de ocupação totalmente distinta, por exemplo, do centro da cidade, que se

67 MARQUES, S., op. cit.



10. Residência Joaquim Franco de Nello, de 1905. Esta residência está preservada e tombada pelo Condephaat como patrimônio histórico do Estado.

constituía no lugar de maior movimentação e mudanças mais sistemáticas. Dessa forma, é necessário levar em conta estas diferentes características de desenho que a cidade já apresentava para se entender como se processou a ocupação da Paulista. Ademais, vale salientar ainda, conforme já dissemos, que a Avenida já possuía perto de 50 casas na virada do século, o que nos dá uma medida mais exata da rapidez com que ela foi ocupada, considerando-se aquelas peculiaridades.

Com a construção de mais residências, o Poder Público passou a investir em melhoramentos para a Avenida. Em 1908, o Prefeito Conselheiro Antonio Prado efetuou modificações no seu aspecto original. Mandou alargar o passeio, substituir a arborização por ligustas, reduzindo de 4 para 2 renques, e trocou o antigo calçamento de pedregulhos brancos por asfalto.

Na primeira década deste século, outras famílias resolvem se estabelecer na Avenida. Com isso, cada vez mais ela vinha ratificando o seu caráter aristocrático e predominantemente residencial. Entre os proprietários que construíram as suas residências nesse período, vale a pena destacar os Srs. Nestore Fortunati, Luis Perroni, Maurício Rotschild, Augusto Thiollier (proprietário da Vila Fortunata), empresário que se dedicava à importação, tendo negócios à Rua 15 de Novembro (Casa Garraux), Joaquim Franco de Mello, fazendeiro de café (ilustração nº 10), Arthur Rocha Azevedo, Horácio Sabino, empresário do ramo imobiliário, Otávio Mendes, João Kuck e Pinotti Gamba, industrial proprietário dos Moinhos Gamba.

No final da primeira década, a Avenida Paulista já estava quase toda ocupada. No entanto, sua efetiva integração à cidade somente ocorreria anos mais tarde em razão de alguns fenômenos ligados diretamente à acelerada expansão urbana desse período.

Nesse momento, São Paulo já se constituía no maior pólo comercial e financeiro do Brasil e o "centro da cidade"

era o lugar que ainda capitalizava toda a sorte de investimentos públicos e privados. Prédios mais altos, bancos, lojas, enfim, uma grande parcela de novos prédios ia sendo reformada e construída, alterando substancialmente a sua fisionomia. Com isso, atividades das mais variadas espécies iam sendo incorporadas ao cotidiano do paulistano que, por sua vez, adquiria diferentes hábitos. Atividades culturais, por exemplo. E nesse momento que no centro da cidade se constrói o novo Teatro Municipal, edificação em que se debruçaram os mais competentes arquitetos e artesãos da época.

A Avenida Paulista, por sua vez, era vista como um lugar bastante atrativo para os paulistanos; entretanto, essa atração tinha a ver mais com o seu significado propriamente dito do que com uma via de utilização comercial e financeira da cidade. Além da paisagem, era a Avenida onde moravam os milionários e, por isso, já se tinha motivo suficiente para ir conhecê-la.

Depoimentos dessa época refletem as impressões dos viajantes que aqui estiveram. Neles, vêem-se ressaltadas as qualidades da Avenida como uma via urbana ímpar na cidade, cujas características a todos impressionava. Entre eles podemos destacar:

De Nicolau Fanuelle, em 1910:

O grande passeio que o cidadão mostra, com o mais legítimo orgulho, ao forasteiro, é a Avenida Paulista, imensa rua com alguns quilômetros de comprimento, situada no ponto mais elevado da cidade, toda arborizada, cercada de casas suntuosas, cuja arquitetura e ornamentação nada ficam a dever aos mais belos edifícios europeus.⁶⁸

⁶⁸ Nicolau Fanuelle, natural de Caconde, no Estado de São Paulo. Formado em Direito pela Faculdade de São Paulo, dedicou-se à advocacia, à política e ao jornalismo, tendo sido proprietário do jornal *A Tarde*, do Rio de Janeiro. Bruno, E. S. op. cit., pág. 169.

De L. A. Gaffre, em 1910:

Não se pode imaginar nada mais bem traçado e melhor arborizado que as ruas da Liberdade e da Consolação, que levam a esta esplêndida Avenida Paulista, à qual eu não saberia comparar senão certas avenidas de Nova York, onde a fantasia dos milionários americanos encerra, no verde de grandes árvores e na policromia dos canteiros dos jardins, seus palácios de elegantes esculturas, com se encaixa o diamante de valor, com múltiplas facetas, nos engastes de esmeraldas e rubis.⁶⁹

E, finalmente, de Alfredo Cusano, em 1911, que ao descrever alguns bairros de São Paulo, já colocava a Avenida Paulista como um dos locais mais agradáveis da cidade:

Os bairros elegantes (Higienópolis, Maranhão, Campos Eliseos, Avenida Paulista, Liberdade, etc.) são um verdadeiro triunfo da vegetação e das flores.

E, mais adiante, dizia:

Creio que nenhuma cidade do mundo tenha tanto luxo de vegetação, tanta riqueza floral em seu centro urbano e tanta graça arquitetônica nas numerosas vilas, todas orladas de jardins perfumados, que certos bairros de São Paulo.⁷⁰

Mais tarde, em 1920, o viajante Paul Valle, ao visitá-la, dizia:

A Avenida Paulista é sem contestação a mais bela avenida da capital, muito larga, asfaltada, composta de três pistas, é orlada de habitações principescas.⁷¹

Com esses depoimentos, fica demonstrado que no período que vai até meados da década de 20, as características de ocupação da Avenida pouco se modificaram. No entanto, um dos fatos que serviram para impulsionar ainda mais a ocupação da Avenida neste período com essas mesmas características, foi a construção do Trianon, assunto ao qual dedicaremos um espaço maior, mais adiante.

69 L. A. Gaffre (1864 - ?), natural de Periers, Mancha, França. Dominicano, autor de *O Divórcio entre a Igreja e a República*, *A Alma - sua constituição* e vários outros livros, entre os quais aquele em que registrou suas impressões sobre nosso país, *Visions du Brésil*. BRUNO, E. S., op. cit., pág. 161.

70 Alfredo Cusano, *Itália d'oltre mare*, págs. 115-19. idem, pág. 169.

71 Paul Valle (1872 - ?), natural de Beauvais, Oise, França. Geógrafo, encarregado pelo Ministério do Comércio da França e pela Sociedade de Geografia Comercial, de Paris, de estudar diversos Estados do Brasil. Idem, págs. 183-5.

A CRISE DO CAFÉ DE 1929 E SUA INFLUENCIA NAS RESIDENCIAS DA AVENIDA PAULISTA

Na década de 20, o ponto vital da economia do país continuava a ser a exportação do café, que prosperava como nunca. São Paulo produzia 3/4 do total dessas exportações, estimulando e intensificando seus investimentos. As cotações do café no mercado financeiro atingiam números cada vez maiores e este expandia-se por novas zonas. Mas as primeiras floradas da safra 1927/1928 anunciavam o que seria o início da decadência desse rico período: uma colheita de 28 milhões de sacas - o dobro da exportação média dos três anos anteriores.

Com o *crash* da Bolsa de Nova York, em 24 de outubro de 1929, e diante da expectativa de uma safra ainda maior, o preço do café cai vertiginosamente. Com isso, estoura uma profunda crise no país, cujos reflexos são imediatamente sentidos pela elite cafeeira, particularmente aquela residente em São Paulo, nas diversas regiões de sua influência no Estado.

Com a grande perda de capitais ocasionadas pela crise, os fazendeiros de café são obrigados então a se desfazerem de seus patrimônios. Muitos foram obrigados a vender seus bens para liquidação de suas dívidas, nesta altura, muito altas. Com isso, abriu-se espaço para a única camada social que dispunha da poupança necessária para investimentos e, assim, modificar o panorama do processo produtivo na economia. Era a vez dos imigrantes: portugueses, italianos e sírio libaneses, principalmente, além de outras diferentes nacionalidades. São eles que tomam para si o rescaldo das inúmeras fazendas e negócios em moratória, em consequência direta da crise, pois dispunham dos recursos necessários para arcar com todo esse patrimônio, garantido nos anos anteriores pelos negócios

realizados no comércio, na indústria e na especulação.

A partir daí, a Avenida Paulista passa a redesenhar seu perfil quanto às atividades de seus novos moradores. Agora, ela será o bairro preferencial dos milionários desta nova fase da economia paulista em expansão.

Com a compra de vários imóveis na Avenida, realizada por esses novos moradores, muito deles passam por reformas contundentes. Com isso, as construções procuram ostentar uma opulência ainda maior. Os estilos e formas da arquitetura tendem agora a definir a riqueza como referencial básico, como nos países de origem desses imigrantes. Tudo era orientado para a afirmação dessa camada social enquanto força econômica de uma cidade em intensa transformação.

Este percurso de afirmação da elite dominante não é novo, e muito menos inédito, mas é ele que marca a diversidade da identidade paulista em formação, calcada no seu desenvolvimento industrial e de negócios, mas cuja mentalidade e aspirações tendem ainda a se espelhar numa camada social de raízes agrárias e a abraçar padrões que, embora ultrapassados econômica e politicamente, continuam a vingar social e culturalmente, retomados por essa nova elite em ascensão. Sinal evidente deste procedimento comparece nas reformas e novas construções na Avenida, definidas pelos diversos estilos arquitetônicos, com referenciais que poderiam parecer aparentemente tardias para a época.

Desta forma, vemos surgir na Avenida uma série de casas - novas construções ou reformas - que não procuram apenas reproduzir, como na primeira fase de existência da Avenida, reproduzir o modo de vida citadino compromissado com os estilos europeus ou a implantação de residências do tipo chácaras para moradores oriundos de fazendas.

Exemplo bem característico deste tipo de residência foi a do comerciante Ernesto Dias de Castro, na Avenida Paulista nº 37, ainda preservada, sobre a qual

comentaremos mais adiante, com outros detalhes.

Uma outra questão importante para se destacar ainda desse período, refere-se aos bairros que começavam a ser ocupados no entorno da Avenida Paulista. Apesar de terem sido loteados já há algum tempo, foi nessa fase que se intensificou a sua ocupação, também com residências de luxo.

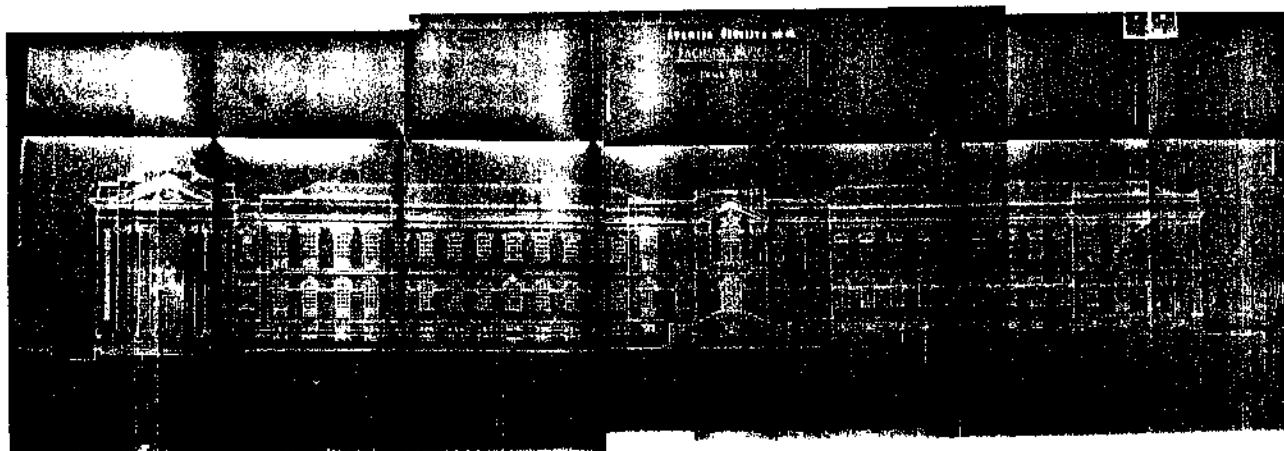
Estas casas faziam parte do primeiro "Bairro-Jardim" concebido a partir do lote, que contemplava a extensão do jardim no ambiente urbano, com avenidas largas, calçadas de plátanos, como as alamedas parisienses, e a presença inseparável do Parque Tenente Siqueira Campos que até hoje mantém espécies arbóreas nativas, para compor a paisagem do local.

Em 1935, Claude Lévi-Strauss, que conhecia os estilos arquitetônicos em seu lugar de origem, vendo a rapidez da expansão da cidade que se processava naquele momento, assim se referiu sobre a Avenida e seu entorno:

...Para o sul, o terraço continuava a se elevar, modestas avenidas sobem por ele, juntando-se no cimo, na própria espinha do relevo, na Avenida Paulista, envolvendo as residências outrora faustosas dos milionários do último meio século, num estilo de cassino e de estação de águas. Bem no fim, para leste, a Avenida se inclina para a planície, acima do novo bairro do Pacaembu, onde os palacetes cúbicos se edificam a trouxe-mouxe, ao longo de avenidas sinuosas polvilhadas do azul-violeta dos jacarandás em flor, entre rampas de grama e aterros de argila ocre. Mas os milionários já deixaram a Avenida Paulista. Acompanhando a expansão da cidade, desceram com ela para o sul da colina, na direção dos tranquilos bairros de ruas sinuosas. Suas residências de inspiração californiana, de cimento micáceo e com balaústres de ferro fundido, adivinham-se nos fundos de parques cortados em bosquetes rústicos onde se implantam esses loteamentos para os ricos".⁷¹

E, assim, com a rápida expansão da cidade, a Avenida Paulista passa a tornar-se uma importante via de ligação com outros bairros. Com isso, passa, também, a desempenhar um papel de maior relevância nos esquemas para novas ocupações, tornando-se cada vez mais valorizada e

⁷¹ Claude Lévi-Strauss (1908- ?), natural de Bruxelas. Etnógrafo filiado ao estruturalismo, lecionou de 1935 a 1939 na Universidade de São Paulo. Autor de vários trabalhos científicos e do livro *Tristes Tropiques* (1955). BRUNO, E. S., op. cit., pags. 189-92.



11. Desenho da fachada do antigo Colégio São Luís, demolido no início dos anos 70.



12. Capela São Luís

chamando novamente a atenção; desta vez, para investimentos de grandes corporações e instituições privadas, que vêem na Paulista o lugar ideal para a implantação dos seus vantajosos negócios.

AS PRIMEIRAS INSTITUIÇÕES

A Avenida Paulista atraiu também grandes instituições, bastante representativas já no início do século, além de grandes hospitais. Ali instalaram-se, entre outras:

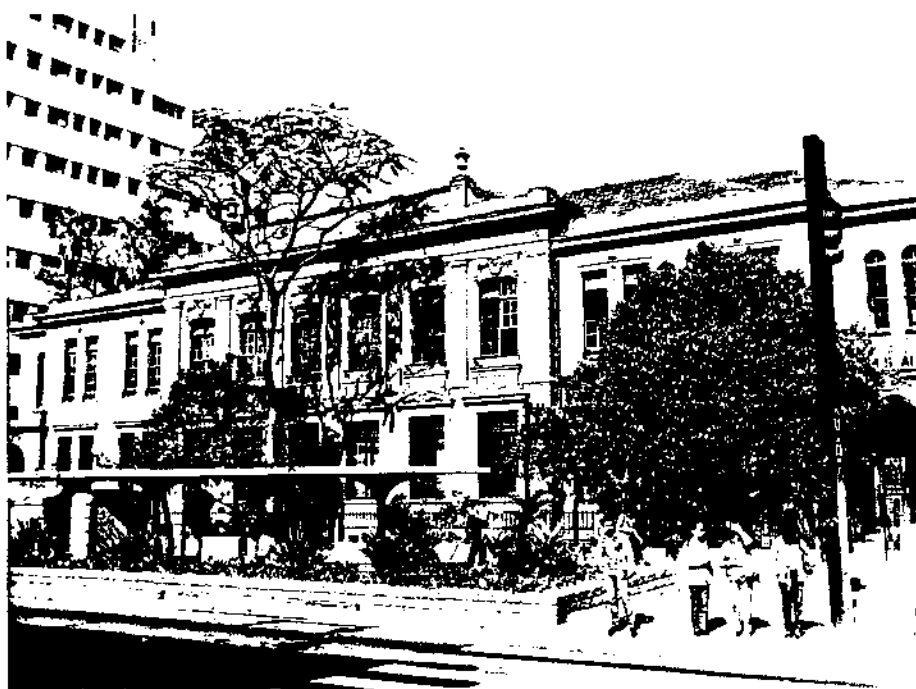
The Anglo-Brazilian School (Colégio e Capela São Luís)

Foi fundado em 12 de maio de 1867, em Itu, por padres jesuítas. No começo do século, o colégio transferiu-se para São Paulo, quando em 1903, foi submetido à Prefeitura da cidade um projeto para construção da escola, ocupando todo o quarteirão entre a Avenida Paulista, Haddock Lobo, Bela Cintra e Elias Fausto (hoje Luis Coelho).(il.11)

A capela do colégio foi construída nos primeiros anos da década de 1930.(ilust. nº 12) O pedido à Prefeitura data de 17 de março de 1932 e o projeto arquitetônico foi concebido por Luis de Anhaia Mello, ex-prefeito da cidade. Os vitrais da capela foram importados da França; os capitéis e as bases da coluna são de bronze e foram produzidos no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo; a estátua do altarmór é de São Luis de Gonzaga, em mármore de Carrara, e é de autoria do escultor Galileo Emendabile. Em 1960, a capela tornou-se Paróquia de São Luis de Gonzaga, aberta ao público.



13. Hospital Santa Catarina (atual)



14. Escola Rodrigues Alves.

Hospital Santa Catarina (ilust. nº 13)

Inaugurado em 1906, foi o primeiro hospital particular da cidade de São Paulo. É obra das irmãs da Congregação Assistencial Santa Catarina, que chegaram ao Brasil em 1897, vindas da província alemã da Prússia. Deve-se ao empenho da irmã Beata Heinrich os procedimentos iniciais para fundação da casa assistencial. O terreno na Paulista foi comprado depois dos seus esforços junto ao Presidente do Estado, Dr. Tibiriça; media 168 x 100 metros, e custou 97 contos. Os trabalhos de construção da sede foram dirigidos pelo arquiteto Max Hehl, e em fevereiro de 1906 foi inaugurado o Sanatório Santa Catarina.

O médico austríaco Walter Seng, que morava na Avenida Paulista, foi seu primeiro diretor clínico. Ao longo dos anos, o hospital passou por diversas alterações e modernizações de suas instalações para melhorar seu desempenho.

Em 1919, iniciou-se a construção da Capela.

Nas revoluções de 1924 e 1930, o Sanatório Santa Catarina transformou-se em asilo de refugiados e operou como banco de sangue. Em 1952, foi inaugurado o primeira edifício, com sete andares, e fundada a Escola de Auxiliares de Enfermagem Santa Catarina, hoje Faculdade de Enfermagem Santa Catarina. Em 1974, passou a chamar-se Hospital Santa Catarina.

Escola Rodrigues Alves (ilust. nº 14)

A Instituição Escolas Reunidas da Avenida Paulista, mais tarde Grupo Escolar Rodrigues Alves, começou a funcionar em 1907, em prédio alugado, na esquina da Paulista com a rua Pamplona. O atual edifício, localizado na Avenida Paulista com a Rua Teixeira da Silva, foi inaugurado no dia 07 de setembro de 1919 e foi concebido pelo escritório de arquitetura de Ramos de Azevedo. O prédio representa o esforço do primeiro período republicano para ampliar a instrução escolar por intermédio do poder estatal,



15. Instituto Pasteur.

substituindo as velhas casas por construções mais funcionais em sua organização.

Atualmente, a Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus Rodrigues Alves, tombada como patrimônio histórico pelo Condephaat em 1985, em seus dois pavimentos, possui 28 salas de aula e atende 2.800 alunos, divididos em três períodos. Nos anos 80, a escola foi ampliada com a construção de um prédio no fundo do terreno.

Instituto Pasteur (ilust. nº 15)

O Instituto Pasteur deve sua fundação, ocorrida em agosto de 1903, à vontade da aristocracia paulista dos primeiros anos da República; daí sua instalação na Avenida Paulista, onde funciona até hoje.

Sua principal atividade, desde aquele momento, está voltada ao controle da raiva humana, doença fatal transmitida por animais mamíferos. O Instituto promove pesquisas e é, nessa área, órgão de referência e suporte a outras secretarias de saúde.

Naquela época, 126 pessoas entre 100 mil tratadas morriam pela moléstia. A ata de fundação do Instituto registra nomes de médicos que se dedicavam ao estudo da doença, como Alberto Seabra, Antonio Bettencourt Rodrigues e Arnaldo Vieira de Carvalho; este, fundador da Faculdade de Medicina. Entre os empresários que colaboravam com o Instituto, constam o nome de Francisco Matarazzo, José Maria do Valle, Ulysses Paranhos, além de Ignácio da Gama Kochrane, considerado o grande benemérito da Instituição. Até março de 1916, o Pasteur permaneceu sob controle particular, quando então foi doado ao Serviço Sanitário do Governo do Estado. Atualmente, ele encontra-se subordinado à Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo.

A ARQUITETURA DOS CASARÕES

Conforme já adiantamos anteriormente, as mudanças ocorridas no conjunto da sociedade durante o final do século passado provocaram diferentes hábitos construtivos e outras maneiras de habitar na cidade.

Com o novo modelo de retalhamento do solo e o desenho dos lotes, foi possível estabelecer distintos padrões de composição na arquitetura urbana.

No caso da Avenida Paulista, as casas representativas deste novo estágio da arquitetura inseriam-se neste contexto de renovação. Assim, elas já apresentavam uma série de diferenciações frente aos esquemas mais tradicionais até então utilizados.

Essas diferenciações, no entanto, seguiam padrões muito semelhantes, tomando-se o conjunto dessas casas construídas na Avenida; ou seja, havia maneiras comuns na organização dos seus espaços. A razão disso se deve fundamentalmente à existência de uma mesma mentalidade de habitar, proveniente de uma elite em formação, que se fortalecia cada vez mais na cidade, conforme já vimos no capítulo anterior. Dessa forma, era inevitável que os casarões desse período refletissem na sua arquitetura essa mentalidade, caracterizando as suas necessidades em comum.

Entre as semelhanças desses casarões, poderíamos destacar, por exemplo, a forma de ocupação no lote, que seguiam, quase sempre, um mesmo partido. Os principais aspectos dessa orientação eram: a preocupação de isolar a casa em meio a um jardim, a tendência a conservar um paralelismo rígido em relação aos limites do lote, a transformação progressiva dos pavilhões externos de serviço das chácaras em edículas e o desaparecimento progressivo das hortas e pomares.⁷²

72. FILHO, N. G. R., *Quadro da Arquitetura no Brasil*, pág. 58.

Além destes aspectos, vale registrar ainda a preocupação de domínio sobre a paisagem como uma das particularidades mais evidentes na tipologia dessas residências da Avenida. Aliás, considerando a privilegiada posição geográfica do lugar, constantemente decantada, entende-se perfeitamente o motivo dessa preocupação. Assim, a presença de mirantes era quase que uma obrigação. Sob a forma de torreões, terraços elevados, ou lanternins, eram uma constante na definição desta arquitetura, presente em quase toda a extensão da Avenida. A título de ilustração, vale lembrar o torreão existente na casa dos Von Bulow, uma das primeiras a serem construídas na Paulista, já citada anteriormente.

Quanto aos aspectos internos, uma leitura das plantas e fotografias dessas residências construídas nesse período revela, em grande parte, mais semelhanças que diferenças.

Evidentemente, o aspecto que primeiro chama a atenção refere-se, sem dúvida, às fachadas dessas residências. Apesar das variações de linguagens arquitetônicas utilizadas, elas comportavam-se, quase sempre, com uma mesma divisão espacial. O centro das fachadas, destinava-se quase sempre a um *hall* de entrada, que, por sua vez, dava acesso aos demais ambientes. Considerando que este espaço constituía-se no acesso principal da residência, os pisos e paredes recebiam tratamento especial.

Do *hall*, abriam-se os vãos, geralmente em arcos, ligados às salas de convívio social, de visitas, de música, a biblioteca e dormitórios no andar superior. As salas destinadas a receber visitas ou "estranhos" ficavam isoladas das demais dependências da casa. A copa e a cozinha localizavam-se na parte posterior da construção, contíguas à sala de jantar.

O modelo dessas casas apresentava, ainda, uma importante inovação, uma vez que se incorporava à casa

alguns dos "serviços" aqui tradicionalmente separados da casa principal; isto é, a moradia dos empregados e a lavanderia. Assim, as dependências para criados ficavam geralmente junto à cozinha e a lavanderia numa espécie de porão alto. O fundo dos lotes estava reservado para as cocheiras, num primeiro momento, e, posteriormente, às garagens dos automóveis. Os porões, altos, permitiam seu uso como depósito da casa. No restante, a área externa é marcada por espaços para galinheiros e outras criações, pequenas hortas e árvores frutíferas. Posteriormente, os fundos ganham outra utilização e outra valorização na vida dos membros dos casarões e passam a ser utilizados para o lazer e a prática de um determinado tipo de esporte, como quadra de tênis, por exemplo.

Nestas habitações, conforme já mencionamos, tendia-se à utilização máxima de materiais importados e ao emprego de formas arquitetônicas como símbolo de posição social. O tratamento dado às fachadas, normalmente, seguia variadas composições, segundo as idéias ditadas pelos almanaques importados, em consequência do processo de influência estrangeira.

A partir da década de 1930, com a intensificação do número de proprietários imigrantes enriquecidos com a indústria e o comércio, boa parte das residências adquiridas na Avenida por essa nova elite passa a sofrer reformas e outras novas são construídas. No entanto, é interessante observar, que as características arquitetônicas dessas novas residências pouco se modificaram. Continua-se mantendo uma atmosfera passadista de estilos de outros tempos, por vezes diretamente relacionados com a origem desses imigrantes. Assim, via-se na Paulista, por exemplo, linguagens arquitetônicas inspiradas nos palácios florentinos, "villas" mediterrâneas, palacetes mouriscos, mansões renascentistas francesas etc...

Estas imensas residências, segundo Benedito Lima de Toledo, constituíam, "cada uma com um estilo diverso,

impressionante documento do ecletismo". Da mesma forma que os estilos, o nível arquitetônico dessas obras variava sensivelmente. Algumas residências, segundo ainda Lima de Toledo, "pela originalidade de sua concepção e qualidade de execução poderiam figurar ao lado das melhores expressões européias da época".⁷³

A Avenida Paulista expressava, portanto, nesse período, uma soma de valores culturais que identificava uma parte da elite dominante da cidade. Construir um imóvel na Avenida Paulista implicava necessariamente uma escolha distinta daquela de erigir uma casa no nascente Jardim Europa ou América, ou mesmo ainda em Higienópolis, para onde se dirigiam, naquele momento, os representantes tradicionais paulistas que outrora ocupavam bairros como, por exemplo, o Campos Elíseos, no centro da cidade.

Viver na Avenida Paulista tinha um significado próprio completamente distinto de qualquer outro local da cidade. Suas residências revelavam, em última instância, a evolução da própria economia da cidade, da nossa mentalidade, da nossa colonização, bem como a descapitalização que se imprimira aos "barões do café", a opulência dos imigrantes e o desenvolvimentismo. Representavam, ainda, uma amostra dos projetos de arquitetos de maior prestígio no momento, e que deixaram marcada a sua presença e sua influência no processo de urbanização de São Paulo.

Na tentativa de ilustrar algumas das obras desses arquitetos produzidas na Avenida, recorreremos a cinco exemplos de residências presentes na Avenida. Com elas poderemos ter uma idéia mais exata das diferentes linguagens de arquitetura que predominaram neste período.

Assim, destacaremos a residência de Taufik Demétrio Camasmie, de Horácio Sabino, de Numa de Oliveira, de Alexandre Siciliano e, finalmente, a de Ernesto Dias de Castro.

73. TOLEDO, B. L. de, *op. cit.*



16. Residência Taufik Demétrio Canasvie, de 1925.

A idéia dessa seleção, neste momento, serve mais para ilustrar um panorama do período no qual a Avenida Paulista ficou caracterizada por esses casarões. Serve, também, como uma proposta de roteiro para conhecimento mais detalhado sobre essas obras, no interior de um trabalho mais amplo, e não tem o propósito de generalizar posturas ou destacar os estilos da produção arquitetônica desse período. Se assim o fosse, recairíamos numa espécie de pura classificação dessas linguagens, em que, tratando-se da complexidade do período, faltariam muitas outras argumentações. Para isso, um exame mais acurado exigiria certamente métodos de abordagem e análises mais abrangentes, além da necessidade de se considerar outros fatores, igualmente decisivos para esta questão, que não estão somente ligados aos aspectos formais dessas residências.

Assim, trataremos de evidenciar apenas alguns dos aspectos formais mais utilizados nessas residências do período e, também, uma pequena biografia dos proprietários e seus modos de vida.

RESIDENCIA TAUFIK DEMETRIO CAMASMIE

Projeto do Escritório Malta & Guedes, de 1925. Local: antiga Avenida Paulista nº 20, e atual Canteiro de Obras do Metrô, esquina com a Rua Consolação.⁷⁴(ilust. nº16)

Taufik Demétrio Camasmie nasceu em Homs, na Síria, onde seu pai já era comerciante, trabalhava com tecidos: comprava mercadoria para vender em Alexandria e na Turquia, trazendo de volta outros produtos para vender em Homs. Numa dessas viagens pegou a temida febre amarela e veio a falecer. O filho, Taufik, continuou a trabalhar com tecidos, mas na parte de tecelagem. Tinha alguns teares, e o ramo de tecidos foi uma atividade paralela à sua profissão de professor primário.

Ouvindo falar das possibilidades da América,

⁷⁴ As informações sobre esta residência constam do trabalho: *Produzindo o Ecletismo: o estudo de um caso na Avenida Paulista (1925/1985)*, de autoria de Márcia Camasmie Dib.

resolve vir para o Brasil. O depoimento a seguir nos dá a versão desse episódio, segundo Márcia Camasmie:

Ele veio para o Brasil porque era América, falavam sobre a América, que todo mundo vai para lá, ganha muito dinheiro e tem prosperidade. E formou um grupo e veio para cá. Veio papai, Assad Abdalla e Nagib Salee; chegaram em 5 de dezembro de 1895. Recebeu muitas críticas por trocar seu emprego de professor pelo de comerciante, numa terra estranha: 'Ninguém vai te respeitar. Você tem 13 libras esterlinas.', que era mais que o suficiente para a passagem de volta. E ele dizia: "Eu, naquela terra de dificuldade, ganhei dinheiro. Como não vou ganhar dinheiro na América?"⁷⁵

No Brasil, Taufik foi para São Carlos, cidade do interior de São Paulo, onde fez uma sociedade com um primo, Bichara Moherdauí: abriram uma casa de tecidos. Quando a cidade foi acometida por um surto de febre amarela, ele ficou com medo, desmanchou a sociedade e foi para Ibaté, onde abriu novamente uma loja de armarinhos. Quando achou que já tinha um certo capital veio para São Paulo.

Nessa época, já com 28 anos, casa-se com Acibe Ballan, de 13 anos, em 18 de janeiro de 1900. Em 1908, instala-se na rua 25 de março, em um pequeno edifício: embaixo a loja e em cima a residência. Em 1917, alugou uma casa na Avenida Paulista. A casa se chamava Vila Julieta (nome dado pelo proprietário, Benedito Rolim de Oliveira), que ficava entre a Avenida Angélica e a rua Minas Gerais; era térrea, com três dormitórios grandes, sala de visitas, saleta, cozinha, banheiro, com porão alto e pomar nos fundos.

Em 1919, já um próspero comerciante, começa a procurar uma casa para comprar. Acaba optando pela casa nº 18 da Avenida Paulista. A casa não era muito maior do que a outra, mas seria própria. Era assobradada (as empregadas dormiam no porão): tinha três dormitórios, uma saleta na frente, sala de visitas, sala de jantar, cozinha e banheiro, com um jardim na frente e pomar nos fundos.

⁷⁵ DIB, M. C., op. cit.

O engenheiro Malta disse que era uma construção de Ramos de Azevedo. Era uma casa muito boa. Até o quarto das empregadas era assoalhado e o teto tinha forro. Mas a família cresceu muito (agora eram 9 filhos) e a casa já não estava dando mais. Resolveram reformar. Mas a casa estava no centro do terreno, e não dava para aumentar muito. Para construir mais um andar não ia ficar boa. Então se resolveu procurar um engenheiro. Inicialmente, papai não queria gastar muito, por isso pensou na reforma. Mas aí mostraram vários projetos e a gente escolheu um. Resolvemos fazer uma casa como se deve, não?

Enquanto a casa era construída, moramos na Rua Haddock Lobo, perto da Paulista. Era uma casa boa, um pouco maior, e dava bem para nós. Quando mudamos para nossa casa, aí já havia espaço demais. Mas nessa casa dava para ir ver a obra todo dia. Eu fiquei encarregado disso. A casa demorou três anos para ficar pronta. E o nosso aluguel era de dois anos. Conseguimos ficar mais um pouco, mas depois resolvemos mudar, para a casa inacabada, ocupamos só a parte dos fundos, esperando a casa ficar pronta.⁷⁶

Vendo as residências luxuosas de seus companheiros de viagem, Taufik resolve construir uma casa à altura. Escolhe então os mesmos engenheiros que haviam projetado as casas de Assab Abdalla, de Nagib Salem e dos Jafet, a este último no Ipiranga.

Além de querer uma casa do mesmo tipo, com luxo, Taufik fez algumas exigências. Em primeiro lugar, queria uma casa com folga de espaço, pois já estava cansado de mudanças. O árabe tem como ponto de apoio a família e ao redor do patriarca, reúnem-se todos os descendentes. Ele precisava, então, de espaço para seus filhos, noras e genros, seus netos e suas babás, sua mãe e sua sogra. Além disso, faziam as refeições sempre à mesma hora, todos reunidos, e precisavam de mesas grandes também para dar jantares para os amigos e parentes. Recebiam muito. Sua esposa gostava muito de cozinhar e todas as mulheres da casa deveriam saber fazer pratos árabes. Por isso, queria uma cozinha grande, com copa. Gostou das salas das casas de seus amigos, uma de cada estilo; e gostou também da cúpula. Tinha um piano que precisaria de um local apropriado. Tinha dois carros. E queria que todos os quartos recebessem bastante

⁷⁶ Ideia.

17. Residência Taufik Demétrio Camasnie. Planta. Pavimento térreo.

sol. De posse desses dados, os engenheiros fariam um projeto à altura das expectativas dos proprietários.

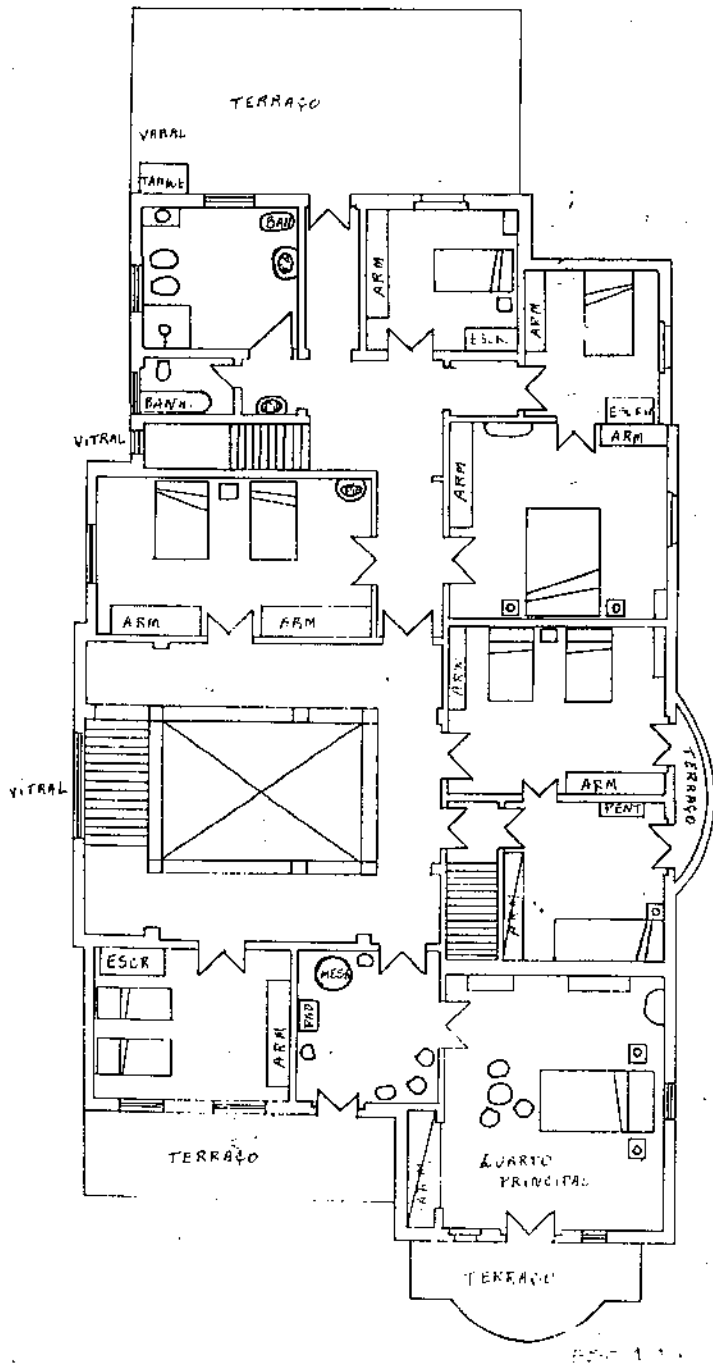
Os engenheiros foram escolhidos por já conhecerem o tipo de residência que os árabes gostavam. Além disso, o engenheiro Guedes sabia falar árabe, o que sem dúvida os aproximou. É possível que o motivo principal da escolha tenha acontecido pela ausência de engenheiros da colônia. Eles só começaram a aparecer depois de 1930, e eram filhos dos imigrantes que, já com algum dinheiro, puderam frequentar uma faculdade.

Malta & Guedes se formaram em 1914 na Escola Politécnica e logo abriram uma sociedade, que se desfez por volta de 1930, quando Guedes começou a se dedicar exclusivamente à carreira universitária (foi professor da Poli e reitor da USP); Malta seguiu a engenharia. Tinham uma característica que agradava muito aos árabes: a monumentalidade.

O pé-direito duplo foi muito usado em suas obras, com vitrais de cima a baixo. Tudo muito grandioso, as portas de ferro, os mármores, muita madeira, muitas pinturas, gessos com acabamento a ouro. Os cômodos eram bastante abertos, sempre com uma perspectiva muito ampla. Havia fluidez no espaço.

O projeto apresentado pelos engenheiros constava do seguinte: eram dois andares, além do porão e mirante. O pavimento inferior contaria com sala de visitas, sala de jantar, sala de almoço, sala de música, jardim de inverno, escritório, copa, cozinha, despensa e lavabo. (ilust. nº17) Nos fundos, uma edícula com garagem para dois carros, e no sobrado, dois dormitórios para as empregadas. No pavimento superior seriam sete dormitórios e dois banheiros completos. (ilustr. nº 18) No porão havia três aposentos servindo de depósito. Na escada para o mirante, outro pequeno depósito.

Neste programa, portanto, havia duas áreas distintas no conjunto da residência que mostravam claramente



18. Residência Taufik Demétrio Camasme. Planta. Pavimento superior.

os aspectos da vida dos seus moradores; ou seja, uma área íntima e uma área social. A área íntima contava com sala de almoço, jardim de inverno, escritório, copa, cozinha e acesso aos dormitórios e porão. A área social, com sala de visitas e de jantar, sala de música e o *hall* de acesso aos dormitórios. Este tipo de divisão do espaço da residência, era quase comum nas diversas outras existentes na Paulista, com diferenciações em um ou outro detalhe, como poderemos ver.

Nesta casa, privilegiaram-se várias tendências de linguagens de arquitetura, desde elementos neocoloniais da arquitetura brasileira na sua fachada, como, por exemplo, os cunhais salientes e o alpendre, assim como referências mouriscas da arquitetura árabe e toques neoclássicos. Sua área total de construção somava 920 m² em 420 m² de projeção. O terreno contava com 960 m².

A demolição do imóvel se deu em 1985 com ampla cobertura pela imprensa. Lamentavelmente, o Condephaat havia decidido pela sua liberação, em razão, segundo o processo referente ao assunto, de o imóvel não possuir elementos arquitetônicos significativos para sua preservação. Alegaram, ainda, surpreendentemente, que o seu tombamento não era justificado por falta de unidade em seu estilo arquitetônico.

Na ocasião, em entrevista a um jornal da capital, o médico Pedro Taufik Camasmie, um dos herdeiros proprietários do imóvel, dizia:

Eu e meus irmãos nos sentimos consternados pela demolição, mas não nos restou outra alternativa. A casa não podia ser mais habitada ou alugada para empresas porque não existe mais o recuo de frente que havia. O alargamento deste trecho da Paulista nos tomou dez metros de terreno e a partir disso a casa ficou condenada.

Explicou ainda que, desabitada há mais de vinte anos, a casa apresentava risco de desabamento, ameaçando moradores, vizinhos e transeuntes. "Seria até uma



19, Residência Horácio Sabino, de 1903.

irresponsabilidade de nossa parte não fazermos a demolição", acrescentou.

Atualmente, o lote está ocupado pelo canteiro de obras da Companhia do Metrô de São Paulo, aberto recentemente devido às obras de construção e manutenção do ramal Paulista deste meio de transporte.

RESIDENCIA HORACIO SABINO (ilust. nº 19)

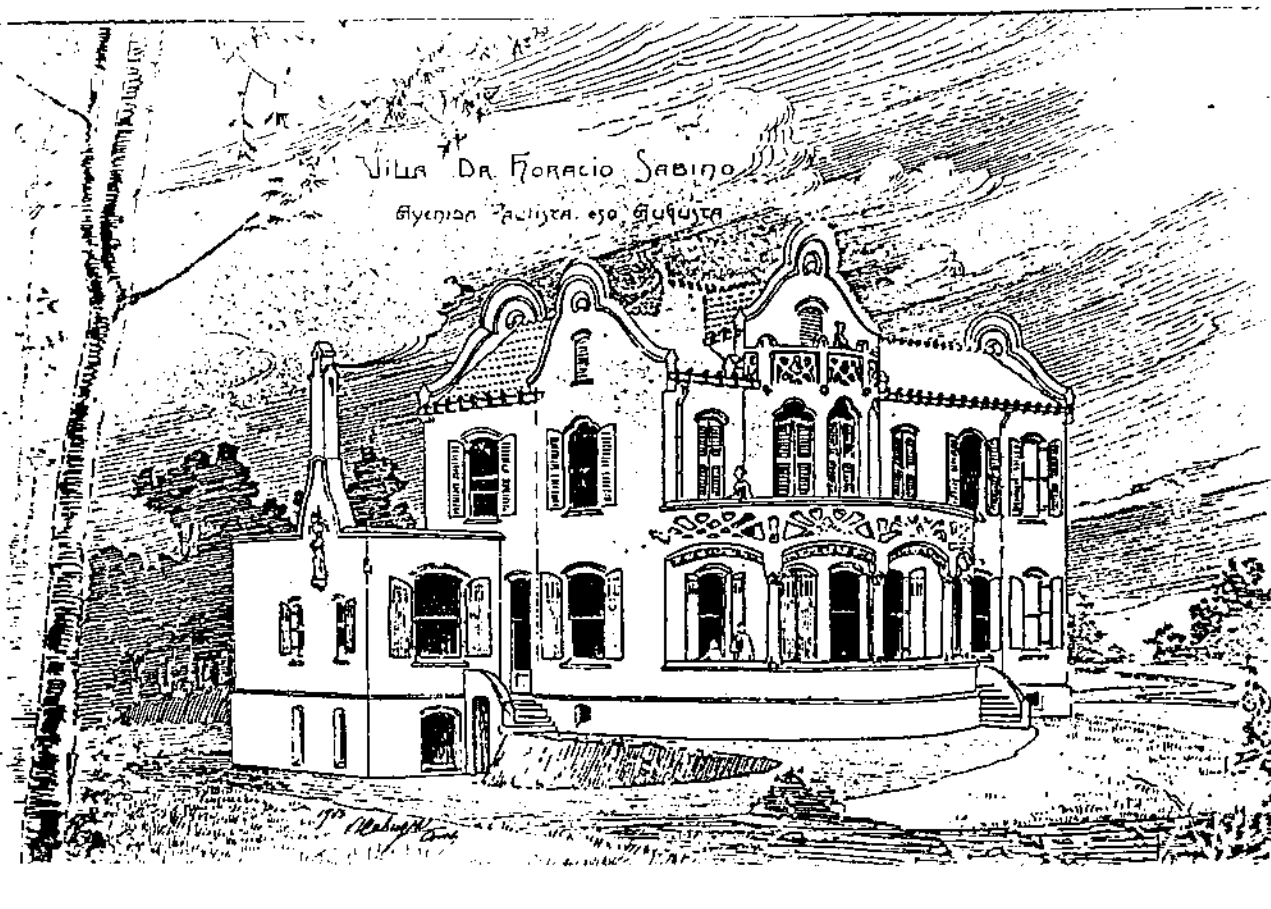
Projeto do arquiteto Victor Dubugras, 1903: Local: antiga Avenida Paulista nº 46, atual nº 2073; ocupando toda a quadra delimitada pelas ruas Padre João Manuel, Augusta e alameda Santos, além da Avenida Paulista. No local foi erguido o edifício do Conjunto Nacional.

Construída no estilo *Art Nouveau*, a residência foi projetada pelo arquiteto Victor Dubugras em 1903 para o Sr. Horácio Sabino, importante empresário do ramo imobiliário de São Paulo. Entre outros empreendimentos, ele abriu muitas das alamedas que descem da Avenida Paulista para a Avenida Brasil.

Antes de entrar propriamente na descrição da casa do Sr. Horácio Sabino, é interessante registrar o significado do *Art Nouveau* e sua influência para São Paulo nesse período. Com isso, teremos uma dimensão mais exata da sua importância e um melhor entendimento desta obra em particular.

O *Art Nouveau* floresce a partir da década de 1890 na Europa e busca afirmar-se na arquitetura pela proposição de um desenho mais personalista, intimamente apoiado nas formas curvas da natureza, tentando, fundamentalmente, equacionar os problemas subsequentes de uma crescente racionalidade industrial que se consolidava com extrema rapidez.

Os principais arquitetos da Europa neste período foram o belga Victor Horta, com várias residências construídas neste estilo; Hector Guimard, na França, que projetou algumas das magníficas estações do metrô de Paris,



20. Residência Horácio Sabino. Perspectiva.

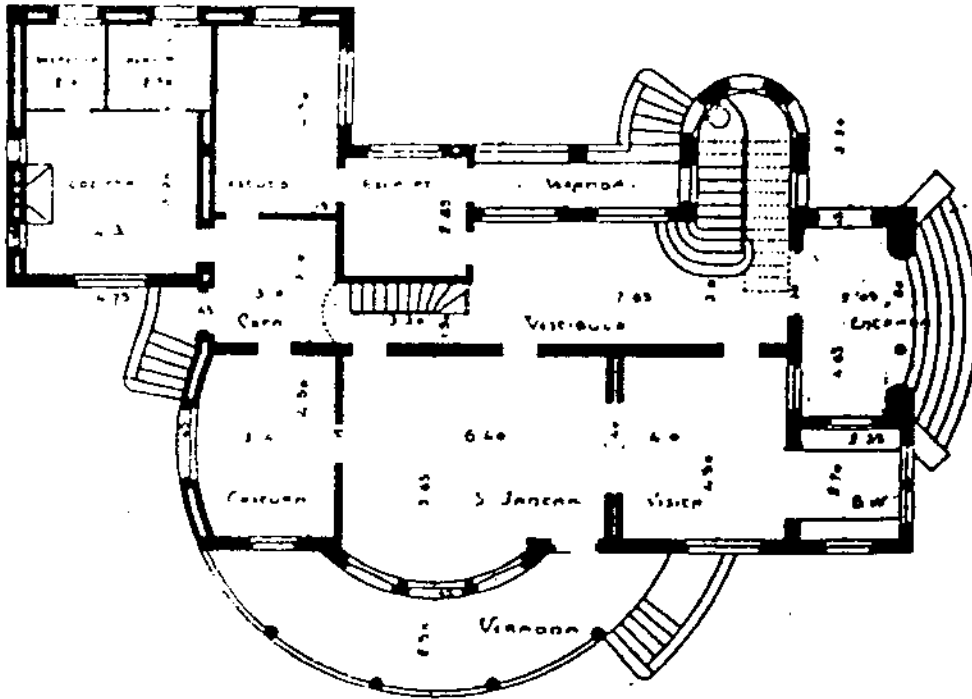
além de outras igualmente interessantes obras; e o escocês Mackintosh, que se destacou particularmente com o desenho de mobiliários.

No Brasil, a introdução do *Art Nouveau* teve consequências distintas no seu desenvolvimento. Diferentemente da Europa, a indústria local era praticamente inexistente e, como já vimos, grande parte dos materiais de construção era ainda importada. Com isso, desaparecia o equilíbrio existente entre o aspecto técnico e o seu aspecto formal.

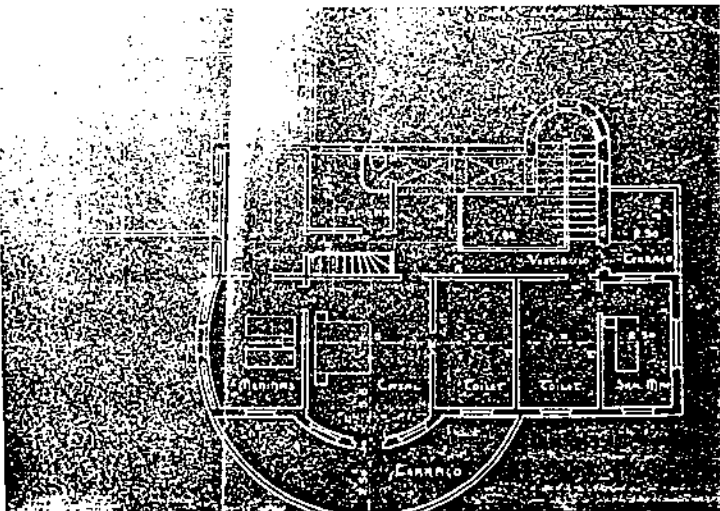
Assim, sua utilização entre nós não se consagrou como uma tentativa de contraposição da linguagem arquitetural frente à crescente força da indústria, como acontecia na Europa, mas sua utilização estava apoiada em outras questões, mais diretamente ligadas ao gosto da elite em formação na cidade, que vivia de olhos fixos na Europa. Como era a última moda em termos de decoração européia, era, então, de bom tom imitá-los. O *Art Nouveau* constituiu-se, em última instância, como uma variedade do repertório dos variados gostos em curso na arquitetura do período.

Foi nesse panorama, então, que Victor Dubugras pôde desenvolver seu trabalho. Atualmente, ele é tido como um dos mais talentosos arquitetos que já passaram por São Paulo e a revisão do conjunto da sua obra tem alcançado patamares extraordinários pela qualidade dos seus projetos. Entre as várias obras construídas, projetadas por Victor Dubugras, destacam-se a Vila Uchoa, residência de Flávio Uchoa, de 1903, já demolida; a casa de João Dente, na Avenida Paulista, também demolida; a Estação Ferroviária de Mayrink, de 1906, ainda preservada e tombada pelo Condephaat.

Flávio Motta, em artigo publicado em 1953, sobre o estilo *Art Nouveau* em São Paulo, dizia que os exemplares arquitetônicos projetados por Dubugras eram, sem dúvida, os mais bem estudados e integrados nessa corrente artística, e em particular, a residência de Horácio Sabino:



21. Residência Horácio Sabino. Planta pavimento térreo.



22. Residência Horácio Sabino. Planta pavimento superior.

Os mais puros são de autoria do arquiteto francês Victor Dubugras, como é a casa da rua Marquês de Itú, 80 ou a casa do Dr. Horácio Sabino na Avenida Paulista, esquina da rua Augusta, agora na mão do arquiteto Marchavchik para ser demolida. Assim, uma casa de Dubugras, verdadeiro pioneiro, vai abaixo por obra e graça de outro pioneiro. Mereceriam um estudo à parte, a obra e a figura de Dubugras. Homem de uma fantasia extraordinária, impunha e não transigia em matéria de arquitetura. Várias pessoas confirmam passagens curiosas de sua vida de arquiteto. Entre elas a de ter rolado no chão com o Dr. Sabino, mordendo-lhe a orelha, por causa da casa (*la personnalité - voilà ce qui nous sauvera*).⁷⁷

Uma das características mais marcantes da arquitetura de residências de Dubugras, usada em vários outros projetos e que comparece na do Dr. Sabino, refere-se à importância que ele dava aos espaços de uso coletivo. Como exemplo, a solução da sala de jantar que se projeta em semi-circunferência para o exterior. (vide ilustr. nº 21)

Essa parede curva é envolvida por uma varanda, igualmente curva, formando um círculo concêntrico com a sala de jantar. Esse é o cômodo mais destacado da casa e dele Dubugras tira notável efeito plástico. Mas o que mais impressiona é um terraço que ladeia o edifício e coberto por abóbadas.

O terraço é em curva, apresentando a planta dois arcos de círculos concêntricos. Nessas condições, estabelecidas colunas em pontos da coroa exterior, e traçando-as, por esses pontos, arcos normais em coroas, cobertas por abóbadas de pendentes.

Em um artigo publicado no nº 3 da *Revista Politécnica*, em março de 1905, Hipólito Pujol e Augusto de Toledo descreviam dessa maneira a residência projetada por Dubugras:

Só um desenho com cores próprias e sombrias poderia mostrar o efeito da composição, porque a composição baseia-se única e exclusivamente numa composição racional de materiais de tons diferentes. Desapareceram todos os ornatos superfluos, para que o membramento mais se accentuasse, para que toda a serenidade da estrutura se manifestasse, vivamente accusada, e servindo de pretexto a uma

⁷⁷ MOTTA, F. Contribuição ao estudo do "Art Nouveau" no Brasil.

decoração simples e racional. Por isso, a fotografia é algum tanto monótona e, de certo modo desagradável. Felizmente tivemos o prazer de ver o edifício, alegremente iluminado pelo sol, num dia de beleza incomparável; e ficamos surpresos, admirados do efeito que se pode obter pela simples combinação de materiais diversos e sabia disposição das formas de estrutura real, sem apellar para a fonte inexgotável de formas decorativas.⁷⁸

Esse arquiteto teve um incrível senso de espaço, fazendo-o realmente decorrente de um muito bem definido sistema estrutural sempre aparente e não admitindo falsidades ou escamoteamentos na arquitetura de interiores, tão do gosto dos seus contemporâneos ligados à prática academicista que se permitiam utilizar de tais artifícios. Isso ocorria, fundamentalmente, pelo seu grande conhecimento das técnicas em uso na época e de suas potencialidades no desenvolvimento da construção.

Finalmente, para se ter uma idéia mais exata a respeito dessa casa, recorreremos ao depoimento de Maria Helena de Souza Queiróz, filha de Horácio Sabino, que entra em outras particularidades mais ligadas ao cotidiano da casa até a sua demolição, ocorrida no início dos anos 50:

Meu pai construiu a casa da Avenida Paulista quando eu tinha um ano de idade. Morei lá até os 20, quando me casei. A casa era muito bonita, toda Art Nouveau. Meu pai era um homem de muito bom gosto. Os móveis foram quase todos trazidos da Europa, ou então encomendados no Liceu de Artes e Ofícios. Os quadros foram comprados no Salão Nacional de Paris.

Naquela época, não havia esses bufês de hoje em dia, de forma que era preciso ter tudo em casa: duas, três dúzias de talheres de prata, para quando se recebia muita gente, toda a porcelana. Não se podia encomendar essas coisas fora. Mas a vida era muito boa, muito mais fácil do que agora. Minha mãe não tinha trabalho nenhum. O tintureiro passava na porta, e o verdureiro, o peixeiro. Se era preciso comprar alguma coisa, ligava-se para o Depósito Normal, que era um armazém muito fino, e eles mandavam entregar em casa.

Tínhamos muitos empregados - e naquela época eles ficavam a vida toda na mesma casa. Tínhamos o *chauffeur*, o ajudante do *chauffeur*, os dois jardineiros, a cozinheira, a copeira e um japonês faz-tudo, que passou 30 anos em casa de papai.

Estudávamos em casa. Papai não quis que fôssemos à escola. Achava muito misturada. Então, Tia Elvira, que depois fundou a escola Elvira Brandão, passava lá em casa, todas as tardes e nos ensinava.

⁷⁸ TOLEDO, B. L. de, op. cit., pág. 43.



23. Residência Numa de Oliveira, de 1920.

Aprendíamos a dançar nas aulas de Madame Poças Leitão, no Trianon. Ela era muito exigente, queria que andássemos sempre tesinhas, mas era divertido porque ficávamos conhecendo os rapazes e quando chegávamos às festas já tínhamos par.

E tinha o carnaval, com o corpo de baile da Paulista. Papai mandou construir uma espécie de caramanchão, junto da Avenida, e ficávamos ali, assistindo à passagem dos automóveis, fantasiadas. Mãe nos pintava o rosto, os olhos, ficávamos faceiríssimas.

Casei em casa. A festa foi muito bonita, com mesinhas no jardim. Meu vestido foi feito por uma costureira excelente, Mlle. Lacase. Todo de cetim branco, com a cauda grande e um arranjo de flores de laranjeiras, ameixeiras do Japão, tudo. Tinha um carvalho, uma beleza, que perdia as folhas e depois ficava verdinho.

Sentimos muito quando a casa foi abaixo. Mas meu pai e minha mãe tinham morrido, com 17 dias de intervalo. E como o terreno era propriedade de valor extraordinário, decidimos vender. Quem comprou era um homem chamado José Tjurs. Na ocasião, inclusive, ele disse que ia conservar o bosque. Não apenas pôs tudo abaixo como construiu um prédio feíssimo, sem nenhuma graça. E o terreno era lindo.⁷⁹

RESIDENCIA NUMA DE OLIVEIRA (ilust. nº 23)

Projeto do arquiteto Ricardo Severo, 1920. Local: antiga Avenida Paulista nº 114, atual nº 1.009, onde hoje se encontra o Edifício Numa de Oliveira, esquina com alameda Campinas.

Numa de Oliveira foi próspero fazendeiro de café. Dono de grande fortuna, pertenceu à comissão patrocinadora da Semana de Arte Moderna de 1922. Antes desta casa na Avenida Paulista, residia numa casa *Art Nouveau* projetada por Victor Dubugras, na rua General Jardim. Além de cafeicultor, foi também banqueiro de renome. Em 1931, tornou-se Secretário da Fazenda.

Nascido em 1870, Oliveira foi um autodidata que iniciou a carreira como estenógrafo, primeiro em Portugal, depois no Rio e por fim em São Paulo, na época do governo de Cerqueira César (1891-1892). Nessa ocasião, foi convidado a dirigir os serviços de estenografia na Assembléia Estadual. Logo tornou-se um protegido de Júlio de Mesquita, genro de Cerqueira César.

Aparentemente, a posição que Oliveira ocupava na Assembléia facilitava-lhe a obtenção de valiosas informações

⁷⁹ Revista GOODYEAR especial: Avenida Paulista: O futuro faz cem anos, pág. 30.

econômicas e políticas, além de lhe propiciar contatos com pessoas que ajudavam sua promoção pessoal. Desse modo, dentro de pouco tempo começou a investir em terras boas para o plantio do café, na região de Ribeirão Preto.

Tornou-se comissário em Santos e diretor (e mais tarde presidente) do Banco do Comércio e Indústria, um dos mais importantes estabelecimentos particulares no Estado.

Sua origem modesta não impediu sua ascensão social. Longe disto, de fato foi membro fundador do Automóvel Clube e duas vezes presidente do Clube Atlético, talvez a mais prestigiosa das agremiações sociais de São Paulo. Era dotado de um admirável tino empresarial, tanto que sua fama está ligada à sua posição como representante do grupo cafeeiro mais rico do Estado, como também às suas atividades no setor bancário, onde atuou como agente dos Bancos Schroeder e Rothschild. No entanto, as ligações financeiras de Oliveira deram motivo às manobras que acabaram por afastá-lo da Secretaria da Fazenda.⁸⁰

A residência de Numa de Oliveira foi uma das primeiras a ser feita no "estilo tradicionalista" de Ricardo Severo. Foi, sem dúvida, a mais completa realização desse movimento que tentou traduzir aspectos formais de nossa herança cultural.

Em 1917, Ricardo Severo, que já se dedicava a aprofundar os seus conceitos nesse campo, colocava-se frontalmente contra a prática de uma arquitetura estranha ao lugar, sem considerar uma série de fatores que julgava importante. Não concordava com o que via, principalmente pela mistura de formas e linguagens diversas produzidas pelo meio, em grande parte pela cultura dos estrangeiros.

Naquele ano, nestes termos, ele se referia sobre o assunto:

⁸⁰ LOVE, J., op. cit., págs. 239-40.

...produziram por excesso o abuso do ornamento modelado applicado sobre fachadas completamente lisas, sem discreção, sem compostura architectural, sem o mínimo senso esthetico. Uma mistura de formas exóticas surge pelo casario urbano dos novos bairros; a fachada procura estylos incompreensíveis e que chocam principalmente pela sua desconexão com o quadro local e o seu destino; surgem as platibandas com cimalhões e filas de consólos, os beirões de telhões de faiança azul e branca do Porto, os frisos e requadraturas de estuque, e os pannos de azulejos portugueses; como coroamento de pilastras e frontões, os vasos, as pinhas de cerâmica de Gaya, allegorias das cinco partes do mundo, do commercio, da industria e da navegação! Apparece também o chalet com lambrequins de madeira recortada e longos avarandados nas casas burguezas...

...Perdeu-se completamente o fio tradicional nesse ecletico labyrinth de influencias extranhas... Deixou-se de considerar o meio physico, na conformação orographica do seu terreno e paisagem local, o quadro social com seus usos e costumes, hábitos da vida familiar e collectiva, e não se adaptaram com justeza as formas constructivas proprias dos materiais do paiz.⁸¹

Dessa forma, sua obra procurou sempre uma sintonia com os esquemas mais tradicionais da nossa história da construção. O grande problema disso era conceituar o que era efetivamente nosso. E Ricardo Severo tinha consciência desse problema. Para tentar sanar este lapso, no início do século J. Wasth Rodrigues recebeu uma bolsa de Ricardo Severo para viajar pelo país e realizar um "Documentário Arquitetônico". Este terá sido um dos primeiros documentos a realizar um inventário arquitetônico das construções brasileiras.

Há quem diga, por exemplo, que a casa da Avenida Paulista, apesar de toda a preocupação de Severo com linguagens estranhas à nossa tradição, por ser ele mesmo estrangeiro, não passava de uma cópia fiel da arquitetura que era produzida em seu país de origem, Portugal. Nessa casa, segundo alguns, nada lembrava a simplicidade antiga das nossas construções.

A casa era muito grande, um sobrado que nos fundos, por causa de um acentuado desnível, ganhava mais um andar. Benedito Lima de Toledo nos fornece uma pequena descrição da casa, trazendo interessantes detalhes

81. MORSE, R. M., op. cit., pág. 256



24. Residência Numa de Oliveira. Aspectos Gerais.

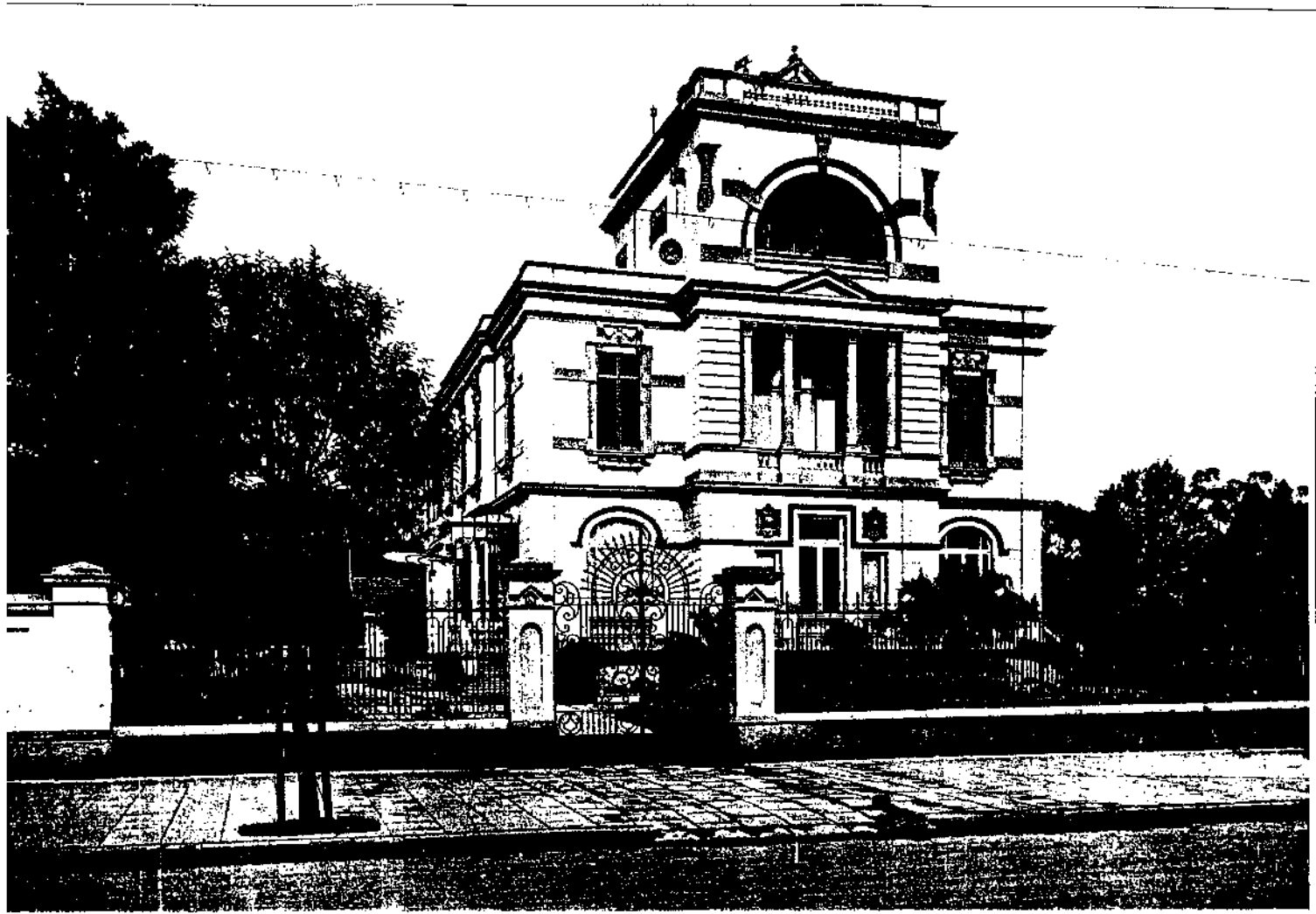
arquitetônicos da construção da casa, que transcrevemos a seguir:

...Nos balcões do pavimento superior viam-se gelosias e muxarabiês. Destaca-se a cobertura de telha tipo capa-e-canal com longos beirais. Na verdade, três tipos de beirais foram usados: no corpo principal, beiral encachorrado; na parte posterior, beiral com beira-saveira e nos alpendrados que rodeavam a casa, beiral com telha de louça originária do Porto. Estes alpendrados contavam com outros requintes, como as barras de azulejo especialmente pintadas pelo ceramista português Jorge Colaço e queimadas nas cerâmicas do Porto. O azulejo na forma de painéis de bordos recortados com temas pastoris, foi usado, ainda, nas paredes do saguão principal. A ocorrência de silhares de azulejos em edifícios monumentais, religiosos ou civis, já constituía motivo de admiração num país onde esse material não era fabricado. Sua ocorrência em residência particular era um requinte. Poderíamos dizer que o neo colonial produzia obras nunca imaginadas na época colonial.

Não ficava atrás a qualidade da *boiserie*. O *lambris* integrava-se ao mobiliário e harmonizava-se com o forro artesado. Esse trabalho testemunha o elevado nível dos profissionais do Liceu de Artes e Ofícios. Assim, por qualquer maneira que se pretenda examinar esta obra, ela foi, na verdade, mais um testemunho do elevado nível de execução que atingiu a arquitetura paulistana no início deste século, como, ademais, constatamos em inúmeros exemplares na Avenida Paulista. Quanto à proposta cultural, o neo-colonial não teve melhor futuro que outros estilos passadistas.⁸²

De qualquer modo, a despeito das questões conceituais que Ricardo Severo se prendia em aplicar, conforme seus padrões próprios de arquitetura, a casa projetada por ele revelou um talento especial na organização dos espaços e na harmonia da sua composição. Pela ilustração nº 24, isso pode ser devidamente percebido. Havia nele uma justa preocupação estética em compor seus volumes adequadamente, equilibrar as envazaduras das fachadas e buscar uma solução mais condizente com a forma do terreno. Enfim, atendo-se a cada uma das particularidades que se ofereciam e tirando disso o máximo proveito, conseguiu Ricardo Severo obter notável resultado, constituindo-se esta casa numa das residências mais significativas construídas na Avenida.

⁸² TOLEDO, B. L. de, op. cit., pág. 89.



25. Residência Alexandre Siciliano, de 1896.

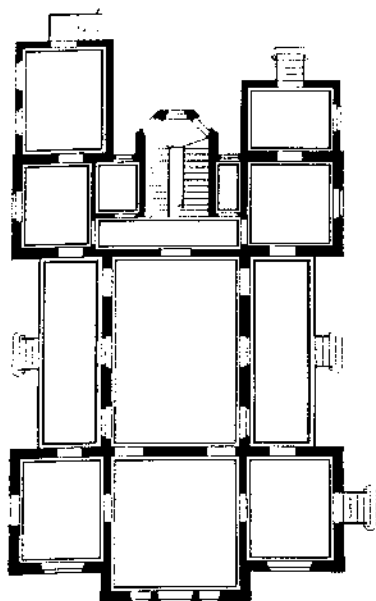
Atualmente, no local, há um grande edifício com 24 pavimentos, que curiosamente leva o nome de Numa de Oliveira. A razão disso se deve ao fato de sua construção ter sido realizada pela própria família do eminente banqueiro, a cargo do Escritório Técnico "Ramos de Azevedo - Engenharia - Arquitetura - Construções Severo & Villares S.A., escritório em que um dos sócios foi justamente Ricardo Severo. Seu pedido na Prefeitura Municipal para construção é de 1962, o que nos leva a crer que a demolição do casarão deve ter-se dado um pouco antes.

RESIDENCIA ALEXANDRE SICILIANO (ilust. nº 25)

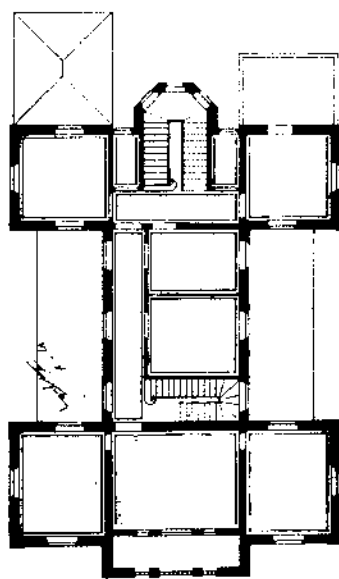
Projeto do escritório Ramos de Azevedo, 1896, originalmente para Luiz Anhaia. Local: antiga Avenida Paulista nº 126, atual nº 807, onde hoje se encontra o edifício Winston Churchill, na esquina da Rua Joaquim Eugênio de Lima.

Com 9 anos de idade, Alexandre Siciliano chegou ao Brasil vindo da Itália. Era o ano de 1869. Doze anos mais tarde, em 1881, Siciliano casou-se com Laura Augusta de Melo Coelho, filha de um rico fazendeiro de Piracicaba. Em 1890 organizou a Companhia Mechanica e Importadora de São Paulo. Em 1895, o conhecido órgão *British Trade Journal* já colocava esta companhia à frente de todos os estabelecimentos similares no Brasil. As suas oficinas e os depósitos situavam-se no bairro do Pari, ocupando uma área total em torno de 42.000 m². No final dos anos 10, Alexandre Siciliano já tinha um vasto império industrial, que incluía também uma das maiores indústrias metalúrgicas do país, as fábricas de tecidos Brasital e a Central Açucareira Dumont, além de manufaturas de juta de amiagem.

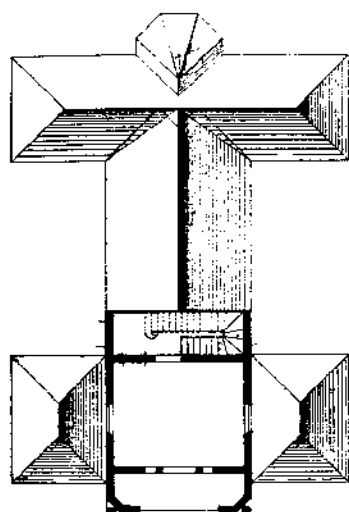
A residência de Alexandre Siciliano talvez tenha sido a construção na Avenida Paulista que mais se utilizou do vocabulário clássico da arquitetura. Esse vocabulário é facilmente reconhecível, como por exemplo, nas colunas empregadas na fachada, nos tratamentos padronizados das



Pavimento térreo



Pavimento elevado



Terceiro pavimento, talvez dormitório.



Residência do Dr. Luís Anhaia, aprovada na Prefeitura por Ramos de Azevedo em abril de 1896 e concebida dentro de toda a ortodoxia do neoclássico vigente, inclusive na simetria da planta.

26. Residência Alexandre Siciliano. Plantas esquemáticas da organização dos espaços internos. Pavimentos térreo e superior e desenho da fachada.

envazaduras ou, ainda, nas séries padronizadas de ornamentos em todo o conjunto da edificação.

Sua construção revela todo o senso estético de Ramos de Azevedo e é um produto típico da sua obra. Nela estão presente toda a sua preocupação com os detalhes, com a técnica e o desejo de se atingir a perfeição na arquitetura. Além disso, revela, ainda, pelas diversas citações no seu desenho, a aproximação com a história, transformando o passado como única fonte de inspiração.

A rigidez da composição, além de estar presente nas fachadas, sobressai-se plenamente também na maneira de organização dos espaços internos, cujo desenho da planta dos pavimentos obedece uma estrita simetria na sua forma. (ilust. nº 26)

Segundo Benedito Lima de Toledo, o interior dessa residência não diferia muito da austeridade comum das residências paulistanas da época; e descreveu dessa maneira alguns dos muitos aspectos sobre a sua construção:

...a residência de Alexandre Siciliano terá sido o primeiro projeto do arquiteto Francisco de Paula Ramos de Azevedo para a Avenida Paulista. O projeto originalmente destinava-se ao "Doutor Anhaia" (1896) e revela que o arquiteto recém-diplomado na Bélgica recebeu uma formação de um academismo rígido. Esse projeto caracteriza-se por um paladianismo indiscutível. No seu interior, a residência mostra ambientes austeros comuns a diversas residências paulistanas da época. O recanto mais agradável é o jardim de inverno, dependência que comparece em várias residências. É uma sala clara com uma decoração leve, de caráter floreal, que se harmoniza bem com a vegetação dos vasos e com os vários móveis de vime. Com exclusão da porta, de desenho de uma rigidez enfatizada pelo monograma, que lembra um cifrão, esse cômodo nem parece pertencer a essa mesma casa tão austera. Em alguns casos, o jardim de inverno era acréscimo posterior, uma evasão ao convencionalismo vigente, no rumo da distinção da "belle époque".⁸³

RESIDENCIA ERNESTO DIAS DE CASTRO (ilust. nº 27)

Projeto do escritório Ramos de Azevedo, 1930.
Local: antiga Avenida Paulista nº 186, atual nº 37. Este casarão foi recentemente reformado (1991), e nele foi

⁸³ Idem, pág. 123.



27. Residência Ernesto Dias de Castro, de 1930.

implantado o Museu "Casa das Rosas", sob a responsabilidade da Secretaria da Cultura do Governo do Estado de São Paulo.

Projetada em 1928 pelo escritório de Ramos de Azevedo, a casa serviu, até setembro de 1986, como residência de Ernesto Dias de Castro Neto. Seu avô era o comerciante Ernesto Dias de Castro, casado com Lúcia Azevedo Dias de Castro, uma das filhas de Ramos de Azevedo. Este comprou o lote desta casa, que até 1935 ainda não havia sido construída, e anos mais tarde vendeu-a para seu genro. O projeto arquitetônico foi realizado pelo escritório de Ramos de Azevedo, no entanto, o arquiteto do escritório que mais se empenhou nesta tarefa foi Felisberto Razzini, conforme depoimento do último proprietário, pertencente a família.

A construção foi realizada, na sua grande maioria, com materiais estrangeiros, com exceção dos tijolos e madeiras, que eram nacionais. Entre esses materiais, é interessante destacar os mármore das escadarias, tanto as externas, que dão saída para os jardins, como a interna, que eram italianos. Chapas galvanizadas de Flandres, ferragens inglesas, cristais belgas são outros dos materiais que também foram utilizados na construção da casa. Os canos condutores de água, todos de cobre, os perfis da caixilharia, as louças dos banheiros e da cozinha e as placas de fibrocimento, utilizadas na cobertura, tudo foi trazido da Europa por uma firma de importações dirigida por Ernesto Dias de Castro, o genro de Ramos de Azevedo.

No primeiro andar da casa, teve-se o cuidado de isolar as áreas sociais das áreas de serviço, todas elas com esquemas de circulação independentes. Um vestibulo, com piso de mármore, abre-se para a sala de visitas, para a sala de música e para a sala de jantar, recoberto por lambris de madeira. Uma porta espelhada encarrega-se de disfarçar o acesso para a copa, cozinha e as escadarias que levam ao porão.

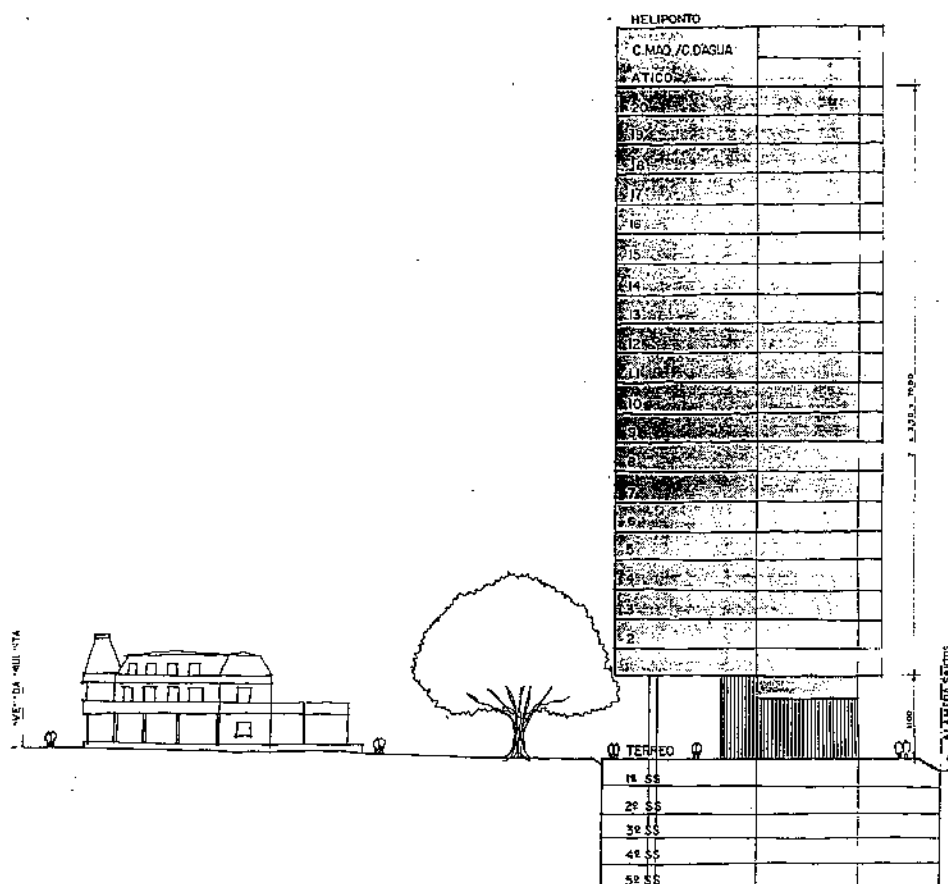
Na escadaria interna, que dá acesso ao 2º

pavimento, vê-se um grande vitral colorido, de autoria de Conrado Sorgenitch, artista do qual falamos a respeito no primeiro capítulo. Nos dormitórios, as paredes são protegidas por tecidos de seda. Acompanhando o alto das paredes, cimalhas de gesso enfeitam os quartos, enquanto ornamentos no teto mostram o ponto onde estavam instalados os lustres. Apesar de serem amplos, é importante ressaltar que os dormitórios não dispõem de banheiros exclusivos. Aliás, a noção de conforto da época não exigia suítes privativas.

Junto canais para o despejo de roupas sujas - com acesso direto à lavanderia, instalada no porão -, a casa possuía um elevador monta-cargas, por onde eram devolvidas as roupas lavadas ou entregues encomendas solicitadas à cozinha. No sótão, foi deixado espaço para uma sala de costura e para rouparia, além de dormitórios menores para os empregados mais "categorizados", como enfermeiros ou governantas. Os demais empregados podiam alojar-se nos dormitórios da edícula, ao lado da garagem para três automóveis.

No porão, instalavam-se a adega, uma sala de bilhar e a caldeira para aquecer os *chauffages* mantidos em todos os cômodos. No quadro de chaves há ganchos para receber até 57 peças, todas com a respectiva plaqueta de correspondência. A chave nº 10, por exemplo, destinava-se a abrir as portas de vidro do armário da sala do cuco. E as de números 48, 49 e 50 vedavam o acesso aos três galinheiros existentes na casa.

Atualmente a casa é mais conhecida pela população como "Casarão das Rosas", que recebeu essa denominação por causa do grande número de roseiras do seu jardim. Tombada pelo Condephaat em 1982, a casa foi desapropriada pela Secretaria Estadual da Cultura em janeiro de 1991 e transformada no "Museu Casa das Rosas". Tem uma área de construção privativa de 1.331 m² e comum de 1.523 m², totalizando, portanto, 2.854 m².



CORTE ESQUEMATICO
ESC. 1:400

28. Corte esquemático do terreno onde está localizada a residência Ernesto Dias de Castro (atual Museu "Casa das Rosas"). No seu lado direito, o edifício de arquitetura moderna "Condomínio Edifício Parque Cultural Paulista", e, no meio do terreno a figueira preservada.

Este lote da Avenida Paulista sofreu por uma intervenção inédita em São Paulo, com a tentativa de aliar a preservação do imóvel à construção de um moderno prédio de escritórios, com 20 andares, projetado pelo Escritório Técnico de Arquitetura Júlio Neves. Construído no fundo do lote, sem sequer prejudicar uma figueira de 17 metros de altura, o prédio teve um tratamento de fachada inteiramente concebido de modo a não prejudicar a leitura do casarão. (ilust. nº 28) As fachadas do edifício foram definidas pelo sistema "Curtain-Wall", com perfis e montantes de alumínio anodizado na cor preta, na modulação de 1,25 metros e com vidros de cristal laminado refletivo, com espessura de 10 mm, na cor verde.

A negociação com o Condephaat para a concretização do empreendimento foi definida pela obediência a duas cláusulas fundamentais: uma minuciosa restauração da casa, permitindo-se posteriormente a visitação pública aos interiores da casa tombada, e a construção do futuro prédio sobre uma base de *pilotis*, com 11 metros de altura, para garantir uma boa visibilidade da "Mansão das Rosas", para quem esteja, por exemplo, na alameda Santos. O prédio não poderia impedir a visão da casa.

* * *

LOGRADOUROS PUBLICOS

O CONJUNTO DO TRIANON

THORARIO

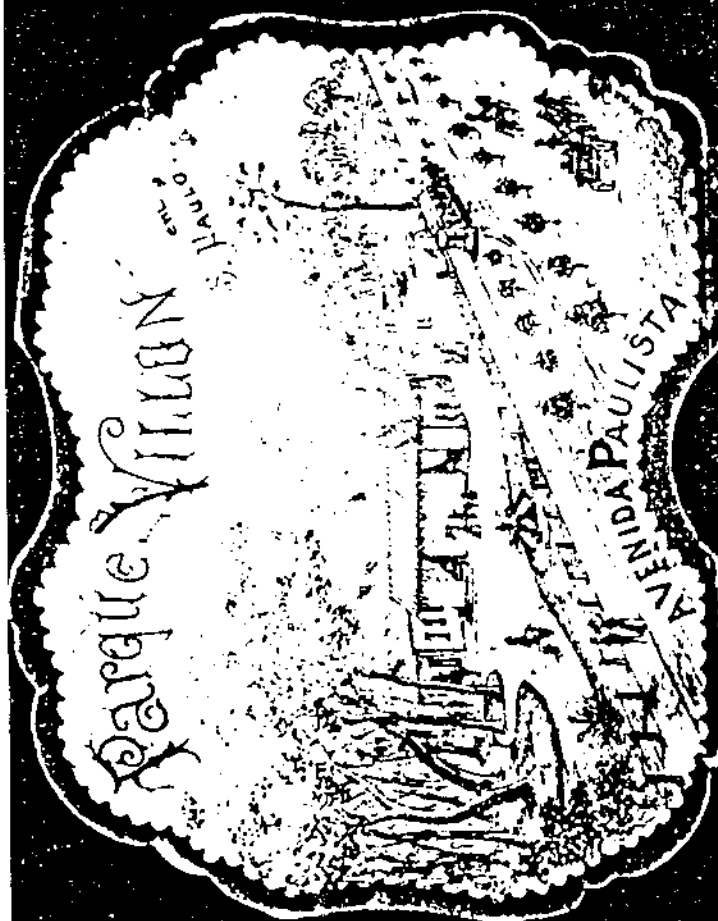
[illegible]

Alm. Su.
Joaquim Eugenio de Lima.

Tenho a honra de convidar a V. Exa. para assistir a inauguração do Parque e Restaurantes provisório na Grande Avenida Paulista, que terá lugar no dia 3 de Abril, p.p. a 1 hora da tarde, havendo boas espécies que poderão ao mesmo dia.

São Paulo, 3^a de Março de 1892.

Paul Wilson



PARQUE VILLON / TENENTE SIQUEIRA CAMPOS

No final do século XIX, a população de São Paulo adquiria cada vez mais o hábito da prática do lazer e dos passeios aos locais públicos da cidade. A medida que uma série de benfeitorias, no centro e nos bairros, começava a trazer melhores condições de circulação e a implantação de novas atividades sociais e econômicas a cidade estampava uma fisionomia cada vez mais diferente.

Lugares até então considerados ermos tornaram-se conhecidos e frequentados, a partir, principalmente, de 1895. Retificaram-se ruas, regularizaram-se velhos largos tortuosos e desnivelados e, sobretudo, abriram-se avenidas e fizeram-se arruamentos mais perfeitos, de forma que já em fins do século passado um observador podia distinguir com nitidez, pelo desenho dos quarteirões, a parte velha da parte nova da cidade.

Antes de 1890, os passeios públicos mais comuns na cidade de São Paulo eram o da Luz, os Taludes do Carmo (morro do Carmo e rua Vinte e Cinco de março, descendo do largo do Carmo até o hospital dos alienados), que provavelmente foram ajardinados no tempo da administração João Teodoro; o Jardim Municipal (largo Municipal), a Chácara da Floresta, na Ponte Grande, e o Tivoly Garden, no Marco da Meia Léguas.⁸⁴

Logo depois, vários outros centros de recreação foram construídos, alguns *tivolys* nos bairros, o parque do Museu no Ipiranga e o Parque Villon na Paulista.

Inaugurado em 03 de abril de 1892, o Parque Villon recebeu inicialmente este nome em virtude de ter sido planejado pelo paisagista francês Paul Villon, trazido do Rio de Janeiro por Joaquim Eugênio de Lima, conforme já dissemos anteriormente. Na ilustração nº 29 pode-se ver a

84 BRUNO, E. S. *Histórias e Tradições da Cidade de São Paulo*, pág. 991.

29. Página anterior. Cópia do convite recebido por Joaquim Eugênio de Lima para a inauguração do Parque Villon.

cópia do convite recebido por Joaquim Eugênio de Lima para a inauguração do Parque.

No momento da construção da Avenida Paulista, seus idealizadores resolveram destinar um quarteirão inteiro para utilização como parque. Esse quarteirão consistia naquele espaço onde ainda havia remanescentes da mata primitiva da região, identificado de modo muito claro no quadro de Jules Martin, conforme comentado anteriormente, à esquerda da Avenida.

O quarteirão que posteriormente se tornou o Parque Tenente Siqueira Campos nos anos 30 fazia parte das terras pertencentes a José Borges de Figueiredo e sua esposa, adquiridas em 1892 pelo Coronel José Ferreira de Figueiredo. Naquela época, essas terras formavam duas quadras contínuas, com 230 metros de fundo por 160 metros de extensão na Avenida Paulista.

Documentos da época indicam que esses terrenos haviam sido posteriormente hipotecados, conforme se nota pela escritura de venda em 1907, ao Banco da República do Brasil, por escritura de 13 de agosto de 1898, no Rio de Janeiro, e transferidos em 1901 para o grupo Zerrenner, Bulow e Cia., em São Paulo. A hipoteca ainda não havia sido resgatada quando os terrenos foram adquiridos em 1907 por Francisco Matarazzo pela quantia de R\$ 168:000\$000.

Quando da venda dos terrenos pelo Coronel José Ferreira de Figueiredo e sua esposa, Candida Aurora de Figueiredo, a Francisco Matarazzo e sua esposa, em 18 de abril de 1907, já havia acontecido a separação dos lotes em consequência da abertura da alameda Santos, antes apenas projetada.

A 10 de julho de 1911, Francisco Matarazzo e sua esposa venderam esses terrenos à Câmara Municipal de São Paulo, representada pelo Prefeito, o Barão de Duprat, pela quantia de R\$ 350:000\$000, o que significa uma duplicação do seu valor em apenas quatro anos, dando origem, então, ao Parque Municipal que, depois de 1930, passou a chamar Parque

Tenente Siqueira Campos, denominação que permanece até hoje.

O nome Tenente Siqueira Campos foi oficializado pela Prefeitura Municipal em homenagem prestada a este oficial do Exército que falecera em um acidente de avião quando articulava com companheiros a Revolução de 1930, segundo consta do considerando da Ata nº 10 de 24 de janeiro de 1931, que dizia o seguinte: "a cidade de São Paulo não pode deixar sem homenagem a memória de um dos heróicos idealistas de Copacabana...". Desse modo, esse logradouro público recebeu esta denominação quando ainda predominava o entusiasmo revolucionário.

O jornal *O Estado de São Paulo*, em 06 de maio de 1894, numa tradução do periódico francês *L'Echo du Brésil*, publicou um texto sobre o Parque Villon que nos dá uma visão da sua situação, descrevendo as construções que ali existiam e que se consistiam na infra-estrutura do parque para o uso da população, o que transcrevemos a seguir:

...No fundo do amphitheatro formado pela matta acha-se um pavilhão que recosta sobre a verdura o seu perfil. E o Parque do Coronel Figueiredo (occupado actualmente por M. Villon).

Sob a espessa folhagem dessas árvores seculares, sobre cujo tronco o cipó se enrosca, em uma temperatura perfeitamente igual, as crianças podem brincar á vontade, e este canto feerico tornou-se há muito o passeio predilecto da elegante população paulista.

A criação de jardins sob a sabia direcção do sr. Villon, cuja celebridade justamente adquirida no Rio de Janeiro e jamais contestada, nos permittirá adairar o specimen que se nos apresenta.

As florestas de fetos em miniatura, estendem suas largas folhas como finas rendas; albas de palmeira variadas dão ao visitante uma idéa exacta do que são os grandes oasis da Algeria; e as rosas multicores dasabrochando nos taboleiros, proporcionar-lhe-hão suaves e delicados perfumes.

O numero de pessoas que invejam bellas paysagens, espaços immensos, é certamente consideravel. Entre ellas, a maior parte, pelo menos, é privada de ar e de luz.

Qualquer que seja a sua posição, soffrem dependencias desagradaveis.

Não pertencem propriamente a si mesmos, pertencem a uma clientella de doentes, se é medico, de demandistas, se é advogado, de compradores, se é negociante, clientella que é necessario agradar e acariciar. Os magistrados não fazem excepção á regra, tem deveres a cumprir em dias e horas fixas. Sendo assim, é natural que procurem aos domingos o repouso, afastando-se da cidade para gozar num

recanto agradável as doçuras da vida.

A situação excepcionalmente favorável do lugar "Parque Villon" as bellezas ahí introduzidas, a excellent orchestra que se faz ouvir aos domingos, a esplendida cozinha, seus vinhos escolhidos, os preços razoaveis, a affabilidade da gerente Mme. Evrard, são outros tantos attractivos para as pessoas inimigas do "spleen".

O pavilhão que vimos de descrever nada é ao lado da soberba construcção, estylo arabe, que se avista mais longe, e que o substituirá vantajosamente.

No primeiro andar nota-se: uma grande sala de banquete, podendo conter cem pessoas, quatro gabinetes reservados, seis aposentos, commodo para administração, sala de banhos, duchas ...

No pavimento terreo: um grande salão, um outro para recepções, gabinete para leitura, bilhar, cinco gabinetes reservados, salas de banhos, etc., etc., enfim tudo o que é necessario para attrahir os habitués, os mais exigentes.

E neste novo estabelecimento que as grandes reuniões e festas poderão realizar-se.

Estabelecer-se-á um magnifico parque, no qual figurarão ribeiros, kiosques, conchas, rochedos e cascatas, pavilhão de musica, ponte rustica, em uma palavra todos os recursos da arte moderna, grupos espalhados em profusão dar-lhe-ão um aspecto, o mais seductor e alegre.

Serão cultivadas camelias multicores, que, imitarão os jardins da Italia.

Em estufas, desabrocharão as orchideas e plantas de alegres cores que lembrarão os tropicos.

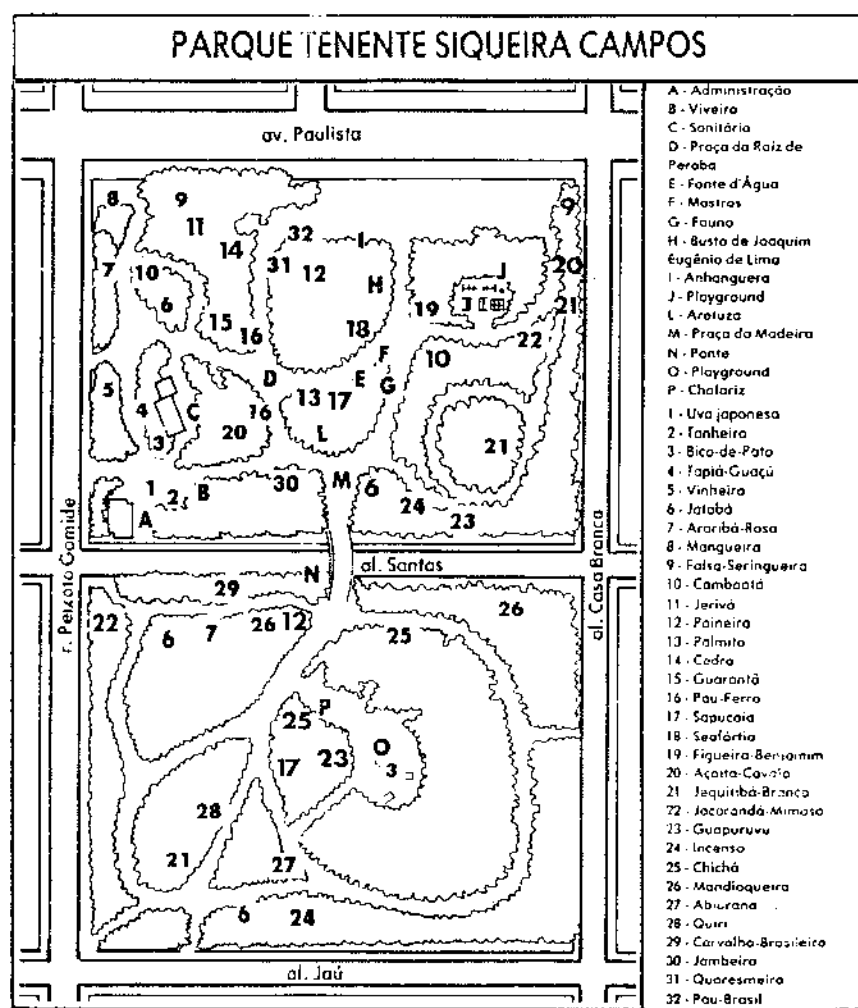
Para transportarem-se a este lugar delicioso, "Avenida Paulista", seria necessario um serviço de bonds superior ao actual. A Companhia, descurando do bem estar dos passageiros, não olha senão o seu proprio interesse; não é sómente quanto ao serviço mal feito, mas também quanto ao material rodante, que deixa muito a desejar quanto ao asseio.

O percurso, sendo naturalmente penoso, deveria ser feito com animaes sufficientes, para não expor o passageiro a um trajecto tão longo, que poderia ser effectuado em poucos minutos.

Esperamos que a Companhia tomará em consideração estas observações e empregará maior actividade para o bom desempenho do serviço...85

Ao contemplarmos a Avenida em toda a sua extensão, à época da inauguração do Parque, podemos notar alguns aspectos no seu desenho bastante interessantes entre o Parque e o restante da Avenida; ou seja, a relação existente entre o Parque com o ambiente externo.

Primeiramente, há que destacar uma questão bastante importante em relação à sua implantação. Ela demonstra uma acurada sensibilidade e larga visão urbanística



30. Planta esquemática do Parque Villon/Tenente Siqueira Campos. Inventário das espécies de plantas.

dos seus idealizadores, porquanto não deixaram de considerar os aspectos da geografia do lugar. A partir dele, podia-se, certamente, apreciar um panorama de rara beleza, principalmente a visão em direção ao vale que se abria mais abaixo, onde se descortinava as colinas e o centro de São Paulo. Esse vale era denominado Saracura, onde hoje corre a avenida Nove de Julho. Depoimentos dessa época não deixam de mencionar este local como sendo um dos pontos mais belos da recente Avenida. Vale lembrar, ainda, que por este motivo a Prefeitura de São Paulo jamais permitiu qualquer construção no local que viesse impedir essa perspectiva. Trataremos sobre isto, com maiores detalhes quando destacarmos a construção do atual Museu de Arte de São Paulo - MASP.

Em segundo lugar, uma outra questão merece ser levantada tendo em vista o próprio conceito do Parque que se inaugurava. Nestes termos, o Parque foi pensado como um espaço essencialmente urbano; ou seja, como uma atividade de lazer para a cidade. Isso vem revelar todo o entendimento que seus idealizadores já possuíam da cidade em que viviam. Reconheciam a sua transformação; sabiam das novas exigências que a cada dia se impunham com maior frequência. Enfim, com a rápida expansão da cidade e uma população cada vez maior, novas práticas urbanas e, conseqüentemente, diferentes modos de lazer se estabeleciam. Desse modo, não causa estranheza o fato de que já havia uma linha regular de *bonds* que ligava o Parque ao centro da cidade, desde o momento da sua inauguração.

A estrutura básica definida para o Parque é bastante singular e extremamente eficiente para a obtenção dos resultados que eram almejados.

O seu desenho é simples, dividido em alamedas onde circulam os pedestres no interior do Parque. (ilust. nº 30) Essas alamedas são curvas e obedecem as inclinações mais suaves na depressão de nível existente entre a avenida e o vale mais abaixo, direção sul. Essa caracterização do caminhamento permite ao visitante do Parque uma fruição do

ambiente onde prevalece uma observação do inédito e da surpresa, proporcionados pela densidade da vegetação, das suas formas, cores e pela penetração da luz e da sombra no seu interior.

Nesse quadro, em particular, é interessante destacar um paradoxo entre o seu desenho e a Avenida onde está implantado. Diferentemente do Parque, cujo espaço foi concebido aliando-se suas formas à organicidade própria da natureza, com suas alamedas curvas, a Avenida Paulista foi pensada com base num esquema de organização extremamente racional e geométrico, donde o previsível e a rigidez do seu desenho.

No início deste século, o Parque foi motivo de um texto para Monteiro Lobato - um dos críticos mais impiedosos da afirmação da arte moderna no país - em que ele descreve o seu encantamento e sua visão poética de um pedaço da natureza no meio da cidade, preservado, segundo ele dizia, por obra de um milagre, o que transcrevemos a seguir:

Por um verdadeiro milagre conservou-se na Avenida Paulista um trecho da mata nativa. Nunca devastado, suas árvores denunciam-se coevas da gente nua, senhoras do país antes do "grilo" de Pedro Alvares Cabral. A galhaça vetusta; a capoeira emaranhada, ora retorcida em espiral, ora copiando cordoalha bamba de navio; os troncos velhos, craquentos, a contar pela cicatriz dos nós, as tempestades destruidoras que contra as árvores lutaram peito-a-peito; o próprio ar circulante na trama da vegetação é um ar silencioso e milenário, povoado de sombras do passado e dos aromas ingênuos da selvaticidade. Tudo naquele bosque é natureza virgem. Frouxéis de velhos musgos revestem a carcaria, adormecidos na madorna da meia-vida. Todos os verdes, do esmeralda translúcido ao sombrio verde-limo, esmaecem em cambiantes suavíssimas. Toda a gana da maciez penujenta empresta àquele manto de muscineas uma riqueza de causar inveja aos reis. A par do musgo, o seu irmão, o líquen, abre nos troncos manchas discretas, onde o vermelho põe as melhores tonalidades dos seus rubis, e o azul, o amarelo, o cinzento, o verdoengo e o ardósia capricham em criar tons de indizível pureza.

Entremio às árvores gigantes, que venceram na luta pela vida e impõem, abertas ao azul, as frondes majestosas, um infinito número de párias vegetais, humilísimos, tentam a aventura do sol. Magríssimos, varetas esguias de folhagem escassa, encaminham todo o equilíbrio de formas no sentido da altura. Percebe-se-lhe da ansiedade muda que o sonho deles é um só: crescer, alcançar as copas que lhe vedam a luz, varejá-las, e atingir a zona abençoada onde livremente bebam a vida na fonte generosa do sol.

Enquanto isso - sem ar, sem luz, filhos da penumbra - parecem crianças famélicas, toda pele e ossos, galvanizadas pela miséria a esticarem a boca para um seio materno na apojatura, mas alto demais para os seus lábiosinhos ressecos. E as árvores vitoriosas, de tronco hercúleo, galhaça pletórica, raizame voraz e ramada egoísta, na crueldade olímpica da lei natural, espargem sobre a plebe raquítica folhas mortas, a ela que só pede raiz vivos de sol. Para maior beleza da mata nativa há em certo recanto um soberbo mata-pau, em luta constritora contra a árvore ingênua que lhe deu abrigo. Seus tentáculos de fibra rija enlaçam a misera em rôscas de sucuri esfomeada; sua folhagem já ganhou o azul, já sombreia a rama da árvore assaltada que, exangue, a circulação da seiva interceptada pelos cingulos do bandido vegetal, morre lentamente não morrer que durará dez, vinte anos.

E belo esse trecho de mata! ~~se~~

O Parque ocupa dois quarteirões, divididos pela alameda Santos, executada como uma trincheira; ou seja, a via não interfere na continuidade visual graças à situação topográfica e à densidade da vegetação.

O maciço da vegetação arbórea que recobre toda a área é importante pela situação na paisagem da cidade, e também porque ainda contém grande quantidade de espécies representativas das antigas matas do planalto paulistano. Durante os anos foram introduzidas no Parque árvores ornamentais e arbustos em todo o sub-bosque. O Parque tem a dimensão de 48 mil metros quadrados e, entre suas espécies arbóreas, pode-se encontrar o pau-brasil, o jacarandá, o jatobá, a sapucaia e a quaresmeira, além de um jequitibá com idade entre duzentos e trezentos anos.

Durante toda a existência do Parque, centenas de espécies de animais e pássaros já habitaram as suas dependências e algumas reformas realizadas alteraram seus aspectos, principalmente referentes à entrada principal, quando foram demolidos os primeiros edifícios de suporte construídos à época de Villon, mas seu desenho básico permanece inalterado até hoje.



31, 32. O Anhanguera, de Luiz Brizzolara,
1924.



O ANHANGUERA

O acesso principal ao Parque se dá pela Avenida Paulista e logo no portão de entrada, poucos metros à esquerda, pode-se ver a escultura do bandeirante Anhanguera, Bartolomeu Bueno da Silva. Encomendada por iniciativa do Centro Acadêmico 11 de Agosto da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, a obra foi executada pelo escultor e professor Luiz Brizzolara, em Gênova, Itália, em 1924. (ilustrações nºs 31 e 32)

Esculpida em mármore, com uma altura igual a 3,22 metros e colocada sobre uma base calcárea de dimensão 1,06 x 2,25 x 2,25 metros, a figura do bandeirante impressiona pela força e poder que parece emanar das suas formas. Sua cabeça, ligeiramente curvada para frente em conjunto com a posição diferente dos braços, sugere um momento de magnífico contraponto. Há dois perfis completamente distintos na sua composição. Enquanto seu lado esquerdo, com o braço e a mão levemente encostados em suas roupas disformes denotam uma serenidade contemplativa da figura, esboçando um momento mais estático e prudente, seu lado esquerdo, ao contrário, parece induzir a um súbito movimento da figura em direção ao objeto da sua atenção, configurando um momento de maior dinamismo.

A modelação do personagem e a representação das suas formas foram realizadas com extrema habilidade pelo artista, a despeito de parecer, numa primeira impressão, algo desarmonioso pela proporção do conjunto.

No interior do Parque, o visitante pode apreciar também outras esculturas espalhadas nos caminhos curvos ao longo da sua extensão, entre elas destacamos:

JOAQUIM EUGENIO DE LIMA

Busto em homenagem a Joaquim Eugênio de Lima, de autoria do escultor Roque de Mingo. (ilust. nº 33) Lamentavelmente, pela sua expressão e serviços prestados a São Paulo, o idealizador da Avenida Paulista poderia ter



33. Busto de Joaquim Eugênio de Lima, de Roque de Mingo, 1952.



34. ARETUZA, de Francisco Leopoldo e Silva

sido melhor reconhecido pelo seu trabalho em prol da cidade. Este busto em sua homenagem deveria, sem dúvida, estar ocupando uma outra localização na própria Avenida, para que a população pudesse se inteirar melhor da sua importância para a história da Avenida, em particular, e de São Paulo, de um modo geral.

O busto é de bronze e tem uma dimensão de 0,60 x 0,43 x 0,33 metros sobre uma base de granito onde há uma inscrição numa placa comemorativa com os seguintes dizeres:

JOAQUIM EUGENIO DE LIMA,
ENGENHEIRO, AGRÔNOMO, JORNALISTA,
IDEALIZADOR E REALIZADOR DA
AVENIDA PAULISTA,
PRECURSOR DO URBANISMO NA CIDADE DE SÃO
PAULO
EM NOME DOS PAULISTAS
NO CINQUENTENARIO DO SEU TRESPASSE HOMENAGEM
DO "CENTRO ACADEMICO LUIZ DE QUEIROZ"
DA ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA
"LUIZ DE QUEIROZ" DE PIRACICABA
ESTA HERMA FOI INAUGURADA NO DIA 13 DE
JUNHO DE 1952, SENDO GOVERNADOR DA CIDADE
O DR. ARMANDO DE ARRUDA PEREIRA,
DIRETOR DA ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA
"LUIZ DE QUEIROZ", O PROF. DR. JOSE MELLO DE
MORAES
E PRESIDENTE DO CENTRO ACADEMICO "LUIZ DE
QUEIROZ"
O SR. JOSE ALCINO RITTES

ARETUZA (ilust. nº 34)

Ainda no interior do Parque, em meio à sua vegetação, numa das suas alamedas encontra-se uma outra escultura denominada ARETUZA, de autoria do escultor Francisco Leopoldo e Silva (1879/1948). Este escultor tem diversas outras obras espalhadas pela cidade, como por exemplo, o "Índio Pescando", que se encontra no Largo do Paraíso, no início da Avenida Paulista.

Completamente distinta da obra do Anhanguera, comentada anteriormente, esta "Aretuza" se distingue pela clareza das suas formas, esculpidas com linhas ingênuas e com sutil sensualidade.



35. FAUNO, de Victor Brecheret, 1942.

Na composição não há dramas espetaculares nem a força expressiva do Anhanguera. Sua característica mais eloquente está definida pela ausência de quebras radicais nos volumes. Estes se constroem pelo envolvimento das superfícies que se desenvolvem de modo suave e seguro. Assim, tem-se um conjunto de fácil leitura sem a necessidade de se atentar a muitos detalhes, como no caso anterior.

Na figura da "Aretuza" é interessante notar ainda um aspecto bastante singular. Ela parece querer esconder seu rosto com o braço, talvez, acreditamos, em razão da sua nudez. Além disso, suas pernas, estando somente uma delas apoiada firmemente sobre o solo, e a outra levemente dobrada sobre esta, ajudam a compor o quadro de timidez e acanhamento pretendidos, que teria sido, muito provavelmente, a intenção do artista.

Um outro aspecto igualmente interessante refere-se à composição da figura no conjunto formado entre o braço, pescoço e cabeça. Neste detalhe, percebe-se um jogo de tensões muito bem trabalhados com marcante expressividade. Com isso, o tema proposto pelo artista adquire uma evidência ainda maior, caracterizado fundamentalmente pela delicadeza com que os volumes e as linhas foram definidos no conjunto da obra.

FAUNO

Diferentemente das esculturas já citadas presentes no Parque, é importante destacar, ainda, a obra "O Fauno", de Victor Brecheret. (ilust. nº 35)

Esculpida em 1942 pelo artista, a obra constitui-se numa imensa figura granítica e foi encomendada pela Prefeitura Municipal de São Paulo.

Um fato curioso marcou a escolha do local da sua implantação. Previsto inicialmente para o jardim circundante à nova Biblioteca Municipal Mário de Andrade, no centro da cidade, após um breve incidente quando a obra foi acusada de "imoral", decidiu-se escolher um outro local. Após pensar-se

em algumas outras opções, finalmente foi escolhido o Parque.

Embora isso tenha ocorrido, o Fauno adaptou-se muito bem ao novo lugar, na medida em que suas singulares formas parecem evidenciar um verdadeiro estado de transmutação com o meio natural do Parque. Em toda a extensão da obra, percebe-se claramente a força expressiva dos volumes e das formas retorcidas e estilizadas como a própria expressão da natureza do local. Dessa forma, com o incidente, o resultado obtido revelou-se mais adequado.

A construção da figura do "Fauno" encerra uma leitura admirável pela maneira como o artista a realizou, como por exemplo, o magnífico momento presente no centro da obra, cujo resultado é absolutamente extraordinário dada a sua complexidade bem resolvida, que demonstra toda a habilidade técnica de Brecheret.

O entrelaçamento dos braços e mãos que sustentam o sátiro e a gaita, sob a cabeça do "Fauno", que tem a forma alongada em posição amaneirada voltada para a direita, constituem um conjunto de marcante expressividade. Por sua vez, este conjunto está totalmente assentado sobre o seu torso, bastante alongado, contido numa musculatura rígida e tensa.

Para completar a atmosfera desejada, o artista equilibra rigidamente o conjunto no exato ponto de união dos joelhos do "Fauno", que está sentado sobre uma pedra. Essa pequena sutileza faz com que a ação realmente se concentre nas formas desse conjunto que está no centro da escultura, onde se desenvolve o tema propriamente dito. Trata-se, sem dúvida, de uma brilhante solução.

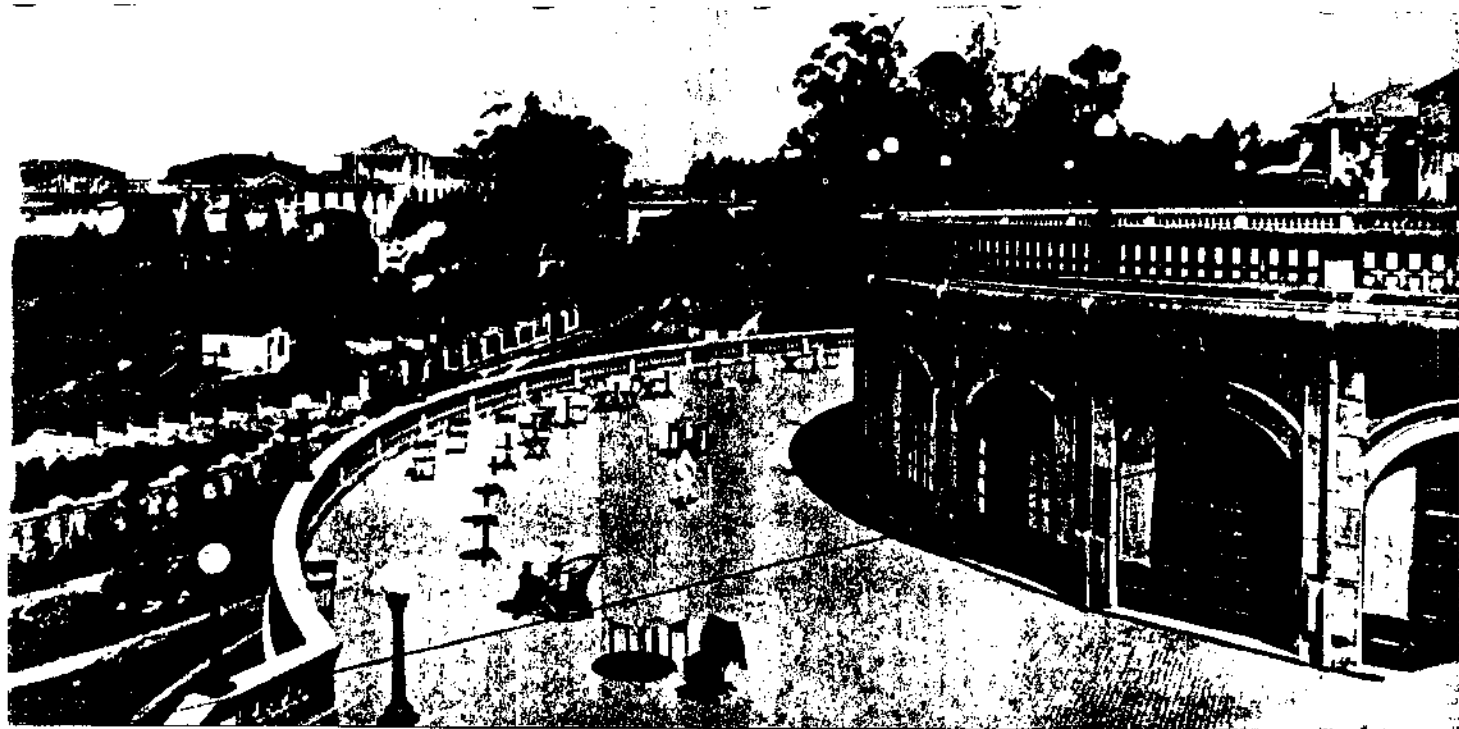
Sua proposta formal caracterizada fundamentalmente pela estilização da figura, obtida pelos alongamentos, contorções e tensões exasperadas da anatomia, revela um cenário de intensa dramaticidade e se afirma como parte da obra do artista que soube romper com o ambiente provinciano paulista, que até então nada conhecia de novo nesse campo em particular.

A ação renovadora de Brecheret e sua peculiar obra permitiram que ele logo se juntasse aos modernistas de São Paulo e, com o passar dos anos, melhor compreendido, pode dedicar-se à tarefa de trabalhar em outras inúmeras esculturas, das quais algumas foram ambientadas no cenário urbano, como foi o caso do monumento a Duque de Caxias, na Praça Princesa Isabel, e o Monumento às Bandeiras, no Parque do Ibirapuera, que começou a ser realizado em 1920 para terminar somente em 1953.

As esculturas acima mencionadas, dispersas como estão na área do Parque, de forma bem irregular e sem um planejamento racional, em conjunto com o ambiente das inúmeras espécies arbóreas existentes, caracterizam um espaço de especial significado no contexto da cidade.

A leitura destes espaços possibilita a compreensão, além do mais, de um fato de extraordinário alcance em relação à Avenida Paulista. Em razão do seu desenho básico não ter sido alterado, ou quase nada alterado, ao longo da sua existência, isto evidencia alguns aspectos históricos bem marcantes relativos aos seus primeiros usuários; ou seja, possibilita-nos um real panorama da maneira como determinadas parcelas da população da cidade se apropriavam e se utilizavam da Avenida Paulista nos primeiros anos, pelos encontros de final de semana que costumeiramente se promoviam no espaço do Parque.

Soma-se a isso, o crescente número de moradores que se estabeleciam na Avenida, consolidando cada vez mais o espaço do Parque numa prática de convívio social bem característico da origem e riqueza desses moradores, consagrado posteriormente pela construção do Belvedere Trianon, verdadeiro centro de animação social.



36. "O BELVEDERE DO TRIANON"

O BELVEDERE DO TRIANON

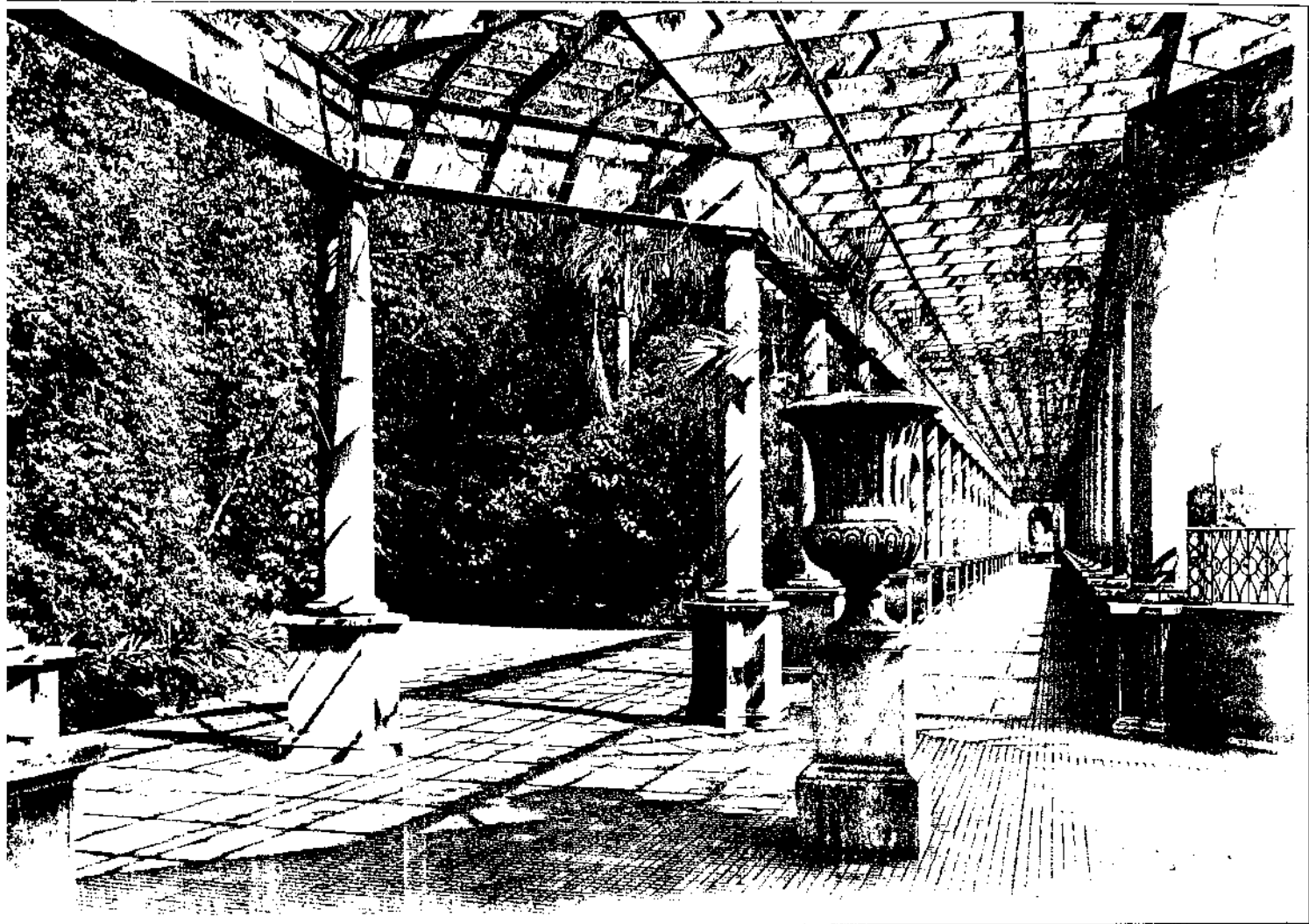
Conforme dissemos anteriormente, a administração do Barão de Duprat, prefeito da cidade, promoveu em 1911 a aquisição dos terrenos do Parque Villon. Nesta mesma transação, a municipalidade adquiriu também o barranco do outro lado da Avenida para a construção do "Belvedere Trianon". (ilustração nº 36)

O projeto de arquitetura das suas instalações foi confiado a Ramos de Azevedo em 1912, e sua inauguração se deu a 13 de junho de 1916, na administração de Washington Luís. O jornal *O Estado de São Paulo* registrou dessa maneira o evento comemorativo:

Foi uma linda festa a que ontem às 20:00 horas e trinta se realizou para a inauguração da Esplanada da Avenida Paulista. A Esplanada e Miradouro compõe-se de vários terraços sobrepostos sobre a colina que do centro da avenida se volta para a cidade. A Esplanada superior compõe-se de três pavilhões de ingresso e duas pérgolas laterais. O segundo terraço, inferior a este, compõe-se de um vasto pavilhão de restaurante e acessórios, salão de restaurante, de jantares, de toilettes, cozinhas, copas, vestiários, etc. (...) A construção é toda de cimento armado, composto de grandes lajes sobre pilares. E nesse gênero, uma das mais interessantes construções executadas entre nós, realizando uma feliz aplicação do cimento armado. (...) O restaurante tem uma instalação luxuosa. Quer os salões quer as salas estão montados com fino mobiliário, ricos espelhos e todos os acessórios indispensáveis a um estabelecimento de primeira ordem.⁸⁷

As instalações construídas no local representavam, desse modo, pelas suas luxuosas acomodações, os meios, gostos e inclinações daqueles que viviam no topo do espigão. Foram utilizados, portanto, materiais de primeira qualidade que se somaram a outros tantos, incluindo mobiliários finos e de raro acabamento. Entre esses materiais, havia, por exemplo, pinho de riga importado, cimento sueco, mármore branco e amarelo de Carrara, espelhos venezianos, corrimãos

⁸⁷ TOLEDO, B. L. de, op. cit., pág. 65.



37. O BELVEDERE DO TRIANON, Detalhe Pergolado.

e lustres de latão francês, porcelana e talheres ingleses, máquinas de refrigeração alemãs.

Assim nasceu o *Belvedere*, designação primitiva do Trianon. Entretanto, o nome *Belvedere* não vingou, mas esse foi o único senão, pois o Trianon surgira no momento certo para corresponder a uma demanda grande e certa, considerando que todos os restaurantes e confeitarias de São Paulo ainda se situavam no distante e antigo centro.

Ali estabeleceu-se o centro da ostentosa elite em formação na cidade da época, alimentada pela riqueza antiga do café e a nova fortuna da indústria, do comércio e da especulação. Era o seu ponto de encontro obrigatório. Com este centro, não havia cenário mais adequado para essa elite e dificilmente encontraria-se um outro local tão apropriado na cidade.

Pouco acima do nível da Paulista, o Trianon abria uma larga esplanada feita em ladrilhos sobre o vale quase deserto. Era nessa esplanada, flanqueada por duas pérgulas envidraçadas, que funcionavam os bares superiores e onde se distribuíam dezenas de mesinhas de concreto e tampo de mármore polido. Neste local, eram servidos ao ar livre os gelados finos e o chá das cinco.

A parte central, situada abaixo do nível da Paulista, e à qual se tinha acesso por duas escadas de mármore que desciam do ornamentado capitel central, projetado em estilo *Art Nouveau*, era formada por dois grandes salões retangulares e um oval. Altas e largas portas-janelas francesas, de cristal, abriam para a esplanada inferior interna, que se projetava sobre o vale ultrapassando a superior. Nessa parte situavam-se o restaurante, sala de chá e salões de baile, decorados com imensos espelhos venezianos, altos relevos em gesso floreando os capitéis das colunas e o estuque dos tetos grossos, tapetes forrando o piso, poltronas inglesas de couro arranjadas em grupo e um piano de cauda ao fundo. O ambiente refletia o gosto da época: a seção de confeitaria

era justamente famosa, a cozinha dirigida por um *cordon bleu* especialmente importado da França e as adegas continham o que de mais raro e melhor havia.

Este era também o inevitável local escolhido para banquetes, homenagens e demais solenidades oficiais, convenções do velho Partido Republicano Paulista, bailes de gala, recitais de música e declamação, conferências, concertos, reuniões políticas, enquanto lá fora, na Paulista, desdobrava-se uma vida mansa e tranquila.

O Trianon ficou muito conhecido também pelos carnavais que organizava. Funcionava, na verdade, como base logística do longo percurso de carruagens e dos automóveis abertos que iam e vinham pelos quase dois quilômetros da Avenida, do morro do Pacaembu ao Largo do Paraíso. Eram os famosos cursos da Paulista.

Com a crise do café, o Trianon teve de ajustar-se às novas e difíceis condições impostas pela realidade, uma vez que foram seus frequentadores mais antigos e seletos as maiores vítimas da crise. Fecharam-se os grandes salões inferiores, as cortinas de veludo italianas foram vendidas com os talheres e porcelanas inglesas, as poltronas de couro amortalhadas em capas de algodão. Na esplanada superior, o chá, o vinho branco gelado e os frutos do mar servidos à exigente clientela original foram substituídos por sorvetes, cervejas e refrigerantes populares.

Desertos e fechados permaneceram os salões até bem depois de superada a fase mais aguda da crise. Só seriam reabertos anos mais tarde, quando Madame Poças Leitão, viúva francesa, transferiu para o Trianon sua escola de dança.

Com a transformação funcional da Avenida Paulista, o Trianon passa a conhecer uma outra crise, que abala definitivamente os seus alicerces. Os detentores da nova riqueza, que moravam na Avenida, passam, agora, a se transferir para outros bairros mais tranquilos. Alguns dos velhos casarões, abandonados, esperam por bons preços e pela sua demolição. Os grandes edifícios começam a ser

construídos. Agora, um novo e mais barulhento contingente de pessoas se movimenta entre seus quarteirões.

Foi nesse clima de transformação e transição que o Trianon, convertido em salão de baile popular, viveu sua última fase. Um interessante relato dessa fase nos é dado por Frederico Branco, ao descrever o novo tipo de animação que nele foi instaurado, como uma gafieira muito frequentada. Branco se expressou dessa forma:

Dama não pagava, era só descer e entrar. E os ingressos correspondiam à disponibilidade dos cavalheiros: 10 cruzeiros antigos. A música corria por conta do conjunto arregiado, o Irmãos Cópia - piano, bateria, sax alto e sax tenor, trombones e dois pistões, contra-baixo e guitarra. O contra-baixo dobrava como acordeonista e um dos sax acumulava violino à meia-noite. O cantor, que se apresentava como Hugo Fuentes, chamava-se de fato Valdomiro Mônaco - ou Valdo Careca, para os íntimos. Em sendo preciso, dava uma força na seção de ritmo, como pandeirista ou maraqueiro. O repertório do conjunto ia do samba canção à guarânia estilizada, mas seu forte era o bolero bem quadrado e, inevitavelmente, o tango arrabalesco.

E era de ver à meia-noite, quando o bandoneon soluçava os acordes da abertura, acompanhado de piano e violino - enquanto folgavam os demais integrantes do Irmãos Cópia, para a cerveja e o sanduíche - o número dos que se precipitavam para tentar dançar um tango de letra com a Silvinha, muito loura e muito magra, a soberana da gafieira do Trianon, capaz de acompanhar-se um átimo de vacilação os mais intrincados passos, dos primeiros aos acordes finais de Cristal, Mano a Mano ou Angústia. Girar com a Silvinha nos braços, ignorando olhares de inveja dos cavalheiros e de puro despeito das damas, era mais que dançar - chegava a ser um privilégio, uma honra, uma consagração.⁸⁸

Por essa época, o Trianon já era quase uma ruína. Na esplanada superior, faltava mais da metade do piso de ladrilhos originais. Os beirais decorativos de cimento deterioravam-se rapidamente, sem a conservação necessária. Poucos vidros restavam nas pérgulas gêmeas convertidas em botequins. Nos velhos salões inferiores o papel de parede adamascado desfazia-se em pedaços.

Em 11 de fevereiro de 1950, aconteceu o último baile, à fantasia, que ironicamente chamou-se o "Triunfo do Mau Gosto", organizado pela Senhora Yolanda Penteado, mais tarde Senhora Francisco Matarazzo Sobrinho. Depois disso, o

⁸⁸ BRANCO, F., *No tempo do Trianon*, in *Jornal da Tarde*, 9 de novembro de 1984.

Trianon foi demolido e, em 1951, o local serviu para abrigar o pavilhão da I Bienal de São Paulo, em instalações muito precárias. Posteriormente, no local seria erguido o atual Museu de Arte de São Paulo - MASP, sobre o qual comentaremos mais adiante.

* * *

**O MIRANTE DA PAULISTA: O QUE
ERA O PONTO INICIAL DA AVENIDA**

Contrariamente ao que ocorre hoje, de que a Avenida Paulista tem o seu início no Largo do Paraíso, antigamente ela começava no ponto onde atualmente é a Praça Marechal Cordeiro de Farias. A numeração dos lotes da Avenida se dava, portanto, a partir deste local. No seu lado esquerdo, em direção ao Largo do Paraíso, localizavam-se os lotes definidos por numeração ímpar e, conseqüentemente, do lado direito, os lotes com numeração par.

Na Praça Marechal Cordeiro de Farias foi realizada, recentemente, uma reforma pela Prefeitura Municipal que compreendeu uma série de pequenas intervenções. Em consequência, a Praça adquiriu um aspecto mais intimista e garantiu, com isso, a retomada da vocação histórica do lugar como um particular espaço de contemplação da cidade.

O MIRANTE

Esse ponto inicial da antiga Paulista destacava-se pelo magnífico cenário que podia ser visualizado nos dias claros de sol. Constituiu-se num dos locais mais privilegiados do espigão, segundo vários depoimentos da época. Ali foi construído um mirante.

Paul Walle, em 1920, assim dizia sobre o local: "Uma pequena elevação que se acha na extremidade norte-oeste oferece bela perspectiva sobre o resto da cidade". Benedito Lima de Toledo, ao comentar tal afirmação, garante que "não



38. Vista do bairro do Pacaembu a partir do mirante da Paulista. Situação atual.

havia propriamente uma elevação; o terreno foi nivelado e transformado em belvedere".⁸⁹ Assim, a partir deste *belvedere* podia-se desfrutar, então, uma bela visão de parte da cidade e testemunhar a sua rápida evolução. Inicialmente, o vale do riacho do *Paca-yembó* - córrego das pacas - e o Morro do Jaraguá eram dois dos lugares especialmente apreciados a partir deste ponto. Posteriormente, com o correr dos anos, veria-se, também, o casario que se espalhava pelos vales e encostas dos morros, os novos bairros que se formavam, as novas avenidas, os altos prédios; enfim, uma série de outros componentes urbanos que se incorporavam e modificavam a cada instante a esta paisagem da cidade.

Atualmente, a partir deste local, tem-se um panorama bem diverso daquele tempo inicial da Avenida. (ilust. nº 38) Do antigo vale que separavam as colinas desocupadas de outrora, contempla-se, agora, o bairro do Pacaembu - cuja origem do nome, evidentemente, refere-se ao nome do riacho comentado acima - que se constituiu, ao longo do tempo, num dos bairros mais elegantes da cidade. Todo ocupado, com casas grandes e bem construídas, chama a atenção do observador a quantidade de vegetação nele existente. Fato este, diga-se de passagem, incomum na expansão da cidade, que, com raras exceções, não tratou de garantir a sobrevivência de grandes áreas de vegetação. Por essa razão, fundamentalmente, é que o Condephaat resolveu pelo tombamento do bairro em 1991, na tentativa de se preservar da destruição essa enorme área verde.

Além do bairro do Pacaembu, desde o mirante, pode-se visualizar, ainda, as torres de iluminação e parte do Estádio Municipal "Paulo Machado de Carvalho", construído no final da década de 1940, mais conhecido pela população simplesmente por "Estádio do Pacaembu". Mais ao fundo, vê-se grande parcela dos bairros das Perdizes e do Sumaré. Contrariamente do que ocorre com o bairro do Pacaembu, neles

⁸⁹ TOLEDO, B. L. de, op. cit., pág. 21.

surpreende a aglomeração de altos prédios residenciais, tentando ocupar todos os espaços disponíveis e ganhando pouco a pouco os bairros circundantes. Neste contraste entre os bairros, é interessante observar, por suas naturezas diversas, a visão desta paisagem que evidencia um paradoxo extraordinário na leitura da cidade, que no fundo é a característica mais sintomática do desenvolvimentismo de São Paulo.

Mais surpreendente, ainda, revelam-se as três torres de rádio e televisão, que se impõem com extrema presença na paisagem. São marcos de referência de seu território. Principalmente à noite, iluminadas, elas ajudam os paulistanos a se situar no mapa urbano e a reconhecer melhor sua cidade.

Finalmente, é interessante destacar ainda, bem ao longe, o Morro do Jaraguá. Apesar do adensamento de construções na cidade em sua direção, que poderia significar um obstáculo para sua visualização, ele ainda pode ser avistado, porém somente naqueles dias bem claros e sem o impedimento da poluição do ar. Esta visão nos faz lembrar o quadro de Jules Martin, comentado à página 68, que não deixou de contemplá-lo como um importante aspecto da paisagem da Paulista em particular, mas de grande influência na própria história da cidade.

Ao longo dos anos, o *belvedere* sofreu uma série de modificações e de denominações. Uma delas, vale a pena ser destacada por seu aspecto singular na história dos monumentos construídos na Avenida. Trata-se do monumento erigido em homenagem a Olavo Bilac.⁹⁰ Na oportunidade, o local recebeu o nome do poeta (Praça Olavo Bilac).

90. Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac (1865/1918), poeta carioca.



39. Monumento a Olavo Bilac, de Willian Zadig, 1920.

MONUMENTO A OLAVO BILAC

O pedido de aprovação para a construção do monumento junto à Prefeitura de São Paulo data de 24 de março de 1920 e foi efetuado pelo Centro Acadêmico 11 de Agosto da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. O monumento de autoria do escultor suíço Willian Zadig, em colaboração com o engenheiro e arquiteto Georg W. E. Przirembel, contou ainda com todo o empenho do então Prefeito Firmiano de Moraes Pinto (1920-1926) para a sua execução. (ilustração nº 39)

O pedido em si revela uma questão bastante particular dos acontecimentos políticos em curso na época. O Clube XI de Agosto, como era inicialmente denominado, foi fundado em 1903 e seu nome celebrava a data da criação da Faculdade de Direito, em 1827. A agremiação era controlada por membros da elite cafeeira até 1926, quando a instituição do voto secreto permitiu que os filhos da nova burguesia constituída pelos imigrantes enriquecidos assumissem o poder.

A homenagem a Olavo Bilac naquele período, de iniciativa do Clube XI de Agosto, portanto, não era por acaso. Poeta parnasiano e nacionalista, Bilac foi um dos que estimularam a fundação, em 1917, da Liga Nacionalista, instituição paulista que correspondia à Liga de Defesa Nacional, do Rio de Janeiro. Essas organizações eram dominadas por estudantes e professores da Faculdade de Direito, como também ex-alunos. Embora fosse predominantemente um movimento de jovens, pertenciam à Liga Nacionalista alguns dos dissidentes da crise que cindira o PRP (Partido Republicano Paulista), em 1901. A Liga Nacionalista foi fundada num clima de fervor nacionalista, após o Brasil ter rompido relações com a Alemanha em razão da guerra (e durante uma onda de greves que atingiu São

Paulo). Seus líderes pregavam, entre outras causas, a instauração de campanhas contra o analfabetismo, a necessidade do serviço militar compulsório, a instituição de linhas de tiro (grupos de reservistas) e do voto secreto. Em relação a esta última reivindicação, é interessante destacar a passagem segundo a qual, durante a cerimônia de inauguração da Liga, o futuro professor de direito Valdemar Ferreira teria citado a lei Saens Peña, de 1912, que introduzira na Argentina a obrigatoriedade do voto para todos os cidadãos adultos do sexo masculino. A Liga Nacionalista estava menos interessada em modernização militar do que a organização carioca. Enfatizava mais a difusão da educação e a assimilação dos imigrantes. No entanto, seus membros consideravam-se uma elite e os brasileiros naturalizados não eram admitidos como sócios. A Liga Nacionalista foi extinta pelo presidente Arthur Bernardes, após a supressão da rebelião dos militares, em 1924.⁹¹

Desta forma, a inauguração do monumento na Avenida Paulista tinha suas próprias razões. Sua implantação evidencia toda uma correspondência de propósitos dessa elite com o local da cidade que melhor representasse o seu perfil de classe dominante, assim como seus ideais. Afinal, naquele momento, a Avenida era o que de mais moderno havia na cidade. Nela, sobravam demonstrações de riqueza, era a rua nobre da cidade, e, com isso, iria servir perfeitamente como o local mais adequado à profusão dos ideais defendidos pela Liga.

Quanto ao monumento propriamente dito, podemos destacar algumas questões com base na ilustração aqui reproduzida. Lamentavelmente, não encontramos outros registros sobre a obra que nos pudesse proporcionar melhores condições de entendimento.

Um primeiro aspecto refere-se à sua extraordinária dimensão para celebração de um personagem da História.

⁹¹ LOVE, J., op. cit., págs. 322-5.

Apesar de não dispormos dos números exatos de suas proporções, é possível ter-se uma idéia disso observando-se a relação entre a obra e o grupo de homens ao seu redor. (ilustração nº 39)

É importante ressaltar que antes de 1920 algumas figuras históricas já tinham recebido homenagens com monumentos na cidade de São Paulo. Dentre eles, é interessante comentarmos a obra "Giuseppe Garibaldi", de 1908, do escultor italiano Emilio Gallori, que se encontra no Jardim da Luz; duas obras de 1909, do escultor, também italiano, Amadeo Zani, a Alvares de Azevedo e Cesário Mota,⁹² na Praça da República, e, finalmente, a escultura "João Mendes", de 1919, do mesmo escultor do monumento a Olavo Bilac, Willian Zadig, que ainda pode ser vista no Largo de São Francisco.

No seu conjunto, essas obras têm algumas semelhanças entre si. Constituem-se bustos dos personagens homenageados, sobre pedestal trabalhado com muito rigor formal. Com exceção do busto de João Mendes, que está apenas assentado sobre uma pequena base de pedra, além de ser menor, as demais obras têm suas proporções definidas de maneira muito próximas, entre 4 metros e 5 metros de altura. Nenhuma delas, porém, se compara em dimensão ao monumento a Olavo Bilac.

Obras com proporções similares somente foram construídas em épocas posteriores, como por exemplo o conjunto escultórico do monumento a Carlos Gomes, de 1922, na Praça Ramos de Azevedo, de autoria do escultor italiano Luiz Brizollara. Assim, pode-se imaginar o impacto que a obra de Zadig pode ter causado junto à população. Acreditamos que este monumento foi assim definido com o objetivo de ocupar um espaço que se configurava cada vez mais importante na cidade. Era o ponto inicial da Paulista, e para tanto era preciso dar ao lugar um sentido real e

⁹² Manuel Antonio Alvares de Azevedo (1831/1852), poeta paulista, e Cesário Nazianzenzo de Azevedo Mota Magalhães Junior (1847/1897), paulista, médico, político e historiador.



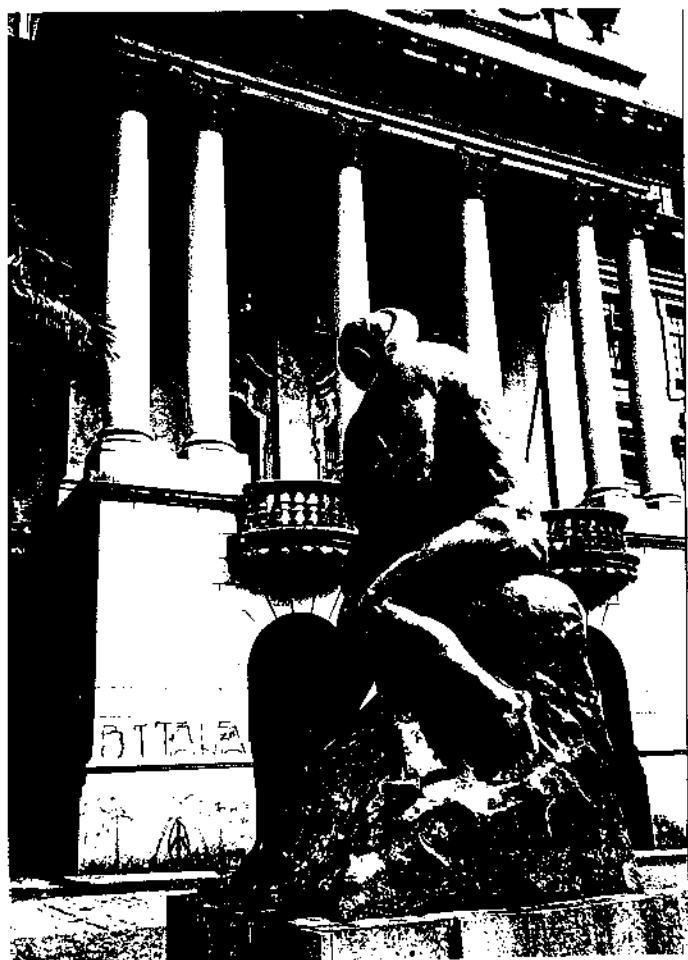
40. Parte do monumento a Olavo Bilac, de Willian Zadig, no Parque do Ibirapuera. Situação atual.

referencial, diferentemente da abstração contemplativa que o caracterizava, devido ao mirante. Quanto a isso, é importante que se comente outros pontos.

Em princípio, pode-se concluir que a obra de Zadig não levou em consideração a paisagem do local. Tal conclusão se torna pertinente se pensarmos no local absolutamente desocupado como ocorre atualmente. Dessa forma, nenhum obstáculo se consumaria que pudesse dificultar a livre circulação das pessoas pelo local e a fruição da visibilidade. Entretanto, não era bem isso o que ocorria. Podemos perceber no monumento que essa preocupação se fazia presente no escultor visto existir no local um pequeno patamar no qual as pessoas podiam subir e circular pela parte posterior da obra, e assim desfrutar livremente a paisagem do entorno. Este aspecto pode ser observado na ilustração nº 39.

Uma das particularidades mais evidentes da obra refere-se à sua concepção. O monumento foi definido com critérios absolutamente simétricos, em cujo centro eleva-se a figura de Olavo Bilac. Não se trata propriamente do busto do poeta, mas de parte do seu tórax, cabeça e membros, expressando um gesto com o braço direito, simbolizando uma momentânea saudação.

Esta parte da escultura, ou seja, a figura de Olavo Bilac, pode ser vista atualmente no Parque do Ibirapuera, próximo à sede do Comando do II Exército, ao lado da via que dá acesso ao Ginásio de Esportes do Ibirapuera pela Avenida Pedro Álvares Cabral. (observar ilustração nº 40) Este local, aliás, foi escolhido, certamente, em razão do posicionamento favorável que Bilac demonstrou em vida quanto à implantação do serviço militar obrigatório. Na inscrição existente na nova base que sustenta o corpo de Olavo Bilac, pode-se ler:



41, 42. Parte do antigo monumento a Olavo Bilac, de Willian Zadig, "O BEIJO", hoje instalada no Largo São Francisco, no centro da cidade.

OLAVO BILAC
PATRONO DO SERVIÇO MILITAR
PRINCEPE DOS POETAS BRASILEIROS
DETALHE DE OBRA - 1922 - DE WILLIAM ZADIG
RESTAURADA EM 1988 POR DETERMINAÇÃO DO
PREFEITO JANIO QUADROS
A COLABORAÇÃO DA GOLDFARB HABITACIONAL S.A.
E EM HOMENAGEM AO
COMANDO MILITAR DO SUDESTE
SAO PAULO, MAIO DE 1988

Nos extremos do monumento distinguem-se duas outras esculturas. Uma delas, à esquerda, não foi possível ser identificada; a outra, à direita, trata-se da escultura "O Beijo", que atualmente está alocada no Largo de São Francisco (ilustrações nos 41 e 42).

Como se pode perceber, a obra não teve grande duração. Infelizmente, não tivemos conhecimento da data de sua desmontagem, e não conseguimos obter também informações sobre o destino das várias peças que a compunham, com exceção destas últimas acima comentadas.

ASPECTOS ATUAIS - A PRAÇA MARECHAL CORDEIRO DE FARIAS (Praça dos Arcos)

A última reforma realizada nesse local se deu em 1991. Fazia parte do programa dos festejos de comemoração dos 100 anos da Avenida Paulista.

Esta reforma teve como maior mérito a reorganização espacial da área do conjunto da Praça. Seu objetivo principal foi proporcionar melhores condições de permanência para os usuários e possibilitar uma adequada fruição da paisagem urbana circundante. Com isso,



43. Praça Marechal Cordeiro de Farias. Vista geral da Avenida Paulista. Situação atual.

resgatou-se a prática da simples observação e consolidou-se a vocação do espaço do mirante ou *belvedere* na forma em que o lugar foi reconhecido desde o seu início.

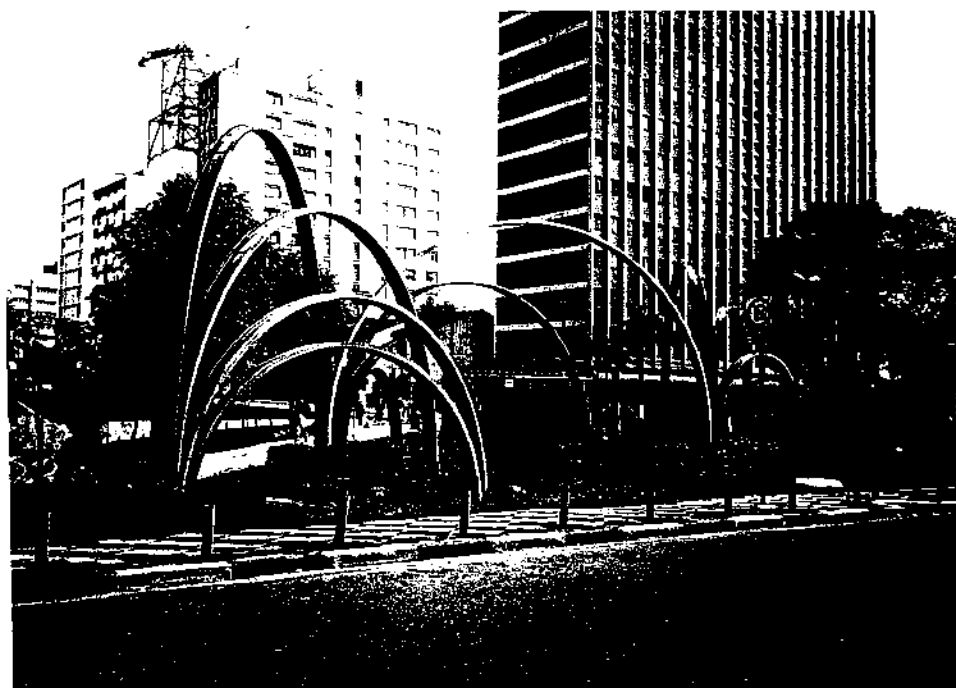
Além deste importante aspecto, a reforma contemplou também uma área bem maior, graças à eliminação de parte da rua Minas Gerais que cruzava o local. Assim, com a incorporação deste espaço pela Praça, foi possível proporcionar um melhor aproveitamento da área útil a eles destinada. Essa parcela de rua eliminada, na realidade, já há algum tempo não era muito utilizada em razão da antiga configuração do sistema viário local, bastante confuso e conflitante com o volume de tráfego. Com o novo desenho, propôs-se um novo modo para circulação dos veículos e a prática tem demonstrado o acerto da solução adotada neste aspecto em particular.

Vale destacar, ainda, como simples curiosidade, que este local, antes da intervenção, era mais utilizado como estacionamento para veículos. Além disso, durante muitos anos, havia também no local uma pequena barraca de frutas, muito procurada principalmente pelas pessoas que frequentavam os bares, cinemas e outras diversões oferecidas na região.

A reforma empreendida na Praça consistiu em um novo desenho de composição bastante simples. Utilizou-se a forma de dois grandes semi-círculos que delimitaram os limites da área útil da Praça. Com isso, definiu-se o local de permanência dos usuários.

Esta concepção formal assegurou uma delimitação do espaço da Praça bastante eficiente do ponto de vista urbano. Se, de um lado, conseguiu-se obter certo isolamento dos aspectos negativos do seu entorno, como o tráfego dos automóveis e o barulho do local, por outro lado, evidenciou-se a derradeira relação abstrata produzida no entorno; isto é, a própria Avenida Paulista, que se constitui hoje, sem dúvida, no fato urbano de maior relevância desse cenário.

A arquitetura da nova Praça, também de grande



44. Caminhos, de Lilian Amaral e Jorge Bassani, 1991.

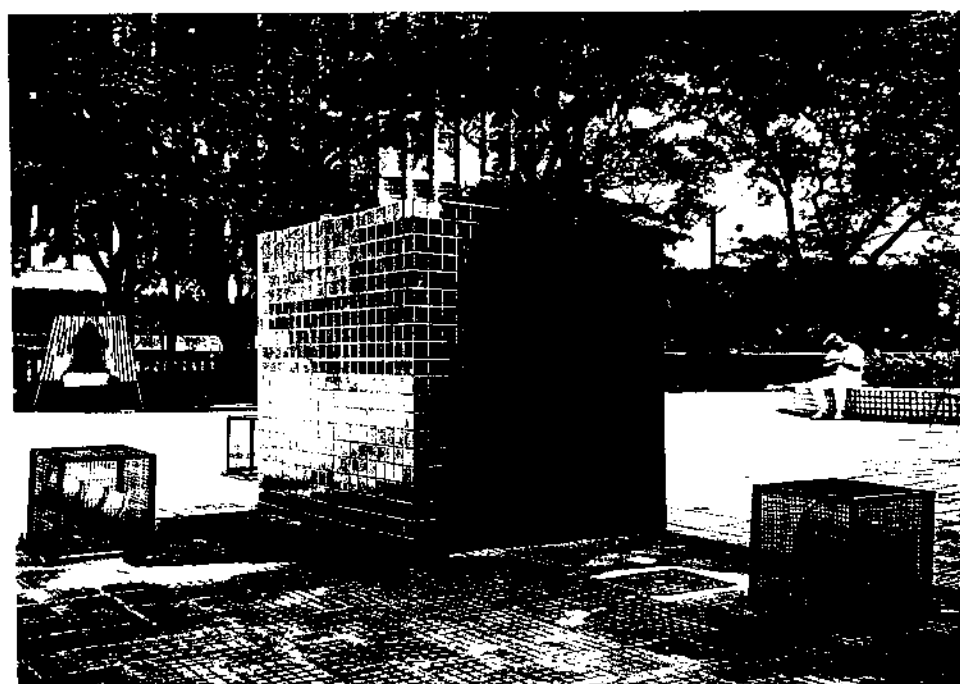
interesse, se destaca pelo colorido dos revestimentos cerâmicos utilizados em seus diferentes objetos, e expõe um interessante diálogo formal com a escultura em arcos metálicos multicoloridos situada próxima à Praça.

Caminhos

Assim denominada, essa escultura é de autoria da artista plástica Lillian Amaral em colaboração com o arquiteto Jorge Bassani. (ilustração nº 44) A obra fez parte dos festejos de comemoração dos 100 anos da Avenida, ocorrido em 1991, e também foi patrocinada pela Prefeitura Municipal de São Paulo no governo de Luiza Erundina de Souza.

Além do diálogo formal existente entre as linguagens das duas obras, a escultura ainda tem o mérito de respeitar a escala do local sem prejudicar a sua ambiência. Constituída por uma série de arcos metálicos coloridos, de pequena espessura, diferentes raios e distintas direções no solo, sua localização em nada interfere na composição paisagística do conjunto da Praça, ao contrário, a obra a este se soma e sua simplicidade garante um efeito plástico notadamente singular, tanto durante o dia como à noite.

A noite, a obra é iluminada artificialmente por uma série de luminárias dispostas nas partes inferiores dos arcos, isto é, no contato com o chão gramado. Este aspecto, aliás, constitui-se na única desvantagem presente no conjunto da escultura, que, de certa maneira, a prejudica esteticamente. Essas luminárias, confeccionadas com caixas de alumínio, pintadas na cor preta, quase não aparecem durante a noite, mas com a luz do dia causam alguma interferência na leitura da obra. Mais correto seria enterrá-las no solo ao nível da superfície, o que permitiria, ainda, uma boa iluminação à noite. Com isso, estaria garantida uma leitura mais interessante das formas livres sugeridas pela obra sem qualquer tipo de impedimento e configuraria um resultado plástico ainda mais



45. Homenagem a Getúlio Vargas.

significativo.

"A Homenagem a Getúlio Vargas"

No conjunto da Praça, podemos destacar ainda dois elementos que fazem parte da sua composição. Um deles, refere-se a um cubo existente, de pequenas dimensões (1,54m x 1,54m x 1,54m), revestido com cerâmica vermelha e construído no local para abrigar duas inscrições comemorativas. O outro elemento refere-se a um desenho realizado no piso da Praça, simbolizando uma rosa dos ventos.

Quanto ao cubo vermelho, é interessante notar as placas de bronze com as inscrições nelas existentes (ilustração nº 45). A maior delas (1,00m x 1,20m) exhibe a "Carta-Testamento do Presidente Getúlio Vargas". A outra, menor (0,40m x 0,40m), faz referência a esta última reforma, quando recebeu a configuração que conhecemos hoje.

A "Carta-Testamento" foi um documento dirigido ao povo brasileiro, escrito pelo Presidente Getúlio Vargas momentos antes de sua morte, em 24 de agosto de 1954. Naquela ocasião, o Presidente tinha disparado um tiro de revólver contra o coração, pondo fim à vida. Este acontecimento constituiu-se em um momento particular da história do Brasil, que marcou profundamente a vida política nacional e influenciou decisivamente a disputa pelo poder nos anos seguintes. A "Carta-Testamento" dizia o seguinte:

Mais uma vez as forças e os interesses contra o povo coordenaram-se e novamente se desencadeiam sobre mim.

Não me acusam, insultam; não me combatem, caluniam, e não me dão o direito de defesa. Precisam sufocar a minha voz e impedir a minha ação, para que eu não continue a defender, como sempre defendi, o povo e principalmente os humildes. Sigo o destino que me é imposto. Depois de decênios de domínio e espoliação dos grupos econômicos e financeiros internacionais, fiz-me chefe de uma revolução e venci. Iniciei o trabalho de libertação e instaurei o regime de liberdade social. Tive de renunciar. Voltei ao Governo nos braços do povo. A campanha subterrânea dos grupos internacionais aliou-se à dos grupos nacionais revoltados contra o regime de garantia do trabalho. A lei dos lucros extraordinários foi detida no Congresso. Contra a justiça da revisão do salário mínimo se desencadearam os ódios. Quis criar

a liberdade nacional na potencialização das nossas riquezas através da Petrobrás e, mal começa esta a funcionar, a onda de agitação se avoluma. A Elétrorbrás foi obstaculada até o desespero. Não querem que o trabalhador seja livre. Não querem que o povo seja independente.

Assumi o Governo dentro da espiral inflacionária que destruiu os valores do trabalho. Os lucros das empresas estrangeiras alcançavam até 500% ao ano. Nas declarações de valores do que importávamos existiam fraudes constatadas de mais de 100 milhões de dólares por ano. Veio a crise do café, valorizou-se o nosso principal produto. Tentamos defender seu preço e a resposta foi uma violenta pressão sobre a nossa economia, a ponto de sermos obrigados a ceder.

Tenho lutado mês a mês, dia a dia, hora a hora, resistindo a uma pressão constante, incessante, tudo suportando em silêncio, tudo esquecendo, renunciando a mim mesmo, para defender o povo, que agora se queda desamparado. Nada mais vos posso dar a não ser meu sangue. Se as aves de rapina querem o sangue de alguém, querem continuar sugando o povo brasileiro, eu ofereço em holocausto a minha vida. Escolho este meio de estar sempre convosco. Quando vos humilharem, sentireis minha alma sofrendo ao vosso lado. Quando a fome bater à vossa porta, sentireis em vosso peito a energia para a luta por vós e vossos filhos. Quando vos vilipendiarem, sentireis no pensamento a força para a reação. Meu sacrifício vos manterá unidos e meu nome será uma chama imortal na vossa consciência e manterá a vibração sagrada para a resistência. Ao ódio respondo com o perdão. E aos que pensam que me derrotaram respondo com a minha vitória. Era escravo do povo e hoje me liberto para a vida eterna. Mas esse povo de quem fui escravo não mais será escravo de ninguém. Meu sacrifício ficará para sempre em sua alma e meu sangue será o preço do seu resgate.

Lutei contra a espoliação do Brasil. Lutei contra a espoliação do povo. Tenho lutado de peito aberto. O ódio, as infâmias, a calúnia não abateram o meu ânimo. Eu vos dei a minha vida. Agora vos ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na História." (A) Getúlio Vargas.

O impacto provocado pelo suicídio de Getúlio e pela imediata divulgação da "Carta-Testamento" foi imenso na população. A "Carta-Testamento" foi imediatamente incorporada ao programa do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), que se tornou, por excelência, o depositário da herança política de Vargas.

A razão da placa com a "Carta-Testamento" estar presente no local deve-se a uma homenagem da Prefeitura da Cidade de São Paulo ao centenário de nascimento do ex-presidente. Na placa, logo abaixo o documento, pode-se ler:

No dia 19 de abril de 1983, quando se comemorou o primeiro centenário de nascimento do eminente Presidente Getúlio Vargas, Eusébio Rocha - Membro da Executiva Nacional do PDT (Partido Democrático Trabalhista) companheiro de lutas pela emancipação econômica do Brasil, recebeu de Walter Braidó, Prefeito de São Caetano do Sul - PTB - a placa contendo a Carta-Testamento de Getúlio Vargas e mandou erigir neste local como testemunho da saudade do povo de São Paulo pelo grande estadista. Sendo Prefeito da Cidade de São Paulo o Dr. Altino Lima."

A segunda inscrição, também uma placa de bronze, mas de menor dimensão, lembra o dia da inauguração da nova Praça (Marechal Cordeiro de Farias) após a reforma empreendida pela Prefeitura Municipal e traz os seguintes dizeres:

NO CENTENARIO DA AVENIDA PAULISTA
O GOVERNO DEMOCRATICO E POPULAR DO
MUNICIPIO DE SAO PAULO DEVOLVE ESTA
PRAÇA, RENOVADA E AMPLIADA, AOS
CIDADÃOS E USUARIOS DA METROPOLE
PAULISTANA.
SAO PAULO, DEZEMBRO DE 1991
CIDADE DE SAO PAULO
LUIZA ERUNDINA DE SOUZA
PREFEITA DE SAO PAULO

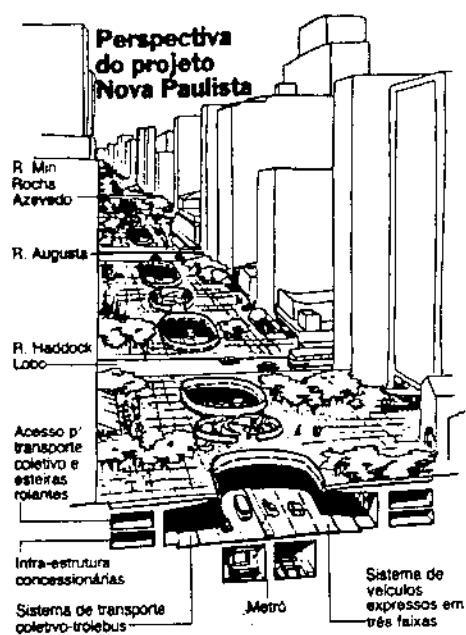
Finalmente, o outro elemento presente na Praça, já mencionado acima, refere-se ao desenho que simboliza uma rosa dos ventos. Este desenho foi feito no piso da Praça e bem próximo ao cubo com as placas comemorativas. Ele contempla todos os signos do zodíaco nas extremidades e os pontos cardeais no seu centro. Certamente, ele foi feito em função da realização de uma feira mística que, nos finais de semana, tem tomado lugar na Praça.

Neste ponto inicial, no tocante ainda às reformas que se procederam no conjunto do seu espaço, achamos importante comentar uma outra intervenção que acabou se consagrando na maior reestruturação que a Avenida Paulista conheceu. Uma operação extremamente radical, que rompeu definitivamente toda a estrutura urbana que ali existia. Esta reforma ficou conhecida como "Projeto Nova Paulista", e

em princípio pensava-se nela como uma intervenção para toda a extensão da Avenida, porém, por uma série de motivos, que veremos mais adiante, a reforma contemplou apenas a distância compreendida entre a Praça, neste ponto inicial, até a rua Haddock Lobo.

* * *

**"PROJETO NOVA PAULISTA" :
A GRANDE REFORMA NA AVENIDA**



46. Perspectiva esquemática do Projeto "Nova Paulista", no início dos anos 70.

Esta intervenção na Avenida Paulista fazia parte de um projeto mais ambicioso da administração pública municipal e foi efetivado no início dos anos 70.

Conhecida como "Projeto Nova Paulista", a reforma previa, basicamente, o rebaixamento das atuais pistas de veículos em toda a extensão da Avenida e a liberação da área da superfície para a implantação de um *boulevard* ajardinado, repleto de praças e voltado preferencialmente aos pedestres.

A idéia original de rebaixar as pistas da Paulista data de 1968 e é atribuída ao Departamento de Urbanismo, órgão técnico de assessoria do então prefeito Faria Lima. Nessa época, buscavam-se formas para melhorar a circulação de veículos diante do aumento da frota, principalmente de automóveis particulares, em um período mais tarde conhecido como o do "milagre brasileiro".

A primeira sugestão sobre o assunto estabelecia a construção em trincheira de quatro pistas da Paulista no subsolo, deixando ainda quatro faixas, duas em cada sentido, para o trânsito de superfície. As ruas transversais passariam sobre a "baixa" Paulista por meio de viadutos. Esta idéia, porém, não teve prosseguimento.

Somente na administração do prefeito Figueiredo Ferraz (de 1971 a 1973) quando o projeto foi retomado, consumaram-se modificações substanciais em relação à primeira sugestão. Desta feita, definiu-se uma implantação da proposta com três níveis de circulação. No plano inferior, correria o metrô; no intermediário, o tráfego de passagem, o "principal da avenida"; e, na superfície, o local.

Nesta etapa, as obras chegaram à ser iniciadas, mas foram paralisadas logo em seguida pela administração Miguel Colasuonno, em 1974. Na ocasião, noticiava-se a falta

de verbas como razão principal da paralisação. Diante disso, apenas uma pequena parte do projeto foi inteiramente concluída, compreendendo o trecho entre a Praça Marechal Cordeiro de Farias até a rua Haddock Lobo. Assim, a partir deste ponto, podemos ter uma idéia da forma que a Avenida Paulista teria hoje em dia, caso a reforma tivesse sido executada em toda a sua extensão.

O resultado obtido com a reforma neste trecho, em especial, merece alguns comentários.

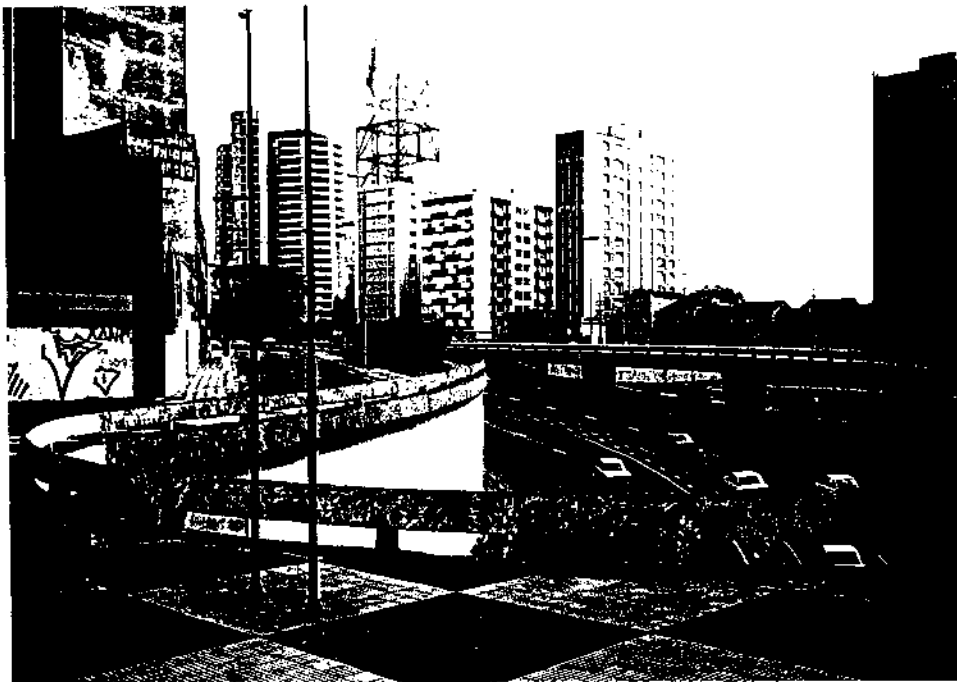
Primeiramente, vejamos a parte deste trecho entre a Praça Marechal Cordeiro de Farias até a rua da Consolação, espaço que sofreu a intervenção mais contundente da reforma em razão das muitas demolições que precisaram ser feitas para dar lugar ao complexo viário.

Este complexo viário foi a solução encontrada para o equacionamento dos sérios problemas de trânsito, que naquela oportunidade - começo da década de 1970 - já causava transtornos para a população. Era certo que havia um conflito, pois importantes vias de circulação da cidade cruzavam-se neste local: rua da Consolação, avenida Rebouças, avenida Dr. Arnaldo e a própria Paulista.

Independentemente das questões mais específicas diretamente relacionadas com a forma em que se deu a expansão da cidade, que não é o caso detalhar, achamos necessário considerar os aspectos que mais interessam, ligados especialmente à qualidade do espaço resultante da intervenção.

Este trecho acabou se caracterizando como um espaço com características urbanas bem distintas do restante da Avenida, considerando-se que para se chegar a uma solução para o trânsito local, optou-se pelo drástico rompimento da sua trama regular. Hoje em dia, são poucas as pessoas que sabem que a Avenida Paulista não termina na rua da Consolação. Isto ocorre em razão daquele rompimento.

A demolição de praticamente dois quarteirões inteiros para efetivar a solução que correspondesse aos



47. "Projeto Nova Paulista". Situação atual. A esquerda, rua Vinicius de Moraes.

propósitos do programa das obras viárias no local arrasou com qualquer possibilidade de leitura da história deste ponto da Avenida. Além disso, este rompimento "quebrou" todo o ritmo formal da perspectiva que podia ser contemplada a partir da Praça Marechal Cordeiro de Farias, em direção ao Largo do Paraíso, resultando num imenso vazio de espaço, absolutamente impessoal. (ilustração nº 43)

Essa perspectiva visual, se tivesse sido consumada conforme a evolução da Avenida, com a construção de grandes edifícios, definiria com certeza um espaço de melhor qualidade. Assim, estaria configurado um local mais adequado à forma da Avenida hoje e uma escala para o homem dentro de padrões mais aceitáveis.

Os dois quarteirões que faziam parte da trama primitiva, e que foram demolidos, eram contíguos e se constituíam nos primeiros da antiga Avenida, no seu lado par.

O primeiro dos quarteirões foi totalmente demolido e o segundo deles o foi apenas parcialmente, gerando uma situação física absolutamente singular em relação à nova configuração espacial do local.

A nova rua criada, que delimita o espaço resultante da demolição parcial do segundo quarteirão, denominada rua Vinicius de Moraes, é definida por alguns poucos lotes de pequena dimensão. Neles existem edificações de pequeno porte que contrastam fortemente com os altos edifícios da rua da Consolação. (ilustração nº 47)

Esta situação revelou-se absolutamente perversa para a paisagem do local, uma vez que a forma definida pela ausência de um projeto adequado põe à mostra os fundos dos prédios mais altos com suas grandes paredes cegas e as áreas de serviços dos apartamentos que se voltam para o imenso espaço de área, gerado pela construção do complexo viário.

Neste trecho, ainda, talvez para minimizar os problemas que a grande intervenção causou para o ambiente, o local foi contemplado com algumas outras intervenções que



48. Painei "Vela", baseado em quadro de Alfredo Volpi. Meados dos anos 80.

merecem ser destacadas, entre elas, a instalação de um painel-mural numa das paredes cegas de um dos grandes edifícios comentados acima, os "grafites" pintados nas paredes das pistas rebaixadas e o monumento a Thomas Edison.

PAINEL "VELA"

Instalado no local no início da década de 1980, o mural "Vela" é de autoria do pintor italiano Alfredo Volpi (1896/1988). (ilustração nº 48)

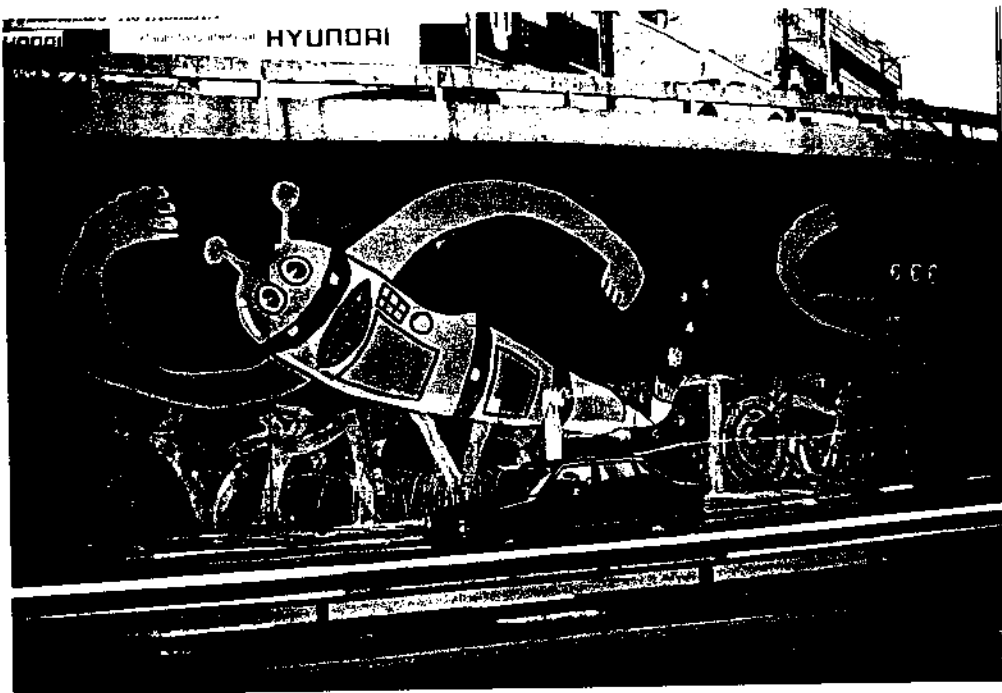
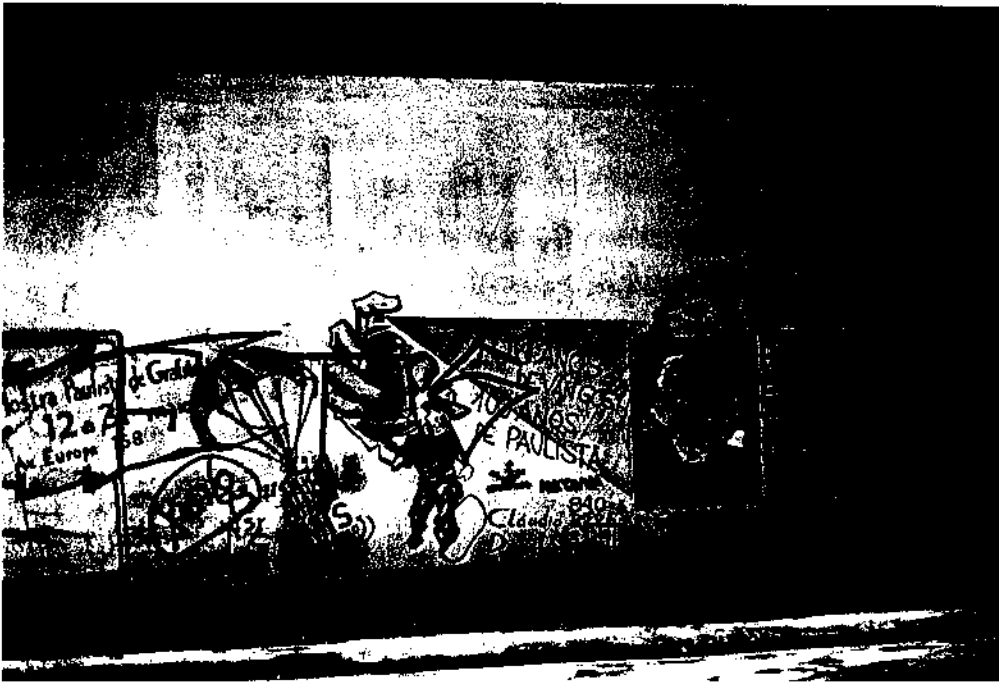
Este mural de 320 m² ocupa a empena do edifício Walter Junghans, no nº 2.504 da rua da Consolação. Baseia-se em um mesmo quadro do pintor, intitulado "Vela". O mural foi restaurado em setembro de 1991 pela Prefeitura Municipal, com utilização de tinta acrílica, e sua presença no local serve para atenuar a rigidez das grandes paredes desses edifícios relegados pela intervenção.

No início dos anos 80, a colocação de painéis murais em altos edifícios da cidade de São Paulo vinha se tornando uma prática totalmente desejável. No centro da cidade, outros foram igualmente contemplados, resultando situações diversas de contornos significativos na estética urbana. Artistas como Maurício Nogueira Lima e Tomie Ohtake têm suas obras definindo e redesenhando os espaços antes deteriorados. Infelizmente esta prática não prosseguiu adiante, deixando esse espaço para ser ocupado pelos grafites.

OS "GRAFITES"

Em consequência das obras do complexo viário, é interessante destacar um aspecto ocorrido no local; isto é, o fenômeno dos "grafites". Estes estão presentes nos imensos paredões que acabaram delimitando as avenidas que fazem parte da trama viária. São as paredes do "túnel", onde estão as pistas rebaixadas que conduzem aos diversos acessos na região. (ilustração nº 49)

Os "grafites" constituem-se em uma forma de



49, 50. GRAFITES.

expressão que ganhou maiores contornos na cidade a partir do início dos anos 80. Eram os chamados "grafiteiros", um grupo de jovens anônimos que se apropriaram deste e de outros espaços urbanos criando uma nova linguagem visual e periférica do circuito tradicional da arte. Este fenômeno não ocorreu somente entre nós, mas também em diversas partes do mundo, como, por exemplo, nas estações e trens do metrô de Nova York, internacionalmente conhecidos.

Entre os vários artistas que se destacaram nessa atividade, além do precursor Alex Vallauri, vale a pena citar os nomes de José Carratu, Jaime Prates, Carlos Delfino e Rui Amaral, do Grupo "Tupinã-dá", Carlos Matuck, Maurício Villaza e Waldemar Zaidler.

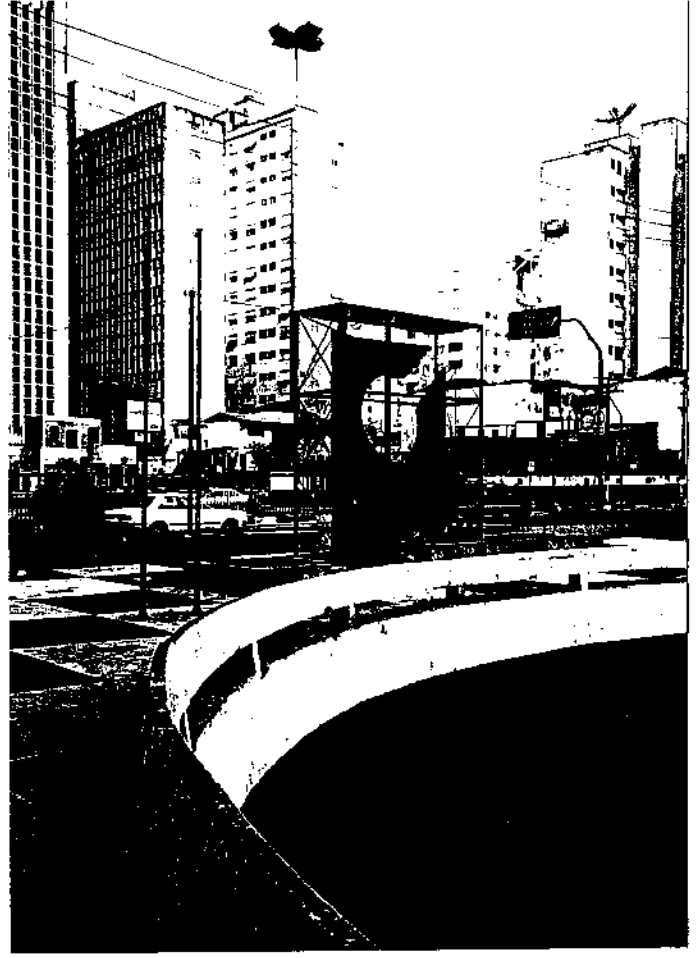
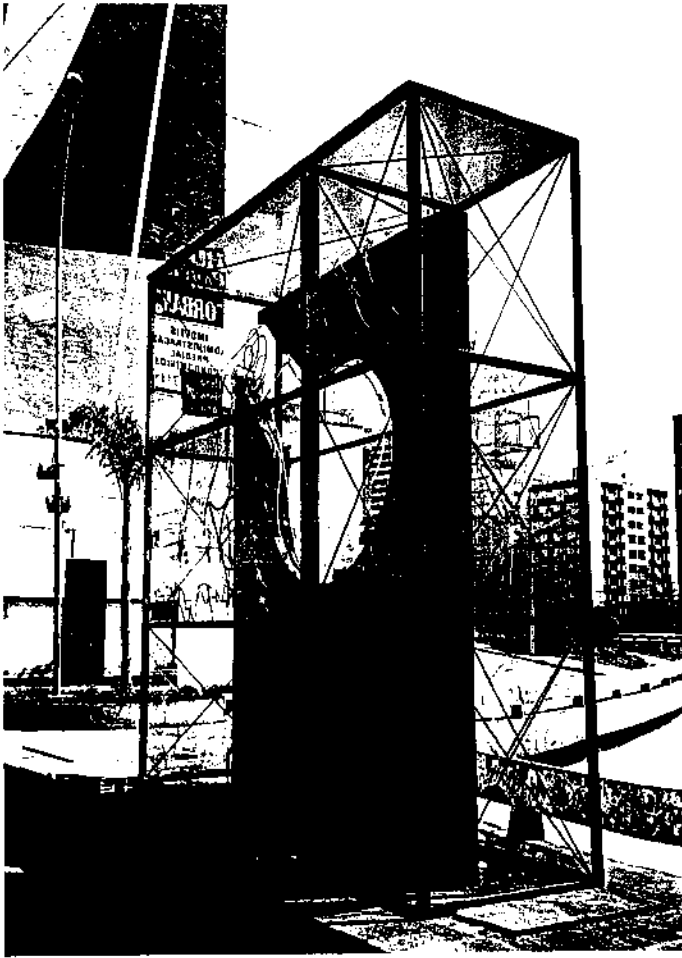
Em 1991, a Prefeitura Municipal de São Paulo liberou as paredes do túnel para artistas "grafiteiros" renderem suas homenagens ao aniversário dos 100 anos da Avenida Paulista. O ato fez parte das comemorações oficiais do evento. Algumas destas manifestações podiam ser apreciadas no local até há bem pouco tempo, pois a Prefeitura Municipal recentemente limpou e repintou as paredes. Grande parte daqueles grafites se destacavam por sua criatividade marcante, em que predominavam os mais variados temas e símbolos alusivos ao evento.

MONUMENTO A THOMAS EDISON

Este monumento foi erguido em homenagem a Thomas Alva Edison, e se encontra à rua da Consolação no cruzamento com a Avenida. (ilustrações nºs 51 e 52)

Thomas Edison foi um inventor norte-americano, 1847-1931. Inventou um transmissor telefônico a carvão, um repetidor telegráfico automático, o fonógrafo, a lâmpada elétrica incandescente, o mimeógrafo, a bateria etc. Em 1928 possuía 1.300 patentes registradas.

O projeto do monumento é de autoria do arquiteto João Valente Filho e foi restaurado pela Administração Regional da Sé, em 1989, após inúmeras depredações que nele



51, 52. Monumento a Thomas Edison.

se verificaram. Sua presença no local se deve à comemoração do centenário da invenção da lâmpada elétrica. Foi patrocinado em 1979 pelos comerciantes da rua da Consolação, que tem se tornado nas últimas décadas em ponto de venda de objetos como lustres e luminárias. O monumento foi reelaborado com uma placa de concreto contendo o contorno de lâmpada em néon.

Vale aqui registrar o alto nível de deterioração e abandono do monumento, o que compromete sobremaneira a sua instalação.

Finalizando o percurso neste trecho inicial da Avenida Paulista, até a rua da Consolação, é importante destacar o Edifício Anchieta entre todos os demais existentes. Trata-se de um dos edifícios mais importantes da história da arquitetura moderna em São Paulo, que passaremos a descrever.

* * *

OS GRANDES EDIFICIOS

O PRIMEIRO EDIFICIO

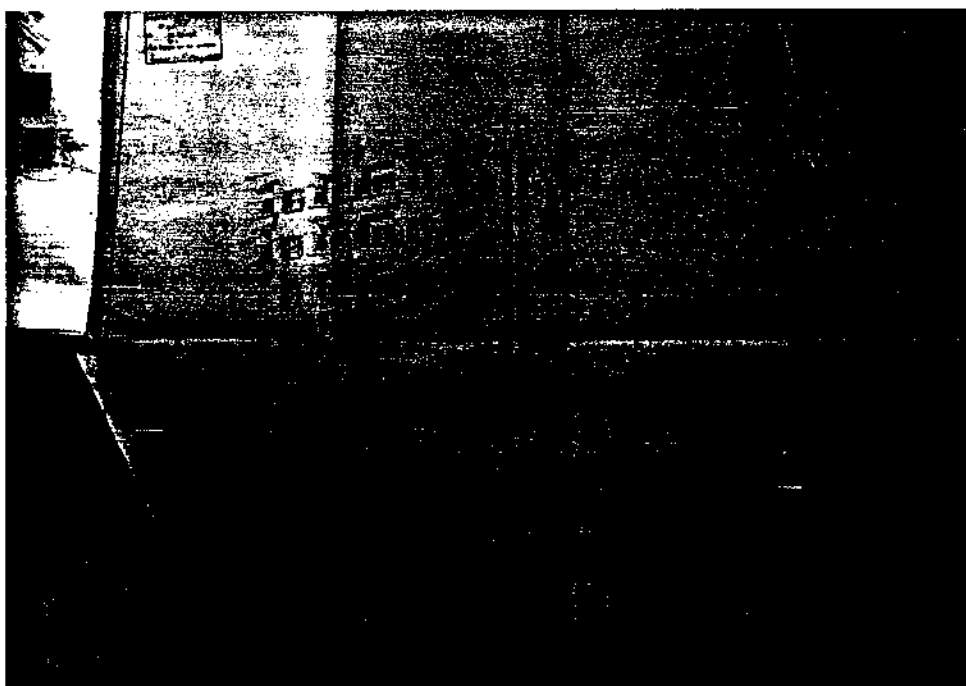
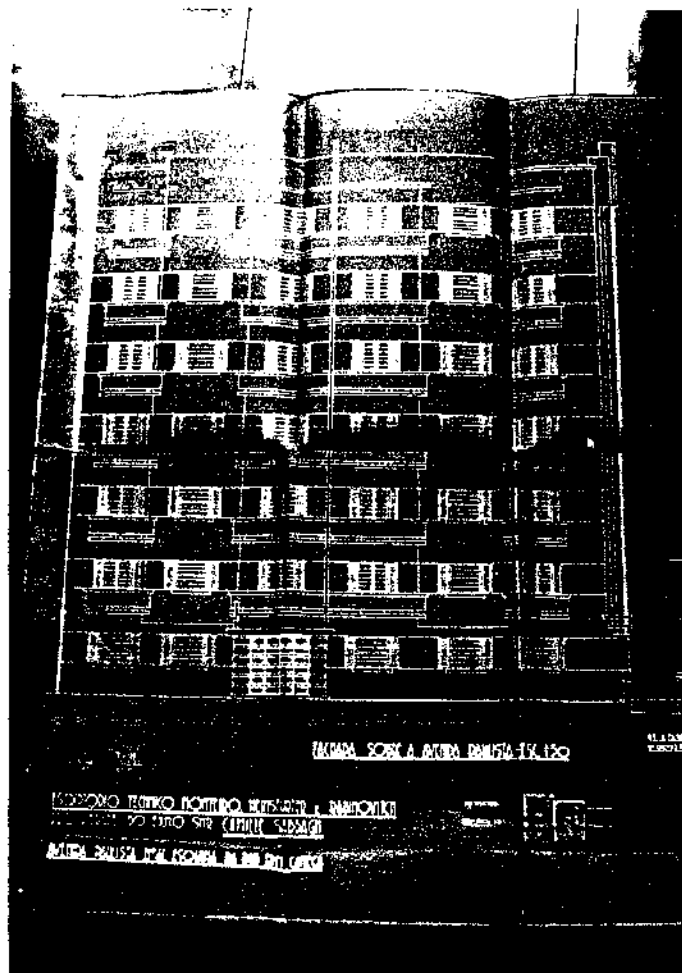
O PRIMEIRO EDIFÍCIO: EDIFÍCIO CAMILLE SABAGH

A partir dos final dos anos 30, a Avenida Paulista começa a perder seu aspecto original característico dos casarões com seus amplos jardins. Isto se deu em razão da lei estabelecida pela Prefeitura Municipal, na gestão do prefeito Fábio da Silva Prado, que liberava a Avenida para construções de grandes edifícios residenciais, também comerciais. Com isso, os agentes imobiliários puderam vislumbrar na Avenida um excelente potencial para investimentos considerando essa nova condição, assim como suas características físicas peculiares. Uma Avenida larga, nobre e com toda a infra-estrutura já consolidada.

Estes novos investimentos significariam, então, um grande impulso e uma boa oportunidade para a valorização do mercado exclusivamente residencial. Entretanto, a verticalização na Avenida seria aceita, inicialmente, com certa relutância pelos moradores locais, que viam nesse episódio uma ameaça aos costumes adquiridos durante os anos. Mas, a despeito disso, boa parte da elite que constituía o conjunto desses moradores já estava se mudando para outras áreas da cidade, especialmente para os bairros-jardins. Dessa forma, vários lotes da Paulista, altamente valorizados, passaram a ser vendidos, para proveito daqueles agentes imobiliários que souberam tirar partido dos benefícios da lei.

Neste quadro, o primeiro edifício residencial da Avenida foi construído no terreno junto à esquina com a rua Frei Caneca, no nº 2.000 da Paulista, cujo proprietário era o Sr. Camille Sabagh. Atualmente este terreno é ocupado pelo prédio da Seguradora Sul América.

O pedido inicial apresentado à Prefeitura Municipal para construção deste edifício data de fevereiro de 1935. Trata-se uma solicitação de autorização para



53, 54. Representações gráficas do projeto de arquitetura do edifício residencial Canille Sabagh, o primeiro da Paulista.

construção de prédio com 7 andares, cujo projeto e construção estava a cargo dos engenheiros construtores Monteiro, Heinsfurter e Rabinovitch. A Prefeitura Municipal concedeu o alvará, autorizando a construção, em 12 de junho de 1936.⁹³

Esse edifício obedecia um recuo frontal, na parte voltada para a Avenida Paulista, e implantava-se alinhado com o terreno junto à rua Frei Caneca. No recuo frontal, havia um jardim e um acesso para automóveis, servindo apenas para embarque ou desembarque de moradores ou visitantes.

A demolição deste edifício se deu no final dos anos 60, quando o terreno foi comprado por grandes incorporadores, que posteriormente o venderam para o Grupo Sul América, que construiu o edifício que até hoje se encontra no local.

Alguns pormenores do projeto do primeiro edifício podem ser apreciados nas ilustrações 53 e 54.

* * *

⁹³ Processo Prefeitura Municipal nº 23.306/35.

OS GRANDES
EDIFICIOS RESIDENCIAIS

Com a construção do edifício Sabagh, a Avenida Paulista passa, então, a contar com a implantação de outros edifícios residenciais. Isso ocorre a partir dos anos 40, ainda de forma um pouco tímida, mas sobretudo durante os anos 50, quando são erguidos os grandes conjuntos habitacionais. Assim, com a presença desses edifícios, o perfil da Avenida altera-se rapidamente e novos referenciais passam a ser incorporados à paisagem da cidade.

O primeiro grande edifício exclusivamente habitacional na Avenida foi o Anchieta, de 1941,⁹⁴ localizado no nº 2.584, entre a rua da Consolação e a avenida Angélica. Depois disso, vieram, entre outros, os edifícios Savoy⁹⁵, de 1947, no nº 810; o Três Marias, de 1952, no nº 2239; o Nações Unidas, de 1953, no nº 648; o Saint-Honoré, de 1953, no nº 1195⁹⁶; o Baronesa de Arary, de 1953, no nº 1745⁹⁷; e o Paulicéia, de 1955, no nº 960.⁹⁸

Com o intuito de possibilitar uma visão mais detalhada sobre esse período e verificar como se deu a construção desses grandes edifícios residenciais na Avenida, destacaremos três deles neste momento. Vale salientar, como um dos motivos para a escolha, que estes edifícios têm se tornado, ao longo dos anos, os alvos mais frequentes de ensaios e pesquisas quando se trata da evolução da

94 O primeiro processo aberto na Prefeitura Municipal de São Paulo, pedindo autorização para construir o edifício se deu sob o nº 44.305/41, cujo alvará foi emitido sob o nº 30.901 de 23 de abril de 1942. Proprietário: Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários. Projeto arquitetônico: arquiteto Maurício Roberto.

95 O primeiro processo aberto na Prefeitura Municipal de São Paulo pedindo autorização para construir o edifício se deu sob o nº 86.151/46, sob o alvará nº 3.431 de 17 de março de 1947. Proprietário: Thomaz M. Soubiê S.A.. Arquiteto responsável pelo projeto: Alfredo Mathias

96 O processo 142.631/52 da Prefeitura Municipal de São Paulo. Proprietário: Monções Construtora e Imobiliária S.A. Engenheiro responsável: Giunio Patella. Projetista: Artacho Jurado.

97 Processo inicial nº 190.124/53, alvará 30 de dezembro de 1953. Proprietário: Comércio e Importação Flamengo S.A.. Autor do projeto e responsável pela obra: Sam Elisabetsky.

98 Processo inicial nº 38.088/55, alvará de 11 de fevereiro de 1955. Proprietário: Banco Hipotecário Lar Brasileiro S.A.. Arquiteto: Jacques Pilon.

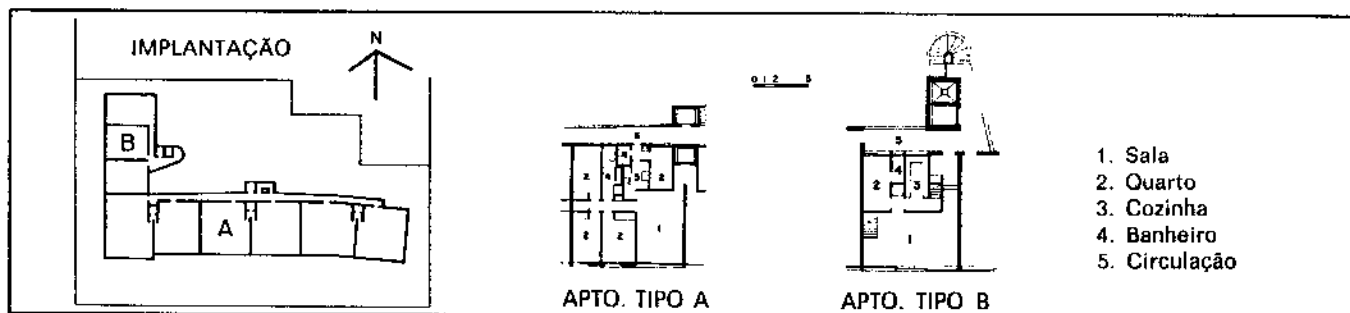


55. Edifício Anchieta, projetado pelos arquitetos cariocas Marcelo Roberto e Milton Roberto, em 1941.

arquitetura moderna em São Paulo, especialmente os trabalhos relativos aos edifícios residenciais. Assim, abordaremos os edifícios Anchieta, projetado pelo escritório dos arquitetos cariocas Marcelo Roberto e Milton Roberto (M. M. Roberto), e os edifícios Três Marias e Nações Unidas, ambos projetados pelo arquiteto, também carioca, Abelardo Riedy de Souza.

EDIFÍCIO ANCHIETA

Os arquitetos responsáveis por esse edifício eram cariocas, conforme já adiantamos. Marcelo Roberto formou-se pela Escola de Belas-Artes do Rio de Janeiro em 1930. Na época, instigado preliminarmente pela carreira de arquiteto decorador, acabou tornando-se um dos principais colaboradores da revista *Técnica e Arte*, dirigida por dois de seus professores: Jurandir Ferreira e Felipe Reis. Após uma viagem pela França, Itália e Alemanha, depois de diplomado, Marcelo acabou sendo contratado para trabalhar numa firma construtora devido ao seu já reconhecido talento como arquiteto e desenhista. Plenamente identificado com a vanguarda da época, pelas teorias de Le Corbusier e pelas experiências em prática de Warchavchik no Brasil, começou a organizar seu próprio método de trabalho e seus primeiros projetos. Em 1936, juntamente com seu irmão Milton, projeta o edifício da A.B.I., no Rio de Janeiro, considerado até hoje como um marco do advento da arquitetura moderna no Brasil. Seu irmão, Milton, tinha apenas vinte anos quando saiu da Escola de Belas Artes em 1934 e associou-se ao irmão mais velho, a quem, aliás, já havia ajudado antes mesmo de formado. Juntos, então, conquistaram repetidos sucessos e empreenderam uma obra das mais criativas. Entre elas, o edifício Anchieta. (ilustração nº 55)



56. Edifício Anchieta. Desenho esquemático. Implantação do edifício no terreno e plantas dos apartamentos.

No Anchieta já estão presentes vários aspectos das pesquisas formais que os arquitetos vinham adotando para seus projetos em curso no Rio de Janeiro, tais como: dinâmica das fachadas - pela mudança de planos e pelo uso diversificado de esquadrias -, valorização de sombra na composição das fachadas e nos elementos arquitetônicos, marcação da estrutura, harmonia nas proporções.

Construído num terreno de grande área, onde anteriormente havia morado o Sr Antonio Pereira Egydio, industrial famoso em São Paulo, o prédio foi magnificamente implantado com padrões de acabamento bem acima dos vigentes na época.

Um dos dados mais interessantes presentes neste edifício refere-se aos apartamentos voltados para a avenida Angélica, que foram resolvidos em "duplex", servidos por uma circulação independente. Foi um dos primeiros prédios a contar com afastamentos consideráveis, propiciando jardins que em muito favoreciam sua implantação. Lamentavelmente, a reforma de ampliação da Paulista, realizada no início dos anos 70, retirou boa parte deste afastamento e, conseqüentemente, do jardim. Com isso, os passeios foram avançados até os limites da projeção do prédio.

EDIFÍCIO TRÊS MARIAS

Localizado na Avenida Paulista nº 2.239, este edifício foi projetado pelo arquiteto Abelardo Riedy de Souza. Nascido no Rio de Janeiro em 15 de junho de 1908, Abelardo Riedy de Souza veio a falecer em São Paulo em 11 de abril de 1932. Formou-se em arquitetura pela Escola Nacional de Belas Artes, em 1932. Graduado em arquitetura, continuou seus estudos no curso de Urbanismo da Universidade do

57. Edifício Três Marias, projetado pelo arquiteto Abelardo de Souza, 1951.



Distrito Federal até 1935, quando o curso foi encerrado e a Universidade extinta pelo governo.

Sua formação ocorre num momento histórico marcado por profundas transformações econômicas, sociais e políticas, que culminaram com a revolução de 1930 e o fim da República Velha. Naquele ano, Lucio Costa, então diretor da Escola Nacional de Belas Artes, convidou Gregori Warchavchik, Alexandre Budeus e Afonso Eduardo Reidy para lecionarem naquela escola iniciando uma reforma de grandes proporções, abrindo a escola ao movimento moderno na arquitetura, sob a influência dos novos conceitos produzidos especialmente na Europa. Nesse clima de renovação e criatividade, Abelardo de Souza, que desde o início se revelara um entusiasta da arquitetura moderna, beneficiou-se inteiramente. Foram seus colegas de academia os típicos representantes do que se convencionou chamar a "escola carioca": Jorge Moreira, Alcides da Rocha Miranda, Carlos Leão, Alvaro Vital Brasil e Oscar Niemeyer.

Em 1939, Abelardo vem a São Paulo para projetar e dirigir a construção de um grande depósito de inflamáveis para a Distribuidora Asteca de Gasolina e 'aqui acaba permanecendo, realizando uma extensa obra.

Suas obras mais significativas foram realizadas na década de 50, quando se consolidam e amadurecem as pesquisas compositivas e formais da "escola carioca". Dentre essas obras, os edifícios Três Marias e o Nações Unidas figuram entre os mais significativos.⁹⁹

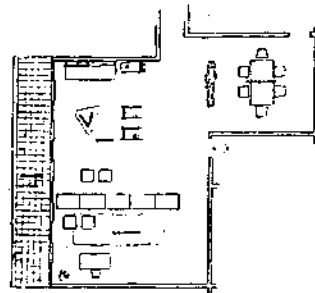
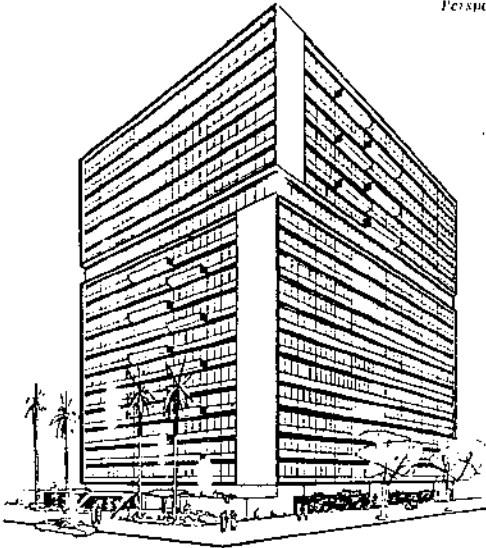
No projeto do edifício Três Marias, construído com 19 pavimentos mais garage para veículos no sub-solo, um dos aspectos mais interessantes refere-se à composição do volume do edifício, que resultou um peculiar movimento na fachada. O volume único é rompido na altura do décimo-primeiro andar pela rotação dos balcões em balanço, que passam da fachada paralela à Avenida Paulista para a fachada paralela à rua Haddock Lobo. Essa ruptura na composição é reforçada pelo

⁹⁹ Catálogos de desenhos de arquitetura. FAUUSP, 1988, págs 163-7.

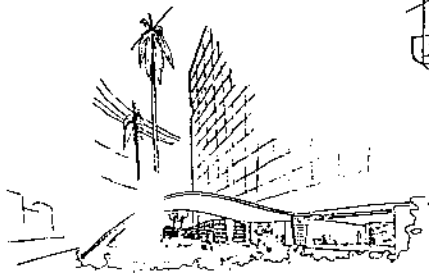
58. Edifício Três Marias. Aspectos Gerais.

58. TRÊS MARIAS

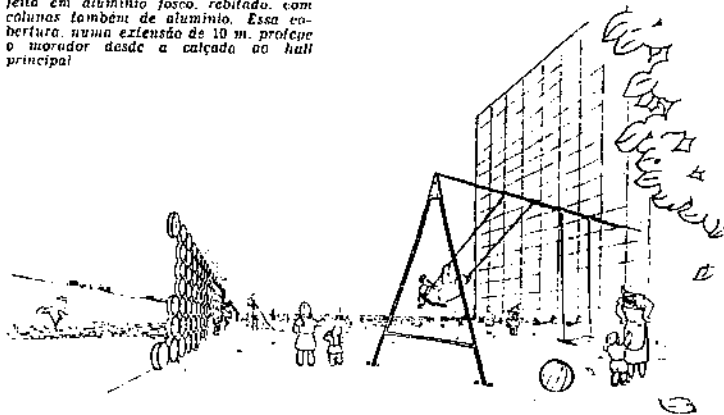
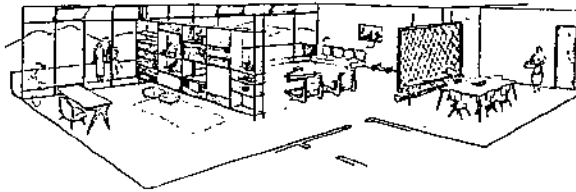
Perspectiva do prédio



Sugestão apresentada para arranjo interior das salas de estar. Uma racional distribuição dos móveis num ambiente, facilita uma boa circulação.



Vista da entrada pela Avenida Paulista
A cobertura que protege a entrada será feita em alumínio fosco, rebatida, com colunas também de alumínio. Essa cobertura, numa extensão de 10 m. protege o morador desde a calçada ao hall principal.



Vista do parque infantil a ser localizado na aca interno do bloco. Os acessos de serviços e das veículos, serão absolutamente independente da parte de recreação.

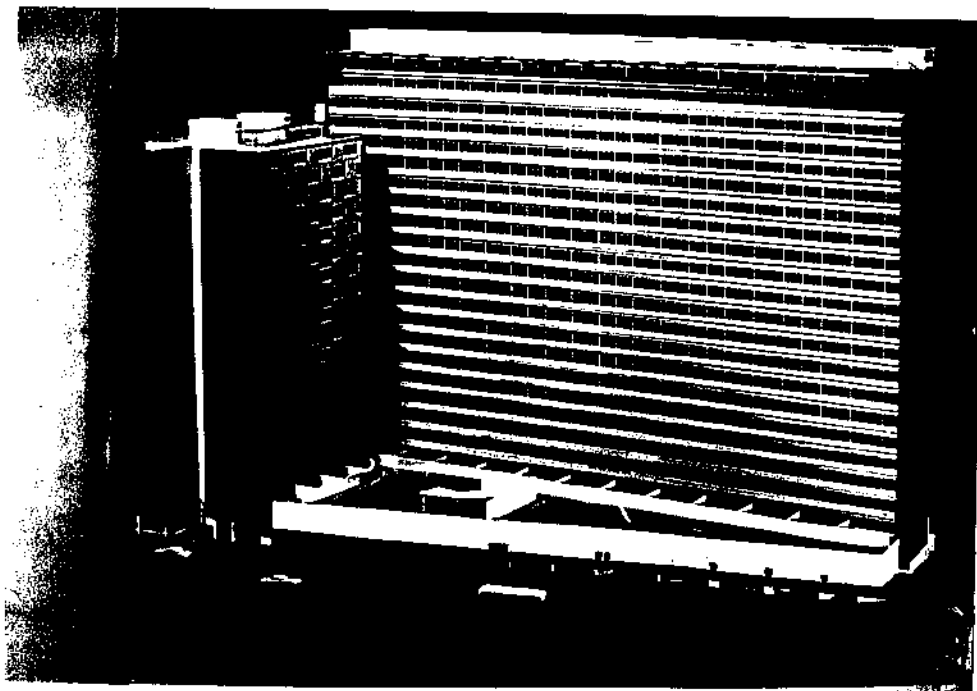
criativo uso alternado das pastilhas nas cores azul e rosa.

O programa dado pelo proprietário determinava um tipo de apartamento, que serviria a uma classe social específica; isto é, o prédio deveria ser vendido em condomínio, o qual não era muito comum para a época. A divisão do bloco em três prédios independentes resolveu este problema. Toda a parte em comum, ou seja, vendável, ficou reduzido aos *halls* de entrada.

Com as reformas de ampliação do leito carroçável da Avenida Paulista, boa parte do terreno frontal foi eliminado. Com isso, o prédio perdeu a cobertura que protegia o acesso do morador desde a primitiva calçada até o *hall* de entrada. Essa cobertura era feita em alumínio fosco, rebitado, com colunas também de alumínio, numa extensão de 10 metros. Além da cobertura, perdeu-se também um jardim que cindundava todo o edifício nas ruas que formavam esta esquina.¹⁰⁰

Atualmente, o edifício encontra-se bastante deteriorado, em função do seu estado de semi-abandono. Suas fachadas apresentam-se muito sujas, evidenciando a má conservação do prédio. Nem todos os apartamentos estão ocupados, o que pode ser observado claramente por qualquer pedestre que circule pela Avenida. O térreo, inclusive, tem um aspecto notadamente ruim, por apresentar um descuido generalizado. Tal estado, lamentavelmente, impossibilita uma correta leitura do edifício, uma vez que impede a visualização daqueles detalhes mais característicos da sua arquitetura e que evidenciam o seu valor, como por exemplo, as cores do edifício, que hoje, em razão da sujeira, dificilmente podem ser notadas.

100 Revista *Habitat* nº 7. Prédio de Apartamentos em São Paulo, Arquiteto Abelardo de Souza.



59. Edifício Nações Unidas. Foto da maquete do projeto de arquitetura, arquiteto Abelardo de Souza, 1953.



60. Edifício Nações Unidas. Situação atual.

EDIFÍCIO NAÇÕES UNIDAS

Uma publicação de 1960, quando o edifício Nações Unidas estava acabando de ser construído, dizia o seguinte:

Este novo edifício de apartamentos que será construído na avenida Brigadeiro Luís Antônio, esquina com a avenida Paulista, em São Paulo, bem merece ser considerado como um dos conjuntos mais importantes no gênero, existente na capital paulista, uma cidade tão pobre em arquitetura moderna. O arquiteto Abelardo de Souza, resolvendo com inteligência a planta, conseguiu colocar um bloco realmente moderno entre os limites muito restritos de ruas e edifícios.¹⁰¹

O edifício Nações Unidas está implantado num terreno que, na verdade, situa-se entre a Avenida Paulista nº 648 e rua São Carlos do Pinhal, na esquina da avenida Brigadeiro Luís Antônio. As dimensões deste terreno são: 124,60 m x 55,90 m x 26,09 m x 128,71 m, e a construção do edifício esteve sob a responsabilidade da firma construtora Sociedade Civil Construtora Harding, numa primeira fase, e, posteriormente, sob os cuidados da Sociedade de Engenharia Cyro Ribeiro Pereira Ltda. Construtécnica e Construtora São Paulo S/A. Vale ressaltar, ainda, que este lote foi ocupado anteriormente pela residência do Sr. Egydio Pinotti Gamba, famoso industrial. É interessante destacar que no local ocupado pelo edifício existia anteriormente uma gigantesca árvore, que pode ser observada no quadro a pastel de Jules Martin, sobre o qual já comentamos.

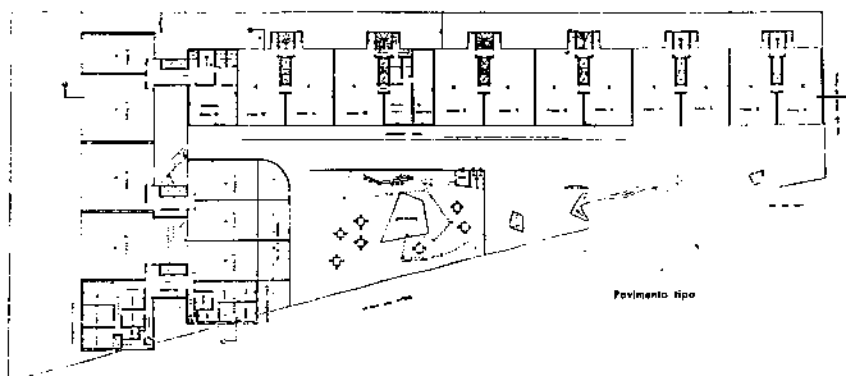
O programa de necessidades estabelecido para esse enorme conjunto habitacional previa uma galeria interna de lojas ao nível do térreo, que serviria de acesso obrigatório a todos os moradores do edifício. Este esquema tentava repetir o êxito alcançado pelo mesmo grupo de incorporadores com o edifício Galeria Califórnia, na rua Barão de Itapetininga, no centro da cidade, projetado por Oscar

101. Revista *Acrópole*, nº 262, págs. 270-2.

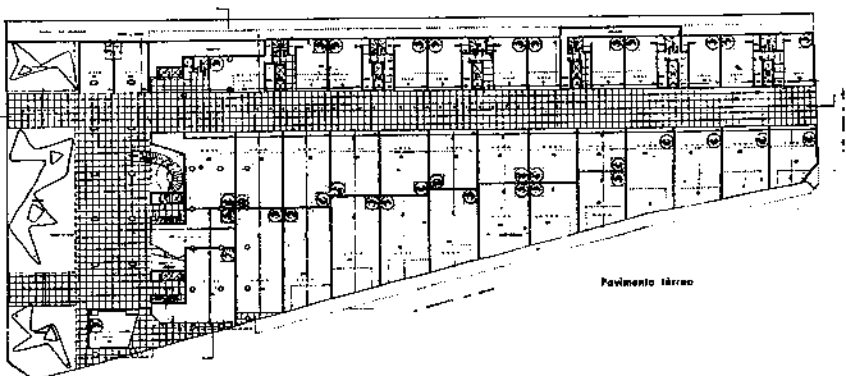
61. Edifício Nações Unidas. Planta dos pavimentos.



Galeria interna, vista da Av. Paulista. Iluminação incandescente, piso de arenito polido



Pavimento tipo



Pavimento térreo

Niemeyer. Esses incorporadores faziam parte da Companhia Nacional de Investimentos "CNI", estabelecida a rua XV de novembro, nº 137.

O terreno para construção do edifício foi escolhido com bastante critério por esses incorporadores, em razão de que já se antevia para o local a valorização das atividades comerciais, função tradicional da avenida Brigadeiro Luis Antonio, que se expandia até a Paulista. Assim, havia um quadro absolutamente favorável para que o empreendimento obtivesse os resultados esperados.

O partido arquitetônico adotado pelo arquiteto foi a implantação de um bloco maior disposto paralelamente à divisa do terreno e com grande recuo em relação à rua. Com isso, evitou-se a habitual solução de pátios internos de iluminação e ventilação. Nesse bloco, foi organizada a maioria das unidades de apartamentos de dois dormitórios. Um segundo bloco, perpendicular ao primeiro e paralelo à Avenida Paulista, abriga os apartamentos maiores de dois dormitórios abrindo-se para o Sul e o menores, de um dormitório, para o Norte.

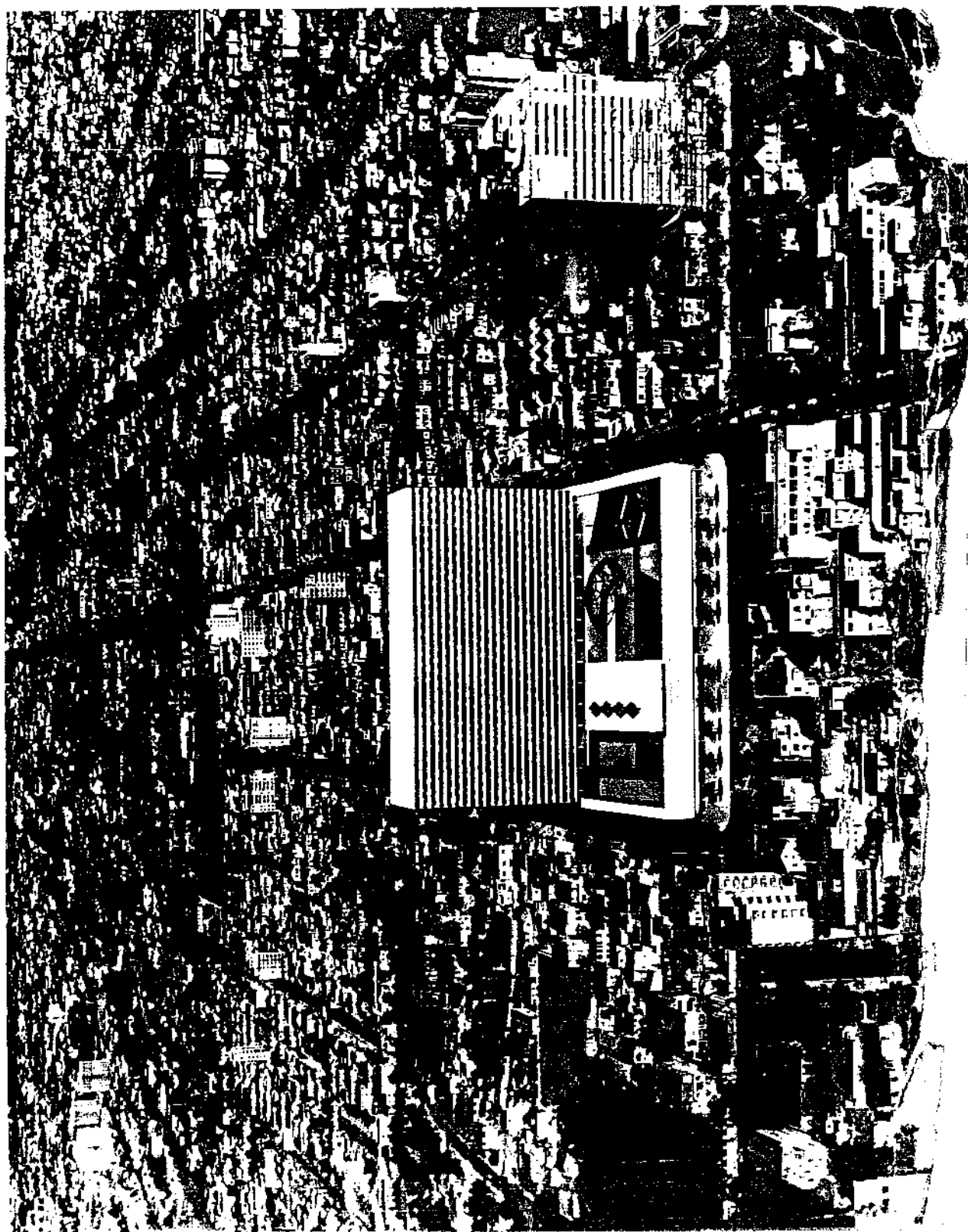
No início dos anos 80, o edifício sofreu uma ampla reforma para adequar-se a uma série de quesitos que a Prefeitura Municipal exigia fossem obedecidos. Tais exigências eram fruto de um estado de deterioração que o Nações Unidas apresentava. Dessa forma, procedeu-se à recuperação dos sistemas hidráulico e elétrico, as portas de acesso foram substituídas, equipamentos de proteção contra incêndios foram instalados, houve alteração de alguns revestimentos, incluindo a fachada, que recebeu novo tratamento, além de muros de proteção no térreo.

O edifício, atualmente, contém 458 unidades habitacionais, 37 lojas e 21 conjuntos comerciais. Além disso, é curioso notar a presença de 19 elevadores no prédio, incluindo-se aí dois deles que servem apenas a dois apartamentos pequenos, evidenciando uma particularidade da época: o relativo preço baixo para instalação de elevadores.

No térreo, é importante destacar ainda, a existência de um interessante painel azulejado de Clóvis Graciano, localizado na fachada cujo acesso se dá pela Avenida Paulista.

* * *

**O EDIFÍCIO
DO CONJUNTO NACIONAL:
UM MARCO DOS ANOS 50**



62. Fotomontagem da maquete do edifício do Conjunto Nacional à época da elaboração do seu projeto arquitetônico, 1955.

Considerado uma antevisão dos *shopping centers* que hoje pululam pela cidade, o edifício do Conjunto Nacional é considerado atualmente um dos mais significativos exemplares do movimento da arquitetura moderna em São Paulo, cuja construção iniciou-se em 1953.

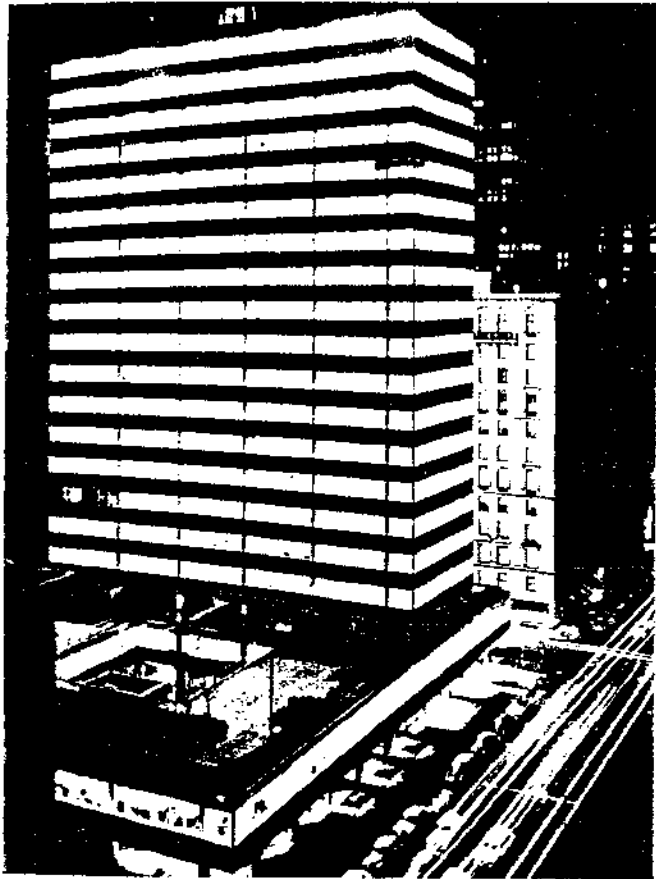
Construído pelo empresário da rede hoteleira, José Tjurs, e projetado pelo arquiteto David Libeskind, o edifício ocupa todo o quarteirão da Avenida Paulista, no seu lado ímpar, entre a rua Augusta e a rua Padre João Manoel.

De enormes proporções, a concepção arquitetônica do edifício revela em si uma evidente inspiração nos modelos norte-americanos da época, que já se utilizavam desta tipologia de arquitetura; isto é, uma composição estruturada basicamente em dois grandes blocos: um deles, disposto horizontalmente e ocupando o máximo de terreno disponível e, o outro, como uma grande lâmina vertical, apoiada sobre o primeiro. Com isso, as funções relativas ao edifício foram definidas, então, em razão da disposição de cada um desses blocos e obedeceram, em geral, a seguinte regra: o bloco horizontal, destinava-se predominantemente ao comércio e, a lâmina, a parte correspondente aos serviços e escritórios. Um dos edifícios mais expressivos com este tipo de solução, situado em Nova York, e muito parecido com o Conjunto Nacional, como podemos ver na ilustração nº 63, é o Lever House, de 1952, projetado pelo arquiteto Gordon Bunshaft, da firma de arquitetura Skidmore, Owings & Merrill.¹⁰²

No caso do Conjunto Nacional, o bloco horizontal ocupa toda a área disponível do quarteirão, enquanto o outro, vertical, está recuado da Avenida 72 metros e se divide em 3 torres contíguas de 25 pavimentos.

O arquiteto David Libeskind, numa recente

¹⁰² Benevolo, L. *História de la Arquitectura Moderna*, pág. 743.



63. Nova York, a Lever House; de Skidmore, Owings & Merrill, 1952.

entrevista dada a uma revista¹⁰³ discorreu sobre aquela influência que vinha recebendo das novas construções nos Estados Unidos e, também, a respeito das publicações de arquitetura estrangeiras que tinha conhecimento. Nesta entrevista, Libeskind revelou como se deu o processo de construção do edifício assim como a sua concepção. O arquiteto assim se expressou:

Em 1957, eu tinha 25 anos, era recém formado em arquitetura em Belo Horizonte. Ouvi dizer que estava havendo um concurso fechado para um projeto de construção num grande terreno da Avenida Paulista. Procurei o proprietário, Sr. José Tjurs, e ele me disse, em tom de brincadeira, que eu tinha o prazo de uma semana para apresentar alguma proposta.

Eu estava sempre lendo publicações estrangeiras e sabia que nos Estados Unidos, naquela época, estavam sendo construídos muitos centros comerciais. Propus a idéia de uma construção que combinasse uma parte horizontal, para lojas, com um jardim suspenso e uma lâmina vertical, para apartamentos. E acho que foi por isso que ele gostou e me escolheu.

O Tjurs não sabia exatamente o que pretendia. Foi mudando de idéia à medida que a construção avançava. Pensou num hotel, mas teve problemas com a Prefeitura. Pensou em apartamentos residenciais e acabou também fazendo uma ala comercial. Me lembro uma vez que ele disse o seguinte: "Eu quero fazer da Paulista a 5ª Avenida brasileira. As famílias desses barões que moram aqui hoje ainda vão me pagar royalties pela valorização dos terrenos." Era um homem muito ousado, muito inteligente, embora quase analfabeto, que começou a vida como motorista de praça. Para mim, de qualquer maneira, foi uma surpresa enorme. Eu não tinha nem escritório para trabalhar e morava numa pensão na General Jardim.

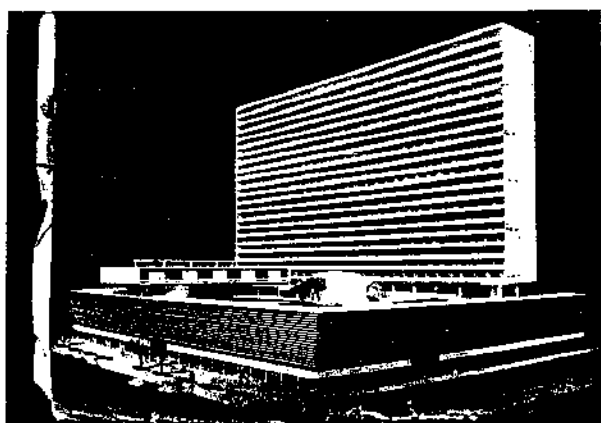
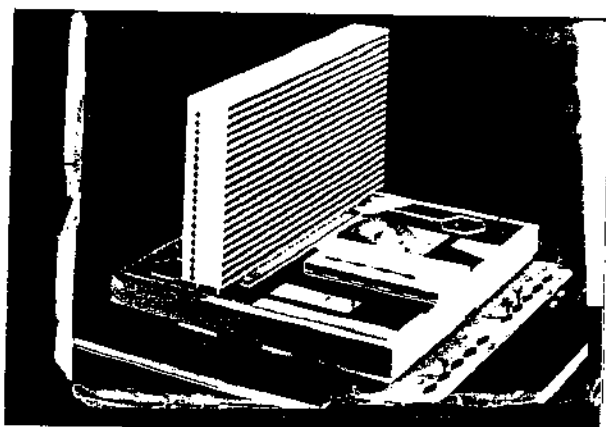
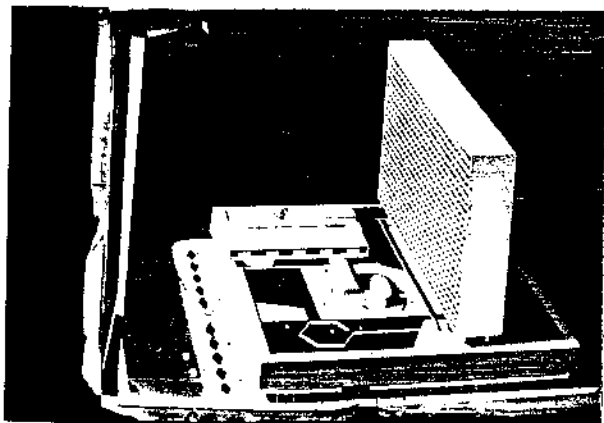
O Conjunto Nacional foi assunto de reportagens nas principais publicações especializadas, em todo o mundo. A *Architecture Aujourd'hui* me incluiu entre as revelações da arquitetura, numa edição de 1960.

Muito do meu projeto foi desvirtuado. O jardim suspenso nunca foi feito, em função do interesse de se vender sempre mais uma área. O que é hoje o Cine Art, que era o Cine Rio, foi projetado para ser um teatro.

Por algum tempo eu resisti, acompanhei a construção, mas depois perdi o controle, tanto que nem gostava mais de ir lá. Agora, recentemente, é que a Dra. Vilma (Peramezza, síndica do Conjunto Nacional) andou me fazendo umas consultas, pedindo umas idéias. Como ela está fazendo um trabalho muito sério por lá, eu fui.

O projeto de arquitetura, desde a sua concepção inicial, passou por muitas modificações nos anos seguintes,

¹⁰³ Revista *Goodyear* - Edição especial de fim de ano: Avenida Paulista: O futuro faz cem anos. - "Quando o concreto soterra os sonhos". Entrevista concedida a Marta Góes. Out/Nov/Dez - 1991, págs. 30-1.



64 Fotos da maquete do edificio do Conjunto Nacional.

fato que resultou na abertura de vários processos administrativos para a sua aprovação na Prefeitura Municipal. Dentre todos os processos, é interessante destacarmos alguns para que se possa ter conhecimento do grande percurso realizado pelos empreendedores até a construção do edifício.

O primeiro desses processos¹⁰⁴ se deu em janeiro de 1953, cuja peça inicial solicitava a aprovação de um projeto de construção de um "edifício de hotel, apartamentos e lojas, em um terreno situado na Avenida Paulista, esquina da rua Augusta, de propriedade do Sr. José Tjurs", que assinava em nome de "HOTEIS REUNIDOS S/A - HORSÁ". Neste processo, os arquitetos responsáveis pelo projeto da construção eram, curiosamente, Gregori Warchavchik e Salvador Candia.

O arquiteto Gregori Warchavchik é considerado um dos pioneiros quanto à introdução da arquitetura moderna no Brasil. Nascido em Odessa, na Rússia, a 2 de abril de 1886, iniciou seus estudos de arquitetura naquela cidade, interrompendo-os em 1918, quando emigrou para a Itália; concluiu-os em 1920, no Instituto Superior de Belas Artes de Roma, tendo trabalhado nos dois anos seguintes como assistente de Marcello Piacentini. Em 1923, vem ao Brasil, contratado pela Companhia Construtora de Santos, à época dirigida por Roberto Simonsen. Em 1927, naturaliza-se brasileiro; casa-se com a paisagista Mina Klabin e estabelece sua própria firma de arquitetura e oficina de marcenaria, introduzindo o uso da madeira compensada na sua execução. Constrói sua própria residência, na rua Santa Cruz, em São Paulo, a primeira moradia em estilo moderno, ou "novo", como preferia denominar, hoje tombada como patrimônio histórico. É responsável por uma série de outros projetos e construções, para as mais variadas finalidades, tanto em São Paulo como fora da cidade, e influenciou toda uma geração de novos arquitetos que viam em sua obra toda a

¹⁰⁴ Processo nº 010.150/53. Prefeitura Municipal de São Paulo. Divisão de arquivo. Freguesia do O.

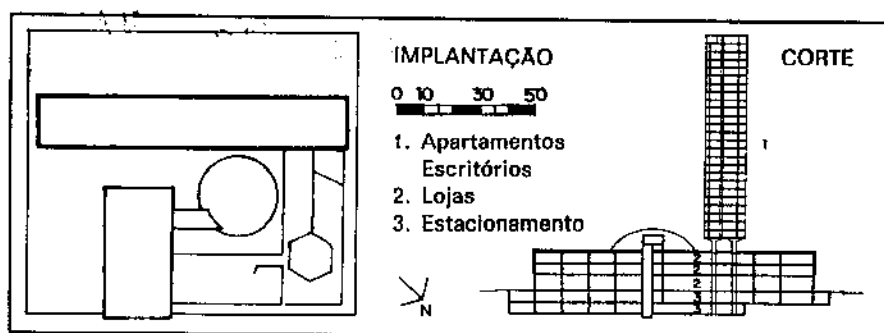
inovação de que precisavam para empreender novos conceitos em arquitetura e em urbanismo.

Nesse primeiro projeto para o Conjunto Nacional, com a assinatura de Warchavchik, previa-se uma área de construção de 100.214,04 m², num terreno medindo 123,45 metros de frente (Avenida Paulista) e 118,60 metros de fundo (rua Augusta). Sua configuração não fugia muito da solução definida por Libeskind; no entanto, a diferença mais contundente refiria-se ao bloco horizontal que apresentava uma rua interna, no meio do quarteirão, entre as ruas Augusta e Padre João Manoel, para possibilitar um acesso mais direto para às diversas partes que compunham o edifício.

Para realizar as avaliações necessárias do projeto apresentado, a Prefeitura Municipal formou uma Junta Consultiva, em razão da natureza do empreendimento, que na época fugia às normas de ocupação estabelecidas para o local. Nessa Junta, o arquiteto Rino Levi é chamado a emitir um juízo a respeito do assunto e, após a sua análise, tece uma série de considerações favoráveis ao projeto. Após outras manifestações, igualmente favoráveis, a Junta decide pela aprovação do projeto apresentado, sob o alvará nº 66.577, de 17 de abril de 1953, que dizia o seguinte:- "permite-se construir três prédios, destes, dois com subsolos, ático e 23 pavimentos para uma loja, um restaurante, 289 apartamentos e hotel, e um para "magazin" com dois subsolos e dois pavimentos, à rua Augusta nºs 1.825 e 1.849, rua Padre João Manoel nº 122, Avenida Paulista e alameda Santos. Area Total: 100.214,04 m². Autores do projeto: Gregori Warchavchik e Salvador Candia".

Este alvará foi posteriormente revalidado pelo alvará nº 67.684, de 16 de maio de 1953, que contemplava as mesmas condições do anterior mais a permissão para construção do hotel.

Não obstante o projeto de arquitetura ter obtido deliberação favorável, o então Prefeito Jânio Quadros



65. Desenho de implantação no terreno do edifício do Conjunto Nacional e corte esquemático.

resolve cassar o alvará concedido, com base em irregularidades constatadas na tramitação do processo e, certamente, influenciado por pressões contrárias havidas no decorrer do processo quanto às alterações ocorridas em relação ao novo uso.

Em 7 de julho de 1955, o interessado do empreendimento, Hotéis Reunidos S.A., retorna à Prefeitura com o propósito de solicitar nova apreciação do projeto de arquitetura, com base no seguinte arrazoado fornecido à Prefeitura:- "em 10 de maio de 1954, devido a uma interpretação de lei, foi cassado pelo então Prefeito, o citado alvará, originando a paralisação das obras já iniciadas e enormes prejuízos à requerente"; e, dizia, ainda, "revalidado o alvará em apreço, por despacho do Chefe do Executivo, publicado no Diário Oficial do Estado, em 15 de janeiro de 1955, tendo em vista a promulgação da lei nº 4.589, viu-se a requerente impossibilitada de executar o primitivo projeto, passada que foi a época de previsão orçamentária, face aos entendimentos das casas de crédito, acrescida com os prejuízos subsequentes à paralisação imposta, que impediu a realização na época oportuna daquele primitivo plano, em decorrência do projeto aprovado pela própria Prefeitura. Assim sendo, esta empresa foi obrigada a determinar a feitura de novo projeto, que apresenta a V. Excia. em sete vias, solicitando a V. Excia. se digne mandar substituir pelas plantas aprovadas, sendo que a nova construção tem 99.844 m², portanto sem acréscimo de área construída."

Já neste processo, em 1955 portanto, o requerente declara que o autor do projeto é o arquiteto David Libeskind, sendo a construtora responsável pelas obras a "CONSTRUTORA WARCHAVCHIK & NEUMANN LTDA". A Prefeitura, após suas avaliações, decide pela aprovação do processo substitutivo, sob alvará nº 106.973, de 16 de novembro de 1955.

Após a tramitação e aprovação deste último

processo, os proprietários apresentaram vários outros projetos de arquitetura à Prefeitura Municipal, em razão das seguidas alterações do programa de necessidades e uso havidas no decorrer da construção do edifício. Para se ter uma idéia destas alterações, comparemos aquele primeiro alvará que mencionamos acima com o de 13 de janeiro de 1963:

A vista do despacho exarado no processo 40.425/61, nos termos da lei 5.717/60, é apostilado este alvará 155.929/59, de 11 de dezembro de 1959, processo 217.348/58, em nome de HURSA IMOBILIÁRIA S/A.,..., para: substituir planta aprovada sem aumento de área, para prédio em 3 blocos, de 27 pavimentos, 2 sub-solos e ático para 1 teatro, 1 cinema, 1 instituto de fisioterapia, 1 restaurante, 65 lojas, e 1.078 salas para escritórios, com modificação total para o bloco da esquerda do conjunto que foi transformado de hotel em prédio de escritórios, a Al. Santos 2.152, Rua Augusta 1.771, ..., 1.835, Avenida Paulista 2.011, ..., 2.125 e Rua Padre João Manoel 40, 68 e 100. Zona: Urbana. Firma Projetista e Construtora: Libeskind & Schainberg Ltda. Responsável Técnico: David Libeskind. Firma Construtora: Construtora Warchavchik & Neumann Ltda. Responsável Técnico: Gregori Warchavchik. 13 de fevereiro de 1963.

Neste alvará, pode-se verificar a desistência por parte dos proprietários na construção do hotel para assumir definitivamente o uso de escritórios. Essa alteração foi motivada, segundo diz o arquiteto David Libeskind, pelo reconhecimento dos proprietários em adequar o prédio ao panorama em que vinha se consagrando a Avenida Paulista já naquela época, por meio das rápidas transformações em sua estrutura urbana, quando perdia o uso tradicionalmente residencial dos anos anteriores.

Outro dado em relação ao prédio, interessante para se destacar, refere-se à construção dos seus dois grandes sub-solos. Destinados ao estacionamento de veículos, e previstos desde a primeira fase do projeto arquitetônico, estes revelam a grande capacidade de visão dos idealizadores do empreendimento em relação ao trânsito da cidade. Projetados para 700 veículos e com uma capacidade para receber até 900, os acessos se dão pela rua Padre João Manoel e pela alameda Santos. Por muito tempo, em um deles funcionou um posto de gasolina "Esso", o que era possível

graças à pouca movimentação de veículos que se utilizavam deste serviço nos anos iniciais, bastante diferente do que acontece atualmente.

Em virtude da grande dimensão do prédio, sua ocupação se deu de forma gradual; isto é, à medida que as obras terminavam, partes do edifício eram liberadas para a ocupação. Por isso, nunca houve de fato uma inauguração do empreendimento como um todo. Assim, as primeiras atividades com condições adequadas que se utilizaram do prédio do Conjunto Nacional foram as comerciais, previstas para o bloco horizontal. Uma delas foi o famoso restaurante Fasano, em 1957: Primeiramente foi inaugurada a confeitaria, que ocupava uma loja nesse bloco, no térreo. No ano seguinte, no primeiro e no segundo andares da sobreloja, começaram a funcionar o Salão de Festas e o Jardim de Inverno. Fabrizio Fasano descreve como se deu esse começo:¹⁰⁵

Na véspera da inauguração do Restaurante Fasano passamos a noite lá, arrumando as últimas coisas, e às cinco da manhã abrimos as portas e demos por inaugurado. E ficamos ali, as luzes acesas, tomando um aperitivo, quando um furgãozinho de padeiro, aqueles forminhos ingleses que os padeiros tinham, parou na porta. O padeiro, começando a entrega, viu as luzes e foi ver o que era. Oferecemos um aperitivo, ele aceitou; oferecemos outro, ele aceitou e depois mais outro. Resultado: acabou tomando um fogo, e aquela manhã ninguém recebeu pão.

O Conjunto Nacional era uma área linda, com as calçadas enormes e os corredores amplos. Não era como hoje, cheio de lojinhas. Eu me lembro de sentir cheiro de cal, de cimento, nos corredores, porque por muito tempo nós convivemos com a obra. O térreo já estava funcionando, mas o prédio estava sendo construído. No começo éramos só nós, e logo depois começou também a funcionar uma locadora de automóveis, a Auto Drive; o Rinaldi, floricultor, e uma barbearia, o Salão Nacional, que está lá até hoje, onde eu cortava o cabelo semanalmente.

As pessoas me diziam: "Seu pai é louco de abrir um restaurante ali." A Paulista era inteiramente residencial. A Paulista e a Brasil eram as avenidas das grandes mansões. Mas meu pai tinha um feeling muito especial.

O restaurante e o salão de festas foram abertos em 1958. Era muito elegante, frequentado por aquelas famílias dos casarões, inclusive. Era obrigatório, por exemplo, ir tomar o aperitivo depois da missa, antes do almoço de domingo. Sobre tudo as famílias de origem italiana cultivavam esse hábito. E faziam grandes festas lá, recepções. A mais bonita, na minha opinião, foi o almoço promovido para o Eisenhower.

¹⁰⁵ Revista Goodyear, op. cit., págs. 31-32.

Foi oferecida pelo consulado americano. Servimos mil pessoas sentadas, no jardim de inverno. Antes de começar, fechamos as cortinas, e entraram 40 garçons, cada um com uma miniatura da estatua da Liberdade, esculpida em gelo e iluminada.

Me lembro também da noite em que Fidel Castro apareceu para jantar. Foi logo depois da revolução cubana. Recebemos uma ligação. Naquele tempo era o DOPS, se não me engano, que cuidava da segurança, perguntando se tínhamos lugar. Passavam pouca da meia-noite, tínhamos apenas oito ou dez mesas ocupadas. Dissemos que sim, que ele viesse. dali a pouco chegou a comitiva. Fidel e mais 12 ou 13 pessoas, todos de uniforme militar. A única pessoa autorizada a entrar depois dele e a acompanhá-los no jantar foi, se não me engano, o Ruy Mesquita. Eles jantaram, e depois o Fidel pediu para ir à cozinha, cumprimentou o cozinheiro e deu charuto cubano para todo mundo.

O Fasano também fazia shows de grandes estrelas internacionais. Nem me lembro mais quantos: Samy Davis Jr., Nat King Cole, Ima Sumach, Marlene Dietrich. Eram trazidos por nós junto com a TV Record e o teatro Record. Como os cachês eram muito altos, isso amortizava o custo.

Em 1963, meu pai vendeu a área para a Liquigás. Ele ainda ficou no restaurante até 1967, mas sofreu um derrame, ficou paralisado e retirou-se.

Quando passo hoje pelo Conjunto Nacional, eu sinto uma nostalgia, sim. Passei três ou quatro anos de minha vida frequentando aquele lugar, diariamente. Até que era gostoso. Eu tinha 24 anos. Estava na flor da idade.

Além das pessoas citadas acima por Fabrizio Fasano, o restaurante recebeu, ainda, personalidades em evidência no cenário político e artístico, nacional e internacional; entre eles, o Presidente Juscelino Kubitschek, Sarah Vaughan, deputados e senadores. Além disso, promovia uma série de homenagens, festas e bailes, quase sempre acompanhadas pelas orquestras de Silvio Mazuca e do Zezinho.

Depois do restaurante Fasano, e da sua enorme repercussão na cidade, entre as elites principalmente, outros estabelecimentos comerciais de renome se mudaram para o edifício, vindos do centro. Como exemplo, vale destacar a primeira sede da loja de Madame Rosita (vestuário), a galeria de Arte Milan e o Cine Astor.

O Cine Astor, também projetado pelo arquiteto David Libeskind, configura-se, ainda hoje, num dos exemplares de cinema mais significativos existentes na cidade. Espaço bem característico da fase mais criativa da

arquitetura moderna, revela uma solução arquitetônica bastante apropriada e de muita sensibilidade. O seu ponto alto é, sem dúvida, o espaço resultante do *hall* de entrada com sua enorme parede de vidro, que o separa da galeria de circulação, e, em especial, a rampa em curva de acesso a sala de projeção, de apurado desenho. Segundo Libeskind, esse *hall* sofreu algumas alterações promovidas pela distribuidora do cinema. Entre elas, conta-nos Libeskind, a modificação realizada no começo da rampa, no térreo. Não se sabe por qual razão demoliram parte dela para construção de alguns degraus, fato que desvirtuou a sua própria concepção e natureza.

A consolidação do Edifício do Conjunto Nacional proporcionou uma rápida valorização do metro quadrado da Avenida Paulista e foi, certamente, um dos agentes que mais contribuíram para a mudança do seu perfil de ocupação. Isso se deu, particularmente, pelas atividades de uso comercial que ali se estabeleceram e graças também ao acerto da original concepção arquitetônica do sistema de galerias do térreo, que estimulou outras ocupações do mesmo gênero na Avenida.

Esse sistema de galerias foi composto como uma praça: cinco ruas com largura de onze metros que se cruzam em uma espécie de praça rodeada por uma rampa em caracol, levando ao *mezzanino*.

No *mezzanino* foi plantado um jardim ornado por uma gigantesca cúpula geodésica e por um salão que, primitivamente, serviria para realizar exposições.

A cúpula geodésica foi projetada e calculada pelo engenheiro e arquiteto Hans Eger.¹⁰⁶ Inicialmente, Libeskind havia imaginado um grande *domus* de vidro para o local, entretanto, encontrava muitas dificuldades técnicas para sua execução. Ciente disso, e por intermédio de uma publicação de arquitetura sobre o Conjunto Nacional na França, Eger se

106 Revista *Architecture d'Aujourd'hui* nº 85-Setembro de 1959, págs. 92-3.

ofereceu para construí-la, segundo conta Libeskind.

A estrutura da cúpula geodésica consiste em perfis de alumínio com 2 mm de espessura e comporta 95 elementos em forma hexagonal de 20 diferentes tipos. O conjunto da cúpula cobre uma superfície de 1.000 m² e chegou a empregar 3,2 toneladas de perfis de alumínio, com 29,70 metros de diâmetro. Está assentada sobre um anel de concreto armado sobre pilares curvos que limitam o espaço de circulação das vastas rampas de acesso ao piso superior, onde está o jardim suspenso do bloco horizontal. Sua transparência permite passar uma luz difusa até o térreo das galerias que valoriza sobremaneira esse espaço de circulação, criando singular efeito plástico e arquitetônico. Esta cúpula geodésica, segundo ainda o arquiteto David Libeskind, foi a primeira a ser construída na América Latina.

O sistema de galerias e lojas sofreu várias modificações ao longo do tempo e a partir de meados dos anos 70 o edifício do Conjunto Nacional passou a conhecer um período de decadência. Não se fazia mais nenhum tipo de benfeitoria e sem uma administração eficiente, o edifício foi se transformando em um lugar nada estimulante para novos investimentos. As unidades começaram a perder valor e o térreo do Conjunto Nacional virou muito mais uma passagem para pedestres do que um lugar de visita ou permanência, como nos anos anteriores.

Por volta de 1975, o edifício sofreu uma reforma que alterou parcialmente a sua concepção inicial. Fecharam com paredes as passagens livres dos pilotis que apoiavam o bloco vertical no *mezzanino*, onde edificaram outros salões. Além disso, construíram bem no meio das galerias de circulação dos pedestres lanchonetes e lojas, não previstas para o local. Como exemplo, vale destacar a lanchonete construída encostada à coluna central de apoio da rampa circular, que esconde toda a beleza das suas formas curvas. Essa lanchonete permanece neste local até hoje.

Em 1976, foi instalado na cobertura do edifício o

famoso relógio luminoso. Atualmente este relógio expõe propaganda do Banco Itaú, informa as horas e a temperatura, que são legíveis a 12 Km de distância. Por 16 anos, veiculou propaganda da Willys, uma marca de automóvel. O relógio Itaú, projetado por João Bosco Capani, e detalhado pelo engenheiro eletrônico Paul Bulttazi,¹⁰⁷ está apoiado numa estrutura de aço que pesa 230 toneladas. O relógio possui três faces, duas de mesma dimensão (20 m x 30 m), voltadas para o centro da cidade e para os "Jardins", e a terceira (6 m x 15 m), para o Pacaembu e Sumaré. Em 1986, seu funcionamento foi interrompido por 90 dias para reformas. As 2.800 lâmpadas incandescentes de 150 w, controladas por um sistema de relés, foram substituídas por 6 km de tubo de néon branco, controlados por 2 computadores.

O relógio luminoso tem se configurado ao longo dos anos uma inconfundível referência na cidade, pela sua presença física, dimensão e informação que presta ao público.

A partir de 1984, com outra administração no poder, o edifício do Conjunto Nacional foi paulatinamente alterando o panorama de deterioração a que estava submetido. A síndica do Conjunto Nacional, Vilma Peramezza, nos dá uma idéia dos problemas com os quais tinha de se defrontar:

O começo foi um desafio. Tive de harmonizar milhões de disputas internas, conquistar o apoio dos proprietários. O condomínio tinha 40 funcionários - hoje temos 200. O pessoal da manutenção não tinha uma chave de fenda que pudesse usar.¹⁰⁸

A população do Conjunto Nacional, no final dos anos 80, era estimada, entre moradores e trabalhadores, em cerca de 10 mil pessoas,¹⁰⁹ e a população flutuante atingia as mesmas proporções. Essa população, nada insignificante e

107 Instituto Cultural Itaú - *Resenha Histórica sobre a Avenida Paulista*.

108 Revista Goodyear, op. cit., pág. 32.

109 *Jornal da Tarde*, de 24-3-1987, "Nome desta cidade: Conjunto Nacional." Entrevista concedida a Cristina Durán.

até hoje em número igual, traduz a grande complexidade funcional a que o edifício está submetido. Esta população está compromissada com o uso das variadas atividades existentes, desde as comerciais, residenciais, de serviços até diversões, compreendendo lojas, bancos, lanchonetes do tipo *fast-foods*, restaurantes como o "Viena", papelaria, grandes escritórios, bancos, consultórios médicos, dentistas, duas livrarias (Brasiliense e Cultura, sendo esta última uma das mais procuradas na cidade pelo seu acervo de quase 10 mil títulos à disposição do público), quatro salas de cinema, duas das quais abertas recentemente, após uma reforma realizada no *mezzanino*, (Studio Alvorada I e II, o Cinearte e o Astor). O Cinearte, foi originalmente projetado para abrigar um teatro, para o qual o arquiteto David Libeskind se empenhou em consultar os mais diversos especialistas no gênero. O *mezzanino*, além dos usos já citados, também abriga, desde novembro de 1993, a Secretaria Municipal do Verde e do Meio ambiente, órgão da Prefeitura de São Paulo. Nas dependências do edifício podem ser encontrados, ainda, os consulados da França, Bélgica, China e Paquistão.

A política desenvolvida pela administração do edifício, ao longo desses últimos anos, tem conseguido bons resultados na valorização do prédio e, recentemente, foi realizada uma outra reforma nas suas dependências, que trouxe outros benefícios e melhorias às suas condições de conservação. Entre estas, a recuperação da marquise externa e o disciplinamento das propagandas nas fachadas do prédio, além da promoção de pequenas exposições no espaço das galerias do térreo. Essas exposições, em geral, são patrocinadas por empresas públicas ou privadas, e contemplam os mais diversos temas, como por exemplo a recente exposição de fotojornalismo, no segundo semestre de 1993, que teve boa acolhida pelo público.

Em relação a murais ou painéis com pinturas no Conjunto Nacional, pode-se verificar a existência de apenas

um desenho de Sonia Longo, situado ao lado dos elevadores do cilindro vertical de circulação do bloco horizontal, realizado com linhas que sugerem a figura de uma mulher com sol.

* * *

**A CONSTRUÇÃO DO MASP
E DOS GRANDES BANCOS**

MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO

Segundo depoimentos, a história do MASP tem início "num quente dia do verão de 1946 quando, sem planos nem pesquisas de opinião pública, durante o almoço, em sua casa em Copacabana, o Dr. Assis disse: 'Vamos instalar um museu; mas em São Paulo, pois é lá que está o dinheiro: o café ainda dá'".¹¹⁰ O Dr. Assis era o jornalista Francisco de Assis Chateaubriand, que não economizou esforços para criar o MASP, que viria a ser o mais importante museu do país.

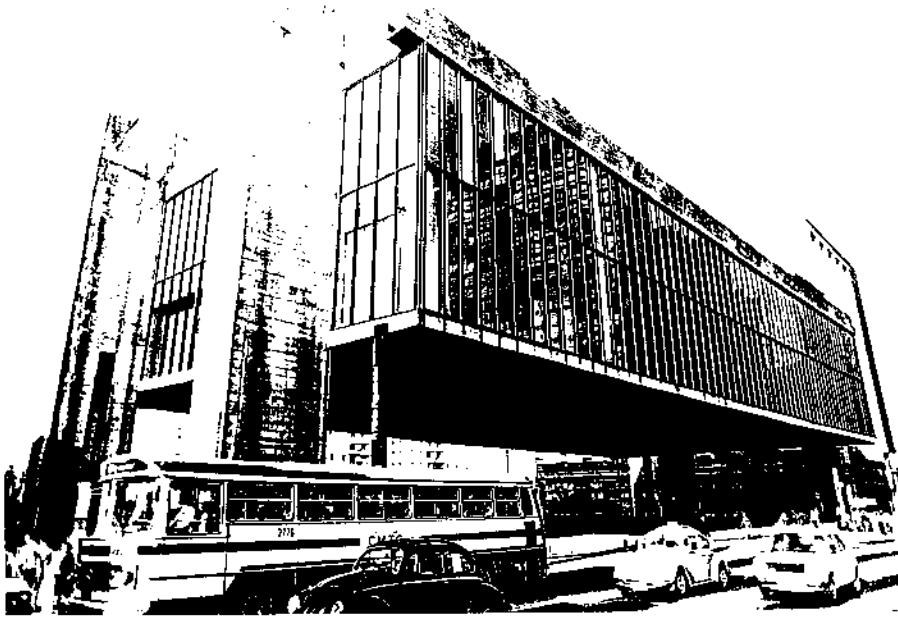
Instalado inicialmente na sobreloja do edifício dos Diários Associados, de propriedade do Dr. Assis, na rua Sete de abril, 230 foi somente em 7 de novembro de 1968 que o Museu foi inaugurado no prédio na Avenida Paulista, pela Rainha Elizabeth II da Inglaterra.

Desde a sua primeira sede, no centro da cidade, a direção do museu já estava sob a responsabilidade do jovem imigrante italiano Pietro Maria Bardi. Suas instalações resumiam-se num pequeno salão adaptado pela arquiteta Lina Bo Bardi, que viria a ser também a responsável pelo projeto do prédio na Avenida Paulista.

O acervo do Masp foi sendo formado aos poucos. Compraram-se obras de arte em diversos países, com a ajuda de empresários brasileiros e da pressão que o Dr. Assis Chateaubriand exercia sobre eles. O período após a Segunda Grande Guerra em muito contribuiu para que o Sr. Pietro Maria Bardi adquirisse obras valiosíssimas por quantias ínfimas.

Um breve depoimento de Pietro Maria Bardi que transcrevemos a seguir nos dá uma idéia de como foi sendo montado o acervo, ainda naquele momento inicial de instalação do museu:

¹¹⁰ Catálogo de exposição, com texto introdutório de Pietro Maria Bardi, MASP - 30 anos, 1976.



66. Museu de Arte de São Paulo - MASP

...Para armar a nossa pinacoteca, passei a comprar no então favorável mercado londrino o *Conde-Duque de Olivares* de Velásquez por um punhado de libras, bem como telas de Picasso, El Greco, Tiziano, Perugino, Soutine, Matisse. Começávamos com um plano museográfico muito ambicioso: uma história da pintura ocidental. E, ao mesmo tempo, nos encaminhámos para uma atividade fora dos limites de um museu em termos comuns, isto é, simples conservador de materiais mais ou menos artísticos. Teria sido ocioso expor Rafael e fileiras de Renoirs, todo o estoque das esculturas de Degas ou a antiga coleção Imbert de maiólicas da Renascença, e ficar a espera dos visitantes convocados, ao acaso, entre milhões de paulistanos. Trabalhamos num programa imediato: criar um público de fruidores. Abrimos escolas nos mais diversos campos das artes, atraímos os jovens. ...¹¹¹

No decorrer dos anos foram reunidas outras inúmeras obras de todas as partes do mundo, contemplando uma série de artistas de expressão internacional. Entre outros, destacam-se as obras de Mantegna, Giovanni Bellini, Rafael, Tiziano, Tintoretto, Bosch, Frans Hals, Velazquez, El Greco, Goya, Delacroix, Renoir, Manet, Degas, Cézanne, Van Gogh, Toulouse-Lautrec, Matisse, Picasso, Modigliani, Leger, Miró e Diego Rivera. Dos nacionais, há obras de Almeida Jr., Eliseu Visconti, Lasar Segall, Anita Malfatti, Portinari, Di Cavalcanti, Nelson Leirner etc....

Em 1953, parte deste acervo foi exibido em museus da Europa, conferindo-lhe enorme reconhecimento internacional. Apresentou-se no Museu do Louvre, no Palais des Beaux Arts de Bruxelas, no Central Museum de Utrecht, na Tate Gallery de Londres, no Kunsthalle de Dusseldorf, no Kunstmuseum de Berna, no Palazzo Reale de Milão e, finalmente, no Metropolitan Museum de Nova York.

O edifício atual do Museu de Arte de São Paulo, construído no local do antigo "Belvedere do Trianon", foi concluído em 1968 e pertence ainda à Prefeitura Municipal. Quando o município decidiu demolir o Trianon para instalar, no local, uma praça-jardim, lanchonete e serviços vários de apoio, teve-se a idéia de construir no lugar a sua sede definitiva.

Alguns projetos arquitetônicos foram, então,

¹¹¹ *Idea*.

apresentados para ocupar aquela área, entre eles, um projeto do conhecido arquiteto carioca Afonso Eduardo Reidy, do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro - MAM, mas todos eles foram rejeitados por não respeitarem a preservação da vista panorâmica que havia sido condição preliminar para qualquer construção no local, imposta pela municipalidade.

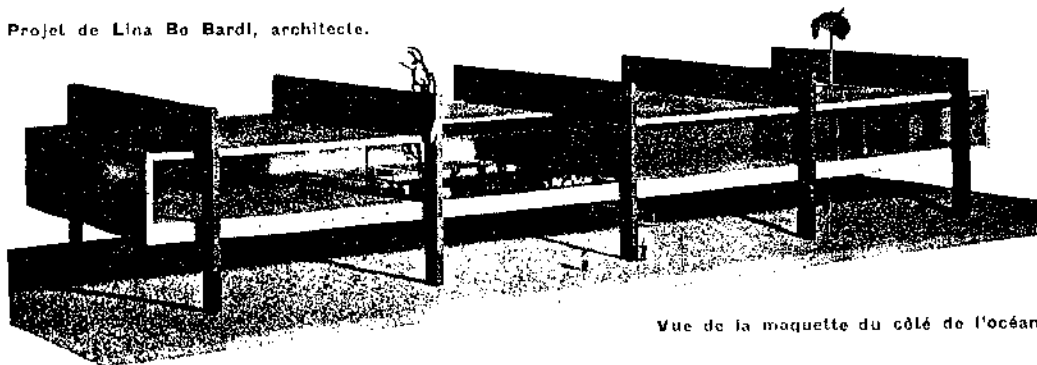
O projeto arquitetônico escolhido, conforme já adiantamos, foi de autoria da arquiteta Lina Bo Bardi: uma grande estrutura, quatro pilares vazados de 4 m x 2,50 m e quatro grandes vigas protendidas que levam a esses pilares uma carga vertical de 2.300 toneladas cada uma, além de um momento flexor de 5.000 ton/m. Duas destas vigas suportam a cobertura, com vão livre de 74 metros. As vigas que suportam os dois andares do MASP, um apoiado e o outro suspenso por meio de tirantes de aço, são simplesmente apoiadas, com liberdade de movimento na direção de seu próprio eixo, graças a um pêndulo de 6,70 metros de altura. As vigas, vazadas, têm possibilidades de deslocamentos horizontais e apoio hidráulico sobre bolsas de óleo restringidas por neoprene. A ordem do momento máximo no centro do vão do edifício é de 20.000 ton/m. O pavimento suspenso por tirantes às duas vigas vence 70 m x 30 m com uma laje de caixão perdido em concreto armado de 50 cm de altura, a do pavimento superior apresenta uma laje de 4 cm apoiada sobre nervuras. Os cálculos estruturais foram realizados pelo engenheiro J. L. B. de A. Castanho e utilizou-se o processo de protensão elaborado pelo escritório do engenheiro Figueiredo Ferraz.¹¹²

O conjunto edificado subdivide-se espacialmente em três partes distintas: a primeira situa-se abaixo do nível da Avenida Paulista e tem 2 auditórios, de 100 e 500 lugares, sala de exposições, biblioteca e restaurante. A segunda parte, ao nível da Avenida, configura um espaço que está totalmente livre para a circulação das pessoas e possibilita, ainda, a fruição da paisagem circundante. A

¹¹² Ibidem.

Musée à Sao Vicente

Projet de Lina Bo Bardi, architecte.



Vue de la maquette du côté de l'océan.

67. Museu de Arte de São Vicente, de Lina Bo Bardi, não construído.

terceira parte consta de um bloco maciço de 2 andares, onde se encontram o grande salão de exposição das obras do acervo, salas para exposições temporárias, além das dependências destinadas à administração do museu.

O projeto arquitetônico do edifício tem sido caracterizado por alguns historiadores da arquitetura moderna, entre eles Yves Bruand, como um projeto de tendência brutalista;¹¹³ segundo a qual todos os materiais de construção empregados devem ser mantidos em seu estado natural, não se admitindo qualquer tipo de mascaramento, como revestimentos ou tratamentos especiais. Assim, o concreto utilizado na obra não recebeu qualquer tratamento, e todo o equipamento elétrico, hidráulico e de ar condicionado se encontram aparentes.

É interessante destacar, ainda, que a concepção arquitetônica do projeto é resultado da evolução de uma pesquisa formal que a arquiteta vinha empreendendo em edifícios da mesma natureza; isto é, em edifícios com finalidade cultural. Num projeto anterior, destinado para um museu em São Vicente, no litoral de São Paulo, as formas arquitetônicas do MASP já podiam ser detectadas, conforme mostra a ilustração nº 67.¹¹⁴ Em uma adequada solução arquitetônica, a concepção deste projeto previa a elevação dos ambientes à altura de um primeiro andar, com a finalidade de deixar livre a vista do mar para quem se encontrava no nível da rua. Esta equação foi resolvida pela arquiteta mediante a criação de cinco pórticos de cimento armado, com suportes distantes vinte metros um do outro. Neste particular, suas formas remetem à composição do MASP. O bloco do edifício fechava-se em três de seus lados. Para o mar, onde batia o sol, a parede, com 90 metros de comprimento, era toda de vidro. O programa do edifício contava com uma pinacoteca, uma área descoberta para exposições de escultura, salas para o ensino e um auditório

113 BRUAND, Y., op. cit., pág. 319.

114 Revista *Domus*. Museo sulla sponda dell'oceano. Lina Bo Bardi, nº 286, set. 1953, pág. 15.

de 300 lugares. Este edifício, vale lembrar, não chegou a ser construído.

LINA BO BARDI

Como fizeram algumas décadas antes, Gregori Warchavchik e Rino Levi, também Lina Bo Bardi se formou em arquitetura em Roma, em 1940. Exerceu depois a profissão em Milão, dedicando-se à atividade editorial e à decoração. Co-dirigiu, em 1943-1944, a revista *Domus*; fundou a coleção dos "Quaderni di Domus"; fundou e dirigiu, em 1945, com Bruno Zevi e Mario Pagano, a revista semanal de arquitetura *A*.

Lina Bo Bardi veio para o Brasil em 1947. Em São Paulo, dirigiu a revista trimestral de arte *Habitat*. Aqui, sua atividade se desenvolveu primeiramente no campo da decoração, no qual Warchavchik já tinha realizado muitos trabalhos.¹¹⁵

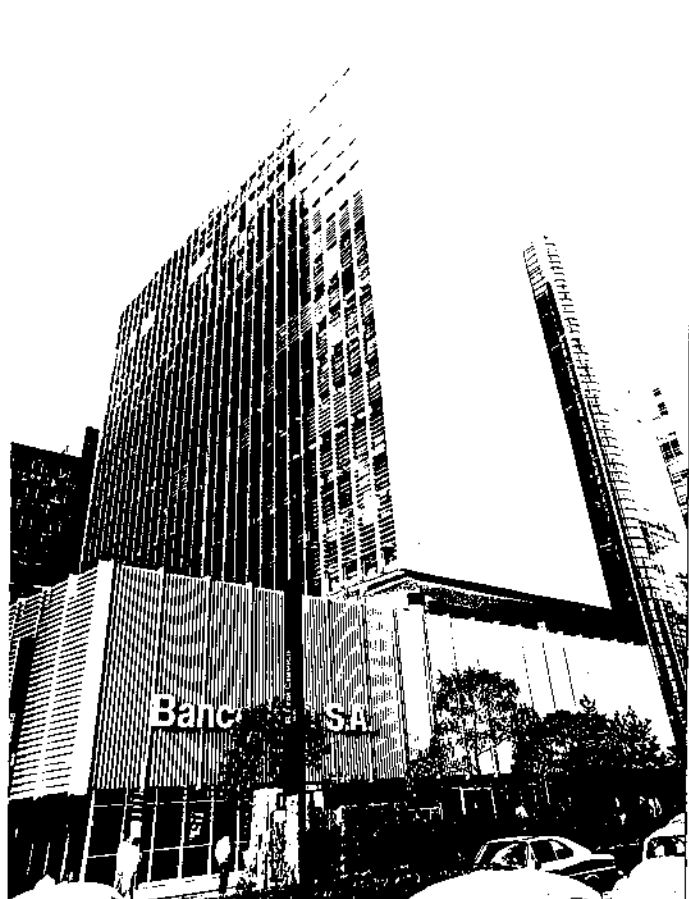
Para o Museu de Arte de São Paulo, além dos móveis, Lina Bo Bardi projetou sua instalação completa e sua decoração. Criou uma das salas de exposição mais intrigantes de São Paulo, cobrindo-a com um teto de lajotas de vidro, e cuidando da uniforme difusão da luz artificial.

Atualmente, o MASP configura-se num dos museus da cidade mais visitados pela população local e por estrangeiros de várias partes do mundo, tendo sido tombado como patrimônio histórico do Estado pelo Condephaat, em 13 de maio de 1982.

Na mesma década da construção do MASP, a Avenida Paulista passa a conhecer um crescente adensamento e verticalização, proporcionado pela liberação da área pela Prefeitura Municipal para construção de grandes prédios de escritórios e prédios públicos. Isto se deu em razão da lei nº 5.992, de 1962.

Os lotes da Avenida, monumentais do ponto de vista residencial - com geralmente 50 metros de profundidade por um mínimo de 20 metros de frente - facilitavam a implantação

¹¹⁵ SALMONI, A., DEBENEDETTI, E. *Arquitetura Italiana em São Paulo*, pág. 155.



68. Banco Sul Americano (atual edificio do banco Itaú S.A.)

de grandes prédios.

Neste contexto, então, começam a ser construídos na Avenida as sedes dos bancos mais importantes do país. Estes bancos inovam a linguagem arquitetônica comumente utilizada, contando com os serviços prestados pelos arquitetos mais reconhecidos de São Paulo. Assim, a Paulista assume cada vez mais seu papel de locomotiva da modernização na arquitetura da cidade que o período busca alcançar.

Entre estes bancos, vale destacar, neste momento, o Banco Sul Americano, atualmente Banco Itaú, de 1962, projetado pelos arquitetos associados Rino Levi, Roberto Cerqueira César e L. R. Carvalho Franco, localizado na Paulista, esquina com a rua Frei Caneca.

BANCO SUL AMERICANO (Atual edifício do Banco Itaú S.A.)

Para a concepção do projeto arquitetônico, os arquitetos tiveram de atender a um programa estabelecido para um terreno de 40 metros sobre a Avenida Paulista e 60 metros sobre a rua Frei Caneca. Nesse programa, previu-se um andar em sub-solo, destinado a estacionamento, caixas-fortes e um refeitório para o quadro de funcionários; um andar, térreo, onde se situa o salão para atendimento do público e um *mezzanino* para a direção e demais seções do banco; e, finalmente, os andares superiores, no bloco elevado, destinado a escritórios.

O bloco horizontal, onde situa-se o andar térreo, ocupa praticamente todo o terreno disponível. Destacando-se deste, tem-se a torre com 20 andares, disposta paralelamente e próxima a uma das divisas laterais de forma a ganhar espaço para a outra face. A estrutura simples caracteriza

uma alternância de panos cegos revestidos de placas de mármore e planos envidraçados protegidos por *brise-soleil* (quebra-sóis) de alumínio. Entre os dois blocos, há um andar parcialmente livre; na cobertura do bloco horizontal, tem-se um terraço-jardim, cujo paisagismo foi projetado por Roberto Burle-Marx. Além disso, no interior deste bloco, no grande salão destinado ao público, pode-se ver um grande painel que também é de autoria de Burle-Marx.¹¹⁶

Vale salientar, ainda, o volume externo da escada coroadada por uma caixa-água, que se caracteriza como importante elemento na composição plástica do edifício.

O cuidado e o apuro com os detalhes, que sempre caracterizaram a postura profissional de Rino Levi, indicavam uma possibilidade de apropriação dos lotes coerente com a tradição da arquitetura moderna e adequada climatização. Neste particular, na Avenida Paulista, há somente um outro prédio com implantação semelhante: o edifício Quinta Avenida, dos arquitetos Pedro Paulo de Mello Saraiva e Miguel Juliano.

O edifício foi construído originalmente para servir de sede de banco, cuja iniciativa esteve sob a responsabilidade da "Sulamericana S. A. Administração de Bens e Rendas", mais tarde incorporado pelo conglomerado Itaú.

RINO LEVI

O arquiteto Rino Levi teve uma destacada importância na implantação do movimento moderno na arquitetura no Brasil, seja pelo conjunto e repercussão de sua obra, seja pela sua ativa participação no ensino - foi professor na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo e na Universidade Central da Venezuela - seja pela valorização do trabalho profissional - entre outros órgãos classistas, Levi foi fundador e presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil, presidente

¹¹⁶ Revista *Habitat* nº 74, dez. 1963, págs. 15-20.

do Instituto Brasileiro de Acústica, membro do CIAM, membro da Comissão de Saúde Pública da UIA (União Internacional dos Arquitetos) etc...

Rino Levi nasceu em 1901, em São Paulo, e veio a falecer em 1965. Estudou arquitetura em Milão e Roma, formando-se em 1926. Suas primeiras obras foram construídas no início da década de 1930. O edifício Columbus, projeto de sua autoria, é considerado o primeiro prédio de apartamentos moderno de São Paulo, tendo sido concluído em 1932.

Em 1941, associa-se a Rino Levi o arquiteto Roberto Cerqueira César, e, em 1951, Luiz Roberto Carvalho Franco. Juntos, passam a realizar uma série de projetos para as mais diferentes finalidades. Entre eles, cumpre destacar uma série de agências bancárias para o mesmo grupo - Sulamericano - em várias cidades do país; vários edifícios de apartamentos residenciais; o edifício Plavinil-Elclor, na alameda Santos, na quadra posterior onde situa-se o edifício do Conjunto Nacional, na Paulista; o Hospital Albert Einstein; o Teatro Cultura Artística e dezenas de residências unifamiliares.¹¹⁷

* * *

¹¹⁷ Revista *Arquitetura* nº 42. Número especial dedicado a Rino Levi, dez. 65, págs. 6-29.

**EDIFÍCIO CITICORP CENTER
CITIBANK:**

A INOVAÇÃO NOS ANOS 80



69. Edifício do Citibank Citicorp Building.

O edifício do Citibank constitui-se num dos exemplares de arquitetura mais polêmicos construídos recentemente na cidade. Finalizada a sua construção, causou as mais variadas opiniões na população e na mídia, graças ao impacto das suas formas e cores, completamente diferentes das conhecidas em qualquer outro edifício existente na cidade e, em especial, na Avenida Paulista.

Projetado pelo arquiteto Gian Carlo Gasperini, do escritório Croce, Aflalo & Gasperini, entre os anos de 1983 e 1985, o edifício levou três anos para ser construído, de 1984 a 1986.¹¹⁸

Na sua construção, foram investidos mais de US\$ 20 milhões, além do terreno de 4.313 m² de área, que custou o mesmo valor. Na ocasião, este preço foi considerado o mais alto já pago por uma área na Avenida, e segundo os jornais da época, este fato tornou muito mais difícil a comercialização de outros terrenos na região.

A obra esteve sob a responsabilidade da Construtora CBPO (Companhia Brasileira de Projetos e Obras)¹¹⁹ e o edifício totalizou uma área construída de 47.029 m².

A concepção arquitetônica do edifício é definida basicamente por uma torre sobre um embasamento, que se utilizam de um mesmo sistema construtivo, ou seja, a grelha estrutural de concreto armado, e está fortemente vinculada ao equacionamento desta solução.

Para elaboração do projeto arquitetônico,

118 Além de Gasperini, participaram da elaboração do projeto os seguintes arquitetos: Léa Vaidergorin, Roberto Cláudio Aflalo, Roberto Aflalo Filho, Miriam Andraus, Heloísa Desirée Samaia, Valéria Kochen Bain, Edgardo Fieiras, Carlos Alberto Garcia e Jean Alfred Paul Sauveur. Revista *Projeto* nº 78, agosto de 1985, págs. 94-9 e nº 97, março de 1987, pág. 65-73.

119 A CBPO empregou no serviço direto volume de mão-de-obra correspondente a 22.000 homens/mês com pico máximo de 1.600 homens/mês. As empresas subempreitadas mantiveram igual número, em diversas fases da obra.

Gasperini visitou vários edifícios construídos nos E.U.A. e Canadá na busca de novos tratamentos que pudessem corresponder a melhores soluções técnicas. Assim, teve a oportunidade de entrar em contato com uma tecnologia de ponta e dar continuidade ao seu expressivo trabalho de inovação no campo da arquitetura. Essa visita ocorreu em duas ocasiões, conforme ele mesmo relata:

Na primeira, em abril de 1983, foram principalmente visitados os edifícios do Citibank e de outros bancos na cidade de Nova York, Chicago e Toronto. A segunda, em março de 1984, foi dedicada ao estudo das fachadas. Foram visitados edifícios em construção com revestimento em granito em Nova York, Los Angeles, São Francisco, Houston e Miami. Em Miami, visitamos também o "Construction Research Laboratory, Inc." onde eram testados diferentes tipos de fachadas com ou sem o sistema de "silicone glazing".¹²⁰

A torre do Citibank tem uma altura de 93 metros acima do nível da Avenida Paulista, comportando 21 pavimentos, dos quais 17 efetivamente ocupados por escritórios do Banco, um pelo restaurante e auditório (1º pavimento) e três por serviços técnicos (19º, 20º e 21º pavimentos).

O acesso à torre é feito tanto pela Avenida Paulista como pela alameda Santos. Pela Paulista, chega-se à torre por uma praça pública ligeiramente rebaixada e uma grande escadaria semi-circular em forma de anfiteatro, ladeada por escadas rolantes. Pela alameda Santos, o acesso se dá por outra praça ajardinada, que conduz diretamente ao *hall* dos elevadores. Essas duas praças, interligadas, criam um espaço público bastante interessante. Quanto a este espaço, pensou-se inicialmente, com base em seus amplos espaços e suas escadarias, em aproveitá-lo para manifestações culturais e até mesmo na criação de um museu de esculturas ao ar livre. Infelizmente a idéia não foi adiante.

¹²⁰ in GASPERINI, G. C. Contexto e Tecnologia: O Projeto como pesquisa contemporânea em arquitetura. São Paulo: FAU USP, Tese de livre docência, 1987.



70. Edifício Citicorp Citibank Building. Abaixo, no seu lado direito, no interior, a escultura em cipós de Franz Krajberg.

A despeito disso, na fachada do edifício - frente para a Avenida Paulista -, no espaço do anfiteatro, pode-se observar uma imensa escultura de Franz Krajberg. (ilust. nº 70) Segundo os arquitetos responsáveis pelo projeto, a escolha dessa escultura não foi por acaso. Eles entendiam que se deveria optar por uma obra no local que contivesse uma característica peculiar; ou seja, deveria se constituir como um contraponto à arquitetura mais rígida do prédio. Dessa forma, a escolha de um artista como Krajberg preencheria totalmente suas expectativas.

Esta obra de Krajberg explora notavelmente as formas orgânicas da natureza com um maneirismo singular. De inspiração ecológica, a obra no Citibank é trabalhada com cipós retirados dos resíduos jogados pelo mar nas praias do Nordeste. Aliás, a maior parte do trabalho do artista é definida com materiais rústicos tirados dos elementos da natureza, como troncos de árvores, bambus etc. Pintados na cor branca, os cipós são moldados sobre formas retalhadas de madeira e resultam interessantes efeitos de composição. A obra está instalada na parede e inclina-se quase como um ornamento onde suas formas retorcidas e irracionais parecem querer devorar toda a arquitetura, encher-se de vida e ganhar todo o edifício. Este é, sem dúvida, um toque bem curioso presente no prédio, que pode ser visualizado mesmo quando se está na Avenida Paulista.

A torre dos escritórios é definida por duas grelhas estruturais dispostas paralelamente no terreno, com semelhantes características arquitetônicas, porém distintas nas suas expressões formais.

Uma delas é menor na dimensão e reta, com um desdobramento curvo no seu topo. Segundo Gasperini, este detalhe arquitetônico constitui-se "no coroamento do edifício, fortemente marcante, que engloba todos os serviços técnicos, contrabalanceado por uma pérgola em forma de *arc-boutants*."¹²¹ A outra, maior e contínua, é curvada nos

¹²¹ *Idem*,

cantos confundindo as fachadas pelo seu prolongamento.

Unindo as duas grelhas, existe uma fachada cortina inteiriça de vidro laminado importado na cor azul, fixada pelo sistema "silicone glazing", recurso largamente utilizado nos Estados Unidos e até então não aplicado no Brasil. Esse processo permite uma colocação dos vidros sem a necessidade de se ter que encaixilhá-los, ou seja, de prendê-los num quadrinho, que acabaria concorrendo com a grelha estrutural, como existem em tantos outros prédios na cidade e na própria Avenida. Essa solução visa a garantir, principalmente, uma leitura visual do edifício sem obstáculos aparentes. Além disso, resulta um efeito plástico na composição das superfícies da arquitetura do prédio bastante expressivo, pois destaca a parte dos vidros do granito das grelhas.¹²²

No embasamento, uma outra grelha curva define os espaços cobertos da sobreloja e do térreo da Avenida Paulista e da alameda Santos.

As grelhas estão revestidas de granito na cor rosa, oriundo de uma jazida de Biritiba, em Moji-Mirim. Cada peça de granito está presa na estrutura do prédio por meio de grampos de aço, em substituição à argamassa, para preservar as características naturais da pedra; a sua colocação exigiu muito esforço no canteiro de obras, devido a sua novidade.

122 A explicação mais técnica desse sistema nos é fornecido pelo próprio arquiteto na sua tese de livre docência *Contexto e Tecnologias: O projeto como pesquisa contemporânea na arquitetura*. Ao descrever essa questão, detalha o sistema da seguinte maneira: "Esta fachada cortina concebida de acordo com o sistema de 'silicone glazing', representa um verdadeiro marco em termos de avanço tecnológico neste setor, para o Brasil. A fachada cortina compõe-se de uma infra estrutura de alumínio sem acabamento, que é presa à estrutura de concreto. Neia são colocados requadros de alumínio, bem mais leves e com o acabamento final, nos quais os vidros são colados com silicone especial em todo o perímetro, nos quatro lados. A colagem é feita na fábrica e as peças, após a polimerização do silicone, que demora 14 dias, são enviadas à obra para a sua colocação. Os requadros, já com o vidro, são encostados de frente para a infra estrutura (de fora para dentro), na qual são fixados por presilhas anodizadas pelo lado interno. Finalmente, é colocada uma capa de alumínio, onde se escondem os parafusos de ajuste, para arremate. O conjunto contém, ainda, gaxetas de neoprene desenvolvidas especialmente para este projeto, que permitem que o requadro fique solto na infra estrutura, evitando movimentos mecânicos ou térmicos em qualquer sentido. A condução térmica e acústica conseguidas com esta solução resultaram mínimas, uma vez que o alumínio em contato com o exterior é nulo, evitando-se reverberações também."

Essas grelhas rosas em conjunto com os vidros azuis da fachada cortina constituem o aspecto mais original do edifício. São o resultado da expressão plástica inovadora que o arquiteto pretendeu impor e principal razão do grande impacto causado na população após o término da sua construção.

Embora esta composição arquitetônica tenha sido denominada por muitos e, em particular, por grupos mais específicos que discutem conceitos em arquitetura, de exemplo da arquitetura pós-moderna, para o arquiteto, no entanto, tal afirmação carece de fundamento:

Tudo o que fizemos é de tal maneira coerente com o espírito da funcionalidade na arquitetura, com o espírito da expressão de genuidade (tudo o que se faz tem de ser genuíno), que acho absurdo falar em pós-moderno, nesse caso. O pressuposto do pós-moderno é justamente o contrário do que ali foi feito. O pós-modernismo tira licenças poéticas dos postulados da arquitetura contemporânea e agrega-lhe coisas do passado, de maneira completamente arbitrária e gratuita.¹²³

Sem dúvida, qualificar o edifício de pós-moderno não faz o menor sentido, mesmo porque, não há elementos teóricos de ruptura nele presentes ou citações estilísticas de modelos históricos diversos, como é comumente caracterizado um edifício típico pós-moderno. Nem se pode defini-lo como um produto de exceção do espírito puramente racionalista do movimento moderno na arquitetura brasileira. No Citibank, há, certamente, a utilização de uma linguagem formal bem definida de Gasperini, que vem da tradição de sua arquitetura; ou seja, é um edifício que provém, decididamente, de uma clara evolução circunscrita em uma zona bem determinada do seu trabalho.

Um rápido exame da obra do arquiteto pode confirmar isso.

Tome-se como exemplo um outro edifício - o Banco Sudameris - na mesma Avenida Paulista. Neste caso, comparece também o mesmo sistema construtivo; isto é, a grelha

¹²³ Revista *Projeto*, nº 97, março de 1987, págs. 65-73.

estrutural de concreto armado. Aqui, entretanto, este sistema foi utilizado de forma algo tímida, sem a ousadia característica do prédio do Citibank. Além disso, percebe-se a mesma orientação em deixar a grande estrutura definida pela grelha nas extremidades envolvendo o prédio, ainda que não tão marcante como no outro edifício. No caso do Sudameris, vale destacar, ainda, a ausência de cores contrastantes. Nele, tem-se o concreto na sua forma bruta, aparente, sem revestimentos de qualquer espécie. De qualquer modo, é também um magnífico prédio, cujo maior valor está no seu desenho simples e nas suas proporções extremamente elegantes.

Para concluirmos a comparação entre os dois prédios, salientamos que ficam evidentes os seus traços mais comuns pela presença de um mesmo raciocínio, de um semelhante discurso arquitetônico, a despeito da diferença de programas e dos terrenos.

Assim, o prédio do Citibank, antes de mais nada, revela fruto do amadurecimento pessoal do arquiteto. Ele é o resultado das profundas pesquisas formais, com essencial pragmatismo, em cima daquilo que são as bases do moderno, da evolução de um conceito aliado à evolução da técnica. Nestes termos, é o próprio arquiteto que reconhece, ao discorrer sobre as suas raízes, que "o racionalismo está dentro, é inerente à nossa formação".¹²⁴

Muitos ainda denominaram o empreendimento como exemplo de um "prédio inteligente", em razão da alta tecnologia que nele foi incorporada. Isto se dá em razão do grau de informatização existente no prédio.

Para gerenciar suas instalações e todo o fluxo das aproximadamente 7.500 pessoas que nele circulam diariamente, e racionalizar as funções de operação e manutenção dos seus 17 andares, quatro subsolos, um *mezzanino* e dois pisos existentes entre a avenida Paulista e a alameda Santos, o prédio do Citicorp Center está equipado com um sistema de

¹²⁴ Revista *Projeto*, nº 97, março de 1987, págs. 65-73.

controle totalmente automatizado.

Veja-se, por exemplo, a temperatura ambiente que é controlada por uma rede de 2.800 sensores especiais, espalhados pelo edifício, monitorados por um computador central. Este computador é responsável também pelo controle da velocidade dos 12 elevadores existentes, que chegam a atingir 240 m/min. No seu interior, há ainda um elevador panorâmico com painéis e portas de pavimento totalmente em vidro.

O sistema de refrigeração do prédio foi feito de forma a potencializar da melhor maneira a energia necessária que é consumida em toda a sua área.¹²⁵ No lugar dos aparelhos convencionais, o prédio dispõe de um imenso tanque com capacidade para 4.000 toneladas/hora de gelo (termoacumulares) que são fabricados durante a noite para serem usados durante o dia. O bombeamento da água gelada é dotado de uma escala variável de vazões e funciona ininterruptamente durante 24 horas por dia, gerando ar frio para os pavimentos através de unidades climatizadoras. Com esse sistema, obteve-se uma redução de 50% no tamanho dos compressores e, conseqüentemente, no consumo de energia, elétrica. Em 1991, o Citicorp Center consumia cerca de 800.000 quilowatts mensais de energia que resultavam uma conta de luz de 42 mil dólares, metade do que se pagava em prédios da mesma proporção¹²⁶, demonstrando com isso a grande economia que se pode obter quando se racionaliza a operacionalidade, seja qual for a dimensão de sua complexidade.

Finalizada a sua construção, o edifício do Citicorp Center tem, de forma indireta, multiplicado o seu conceito a outros prédios da cidade, especialmente no que tange as suas cores, pois isso tem estimulado novos empreendimentos a se utilizarem desses mesmos critérios de

¹²⁵ Na ocasião da visita que Gasperini fez a Los Angeles, ele teve também a oportunidade de conhecer os Laboratórios da "Union Carbide", onde tinha sido instalado o sistema de "termo acumulação" para as instalações de ar condicionado do edifício.

¹²⁶ Revista A Construção, nº 2.016, de 29.9.1986, págs. 6-9.

comunicação, ou mesmo em edifícios já construídos, como acontece na própria Avenida Paulista atualmente. O edifício da Prefeitura Municipal, no nº 2.198, por exemplo, que recentemente foi repintado com cores extremamente contrastantes, de inegável presença na paisagem da Avenida.

* * *

CONCLUSAO

Em março de 1994, o Museu de Arte de São Paulo abrigou um debate público sobre uma questão envolvendo a Avenida Paulista; isto é, a crescente deterioração constatada em alguns dos seus pontos. Este debate contou com a participação de arquitetos, engenheiros, urbanistas, políticos e moradores da região, preocupados em "salvar" a área, considerada ainda de extrema relevância para a cidade.

A iniciativa deste encontro teve origem com a inauguração da exposição "Trianon - O MASP e seu Entorno", realizada pelo MASP e pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

Um dos pontos negativos apontado nos debates sobre o tema referia-se a degradação de muitos prédios residenciais, que se assemelham hoje a "verdadeiros cortiços", segundo demonstrava um daqueles especialistas. Além disso, outros pontos negativos do crescimento acelerado e não programado da Avenida foram citados, tais como a poluição atmosférica e visual e o tráfego congestionado.

Recentemente, um dos edifícios residenciais que se enquadrava neste quadro de deterioração foi motivo de uma grande repercussão na imprensa, ou seja, o edifício Baronesa de Arary, na Paulista nº 1.745. O alarde foi motivado em razão da iniciativa da Prefeitura Municipal obrigar o condomínio realizar obras de conservação, considerando o mau estado das suas instalações prediais e, conseqüentemente, o perigo a que os moradores estavam sujeitos. Essa reforma foi realizada por meio de uma intervenção judicial e sem a presença dos moradores que tiveram que buscar alternativas para residência temporária.

Outros edifícios residenciais na Avenida não tiveram a mesma sorte, e o quadro de deterioração continua a avançar, como é o caso do edifício Três Marias, citado neste trabalho à pág. nº 166. Mais grave do que isso, ainda, é o

caso dos últimos casarões remanescentes do período inicial de ocupação da Avenida, que permanecem preservados, embora em más condições de conservação, como por exemplo, o imóvel tombado de Joaquim Franco de Mello, citado à pág. nº 86, ou então, a mansão dos Matarazzo, objeto de recente polêmica pública acerca do seu tombamento.

Essa situação que caracteriza a Avenida atualmente é resultado, na verdade, de um sintoma bem visível do seu processo de desenvolvimento, que conheceu em todas as suas fases de ocupação uma valorização extraordinária do seu solo. A Paulista constitui-se hoje no conjunto imobiliário de mais alto valor do país.

Com isso, é cada vez mais difícil a manutenção da ocupação residencial na Avenida, considerando o nível de encargos sociais a que os condomínios e os proprietários de imóveis estão submetidos. Restam, então, na Avenida, aqueles outros tipos de ocupação, sejam institucionais, comerciais ou serviços, que melhor tem se aproveitado das constantes mudanças do regime econômico.

Soma-se a esse problema referente a ocupação da Avenida propriamente dito, vários outros apontados naquele encontro, igualmente importantes, que sugerem medidas urgentes para reverter o processo de deterioração.

Nesse contexto, é importante a participação da população e, principalmente, dos Órgãos públicos que tem a responsabilidade direta pela administração da região, na definição de uma política que redirecione o seu crescimento, assim como uma regra clara com critérios mais precisos na preservação dos valores culturais e do patrimônio histórico que ainda se faz presente.

Desse modo, acreditamos, a Avenida Paulista poderá obter os meios necessários para encontrar as soluções mais viáveis para os seus problemas, e garantir procedimentos mais adequados para o futuro.

BIBLIOGRAFIA

LIVROS

- AZEVEDO FILHO, R. *Um pioneiro em São Paulo*. Joaquim Eugênio de Lima: o urbanista, o jornalista, o filantropo. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1941.
- BATISTA, M. R. *Bandeiras de Brecheret*. História de um monumento. (1920 - 1953). São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 1985.
- BELOCH, J., ABREU, A. A. de. (Coord.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro - IGV - Cpdoc 1930 -1983*. São Paulo: Forense - Universitária.
- BENEVOLO, L. *Historia de la Architectura Moderna*. Barcelona: Gustavo Gili, 1972.
- BLAY, E. A. *Eu não tenho onde morar: Vilas operárias na cidade de São Paulo*. São Paulo: Nobel, 1985.
- BRUAND, Y. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- BRUNO, E. S. *História e tradição da cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.
- _____. *Memória da cidade de São Paulo: depoimentos dos moradores e visitantes, 1553-1958*. São Paulo: Departamento do Arquivo Histórico, 1981.
- COLI, J. S. *O que é arte*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- CORDEIRO, H. K. *O centro da metrópole paulistana: Expansão Recente*. São Paulo: Instituto de Geografia - USP, 1980.
- CORONA, E., LEMOS, C. A. C. *Dicionário da Arquitetura Brasileira*. São Paulo: EDART, 1972.
- DEAN, W. *A industrialização de São Paulo (1880 - 1945)*. São Paulo: EDUSP, 1971.
- DIB, M. C. *Produzindo o Ecletismo: estudo de um caso na Avenida Paulista (1925-1985)*. São Paulo, 1987. Trabalho de graduação interdisciplinar. FAUUSP.
- O ESTADO de São Paulo. Barcelona Société de Publicité Sud-Americaine, Monte Domecq & Cie., 1918.

- GASPERINI, G. C. *Contexto e Tecnologia: o projeto como pesquisa contemporânea em arquitetura*. São Paulo: 1987. Tese de livre docência. FAU USP.
- GONÇALVES, A. M. do C. R. *A obra de Ricardo Severo*. S. n. T. Trabalho de graduação interdisciplinar, FAU USP, 1977.
- HOMEM, M. C. N. *Higienópolis: grandeza e decadência de um bairro paulistano*. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico. Prefeitura do Município de São Paulo, 1980.
- LEMONS, C. A. C. *Alvenaria burguesa: breve história da arquitetura residencial de tijolos em São Paulo a partir do ciclo econômico liderado pelo café*. São Paulo: Nobel, 1985.
- LOVE, J. *A Locomotiva*. São Paulo na Federação Brasileira 1889 - 1937. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- LEVI-STRAUSS, C. *Tristes Trópicos*. São Paulo: Martins Fontes, 1955.
- MARQUES, G. *Ruas e Tradições de São Paulo*. Governo do Estado de São Paulo, 1957.
- MORSE, R. M. *Formação Histórica de São Paulo*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- MOTTA, F. *Contribuição ao estudo do Art Nouveau no Brasil*. São Paulo, 1957.
- NASCIMENTO, J. C. do. *Positivismo, Ciência e Religião no Brasil do Século XIX: (re)lendo o "BRAZIL MENTAL"*. Cadernos do Centro de Memória Regional. Universidade São Francisco. v. 2, nº 5, Bragança Paulista: CRM, 1994.
- OBRAS de arte em logradouros públicos de São Paulo - Regional Sê, Registros 11. Prefeitura Municipal de São Paulo. Secretaria Municipal de Cultura.
- PINTO, A. M. *A cidade de São Paulo em 1900*. Governo do Estado de São Paulo, 1979.
- REIS FILHO, N.G. *Quadro da arquitetura no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- SALMONI, A., DEBENEDETTI, E. *Architettura italiana a San Paolo*. São Paulo: Instituto Cultural Italo - Brasileiro, 1953.

- SILVA, B. (Coord.) *Dicionário de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986.
- SUMMERSON, J. *A Linguagem Clássica na Arquitetura*. São Paulo Martins Fontes, 1982.
- TOLEDO, B. L. de. *Album Iconográfico da Avenida Paulista*. São Paulo: Ex Libris Ltda., 1987.
- _____. Carlos Ekman: um Arquiteto Sueco no Brasil. *Boletim Técnico 5*. FAUUSP, 1992.
- _____. *Victor Dubugras e as atitudes de inovação em seu tempo*. Tese de Livre-Docência, São Paulo: FAU USP, 1985.
- XAVIER, A., LEMOS, C., CORONA, E. *Arquitetura Moderna Paulistana*. São Paulo: Pini, 1983.

ARTIGOS

- CARNEIRO, M. L. T., *A Avenida Paulista*, processo Condephaat 22.116/82.
- FINA, W. A. Rainha Destronada. *Acrópole*, nº 173, setembro de 1952.
- SCHVARZMAN, S. *Casa nº 37. Avenida Paulista*. processo de tombamento, Condephaat.
- TOLEDO, B. L. de. Será Paulista em homenagem aos Paulistas. *São Paulo City Life - Guide Book*, nº 1, pág. 20, junho de 1990.
- TOLEDO, B. L. de. *Uma Avenida. São Paulo: Belle Epoque*

PERIODICOS

- Revista Memória*. nº 20. janeiro a setembro de 1994.
- Revista Memória*. nº 19. julho a dezembro de 1993.
- Construção São Paulo*. nº 2.376. 23 de agosto de 1993.
- Construção São Paulo*. nº 2.310. 18 de maio de 1992.

A Construção em São Paulo. nº 2.016. 29 de setembro de 1986.
A Construção em São Paulo. nº 1.293. 20 de novembro de 1972.
A Construção em São Paulo. nº 1.261. 10 de abril de 1972.
Revista Goodyear especial: Avenida Paulista: O futuro faz cem anos. Out/Nov/Dez 91
Projeto, nº 78, agosto de 1985; nº 97, março de 1987.
Revista AU, Abril/Maio 87.
Revista AU, nº 13. Ago/Set. 87
Veja SP. Festa na Avenida. A Paulista Centenária. 4 de dezembro de 1991.
Acrópole, nº 262, ago. 1960.
Acrópole, nº 265, jan. 1960.
Acrópole nº 255, maio. 1959.
Architecture D'Aujourd'hui nº 85, setembro 1959.
Habitat, nº 7
 Imprensa diária
 O Diário de São Paulo
 O Estado de São Paulo
 Folha de São Paulo
 Jornal da Tarde
 Shopping News

ARQUIVOS E BIBLIOTECAS CONSULTADOS

Arquivo Histórico "Washington Luís", da Prefeitura Municipal de São Paulo.
 Arquivo de processos de construção de imóveis da Prefeitura Municipal de São Paulo. Freguesia do O.
 Biblioteca do Condepheet: Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo.
 Biblioteca Municipal Mário de Andrade.
 Biblioteca da FAU USP: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

Biblioteca do Museu de Arte de São Paulo - MASP.

Departamento de Arquivo do Estado.

Instituto Cultural Itaú.

* * *

FONTE DAS ILUSTRAÇÕES

1. BRUNO, E. S., *História e Tradições da Cidade de São Paulo*, pág. 1.239.
2. BRUAND, Y., *Arquitetura Contemporânea no Brasil*, pág. 327
3. Revista *Construção em São Paulo*, nº 1.261.
4. TOLEDO, B. L. de *Album Iconográfico da Avenida Paulista*.
5. Idem.
6. Idem.
7. Idem
8. Idem.
9. Idem.
10. Idem.
11. arquivo Prefeitura Municipal de São Paulo.
12. arquivo Condephaat.
13. Idem.
14. Idem.
15. Idem.
16. Idem.
17. DIB, M. C. *Produzindo o Ecletismo: estudo de um caso na Avenida Paulista (1925-1985)*.
18. Idem.
19. TOLEDO, B. L. de, op. cit.
20. TOLEDO, B. L. Victor Dubugras e as atitudes de inovação em seu tempo.
21. Idem.
22. Idem.
23. TOLEDO, B. L. de *Album Iconográfico da Avenida Paulista*.
24. Idem.
25. Idem.
26. LEMOS, C. A. C. Alvenaria burguesa: breve história da arquitetura residencial de tijolos em São Paulo a partir do ciclo econômico liderado pelo café.
27. TOLEDO, B. L., op. cit.
28. arquivo Condephaat.

29. AZEVEDO FILHO, R. *Um pioneiro em São Paulo: Joaquim Eugênio de Lima: o urbanista, o jornalista, o filantropo.*
30. Jornal da Tarde.
31. Obras de arte em logradouros públicos de São Paulo - Regional Sé. Registros 11. Prefeitura do Município de São Paulo. Secretaria Municipal de Cultura.
32. Idem.
33. Idem.
34. Idem.
35. Foto do autor.
36. Jornal da Tarde, 9 de novembro de 1984.
37. TOLEDO, B. L., op. cit.
38. Foto do autor.
39. TOLEDO, B. L., op. cit.
40. Foto do autor.
41. Idem.
42. Idem.
43. Idem.
44. Idem.
45. Idem.
46. Revista *A Construção em São Paulo*, 10 de abril de 1972.
47. Foto do autor.
48. Idem.
49. Idem.
50. Idem.
51. Idem.
52. Idem.
53. arquivo Prefeitura Municipal de São Paulo.
54. Idem.
55. Foto do autor.
56. XAVIER, A., LEMOS, C., CORONA, E., *Arquitetura Moderna Paulistana.*
57. arquivo Condephaat.
58. Revista *Acrópole*, nº 255.
59. Arquivo Prefeitura Municipal de São Paulo.
60. arquivo Condephaat.

61. Revista Acrópole nº 265.
62. arquivo Prefeitura Municipal de São Paulo.
63. BENEVOLO, L. *Historia de la Architectura Moderna*.
64. arquivo Prefeitura Municipal de São Paulo.
65. XAVIER, A., LEMOS, C., CORONA, E., op. cit.
66. arquivo Condephaat.
67. Revista *Architecture D'Aujourd'hui* nº 85.
68. arquivo Condephaat.
69. revista *Projeto* nº 78.
70. Foto do autor.

* * *